

## Parte II do Volume I

### A Evolução do Simbolismo em Sua Ordem Aproximada

#### Seções Explicativas

#### Conteúdo

1. Simbolismo e Ideogramas .....	318
2. A Linguagem dos Mistérios e as Suas Chaves.....	325
3. Substância Primordial e Pensamento Divino.....	342
4. O Caos, Theos e o Cosmo .....	359
5. A Divindade Oculta, Seus Símbolos e Glifos .....	367
6. O Ovo do Mundo .....	377
7. Os Dias e Noites de Brahmâ.....	387
8. O Lótus Como um Símbolo Universal .....	397
9. A Lua, Deus Lunus, Febe .....	406
10. A Adoração da Árvore, da Serpente e do Crocodilo.....	424
11. Demon est Deus Inversus .....	433
12. A Teogonia dos Deuses Criadores .....	446
13. As Sete Criações .....	466
14. Os Quatro Elementos .....	482
15. Sobre Kwan-Shi-Yin e Kwan-Yin.....	493

# Parte II do Volume I ("A Doutrina Secreta")

## 1. Simbolismo e Ideogramas

[\(Volte para o Sumário\)](#)

“Um símbolo é sempre, para quem tem olhos para vê-lo, uma revelação - mais pálida ou mais clara - do sagrado. Através de todas as coisas brilha suavemente algo de uma ideia divina; e na verdade, a mais alta insígnia que os homens já encontraram e adotaram, além da própria cruz, tinha apenas um significado extrínseco e acidental.” Carlyle.

O estudo do significado oculto de cada lenda religiosa e profana, de qualquer nação, grande ou pequena - especialmente nas tradições do Oriente - tem ocupado a maior parte da vida desta autora. Ela está entre os que pensam que nenhuma história mitológica, nenhum acontecimento tradicional no folclore de um povo foi jamais, em qualquer tempo, apenas ficção, mas que cada uma destas narrativas tem um fundo histórico e factual. Nisso a autora discorda dos simbologistas que, por maior que seja a sua reputação, só encontram em cada mito mais provas da tendência mental supersticiosa dos antigos, e acreditam que todas as mitologias surgiram dos *mitos solares* e foram construídas com base neles. Este tipo de pensador superficial já foi admiravelmente descartado pelo sr. Gerald Massey, o poeta e egiptólogo, em uma palestra intitulada “Lunolatry, Ancient and Modern”. A sua forte crítica merece ser reproduzida nesta parte da presente obra, porque reflete muito bem os nossos próprios sentimentos, expressados abertamente já em 1875, enquanto era escrita “Ísis Sem Véu”.

*“Durante trinta anos o professor Max Müller tem ensinado em seus livros e palestras, no Times e em várias revistas, desde a plataforma da Royal Institution, desde o púlpito da Westminster Abbey, e da sua cadeira em Oxford, que a mitologia é uma doença da linguagem, e que o simbolismo antigo era resultado de algo como uma aberração primitiva.”*

“ ‘Nós sabemos’, diz Renouf, repetindo Max Müller em suas palestras Hibbert, ‘nós sabemos que a mitologia é a doença que surge em um estágio peculiar da cultura humana.’ Esta é a explicação superficial dos não-evolucionistas, e este tipo de explicação ainda é aceito pelo público britânico, cujo pensamento é feito por procuração. O professor Max Müller, Cox, Gubernatis e outros proponentes do Mito Solar têm descrito para nós o autor dos mitos primitivos como uma espécie de metafísico hindu-germanizado, projetando a sua própria sombra sobre uma neblina mental, e falando criativamente sobre fumaça, ou, pelo menos, sobre nuvens; o céu acima se transforma na abóboda da terra dos sonhos, rabiscada com pesadelos aborígenes! Eles concebem o homem primitivo à imagem e semelhança deles próprios, e olham para ele de um modo tão perversamente inclinado ao autoengano, ou, como diz Fontenelle, ‘sujeitos e enxergar coisas que não existem’. Eles descrevem erradamente o homem primitivo ou arcaico como se tivesse sido idioticamente desorientado desde o início por uma imaginação ativa mas descontrolada, acreditando em todo tipo de falácias, que eram direta e constantemente negadas pela sua própria experiência diária; um tolo fantasioso no meio daquelas duras realidades que estavam moendo a sua experiência pessoal e transformando-a, assim como os icebergs que registram o seu impacto moendo as rochas submersas no fundo do mar. Ainda falta dizer, e um dia será reconhecido, que estes instrutores aceitos não chegaram mais perto das origens da mitologia e da linguística do que o poeta Willie, de Burns, aproximou-se de Pégaso.<sup>1</sup> Minha resposta é a seguinte: É apenas um sonho do metafísico teorizante a ideia de que a mitologia foi uma doença da linguagem, ou de qualquer outra coisa exceto o seu próprio cérebro. A origem e o significado da mitologia são completamente desconhecidos por estes proponentes desinformados do Mito Solar! A Mitologia era um modo primitivo de pensar o pensamento inicial. Ela tinha como base fatos naturais, e ainda é verificável em fenômenos. Não há nada de insano, nada irracional nela, quando considerada à luz da evolução, e quando o seu modo de expressão pela linguagem de símbolos é completamente compreendido. A insanidade está em confundir a mitologia com história humana ou com Revelação Divina.<sup>2</sup> A mitologia é o repositório da mais antiga ciência humana, e o que diz respeito a nós, principalmente, é o seguinte; - quando ela for novamente interpretada de maneira correta, ela está destinada a provocar a morte daquelas falsas teologias às quais ela deu nascimento sem querer.<sup>3</sup> Na fraseologia moderna,

---

<sup>1</sup> *Burns* - alusão ao poeta escocês Robert Burns (1759-1796). *Pégaso* - cavalo alado na mitologia grega, símbolo da imortalidade. *Willie* - um personagem de Burns, hipócrita, embora religioso, que devido à hipocrisia não chegou perto da imortalidade. (Nota do Tradutor)

<sup>2</sup> No que diz respeito a “Revelação Divina”, nós concordamos. Não concordamos com relação a “história humana” ..... Porque há “história” na maior parte das alegorias e dos “mitos” da Índia, e há acontecimentos - acontecimentos reais e factuais - ocultos sob eles. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>3</sup> Quando as “falsas teologias” desaparecerem, então serão descobertas as verdadeiras realidades pré-históricas, contidas especialmente na mitologia dos arianos - os antigos hindus - e mesmo dos helenos anteriores a Homero. (Nota de H.P. Blavatsky)

*diz-se que uma afirmação é mítica na medida em que ela for inverdadeira: mas a mitologia antiga não era um sistema ou modo de falsificar nesse sentido. As suas fábulas eram o meio de transmitir fatos; não eram nem falsificações nem ficções ..... Por exemplo; quando os egípcios retratavam a Lua como um gato, eles não eram tão ignorantes a ponto de supor que a Lua fosse um gato; e tampouco as fantasias desorientadas deles viam qualquer semelhança entre a Lua e um gato; nem tampouco era - um mito de gato - apenas alguma expansão de uma metáfora verbal, e nem sequer eles tinham qualquer intenção de criar enigmas ou quebra-cabeças ..... Eles haviam observado o simples fato de que o gato vê no escuro, que os olhos dele se tornam totalmente redondos e ficam luminosos ao extremo à noite. A Lua era o vidente durante a noite no céu, e o gato era o seu equivalente na Terra; e assim o familiar gato foi adotado como um representante, um símbolo natural, um pictograma vivo do orbe lunar ..... E disso se seguiu que o Sol, que via no submundo inferior durante a noite, também podia ser chamado de gato, na verdade, porque ele também via no escuro. O nome do gato em egípcio é mau, o que significa vidente, palavra derivada do verbo mau, ver. Um autor, abordando o tema da mitologia, afirma que os egípcios ‘imaginavam um grande gato atrás do Sol, que era a pupila do olho do gato’. Mas esta imaginação é totalmente moderna. É um produto fabricado por Max Müller, circulando no mercado. A Lua como gato era o olho do Sol, porque refletia a luz solar, e porque o olho devolve a imagem presente em seu espelho. Na forma da deusa Pasht, o gato vigia em nome do Sol, com a sua pata dominando e ferindo a cabeça da serpente da escuridão, chamada de inimigo eterno .....”.*

Esta é uma descrição muito correta do mito lunar em seu aspecto astronômico. A selenografia, no entanto, é a menos esotérica das divisões da Simbologia lunar. Para dominar completamente a *Selenognose* - se tivermos permissão para criar uma nova palavra - devemos ter proficiência em outros aspectos além do astronômico. A Lua (veja o texto “A Lua, *Deus Lunus, Febe*”, na seção IX desta parte II do Volume I) está intimamente relacionada com a Terra, tal como mostrado na Estância VI do Volume I, e está mais diretamente ligada a todos os mistérios do nosso globo do que até mesmo Vênus-Lúcifer, a irmã oculta e *alter-ego* da Terra.

As incansáveis pesquisas de simbologistas ocidentais, e especialmente alemães, durante o século 19 e o século anterior, levaram cada Ocultista e a maior parte das pessoas imparciais a ver que sem a ajuda da simbologia (com os seus sete departamentos, dos quais os modernos nada sabem) nenhuma Escritura antiga pode jamais ser corretamente compreendida. A simbologia deve ser estudada em todos os seus aspectos, porque cada nação teve o seu próprio método peculiar de expressão. Em resumo, nenhum papiro egípcio, nenhum *olla* indiano<sup>4</sup>, nenhum objeto de cerâmica assíria ou pergaminho hebraico deveria ser lido e aceito *literalmente*.

Qualquer erudito sabe disso atualmente. As eficientes palestras do sr. G. Massey são suficientes para convencer qualquer Cristão de *mentalidade imparcial* de que aceitar

---

<sup>4</sup> *Olla* indiano - pote de cerâmica, frequentemente com inscrições, nos tempos antigos. (Nota do Tradutor)

a letra-morta da Bíblia é equivalente a cair num erro e numa superstição mais grosseiros do que qualquer coisa já produzida pelo cérebro de um selvagem das ilhas dos mares do Sul. Mas há um fato diante do qual até os maiores amigos da verdade e buscadores da verdade - entre os Orientalistas, sejam pesquisadores da Índia ou egiptólogos - parecem continuar cegos. É o fato de que cada símbolo em papiro ou *olla* é como um diamante de muitas faces, e cada uma das suas facetas tem não apenas muitas interpretações, mas se relaciona também com várias ciências. Um exemplo disso é a interpretação citada acima da Lua simbolizada pelo gato - um exemplo da imaginação sideral-terrestre; e a Lua tem em outras nações muitos outros significados além deste.

Conforme um erudito maçom e teosofista - o falecido sr. Kenneth Mackenzie - mostrou em sua *Royal Masonic Cyclopaedia*, há uma grande diferença entre *emblema* e *símbolo*. Um emblema “abrange um número maior de pensamentos do que um símbolo, do qual se pode dizer que ilustra apenas uma ideia em especial”. Assim, os símbolos (por exemplo, lunares ou solares) de vários países, cada um deles ilustrando uma ideia especial, ou série de ideias, formam coletivamente um emblema esotérico. Este último é “uma imagem ou signo concreto, visível, representando princípios ou uma série de princípios, *reconhecíveis por aqueles que receberam certas instruções*” (iniciados). Para colocá-lo de modo ainda mais claro, um emblema é *usualmente uma série de imagens gráficas* encaradas e explicadas alegoricamente, e que desenvolvem uma ideia em visões panorâmicas, uma após a outra. Deste modo, os Puranas são emblemas escritos. Também o são o Testamento Mosaico e o Testamento Cristão, ou a Bíblia, e todas as outras escrituras exotéricas. Conforme a mesma autoridade demonstra:

“Todas as Sociedades esotéricas fizeram uso de emblemas e símbolos, tal como a Sociedade Pitagórica, a Sociedade de Elêusis, a Fraternidade Hermética do Egito, os Rosacruz, e os franco-maçons. Muitos destes emblemas não devem ser divulgados ao olhar do público, e *uma diferença muito pequena pode fazer com que o emblema ou símbolo* tenha um significado muito diferente. Os *sigillae* mágicos, fundados em certos princípios de números, compartilham este caráter, e embora sejam monstruosos ou ridículos aos olhos de quem não tem instrução, transmitem todo um corpo de doutrinas a aqueles que foram treinados para reconhecê-las.”

As sociedades mencionadas acima são todas comparativamente modernas, e nenhuma delas é anterior à Idade Média. Por isso mesmo é adequado que os estudantes da mais antiga Escola Arcaica tenham cuidado para não divulgar segredos de muito maior importância para a humanidade (no sentido de serem perigosos nas mãos desta última) do que qualquer um dos chamados “Segredos Maçônicos”, que agora se transformaram, como dizem os franceses, em segredos de “Polichinelo”! Mas esta restrição só se aplica ao significado psicológico, ou melhor, psicofisiológico e cósmico do símbolo e do emblema, e mesmo isso apenas parcialmente. Um adepto deve se recusar a transmitir as condições e meios que levam a uma correlação de elementos, sejam psíquicos ou físicos, que possam produzir tanto um resultado nocivo como um resultado benéfico. Mas ele está sempre disposto a transmitir ao estudante sério o segredo do pensamento antigo

sobre qualquer coisa que diga respeito à história ocultada sob o simbolismo mitológico, e assim fornecer mais alguns marcos referenciais para uma visão retrospectiva do passado, que contenha informação útil em relação à origem do ser humano, à evolução das raças e à geognosia <sup>5</sup>; no entanto esta é a reclamação e a lamentação hoje, não só entre os teosofistas, mas também entre os poucos profanos interessados no assunto: “Por que os adeptos não revelam o que sabem?”

A isso, poderíamos responder:

“E por que iriam revelar, já que se sabe antecipadamente que nenhum cientista iria aceitar, nem mesmo como hipótese, muito menos como teoria ou axioma, os fatos transmitidos? Acaso vocês aceitaram, ou acreditaram, no ABC da filosofia oculta contido em ‘The Theosophist’, em ‘O Budismo Esotérico’, e outras obras e periódicos? Por acaso não foi, mesmo o pouco que se transmitiu, ridicularizado e desprezado em favor da teoria ‘animal’ e da ‘teoria do macaco’ de Huxley-Haeckel, por um lado, e da teoria da costela de Adão e da maçã, por outro lado?”

Apesar desta perspectiva nada invejável, a presente obra revela uma massa de fatos. E agora a origem do ser humano, a evolução do globo e das raças, humanas e animais, são tratadas de modo tão amplo, aqui, quanto a redatora é capaz de fazê-lo.

As provas trazidas para corroborar os velhos ensinamentos estão espalhadas amplamente por todas as antigas escrituras das civilizações arcaicas. Os Puranas, o Zend Avesta, e os velhos clássicos estão cheios de provas; mas ninguém jamais se deu ao trabalho de coletar e reunir estes fatos. O motivo disso é que todos estes acontecimentos foram registrados simbolicamente; e que os melhores estudiosos, as mentes mais lúcidas, entre os nossos egiptólogos e pesquisadores sobre os arianos, têm perdido o rumo demasiadas vezes devido a uma ou outra premissa errada; e com ainda mais frequência, por visões parciais do significado secreto. No entanto, até mesmo uma parábola é um símbolo falado: uma ficção ou uma fábula, como alguns pensam; uma representação alegórica, dizemos nós, de realidades-da-vida, fatos e acontecimentos. E assim como era identificada sempre uma moral em cada parábola, e aquela moral era uma verdade real e um fato da vida humana, assim também um acontecimento histórico real era deduzido - por aqueles que conheciam as ciências hieráticas - de certos emblemas e símbolos registrados nos antigos arquivos dos templos. A história religiosa e esotérica de cada nação era registrada em símbolos; ela nunca era expressada diretamente. Todos os pensamentos e emoções, toda a erudição e todo o conhecimento - revelados e adquiridos - das primeiras raças, tiveram a sua expressão pictórica em alegoria e parábola. Por quê? Porque *a palavra falada tem uma potência que os “sábios” modernos desconhecem, de cuja existência eles não suspeitam e na qual não acreditam*. Porque o som e o ritmo têm uma estreita relação com os quatro Elementos dos antigos; e porque esta ou aquela vibração no ar desperta infalivelmente poderes equivalentes, e a união com esses poderes produz resultados bons ou maus, conforme for o caso. Nenhum estudante teve jamais permissão para recitar eventos históricos, religiosos, ou quaisquer

---

<sup>5</sup> Geognosia - ramo da geologia que estuda a parte sólida da Terra. (Nota do Tradutor)

eventos reais de modo irretorquivelmente direto, para que as forças conectadas com o evento não pudessem ser outra vez atraídas. Esses acontecimentos eram narrados apenas durante a Iniciação, e cada estudante tinha que registrá-los em símbolos correspondentes, criados em sua própria mente e examinados depois pelo seu mestre, antes que houvesse finalmente a aprovação. Assim foi criado em seu tempo o alfabeto chinês, e, antes dele, os símbolos hieráticos foram fixados no antigo Egito. Na língua chinesa, o alfabeto que pode ser lido em qualquer idioma <sup>6</sup>, e que é apenas um pouco menos antigo que o alfabeto egípcio de Thoth, cada palavra tem o seu símbolo correspondente, que transmite a palavra necessária de forma pictórica. A língua possui muitos milhares de tais letras simbólicas, ou logogramas, cada uma significando uma palavra inteira; porque as letras propriamente ditas, ou um alfabeto, não existem no idioma chinês, assim como não existiam na língua egípcia até uma época mais recente.

A explicação dos principais símbolos e emblemas será tentada agora, porque o Volume II, que trata da Antropogênese, seria demasiado difícil de entender sem uma familiarização preparatória com os símbolos metafísicos, pelo menos.

Tampouco seria justo entrar na leitura esotérica do simbolismo sem fazer a devida homenagem a alguém que prestou um enorme serviço, neste século 19, ao descobrir a chave principal da simbologia hebraica antiga, fortemente entretecida com a metrologia <sup>7</sup>, uma das chaves da linguagem dos mistérios, que antigamente era universal. O sr. Ralston Skinner, de Cincinnati, autor de “Key to the Hebrew-Egyptian Mystery in the Source of Measures”, merece o nosso agradecimento. Um místico e um cabalista por natureza, ele trabalhou durante muitos anos nesta direção, e seus esforços foram seguramente coroados com grande êxito. Em suas próprias palavras:

“O autor está completamente seguro de que havia uma língua antiga que modernamente e até o momento atual parece ter sido perdida, e cujos vestígios, no entanto, existem e são numerosos ..... O autor descobriu que esta razão geométrica (a razão integral em números do diâmetro para a circunferência de um círculo) era a muito antiga, e provavelmente a origem divina ..... de medidas lineares .....<sup>8</sup>. Parece quase comprovado que o mesmo sistema de geometria, números, proporções e medidas era conhecido e usado no continente da América do Norte, mesmo antes do conhecimento dele por parte dos descendentes Semitas .....

---

<sup>6</sup> Assim, um japonês que não entende uma palavra da língua chinesa, encontrando-se com um cidadão chinês que jamais ouviu a língua japonesa, poderá se comunicar por escrito com o outro, e os dois se entenderão perfeitamente - porque a escrita é simbólica. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>7</sup> Metrologia - o estudo e a descrição dos pesos e medidas de todos os povos e de todas as épocas. (Nota do Tradutor)

<sup>8</sup> Nesta frase, seguimos a edição de Boris de Zirkoff, que verificou palavra por palavra a fonte citada por HPB e fez pequenas correções. (Nota do Tradutor)

“A peculiaridade desta linguagem é que ela podia ficar contida em outra, oculta e despercebida, exceto através da ajuda de instrução especial; as letras e signos silábicos possuíam ao mesmo tempo os poderes ou significados de números, de formas geométricas, de imagens, ou ideogramas e símbolos, e cujo escopo seria determinantemente ajudado por parábolas na forma de narrativas ou partes de narrativas; ao mesmo tempo, também podia ser estabelecido separadamente, independentemente, e de várias maneiras, através de imagens, em trabalho em pedra, ou em construção de terra.”

“Para esclarecer uma ambiguidade em relação ao termo ‘linguagem’: primariamente a palavra significa expressão de ideias através da fala humana<sup>9</sup>; mas, secundariamente, pode significar expressão de ideias por qualquer outro instrumento. Esta velha linguagem está composta de tal modo no texto hebraico que, pelo uso dos caracteres escritos, que serão a linguagem definida primeiramente, pode ser transmitida intencionalmente uma série nitidamente separada de ideias, diferente das ideias expressadas pela leitura de signos de som. Esta linguagem secundária estabelece, sob um véu, séries de ideias; cópias, em imaginação, de coisas sensíveis que podem ser transformadas em imagens, e cópias das coisas que podem ser classificadas como reais sem serem sensíveis. Vejamos um exemplo; o número 9 pode ser encarado como uma realidade, embora não tenha existência sensível; assim também a rotação da Lua, sendo diferente da Lua em si, que faz a rotação, pode ser encarada como causando ou dando origem a uma real ideia, embora a rotação não tenha substância. Esta linguagem-de-ideias pode consistir de símbolos restritos a termos e signos arbitrários, tendo uma variedade muito limitada de concepções, e completamente sem valor, ou pode ser uma leitura da natureza de um valor quase imensurável, em algumas das suas manifestações, para a civilização humana. Uma imagem de algo natural pode dar origem a ideias de temas coordenativos, irradiando-se em direções variadas e mesmo opostas, tal como os raios de uma roda, e produzindo realidades naturais em departamentos bastante distantes da primeira imagem, ou imagem inicial. Uma noção pode originar uma noção correlata, mas se isso acontece, então, por mais que pareça incongruente, todas as ideias resultantes devem surgir da figura original, e devem estar harmonicamente conectadas, ou relacionadas..... Deste modo, com uma ideia pintada suficientemente radical, poderia resultar a própria imaginação do Cosmos, até mesmo com os detalhes da sua construção. Um tal uso da linguagem comum é agora obsoleto, mas surgiu para o escritor a questão de se, em algum tempo de um passado distante, esta ou tal linguagem não foi a linguagem do mundo e de uso universal, que era dominada, no entanto, na medida em que ela se moldou cada vez mais nas suas formas arcaicas, apenas por uma classe ou casta seletiva. Com isso eu quero dizer que a linguagem popular ou vernacular começou já na sua origem a ser usada como veículo deste modo peculiar de transmitir ideias. Disso as evidências são muito fortes; e, de fato, pareceria que na história da raça humana aconteceu um lapso ou uma perda, por causas que atualmente, pelo menos, não podemos

---

<sup>9</sup> Em inglês, a palavra “language”, usada aqui, significa tanto “língua” quanto “linguagem”. A palavra “língua” significa um idioma: já uma linguagem pode ser verbal ou não verbal. A *linguagem dos mistérios* é algo muito mais amplo que um idioma. (Nota do Tradutor)



identificar, de uma perfeita linguagem original e um perfeito sistema científico - perfeitos porque tinham origem divina e haviam sido importados do mundo divino?”

“Origem divina”, aqui, não significa que tenha havido uma revelação, feita por um deus antropomórfico, no alto de uma montanha e entre relâmpagos e trovões, mas, no nosso entendimento, significa uma linguagem e um sistema de conhecimento científico transmitidos à humanidade primitiva por uma *humanidade* mais avançada, e suficientemente mais elevada para ser *divina* desde o ponto de vista daquela humanidade infantil. Uma humanidade, em resumo, de outras esferas. A ideia não tem em si nada de sobrenatural, mas a sua aceitação ou rejeição dependem do grau de presunção e arrogância presentes na mente daquele para quem a afirmativa é feita. Porque, se os professores do conhecimento moderno confessassem, pelo menos, que não sabem nada do futuro do ser humano desincorporado - ou melhor, que não querem aceitar nada - e que no entanto este futuro pode estar cheio de surpresas e revelações inesperadas para eles, uma vez que os seus Egos estejam livres dos seus corpos densos - neste caso a descrença materialista teria menos chances do que tem agora. Quem entre eles sabe, ou tem condições de dizer, o que pode acontecer quando o ciclo vital deste globo estiver esgotado e a nossa mãe Terra cair, ela própria, em seu último sono? Quem tem coragem de dizer que os *Egos divinos* da nossa humanidade - pelo menos os eleitos a partir das multidões que passam adiante para outras esferas - *não irão transformar-se por sua vez* nos instrutores “divinos” de uma nova humanidade gerada por eles em um novo globo, chamado à vida e à atividade pelos “princípios” desincorporados da nossa Terra? (Veja a Estância VI, Volume I, Parte I.) Tudo isso pode ter sido a experiência do PASSADO, e estes estranhos registros podem estar guardados na “Linguagem dos Mistérios” das eras pré-históricas, a língua agora chamada de SIMBOLISMO.

## 2. A Linguagem dos Mistérios e as Suas Chaves [\(Volte para o Sumário\)](#)

Recentes descobertas feitas por grandes matemáticos e Cabalistas provam, deste modo, sem sombra de dúvida, que todas as teologias, desde a primeira e mais antiga até a mais recente, surgiram não só de uma fonte comum de crenças abstratas, mas de uma linguagem universal dos “Mistérios”, ou esotérica. Estes eruditos detêm a chave da antiga linguagem universal, e a fizeram girar com êxito, embora apenas *uma vez*, na porta hermeticamente fechada que dá para o Salão dos Mistérios. O grande sistema arcaico, conhecido desde eras pré-históricas como a Ciência-Sabedoria sagrada, a qual está contida e pode ser identificada em toda religião velha assim como em toda religião nova, tinha, e ainda tem, a sua língua ou linguagem universal - de cuja existência o maçom Ragon suspeitava - a língua ou linguagem dos Hierofantes, que tem sete “dialetos”, digamos assim, sendo que cada um deles

corresponde a, ou está especialmente relacionado com, um dos sete mistérios da Natureza. Cada um deles tinha o seu próprio simbolismo. A Natureza podia assim ser lida na sua totalidade, ou desde um dos seus aspectos especiais.

A prova disso está, até hoje, na extrema dificuldade que os orientalistas em geral, e mais especialmente os pesquisadores sobre a Índia e os egiptólogos, enfrentam ao interpretar os escritos alegóricos dos Árias e os escritos hieráticos do antigo Egito. Isso ocorre porque eles jamais lembrarão que todos os registros antigos foram escritos em uma linguagem que era universal e conhecida igualmente por todas as nações nos dias de antigamente, mas que hoje só é inteligível para os poucos. Assim como os algarismos arábicos, que são claros para um homem de qualquer nação, ou como a palavra inglesa *and*, que se torna *et* para o francês, *und* para o alemão e assim sucessivamente, porém pode ser expressada para todos os povos pelo simples signo &, assim também todas as palavras daquela linguagem dos mistérios significavam a mesma coisa para todos seres humanos de qualquer nacionalidade. Vários homens notáveis têm feito tentativas de restabelecer esta língua universal e filosófica; Delgarne, Wilkins, Leibnitz; mas Demaimieux, em sua *Pasigraphie*<sup>10</sup>, é o único que provou a sua possibilidade. O esquema de Valentinus, chamado de “Cabala grega”, baseado na combinação de letras gregas, poderia servir como um modelo.

As facetas desta linguagem dos mistérios, cada uma delas com muitos aspectos, levaram à adoção de dogmas e ritos amplamente variados no plano exotérico dos rituais cristãos. Estas facetas estão na origem da maior parte dos dogmas da Igreja Cristã, como por exemplo, os sete sacramentos, a Trindade, a Ressurreição; os sete pecados capitais e as sete virtudes. As sete chaves do idioma dos mistérios, no entanto, têm estado desde sempre sob a guarda dos mais elevados entre os Hierofantes iniciados da antiguidade, e foi só o uso parcial de umas poucas, entre as sete, que passaram, devido à traição de alguns dos primeiros Padres da Igreja - ex-iniciados dos Templos - para as mãos dos membros da nova seita dos Nazarenos. Alguns dos primeiros Papas eram Iniciados, mas os últimos fragmentos do conhecimento deles agora caíram em poder dos jesuítas, que os transformaram em um sistema de feitiçaria.

Afirma-se que a ÍNDIA (não nos seus limites atuais, mas incluindo as suas antigas fronteiras) é o único país no mundo que ainda tem, entre os seus filhos, adeptos que têm o conhecimento de todos os sete *subsistemas* e a chave para o sistema inteiro. Desde a queda de Mênfis, o Egito começou a perder aquelas chaves uma por uma, e a Caldeia havia preservado apenas três nos dias de Beroso. Quanto aos hebreus, em todos os seus escritos eles não demonstram mais do que um completo conhecimento

---

<sup>10</sup> Pasigraphie - pasigrafia em português. “Pasigrafia” é qualquer sistema de escrita que tem como objetivo ser inteligível para pessoas de todas as línguas, assim como o são, por exemplo, os algarismos arábicos. Veja o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, quinta edição, 2010. (Nota do Tradutor)

dos sistemas astronômicos, geométricos e numéricos usados para simbolizar todas as funções humanas, e especialmente as *fisiológicas*. Eles nunca tiveram as chaves mais elevadas.

“Cada vez que eu escuto pessoas falando da religião do Egito”, escreve Gaston Maspero, o grande egiptólogo francês e sucessor de Mariette Bey, “tenho a tentação de perguntar sobre *qual* das religiões egípcias elas estão falando. É sobre a religião egípcia da quarta dinastia, ou a religião egípcia do período ptolemaico? É sobre a religião das multidões, ou a religião dos estudiosos? Sobre aquela que era ensinada nas escolas de Heliópolis, ou aquela outra que estava nas mentes e concepções da classe sacerdotal de Tebas? Porque, entre a primeira tumba de Mênfis, que tem a *cartouche* de um rei da terceira dinastia, e as últimas pedras em Esnéh sob Caesar-Philippus, o Árabe, há um intervalo de pelo menos cinco mil anos. Deixando de lado a invasão dos pastores, os domínios dos etíopes e dos assírios, a conquista persa, a colonização grega, e as mil revoluções da sua vida política, o Egito passou durante estes cinco mil anos por muitas vicissitudes na sua vida moral e intelectual. O capítulo XVII do *Livro dos Mortos*, que parece conter a exposição do sistema do mundo tal como ele era compreendido em Heliópolis durante a época das primeiras dinastias, é conhecido por nós apenas através de umas poucas cópias da décima-primeira e décima-segunda dinastias. Cada um dos versos que o compõem já era na época interpretado de três ou quatro maneiras, e maneiras tão diferentes, de fato, que de acordo com esta ou aquela escola, o Demiurgo se tornava o fogo solar - *Ra-shoo*, ou a água primordial. Quinze séculos mais tarde, o número de leituras havia aumentado consideravelmente. O tempo havia, à medida que passava, modificado as ideias sobre o universo e as forças que o governavam. Durante os escassos 18 séculos em que o cristianismo vem existindo, ele produziu, desenvolveu e transformou a maior parte dos seus dogmas; quantas vezes, então, o clero egípcio não pode ter alterado os seus dogmas durante aqueles cinquenta séculos que separam Teodósio dos reis construtores das pirâmides?”

Neste ponto nós acreditamos que o eminente egiptólogo está indo demasiado longe. Os dogmas exotéricos podem ter sido alterados com frequência, os esotéricos nunca. Ele não leva em conta a sagrada imutabilidade das primitivas verdades, reveladas apenas durante os mistérios da iniciação. Os sacerdotes egípcios *esqueceram muito, não alteraram nada*. A perda de uma boa parte do ensinamento primitivo ocorreu devido às mortes súbitas dos grandes hierofantes, que faleceram antes que tivessem tempo de transmitir *tudo* aos seus sucessores; e principalmente devido à ausência de herdeiros dignos do conhecimento. No entanto eles preservaram em seus dogmas e rituais os principais ensinamentos da doutrina secreta. Assim, no capítulo dezessete mencionado por Maspero, nós vemos (1) Osíris dizendo que ele é *Toum* (a força criativa na natureza, que dá forma a todos os Seres, espíritos e homens), autogerado e autoexistente, saído de *Noun*, o rio celeste, chamado *Pai-Mãe* dos deuses, a divindade primordial, que é o caos ou o *Profundo*, impregnado pelo espírito não-visto. (2) Ele encontrou *Shoo* (a força solar) na escada na Cidade dos Oito (os dois *cubeos* do bem e do Mal) e ele aniquilou os maus princípios em *Noun* (caos), os filhos da Rebelião. (3) Ele é o Fogo e a Água, isto é, *Noun* o progenitor primordial, e ele criou os deuses a partir dos seus membros - catorze deuses (duas vezes sete),

sete deuses escuros e sete iluminados (os sete Espíritos da Presença dos cristãos e os sete Espíritos escuros maus). (4) Ele é a Lei da existência e do Ser (v. 10), o *Bennoo* (ou Fênix, o pássaro da ressurreição na Eternidade), em quem a noite segue o dia, e o dia segue a noite - uma alusão aos ciclos periódicos de ressurreição cósmica e reencarnação humana; pois, o que pode isso significar? “O viajante que atravessa milhões de anos, em nome do Um, e o grande verde (água primordial ou Caos) o nome do outro” (v. 17), um gerando sucessivamente milhões de anos, o outro engolindo-os, para restaurá-los de novo. (5) Ele fala dos Sete Luminosos que seguem o seu Senhor, que confere justiça (Osíris em *Amenti*).

Tudo isso é agora mostrado como tendo sido a fonte e a origem dos dogmas cristãos. Aquilo que os judeus tiveram do Egito, através de Moisés e outros iniciados, foi bastante confundido e distorcido em dias posteriores; e aquilo que a Igreja obteve de ambos, está ainda mais mal interpretado.

No entanto, o sistema deles é comprovado agora como idêntico neste aspecto especial da simbologia - a chave, especificamente, para os mistérios da astronomia na sua relação com os da geração e da concepção - com aquelas ideias das antigas religiões cuja teologia desenvolveu o elemento fálico. O sistema judaico de medidas sagradas aplicado aos símbolos religiosos é o mesmo, no que se refere a combinações geométricas e numéricas, que os da Caldeia, da Grécia, e do Egito, e foi adotado pelos judeus durante os séculos da sua escravidão e cativeiro sob estas nações.<sup>11</sup> Qual era aquele sistema? A íntima convicção do autor de “The Source of Measures” é que “os livros Mosaicos foram feitos com a intenção de, através de uma certa técnica de expressão, estabelecer um sistema geométrico e numérico de ciência exata, que deveria servir como origem de medidas.” Piazzi Smyth pensa de modo semelhante. Esse sistema e essas medidas são considerados por alguns eruditos como idênticos aos que foram usados na grande pirâmide - mas isso é assim apenas em parte. “A base dessas medidas era a razão de Parker”, diz o sr. R. Skinner em “The Source of Measures”.

---

<sup>11</sup> Como dissemos em “Isis Unveiled” (vol. II, pp. 438-439), “Até o presente, apesar de todas as controvérsias e pesquisas, a História e a Ciência permanecem como sempre nas trevas, no que diz respeito à origem dos judeus. Eles podem muito bem ser os Chandalas ou Párias da antiga Índia, os ‘pedreiros’ mencionados por Vivasvata, Veda-Vyasa e Manu, ou os fenícios de Heródoto, ou os Hyksos de Josefo, ou os descendentes dos pastores páli, ou uma mistura de todos esses. A Bíblia denomina os Tirianos de povo consanguíneo, e vindica o domínio sobre eles . . . . . No entanto, seja como for, é certo que eles se tornaram um povo híbrido não muito tempo depois de Moisés, já que a Bíblia mostra-os casando livremente não só com os cananeus mas também com pessoas de todas as outras nações ou raças com as quais eles tinham contato.” (Nota de H.P. Blavatsky) [***Subnota do Tradutor:*** Ao reproduzir estes trechos de “*Ísis Sem Véu*” (ver volume IV, p. 80 e p. 107 da edição brasileira), nós os comparamos com a edição original em inglês, fazendo as correções necessárias no texto de modo a não afastar-nos do original de “*Isis Unveiled*”.]

O autor desta obra extraordinária conta que descobriu isso no uso da razão integral em números do diâmetro para a circunferência de um círculo, descoberta por John Parker, de Nova Iorque. Essa razão é 6,561 para diâmetro, e 20,612 para circunferência. E também que essa razão geométrica era a origem antiga e (provavelmente) divina do que agora se transformou - através do uso exotérico e da aplicação prática - nas medidas lineares inglesas, “cuja unidade subjacente, isto é, a *polegada*, foi igualmente a base de um dos *côvados* egípcios reais e do *pé* romano.” Ele descobriu ainda que havia uma forma modificada desta razão, isto é, 113-355 (o que é explicado na obra dele); e que, ao mesmo tempo que esta última razão apontava através da sua origem para o exato *pi* integral, ou 6,561 para 20,612, ela também servia como base para cálculos astronômicos. O autor descobriu que um sistema *de ciência exata, geométrica, numérica e astronômica*, estabelecido sobre estas razões e podendo ser visto em uso na construção da Grande Pirâmide do Egito, era em parte a essência *desta linguagem* tal como contida no - e escondida sob o - palavreado do texto hebraico da Bíblia. Foi verificado que a polegada e a regra de dois pés de 24 polegadas, interpretada para uso através dos elementos do círculo (veja as páginas iniciais do volume I), e as razões mencionadas, estavam na base ou no alicerce deste sistema científico natural, egípcio e hebraico, enquanto, além disso, parece bastante evidente que o sistema em si era encarado como tendo uma origem divina e como sendo uma revelação divina .....<sup>12</sup> Mas vejamos o que dizem os que se opõem às medidas da Pirâmide tiradas pelo professor Piazzi.

O sr. Petrie parece negá-las, e parece destruir facilmente os cálculos de Piazzi Smyth na sua conexão bíblica. O mesmo é feito pelo sr. Proctor, o campeão do “coincidentalismo” durante muitos anos em todas as questões envolvendo artes e ciências antigas. Ao falar do “grande número de relações independentes da Pirâmide que apareceram enquanto os estudiosos da Pirâmide se esforçavam para conectá-la com o sistema solar ..... estas coincidências”, diz ele, “são no seu conjunto mais curiosas que qualquer coincidência entre a Pirâmide e números astronômicos: as coincidências anteriores são tão próximas e notáveis quanto reais” (isto é, as “coincidências” que permaneceriam mesmo que a pirâmide não existisse); “estas últimas que são apenas *imaginárias* (?) só foram estabelecidas pelo processo que os meninos de escola chamam de ‘faz-de-conta’, e agora novas medidas indicam que o trabalho deve ser feito de novo completamente” (*carta de Petrie à Academia*, 17 de dezembro de 1881). Diante disso o sr. Staniland Wake observa corretamente em sua obra “The Origin and Significance of the Great Pyramid” (Londres, 1882):

“No entanto, devem ter sido mais do que *meras coincidências*, se os construtores da Pirâmide tinham o conhecimento astronômico demonstrado na sua perfeita orientação e em alguns outros aspectos astronômicos reconhecidos.”<sup>13</sup>

<sup>12</sup> Neste ponto, Boris de Zirkoff dá como referência “o manuscrito Cabalístico de J.R. Skinner que está nos Arquivos de Adyar”, na Índia. (Nota do Tradutor)

<sup>13</sup> Boris de Zirkoff amplia os dados bibliográficos: “The Origin and Significance of the Great Pyramid”, Londres, 1882, p. 8, nota de rodapé. (Nota do Tradutor)

Eles tinham este conhecimento; e este “conhecimento” estava na base do programa dos MISTÉRIOS e da série de Iniciações; por isso foi feita a construção das Pirâmides, um registro duradouro e um símbolo indestrutível destes Mistérios e Iniciações na Terra, assim como o curso das estrelas o é no Céu. O ciclo de Iniciação era uma reprodução em miniatura daquela grande série de mudanças Cósmicas a que os astrônomos têm dado o nome de ano tropical ou sideral. Assim como, no final do ciclo de um ano sideral (25.868 anos), os corpos celestes retornam às mesmas posições relativas que ocupavam no seu início, assim também, ao final do ciclo da Iniciação, o homem interno recupera o estado prístino de pureza e conhecimento divinos a partir do qual ele iniciou o seu ciclo de encarnação terrestre.

Moisés, um iniciado na Mistagogia Egípcia, baseou os mistérios religiosos da nova nação criada por ele sobre a mesma fórmula abstrata derivada deste ciclo sideral. Ele simbolizou o ciclo na forma e nas medidas do tabernáculo, que se supõe que ele tenha construído no ambiente natural. Com base nestes dados, os Sumos-sacerdotes judeus posteriores construíram a alegoria do Templo de Salomão - um edifício que nunca existiu realmente assim como o próprio Rei Salomão, que é simplesmente um mito solar, tanto quanto, mais tarde, Hiram Abif, dos maçons, segundo Ragon demonstrou bastante bem. Assim, se as medidas deste templo alegórico, o símbolo do ciclo da iniciação, coincidem com as da Grande Pirâmide, isso se deve ao fato de que as medidas do templo foram tiradas das medidas da Pirâmide através do Tabernáculo de Moisés.

Que o nosso autor descobriu *uma* e mesmo *duas das chaves* fica completamente demonstrado na obra citada acima. Basta ler para sentir uma crescente convicção de que o significado oculto das alegorias e parábolas dos dois Testamentos fica agora revelado. Mas o fato de que ele deve esta descoberta muito mais ao seu próprio gênio do que a Parker e Piazzi Smyth é igualmente certo, se não ainda mais. Porque, como foi mostrado logo acima, ainda não é certo que as medidas da grande Pirâmide tomadas e adotadas como sendo as corretas pelos “pesquisadores de Pirâmides” estejam acima de suspeitas. Uma prova disso é a obra intitulada “The Pyramids and Temples of Gizeh”, do sr. F. Petrie, além de outros livros escritos há bem pouco tempo em oposição aos cálculos mencionados, que são chamados de *tendenciosos*. Parece que quase todos os cálculos de Piazzi Smyth diferem dos cálculos posteriores e mais cuidadosos feitos pelo sr. Petrie, que conclui a Introdução à sua obra com estas frases:

“Quanto aos resultados de toda a investigação, talvez muitas teorias concordarão com um norte-americano que acreditava intensamente em teorias de Pirâmides quando chegou a Gizé. Eu tive o prazer da sua companhia, lá, durante dois dias, e na nossa última refeição juntos ele disse a mim num tom entristecido: ‘Bem, meu caro! Sinto como se eu tivesse estado em um funeral. Seguramente as velhas teorias merecem um enterro decente, embora devêssemos cuidar para que, na nossa pressa, não enterremos, junto com os mortos, os feridos que ainda vivem’.”

Com relação aos cálculos do falecido J. Parker em geral, e especialmente à terceira proposição feita por ele, nós consultamos alguns matemáticos eminentes, e esta é a substância do que eles dizem:

O raciocínio de Parker tem como base considerações sentimentais, mais do que matemáticas, e do ponto de vista lógico não chega a uma conclusão.

A Proposição III, especificamente, que diz -

“O círculo é a base natural ou começo de toda área, e o quadrado, colocado nesta função na ciência matemática, é artificial e arbitrário -”

- é um exemplo de uma proposição arbitrária, e não se pode confiar nela com segurança em termos do pensamento matemático. A mesma observação se aplica, até com mais força, à Proposição VII, que afirma:

“Porque o círculo é a forma primária na natureza, e portanto a base da área; e porque o círculo é medido pelo quadrado, e é igual ao quadrado apenas na razão da metade da sua circunferência pelo raio, portanto, a circunferência e o raio, e não o quadrado do diâmetro, são os únicos elementos naturais e legítimos da área, pelos quais todas as formas regulares são tornadas iguais ao quadrado, e iguais ao círculo.”

A Proposição IX é um notável exemplo de raciocínio falho, e é nela que se apoia, principalmente, a Quadratura do sr. Parker. Aqui está ela:

“O círculo e o triângulo equilátero são opostos um ao outro em todos os elementos da sua construção, e portanto o diâmetro fracionário de um círculo, que é igual ao diâmetro de um quadrado, está na razão oposta dupla do diâmetro de um triângulo equilátero cuja área é um”, etc., etc.

Supondo, para efeitos de raciocínio, que um triângulo possa ter um raio no sentido que nós falamos do raio de um círculo - porque o que Parker chama de raio do triângulo é o raio de um círculo inscrito no triângulo e portanto não é o raio de um triângulo de modo algum - e aceitando por um momento aquelas outras proposições imaginárias e matemáticas incluídas nas premissas dele, por que motivo deveríamos nós concluir que se o triângulo e o círculo são opostos em todos os elementos das suas construções, o diâmetro de qualquer círculo definido está na dupla razão oposta do diâmetro de qualquer triângulo equivalente dado? Que conexão necessária existe entre as premissas e a conclusão? Este tipo de raciocínio não é conhecido em geometria, e não seria aceito por matemáticos rigorosos.

No entanto a questão de se o sistema esotérico Arcaico originou ou não a polegada britânica tem pouca importância para o metafísico atento e verdadeiro. Tampouco a leitura esotérica que o sr. Ralston Skinner faz da Bíblia se torna errada apenas porque as medidas da Pirâmide não correspondem às medidas do templo de Salomão, da arca de Noé, etc.; ou porque a Quadratura do Círculo do sr. Parker é rejeitada pelos matemáticos. A leitura feita pelo sr. Skinner depende em primeiro

lugar dos métodos Cabalísticos e do valor rabínico das letras hebraicas. Mas é extremamente importante verificar se as medidas usadas na evolução e na construção da religião simbólica ariana, na construção dos seus templos, nos números dados nos Puranas, e especialmente na sua cronologia, nos seus símbolos astronômicos, na duração dos seus ciclos e outros cálculos, foram, ou não foram, iguais às usadas nas medidas e nos glifos bíblicos. Porque isso provará que os judeus, a menos que tenham tomado o seu côvado e as suas medidas sagradas dos egípcios (Moisés tendo sido iniciado pelos sacerdotes), precisam ter obtido estas noções da Índia. Seja como for, eles as passaram para os primeiros cristãos. Portanto, são os Ocultistas e os Cabalistas que são os “verdadeiros” herdeiros do CONHECIMENTO, a sabedoria secreta que ainda é encontrada na Bíblia; porque só eles, agora, entendem o seu real significado, enquanto os cristãos e judeus profanos se agarram às cascas e à letra morta. Este é o sistema de medidas que levou à invenção dos nomes de Deus *Elohim* e *Jeová*, e à sua adaptação ao falcismo, e o fato de que Jeová não é uma cópia muito bem-feita de Osíris é agora demonstrado pelo autor de “Source of Measures”. Mas este último e o sr. Piazzi Smyth parecem ambos ter a impressão de que (a) a maior antiguidade do sistema pertence aos israelitas, porque a língua hebraica é a língua *divina*, e (b) esta língua universal pertence à revelação direta!

Esta última hipótese é correta apenas no sentido mostrado no último parágrafo do capítulo anterior <sup>14</sup>; mas ainda falta chegar a um acordo quanto à natureza e ao caráter deste “Revelador” divino. Com relação à maior antiguidade, a questão, para o profano, dependerá naturalmente (a) da evidência interna e externa da revelação e (b) das premissas e dos preconceitos de cada erudito individualmente. Isso, no entanto, não pode impedir nem o Cabalista teísta nem o Ocultista panteísta de ter, cada um, as suas crenças; nenhum deles convencerá o outro. Os dados fornecidos pela história são demasiado poucos e insatisfatórios de modo que nenhum deles pode provar ao cético quem está com a razão.

Por outro lado, as provas dadas pela tradição são tão constantemente rejeitadas que não podemos ter esperança de resolver a questão na era atual. Enquanto isso, a ciência materialista estará rindo imparcialmente tanto dos Cabalistas como dos Ocultistas. Mas uma vez que deixamos de lado a controvertida questão da maior antiguidade, a ciência, nos seus departamentos de filologia e religião comparada, será finalmente chamada a assumir a tarefa, e compelida a admitir a alegação comum.<sup>15</sup> Os seus maiores eruditos, ao invés de desprezar como tolice aquela

---

<sup>14</sup> “Simbolismo e Ideogramas”. (Nota do Tradutor)

<sup>15</sup> Uma a uma as alegações são admitidas, à medida que um cientista após o outro é forçado a reconhecer os fatos indicados pela *Doutrina Secreta*, embora os cientistas raramente ou nunca reconheçam que as mesmas afirmações que eles fazem foram feitas antes por outrem. Assim, nos dias gloriosos da autoridade do sr. Piazzi Smyth sobre a Pirâmide de Gizé, a teoria dele era que o sarcófago de pórfiro da Câmara do Rei “*é a unidade de medida para as duas nações mais iluminadas da Terra, a Inglaterra e os Estados Unidos*”, e não era melhor que um “caixote de milho”. A ideia foi veementemente desmentida por nós em “Ísis Sem Véu”, publicada pouco antes, naquela época. Então a imprensa de Nova Iorque levantou-se



“mistura confusa de ficção absurda e superstições”, conforme a literatura bramânica é geralmente qualificada, farão um esforço para aprender a linguagem simbólica universal com as suas chaves numéricas e geométricas. Mas aqui outra vez eles dificilmente terão sucesso se compartilharem a crença de que o sistema cabalístico judaico contém a chave para *todo* o mistério; *porque ele não a contém*. E nenhuma outra escritura a possui atualmente na sua totalidade; e mesmo os Vedas não estão completos. Cada religião antiga é apenas um capítulo ou dois do volume inteiro dos mistérios arcaicos primitivos; só o *Ocultismo Oriental* pode dizer que possui o segredo completo, com as suas *sete* chaves. Comparações serão feitas, nesta obra, e tanto quanto possível serão explicadas - o resto é deixado para a intuição pessoal do estudante. Porque ao dizer que o *Ocultismo Oriental tem o segredo*, não se está dizendo que a escritora pretende ter um conhecimento “completo” nem sequer aproximado, o que seria absurdo. O que eu sei, eu transmito; o que eu não posso explicar, o estudante deve descobrir por si mesmo.

---

para o combate (principalmente o “Sun” e o “World”) contra a nossa presunção de querer corrigir ou ver erros em tão grande estrela da erudição. Na p. 519 do volume I [**Subnota do Tradutor:** Traduzimos aqui as palavras citadas por Blavatsky diretamente do texto apresentado por ela na presente obra. A tradução do trecho tal como está na edição brasileira de “Ísis” será encontrada em “Ísis Sem Véu”, volume II, p. 201.], nós havíamos dito que Heródoto, quando tratava daquela Pirâmide, “poderia ter acrescentado que externamente ela simbolizava o *princípio criativo da Natureza*, e ilustrava também os *princípios da geometria, da matemática, da astrologia e da astronomia*. Internamente, era um templo majestoso, em cujos recessos pouco iluminados eram realizados os mistérios, e cujos muros haviam testemunhado com frequência as cenas de iniciação dos membros da família real. O sarcófago de pórfiro, que o professor Piazzi Smyth, Real Astrônomo da Escócia, degrada para a condição de caixote de milho, era uma *fonte batismal*; ao sair dela, o neófito ‘nascia de novo’ e se tornava um adepto.”

As nossas afirmações foram motivo de riso naqueles dias. Foi feita contra nós a acusação de que havíamos pegado as nossas ideias de Shaw, um escritor inglês segundo o qual o sarcófago havia sido usado para a celebração dos Mistérios de Osíris (nós nunca havíamos ouvido falar desse escritor!). E agora, cinco ou seis anos mais tarde, o sr. Staniland Wake escreve o seguinte na página 93 do seu ensaio “The Origin and Significance of the Great Pyramid”:

“A chamada Câmara do Rei, da qual um pesquisador entusiasmado de pirâmides escreve que ‘As paredes polidas, os materiais finos, as proporções grandiosas e o local exaltado falam eloquentemente de glórias que ainda estão por vir’ - se não tiver sido ‘a câmara das perfeições’ da tumba de Quéops, foi provavelmente o lugar no qual o sujeito da iniciação era admitido, depois que ele tivesse percorrido a estreita passagem para cima e para a grande galeria, com a sua terminação inferior, o que gradualmente o preparava para o estágio final dos MISTÉRIOS SAGRADOS.” Se o sr. Staniland Wake fosse um teosofista, ele poderia ter acrescentado que a estreita passagem para cima, levando à câmara do Rei, tinha de fato “um portão estreito”, o mesmo “portão estreito” que “leva para a vida”, ou para o novo renascimento espiritual mencionado por Jesus em Mateus, 7, versículos 13 e seguintes; e que é neste portão no templo da iniciação que estava pensando o autor que registrou as palavras atribuídas a um Iniciado. (Nota de H.P. Blavatsky)

Mas embora se suponha que o ciclo inteiro da linguagem universal de mistérios só será conhecido dentro de alguns séculos, mesmo aquilo que foi descoberto até agora na Bíblia por alguns eruditos é mais do que suficiente para demonstrar a tese - matematicamente. Como o judaísmo obteve duas das sete chaves, e estas duas chaves foram agora redescobertas, já não se trata mais de uma questão de especulação e hipóteses individuais, e muito menos de “coincidências”, mas se trata de uma questão de ler corretamente os textos da Bíblia, assim como qualquer um familiarizado com a aritmética lê e verifica uma adição ou um total.<sup>16</sup> Dentro de alguns anos este sistema derrotará a letra morta da Bíblia, assim como derrotará a letra morta de outras crenças exotéricas, mostrando os dogmas<sup>17</sup> em seu significado real, destituído de adornos.

E então este significado inegável, embora incompleto, irá revelar o mistério do Ser, além de mudar inteiramente os sistemas científicos modernos da Antropologia, da Etnologia e especialmente o sistema da Cronologia. O elemento do Falicismo, encontrado em cada nome de Deus e em cada narrativa do Velho Testamento (e até certo ponto no Novo Testamento) também pode com o tempo mudar consideravelmente o ponto de vista materialista na Biologia e na Fisiologia.

Libertada do seu aspecto grosseiro e repulsivo, esta visão da natureza e do ser humano, tendo do seu lado a legitimidade dos corpos celestiais e dos seus mistérios, revelará as operações da mente humana e mostrará como era natural este tipo de pensamento. Os chamados símbolos fálicos se tornaram ofensivos apenas por causa do elemento de materialidade e de animalidade presente neles. Eles se originaram nas raças arcaicas, as quais, chegando a um conhecimento pessoal a partir dos seus ancestrais andróginos, eram as primeiras manifestações fenomênicas em sua própria visão da separação dos sexos, e conseqüentemente do mistério da criação -; portanto tais símbolos eram bastante naturais. Se as raças posteriores os degradaram, especialmente o “povo eleito”, isto não afeta a origem daqueles símbolos. A pequena tribo semítica - uma das menores ramificações da mistura da quarta sub-raça e da quinta sub-raça (a mongólica-turaniana e a chamada indo-europeia, depois do afundamento do grande continente) - podia apenas aceitar a sua simbologia com o espírito em que lhe foi dada pelas nações de onde ela se derivou. Talvez, nos começos mosaicos, aquela simbologia não fosse tão crua quanto se tornou mais tarde nas mãos de Ezra, que remodelou todo o Pentateuco. Porque o glifo da filha do Faraó (a mulher), do Nilo (o Grande Profundo e a Água), e do bebê-menino encontrado flutuando na arca de juncos não foi composto primariamente para Moisés, nem por ele. Descobriu-se que essa simbologia está antecipada em

---

<sup>16</sup> Tudo o que nós dissemos em “Ísis” é agora corroborado em “The Source of Measures” pela leitura de trechos da Bíblia, com as chaves numéricas e geométricas para eles. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>17</sup> Embora seja usada popularmente no sentido pejorativo de “crença cega”, a palavra “dogmas” diz respeito à sabedoria: significa os princípios básicos ou doutrinas fundamentais de uma religião ou filosofia religiosa. (Nota do Tradutor)

fragmentos de cerâmica babilônica, na história do rei Sargão <sup>18</sup>, que viveu muito antes de Moisés. Então, qual é a dedução lógica? Seguramente temos o direito de dizer que a história de Moisés contada por Ezra tinha sido conhecida por ele enquanto vivia na Babilônia, e que ele aplicou a alegoria contada sobre Sargão ao legislador judeu. Em resumo, podemos dizer que *Êxodo* nunca foi escrito por Moisés, mas re-produzido por Ezra com base em materiais antigos.

E neste caso, por que motivo outros símbolos e glifos, muito mais grosseiros no seu elemento fálico, não foram acrescentados por este adepto na adoração fálica mais recente dos caldeus e dos sabeus? É-nos ensinado que a fé primitiva dos israelitas era muito diferente daquilo que foi desenvolvido séculos mais tarde pelos Talmudistas, e antes deles por David e Ezequias.

---

<sup>18</sup> Na página 224 de *Assyrian Discoveries* o sr. George Smith afirma: “No palácio de Sennacherib, em Kouyunjik, eu encontrei outro fragmento da curiosa história de Sargão ..... publicada na minha tradução em *Transactions of the Society of Biblical Archaeology*, vol. I, part I, p. 46.” A capital de Sargão, o Moisés babilônico, “era a grande cidade de Agadi, chamada pelos semitas de Acade - mencionada no Gênesis como capital de Nimrod” (Gen., x, 10) ..... “Acade estava perto da cidade de *Sippara* no Eufrates e no norte da Babilônia.” (Veja *Isis, Vol. II*, pp. 442-443) [**Subnota do Tradutor:** Examine a página 83 do volume IV da edição brasileira de “*Ísis Sem Véu*”.] Outra estranha coincidência está no fato de que o nome da acima mencionada cidade vizinha de *Sippara* é igual ao nome da esposa de Moisés - *Zipora* (Êxodo, ii). Naturalmente a história é uma inteligente adição feita por Ezra, que não poderia desconhecê-la. Esta curiosa história é encontrada em fragmentos de placas de Kouyunjik, e diz o seguinte:

1. Sargona, o poderoso rei de Acade, sou eu.
2. Minha mãe era uma princesa, meu pai, não conheci; um irmão do meu pai governava o país.
3. Na cidade de Azupiran, situada à margem do rio Eufrates,
4. Minha mãe, a princesa, me concebeu; com dificuldade ela me deu à luz.
5. Colocou-me numa arca de juncos, com betume ela selou a minha saída.
6. Ela me lançou ao rio, que não me afogou.
7. O rio levou-me até Akki, o carregador de água.
8. Akki, o carregador de água, ternamente ergueu-me - etc., etc.

E agora *Êxodo*, ii: “Não podendo (a mãe de Moisés), porém, escondê-lo mais tempo, tomou uma arca feita de juncos, e a revestiu com barro e betume; e, pondo nela o menino, a pôs entre os juncos à margem do rio.”

“A história”, diz o sr. G. Smith, “aconteceu segundo se supõe em torno de 1600 A.E.C., bastante antes da suposta época de Moisés. Como sabemos que a fama de Sargão chegou ao Egito, é muito provável que este relato esteja ligado ao evento narrado em *Êxodo ii*, porque toda ação, uma vez que seja realizada, tende a repetir-se.” Mas agora, que o professor Sayce teve a coragem de empurrar as datas dos reis caldeus e assírios para dois mil anos mais cedo, Sargão deve ter antecedido Moisés 2000 anos pelo menos. (Veja as palestras, “*Lectures*”, do professor Sayce a respeito.) A confissão é sugestiva, mas o número precisa de mais um ou dois Algarismos. (Nota de H.P. Blavatsky)

Tudo isso, apesar do elemento exotérico, segundo agora se vê nos dois Testamentos, é mais do que suficiente para classificar a Bíblia entre as obras esotéricas, e para conectar o seu sistema secreto com os simbolismos indiano, caldeu, e egípcio. Todo o ciclo dos glifos e números bíblicos tal como sugeridos por observações astronômicas - e a astronomia e a teologia estão intimamente conectadas - é encontrado nos sistemas indianos, tanto exotéricos como esotéricos. Estes números e os símbolos deles, os signos do Zodíaco, os planetas, os seus aspectos e nodos - este último termo agora passou a integrar até a nossa botânica moderna para distinguir plantas masculinas e femininas (as unissexuais, as polígamas, monoicas, dioicas, etc., etc.) - são conhecidos em astronomia como *sextis*, *quartis*, e assim por diante, e têm sido usados durante eras e eras pelas nações arcaicas; e num sentido têm o mesmo significado que os numerais hebraicos. As primeiras formas de geometria elementar devem ter sido sugeridas, certamente, pela observação dos corpos celestes e seus agrupamentos. Assim, os símbolos mais arcaicos no Esoterismo Oriental são um círculo, um ponto, um triângulo, um plano, um cubo, um pentagrama, e um hexágono, e figuras planas com vários lados e ângulos. Isso demonstra que o conhecimento e o uso da simbologia geométrica são tão velhos quanto o mundo.

Começando a partir deste ponto, fica fácil compreender que a própria natureza poderia ter ensinado à humanidade primitiva - mesmo sem ajuda dos seus instrutores divinos - os primeiros princípios de uma linguagem de símbolos numéricos e geométricos.<sup>19</sup> Por isso encontramos números e cifras usados como expressão e como registro de pensamento em todas as escrituras simbólicas arcaicas. Elas são sempre as mesmas, tendo apenas algumas variações feitas a partir das primeiras cifras. Assim, a evolução e a correlação dos mistérios do Cosmos, do seu crescimento e desenvolvimento - espiritual e físico, abstrato e concreto - foram registrados inicialmente em mudanças geométricas de forma. Todas as Cosmogonias começaram com um círculo, um ponto, um triângulo, e um cubo, até o número 9, quando ela era sintetizada pela primeira linha e um círculo, a mística *Década* pitagórica, a soma de tudo envolvendo e expressando os mistérios do Cosmos inteiro; registrado cem vezes mais completamente no sistema hindu, para quem quiser entender a sua linguagem mística. Os números 3 e 4, na sua soma de 7, assim como os números 5, 6, 9 e 10, são a própria pedra angular das Cosmogonias Ocultas. Esta década e as suas mil combinações são encontradas em todas as partes do globo. São reconhecidas nas cavernas e nos templos cortados na rocha, no Hindustão e na Ásia Central, e nas pirâmides e pedras no Egito e na América; nas catacumbas de

---

<sup>19</sup> Como um lembrete do fato de que a religião *Esotérica* de Moisés foi esmagada várias vezes, e de que a adoração de Jeová, tal como restabelecida por David, foi colocada em seu lugar por Ezequias, pelo menos, leia as pp. 436-442, volume II de "[\*Isis Unveiled\*](#)". [***Subnota do Tradutor:*** Páginas 79 a 83 do volume IV da edição brasileira de "*Isis Sem Véu*".] Seguramente deve ter havido razões muito boas para que os saduceus, que deram quase todos os altos sacerdotes da Judeia, adotavam as Leis de Moisés e rejeitavam os alegados "Livros de Moisés", o Pentateuco das Sinagogas e o Talmude. (Nota de H. P. Blavatsky)

Ozimandyas <sup>20</sup>, nos montes das paisagens caucasianas cobertas de neve, nas ruínas de Palenque, na Ilha da Páscoa, por todo lado onde o homem antigo colocou alguma vez os pés. O glifo universal do 3 e do 4, do triângulo e do cubo, ou do macho e da fêmea, mostrando o primeiro aspecto da divindade em evolução, está gravado para sempre no Cruzeiro do Sul nos céus, assim como na *Cruz Ansata* do Egito. Como foi bem expressado, “O Cubo quando desdobrado é uma cruz do *tau*, na forma egípcia, ou tem a forma de uma cruz cristã ..... Um círculo colocado junto à cruz constitui numa *cruz ansata* ..... os números 3 e 4 contados na cruz, mostrando uma forma do candelabro (judaico) de ouro (no Santo dos Santos), e do  $3 + 4 = 7$ , e  $6 + 1 = 7$ , dias no *círculo da semana*, como 7 luzes do Sol. E também, assim como a semana de sete luzes deu origem ao *mês* e ao *ano*, do mesmo modo ela é a *marcadora do tempo do nascimento* ..... Uma vez que a forma da cruz é mostrada, então, através do uso conectado da forma 113:355, o símbolo é completado pelo *acréscimo de um homem à cruz*. <sup>21</sup> Este tipo de medida foi feito de modo a coordenar-se com a ideia da *origem* da vida humana, e portanto com a forma fálica.”<sup>22</sup>

As *Estâncias* mostram a cruz e estes números cumprindo um papel de destaque na cosmogonia arcaica. Enquanto isso, podemos aproveitar a evidência reunida pelo mesmo autor para mostrar a identidade de símbolos e do significado esotérico deles em todo o mundo, o que ele chama corretamente de “vestígios primordiais destes símbolos”.

“Sob a visão geral adotada em relação à natureza das formas dos números ..... tornou-se objeto de pesquisa de grande interesse saber quando e onde a existência deles e o uso deles se tornaram conhecidos pela primeira vez. Será que isso foi uma questão de revelação dentro do que nós conhecemos como era histórica - o ciclo excessivamente moderno em que a idade da raça humana é contemplada? De fato, no que diz respeito à data da sua posse pelo homem, parece ter sido algo que está mais distante dos egípcios, no passado, do que os antigos egípcios estão distantes de nós.

“As Ilhas de Páscoa no ‘meio do Pacífico’ parecem ser picos de montanhas remanescentes de *um continente submerso*, devido ao fato de que estes picos são densamente ornamentados com estátuas ciclópicas, remanescentes da civilização de um povo numeroso e cultivado, que deve necessariamente ter ocupado uma área amplamente extensa. Na parte de trás destas imagens há uma ‘*cruz ansata*’, uma cruz ansata modificada para ter o delineamento de uma forma humana. Uma

---

<sup>20</sup> Ozimandyas, Ozymandias, ou Osimandyas - um dos nomes do faraó Ramsés II. (Nota do Tradutor)

<sup>21</sup> Uma vez mais, lembremos o hindu Wittoba crucificado no espaço; o significado do “signo sagrado”, a *Suástica*; o homem decussado no Espaço, de Platão, etc., etc. (Nota de H.P. Blavatsky) [*Subnota do Tradutor*: A propósito da *Suástica*, veja nos websites associados o artigo “[O Significado da Suástica](#)”.]

<sup>22</sup> “Source of Measures”. (Nota de H. P. Blavatsky)

descrição completa, com imagem mostrando a terra, com as estátuas densamente instaladas na terra, pode ser encontrada na edição de janeiro de 1870 do *Builder*, de Londres.

“No ‘*Naturalist*’, publicado em Salem, Massachusetts, em um dos seus primeiros números, encontra-se uma descrição de algumas obras talhadas muito antigas e curiosas, situadas no ponto mais alto de montanhas da América do Sul, muito mais antigas, segundo se verifica, do que as raças que vivem atualmente. O caráter estranho destas obras talhadas está no fato de que elas mostram os contornos de um homem pendurado na cruz <sup>23</sup>, por uma série de desenhos, pelos quais, a partir da forma de *um homem*, surge a forma de *uma cruz*, mas de um modo tal que a cruz pode ser vista como o homem, ou o homem como a cruz; mostrando-se assim o caráter simbólico da interdependência das duas formas.

“É sabido que a tradição dos Astecas transmite um relato bastante perfeito do *dilúvio* ..... O barão Humboldt diz que nós devemos procurar pelo país Aztlán, o país original dos Astecas, numa região tão elevada como o paralelo 42 norte, pelo menos; de onde, viajando, eles finalmente chegaram ao vale do México. Naquele vale os montes de terra do norte distante se tornam elegantes estruturas de pedra, piramidais, e outras estruturas cujos restos são agora encontrados. As correspondências entre os restos Astecas e os restos egípcios são bem conhecidas ..... Attwater, examinando centenas delas, ficou convencido de que os Astecas tinham conhecimentos de astronomia. Humboldt faz a seguinte descrição de uma das estruturas piramidais mais perfeitas dos Astecas:

“A forma desta pirâmide (de Papantla), que tem *sete* andares, é mais pontiaguda que qualquer outro monumento deste tipo já descoberto, mas a sua altura não é notável, tendo apenas 57 pés <sup>24</sup>, enquanto a sua base possui somente 25 pés de cada lado. <sup>25</sup> No entanto, ela é notável por um fato: foi construída inteiramente com pedras talhadas, de um tamanho extraordinário, às quais se deu uma forma muito bonita. *Três* escadarias levam ao topo, cujos degraus são decorados com esculturas hieroglíficas e pequenos *nichos* colocados com grande simetria. O número destes

---

<sup>23</sup> Veja mais adiante a descrição sobre a antiga iniciação ariana: Visvakarma crucificando o Sol, “Vikkartana”, despojado dos seus raios - numa madeira em forma de cruz. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>24</sup> Cerca de 17,3 metros. (Nota do Tradutor)

<sup>25</sup> Este dado está errado. Trata-se de **25 metros**, não **pés**. Um lado de 25 pés teria apenas 7,6 metros, dimensão absurdamente pequena. O autor citado por Blavatsky, Ralston Skinner, de fato afirma (na p. 58 da sua obra) que os lados da pirâmide medem 25 pés; porém ele diz isso citando Alexander Humboldt; e Humboldt, na verdade, afirma que o lado mede 25 metros, não 25 pés. Veja “Political Essay on the Kingdom of New Spain”, de Alexander Humboldt, Vol. I, New York, publicado por I. Riley em 1811, 221 pp., Book II, Cap. VIII, p. 172. O erro não foi identificado na edição da DS feita por Boris de Zirkoff - caso raro. (Nota do Tradutor)

nichos parece aludir aos 318 *símbolos simples e compostos dos dias do calendário civil deles.*”

“318 é o valor gnóstico de Cristo”, destaca o autor, “e o famoso número dos servos treinados ou circuncidados de Abraão. Quando se leva em conta que 318 é um *valor abstrato, e universal*, como expressão do valor de um diâmetro para uma circunferência de *unidade*, o seu uso na composição do calendário civil se torna claro.”

Idênticos glifos, números e símbolos esotéricos são encontrados no Egito, no Peru, no México, na Ilha de Páscoa, na Índia, na Caldeia, e na Ásia Central. Homens crucificados, e símbolos da evolução das raças a partir de deuses; e no entanto podemos ver a ciência repudiando a ideia de *uma raça humana que não seja feita segundo a nossa imagem*. A teologia agarra-se aos seus 6.000 anos de Criação; a antropologia ensina que somos descendentes dos macacos; e o clero vê a origem humana em Adão, 4004 anos antes da era cristã!

Será que devemos, por medo de sermos chamados de tolos supersticiosos, e mesmo de *mentirosos*, abster-nos de fornecer provas - tão boas quanto quaisquer outras - apenas porque ainda não chegou o dia em que todas as SETE CHAVES serão entregues para a ciência, ou melhor, para os homens de conhecimento e os pesquisadores no campo simbólico? Diante das esmagadoras descobertas da Geologia e da Antropologia em relação à antiguidade do ser humano, será que devemos - para evitar o castigo usual de todo aquele que sai dos caminhos costumeiros, seja da Teologia ou do Materialismo - ficar com os 6000 anos e a “criação especial”, ou aceitar com submissa admiração a nossa genealogia e a nossa descendência do macaco? Não é verdade, na medida em que se sabe que os registros secretos guardam as SETE chaves do mistério da gênese do homem. Embora as teorias científicas possam ser imperfeitas, materialistas e tendenciosas, elas estão mil vezes mais perto da verdade que os devaneios da teologia. Os devaneios teológicos estão em extinção para todos, exceto para os fanáticos mais irredutíveis.<sup>26</sup> Portanto não temos alternativa exceto aceitar cegamente as deduções da ciência, ou romper com ela, e confrontá-la sem medo, afirmando o que a Doutrina Secreta nos ensina, e estando preparados para arcar com as consequências.

---

<sup>26</sup> Alguns dos seus defensores devem ter perdido a razão, segundo deveríamos concluir. Pois, o que podemos pensar quando, diante dos absurdos da *letra morta* da Bíblia, eles ainda apoiam os absurdos, publicamente e com a mesma força de sempre, e vemos os seus teólogos sustentando que, embora “as Escrituras cuidadosamente evitem (?) fazer qualquer contribuição direta ao conhecimento científico, eles nunca *tropeçaram* em qualquer afirmação *que não mantenha a luz do PROGRESSO DA CIÊNCIA!!!*” (“*Primeval Man*”, p. 14) (Nota de H.P. Blavatsky) [**Subnota do Tradutor:** Boris de Zirkoff amplia um pouco a informação bibliográfica. Da nossa parte, verificamos que o livro é intitulado “*Primeval man unveiled: or the Anthropology of the Bible*”, de 1871. O seu autor é James Gall, porém a obra foi publicada anonimamente. Por isso Blavatsky se refere a esta obra, em rodapé poucas linhas mais adiante, dizendo que o seu autor é desconhecido.]

Mas vejamos se a ciência, em suas especulações materialistas, e mesmo a teologia nos seus estertores e na sua luta suprema para reconciliar os 6000 anos desde Adão com as “Evidências Geológicas da Antiguidade do Homem”<sup>27</sup>, de Sir Charles Lyell, não nos dão elas próprias inconscientemente uma ajuda. A Etnologia, segundo confessam alguns dos seus devotos mais eruditos, já considera impossível responder por todas as variedades da raça humana, a menos que a ideia da *criação de vários Adãos* seja aceita. Eles falam de “um Adão branco e um Adão preto, um Adão vermelho e um Adão amarelo”.<sup>28</sup> Se eles fossem hindus enumerando as reencarnações de Vamadeva segundo o *Linga Purana*, eles poderiam dizer muito pouco mais do que isso. Porque, ao enumerar os repetidos renascimentos de Shiva, o *Linga Purana* descreve-o em um Kalpa como tendo cor *branca*, em outro como tendo cor *preta*, em outro ainda com uma cor *vermelha*, e depois disso o Kumara se transforma em “quatro jovens de uma cor amarela”. Esta estranha *coincidência*, como diria o sr. Proctor, é apenas mais um indício da intuição científica, já que Shiva-Kumara representa só alegoricamente as raças humanas durante a gênese do homem. Mas isso levou a outro fenômeno intuitivo - esta vez nas fileiras teológicas. O autor desconhecido de “Primeval Man”, num esforço desesperado por defender a Revelação divina das descobertas impiedosas e veementes da geologia e da antropologia, dizendo que “seria lamentável se os defensores da Bíblia fossem obrigados a escolher entre renunciar à inspiração da Escritura e negar as conclusões dos geólogos”, encontra uma possibilidade de acordo. Mais do que isso: ele dedica um grosso volume a comprovar este fato: “Adão não foi o primeiro homem<sup>29</sup> criado nesta Terra.” ..... Os restos exumados do homem pré-adâmico, “ao invés de derrubar a nossa confiança na Escritura, dão provas adicionais da sua veracidade” (p. 194). De que modo? Da maneira mais simples que se possa imaginar; porque o autor argumenta que a partir de agora “nós” (o clero) “podemos deixar os cientistas prosseguir nos seus estudos sem tentar coagi-los pelo medo da heresia” ..... (isso deve ser um verdadeiro alívio para os senhores Huxley, Tyndall, e Sir C. Lyell) ... “A narrativa da Bíblia *não começa com a criação*, como geralmente se supõe, mas com a formação de Adão e Eva, *milhões de anos depois* que o nosso planeta havia sido criado. A sua história prévia, no que diz respeito à Escritura, ainda não foi escrita” ..... “Pode ter havido não uma, mas vinte raças diferentes sobre a Terra antes da época de Adão, assim como pode haver outras vintes raças humanas diferentes em outros mundos” (p. 55) ..... Quem, então, ou o que, eram estas raças, já que o autor ainda sustenta que Adão foi *o primeiro homem da nossa raça*? ERAM AS RAÇAS SATÂNICAS! “Satã nunca (esteve) no céu, os homens e os anjos (são) uma só espécie.” Era a raça pré-adâmica dos “Anjos que pecaram”. Satã foi o

---

<sup>27</sup> Referência ao livro “Geological Evidences of the Antiquity of Man”. (Nota do Tradutor)

<sup>28</sup> “Primeval Man Unveiled, or the Anthropology of the Bible”, autor (desconhecido) de “Stars and the Angels”, 1870, p. 195. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>29</sup> Especialmente diante das evidências fornecidas pela própria Bíblia autorizada em Gênesis IV, 16-17, que mostra Caim indo para a terra de Node, e lá casando com sua noiva. (Nota de H. P. Blavatsky)



“primeiro Príncipe deste mundo”, podemos ler. Tendo morrido em consequência da sua rebelião, ele permaneceu na Terra como *espírito desencarnado*, e tentou Adão e Eva. “As eras iniciais da raça satânica, e especialmente *o tempo em que Satã viveu* (!!!) podem ter sido um período de civilização patriarcal e relativo repouso - um tempo de Tubalcaims e Jubals, quando tanto as ciências como as artes tentavam estabelecer as suas raízes no solo amaldiçoado..... Que assunto para um épico ..... (quando) há incidentes inevitáveis que devem ter ocorrido. Vemos diante de nós ..... o alegre enamorado primitivo cortejando a sua noiva ruborizada sob o orvalho do entardecer e junto aos carvalhos dinamarqueses, que então cresciam onde nenhum carvalho cresce hoje ..... o grisalho patriarca primitivo... a prole primitiva inocentemente brincando a seu lado ..... Mil imagens como estas aparecem diante de nós”! ..... (pp. 206-207).

O olhar retrospectivo para esta *satânica* “noiva ruborizada”, nos dias da inocência de Satã, não perde em poesia por ganhar em originalidade. Bem pelo contrário. A moderna noiva cristã - que nem sempre fica ruborizada hoje em dia diante dos seus alegres apaixonados modernos - poderia até mesmo tirar uma lição moral desta filha de Satã, na exuberante fantasia do seu primeiro biógrafo humano. Estas imagens - e para apreciá-las em seu verdadeiro valor é preciso examiná-las no volume que as descreve - são todas sugeridas com a intenção de conciliar a infalibilidade da Escritura revelada com a obra “*Antiquity of Man*”, de *Sir C. Lyell* e outras obras científicas consideradas prejudiciais. Mas isso não impede que a verdade e os fatos estejam na base de tais extravagâncias, que o autor jamais ousou assinar com o seu nome, nem sequer com algum nome emprestado. Porque as raças pré-adâmicas dele - não Satânicas mas simplesmente Atlânticas - e as raças Hermafroditas antes das Atlânticas - são mencionadas na Bíblia conforme se vê quando a Bíblia é lida esotericamente; assim como estão presentes na Doutrina Secreta. As SETE CHAVES abrem os mistérios - passados e futuros - das sete grandes Raças Raízes, assim como os mistérios dos sete Kalpas <sup>30</sup>. Embora a gênese esotérica do homem, e até a geologia esotérica, sejam seguramente rejeitadas pela ciência tanto quanto a ideia das raças Satânica e Pré-Adâmica, ainda assim, se os cientistas não tiverem outra maneira de vencer as suas dificuldades e tiverem de escolher entre as duas opções, temos a certeza de que, apesar das Escrituras, uma vez que a linguagem dos mistérios seja mais ou menos conhecida, é o ensinamento arcaico que será aceito.

---

<sup>30</sup> Kalpa - um Éon, ou uma eternidade; um período imenso de tempo, de certo modo semelhante a Manvântara. No entanto, a palavra “Kalpa” pode ser usada para designar ciclos variados, seja de um globo ou de um sistema solar como um todo. Com frequência o termo “Kalpa” é usado na presente obra como sinônimo de “Ronda”. (Nota do Tradutor)

## 3. Substância Primordial e Pensamento Divino [\(Volte para o Sumário\)](#)

“Iria parecer irracional afirmar que já conhecemos todas as causas existentes. Portanto, devemos pedir permissão para supor, se for necessário, *um agente inteiramente novo*.”

“Supondo, o que ainda não tem uma estrita precisão, que a hipótese ondulatória explica todos os fatos, somos chamados a decidir se a existência do Éter ondulatório é desta maneira comprovado. *Não podemos afirmar positivamente que nenhuma outra suposição irá explicar os fatos*. Admite-se que a hipótese corpuscular de Newton foi destruída por Interferência<sup>31</sup>; e não há, neste momento, qualquer rival <sup>32</sup>. Ainda assim, é extremamente desejável em todas estas hipóteses encontrar alguma confirmação colateral, alguma evidência *externa*, DO SUPOSTO ÉTER ..... Algumas Hipóteses consistem de suposições sobre a estrutura e as operações pequenas dos corpos. Devido à natureza do caso, elas nunca podem ser comprovadas por meios diretos. O principal mérito delas *é a sua capacidade de expressar os fenômenos*. Elas são FICÇÕES REPRESENTATIVAS.” (“Logic”, de Alexander Bain, LL.D., Parte II, p. 133)

O Éter, este Proteus <sup>33</sup> *hipotético*, uma das “*Ficções representativas*” da ciência moderna e que, no entanto, foi *aceito* durante tão longo tempo, é um dos “princípios” inferiores do que nós chamamos de SUBSTÂNCIA PRIMORDIAL (Akasha, em sânscrito), um dos *sonhos* de antigamente, e que agora se tornou novamente o sonho da ciência moderna. Entre as especulações que ainda resistem, feitas pelos filósofos antigos, é a maior e a mais ousada. Para os Ocultistas, porém, tanto o ÉTER como a Substância Primordial são uma realidade. Para colocar a questão com clareza, o ÉTER é a Luz Astral, e a Substância Primordial é AKASHA, o *Upadhi* do PENSAMENTO DIVINO.

---

<sup>31</sup> Em Física, *interferência* é um fenômeno no qual duas ondas se sobrepõem ou são combinadas para formar uma onda resultante. Experimentos com interferência demonstraram o fato de que a luz se comporta como uma onda. (Nota do Tradutor)

<sup>32</sup> Isto é, *não há qualquer rival à hipótese ondulatória mencionada pouco acima*. (Nota do Tradutor)

<sup>33</sup> Proteus: um dos deuses do mar na Grécia antiga, filho e ajudante de Poseidon (Netuno). Proteus era capaz de assumir qualquer forma ou aspecto. (“*The Illustrated Encyclopedia of Myths & Legends*”, by Arthur Cotterell.) Daí vem a relação dele com o éter, que não tem forma externa nem está limitado pelo plano físico. (Nota do Tradutor)

Na linguagem moderna, o PENSAMENTO DIVINO seria chamado mais corretamente de IDEIAÇÃO CÓSMICA - Espírito; e a Substância Primordial, de SUBSTÂNCIA CÓSMICA, Matéria. Estes dois, o Alfa e o Ômega do Ser, são apenas as duas *facetas* da Existência una Absoluta. Esta última nunca foi abordada e nem sequer mencionada por nome algum na antiguidade, exceto alegoricamente. Na raça ariana mais antiga, a hindu, a adoração das classes intelectuais nunca consistiu (como entre os gregos) de uma fervorosa adoração de formas e de arte maravilhosas, o que mais tarde levou ao antropomorfismo. Mas enquanto os filósofos gregos adoravam a forma, e só o sábio hindu “percebia a verdadeira relação entre a beleza terrena e a verdade eterna”, os não-educados de todas as nações não entendiam nenhuma das duas coisas, em tempo algum.

Eles não entendem nem mesmo agora. A evolução da IDEIA-DE-DEUS avança passo a passo com a evolução intelectual do próprio homem. Isso é tão verdadeiro que o mais nobre ideal a que o Espírito religioso de uma época pode elevar-se parece ser uma caricatura grosseira para a mente filosófica de uma época posterior! Os próprios filósofos tinham que ser *iniciados em mistérios perceptivos*, antes que pudessem compreender a ideia correta dos antigos em relação a este assunto extremamente metafísico. De outro modo - na ausência de uma tal iniciação - para cada pensador haverá um “avançarás até aqui e não mais”, determinado pela sua capacidade intelectual, tão clara e tão infalivelmente quanto existe um “avançarás até aqui e não mais” que é estabelecido pela lei do Carma para o progresso de cada nação ou raça, em seu ciclo. Fora da iniciação, os ideais do pensamento religioso contemporâneo devem ter as suas asas sempre cortadas e permanecer incapazes de elevar-se mais alto; porque tanto os pensadores idealistas como os realistas, e mesmo os livres-pensadores, são apenas o resultado e o produto natural dos seus respectivos ambientes e períodos. Os ideais de ambos são apenas os resultados necessários dos seus temperamentos, e são um produto daquela fase de progresso intelectual que uma nação, no seu aspecto coletivo, alcançou. Por isso, como já foi destacado, os voos mais altos da metafísica moderna (ocidental) falharam completamente na busca da verdade. Grande parte da especulação Agnóstica atual sobre a existência da “Primeira Causa” é pouco melhor do que um materialismo velado - e só é diferente na terminologia. Mesmo um grande pensador como o sr. Herbert Spencer fala do “Incognoscível” ocasionalmente em termos que demonstram a influência letal do pensamento materialista, que, como o Siroco <sup>34</sup> mortal, vem secando e destruindo todas as especulações ontológicas.<sup>35</sup>

---

<sup>34</sup> Siroco - Vento quente e seco que sopra no Mediterrâneo. (Nota do Tradutor)

<sup>35</sup> Por exemplo, quando ele qualifica a “Primeira Causa” - o INCOGNOSCÍVEL - como “um poder que se *manifesta* através de fenômenos”, e como “uma *Energia* infinita eterna” (?) fica claro que ele só captou o aspecto *físico* do mistério da Existência - apenas as energias da Substância Cósmica. O aspecto coeterno da REALIDADE UNA - a Ideação Cósmica - (quanto ao seu *númeno*, ele parece *não existir* na mente do grande pensador) é absolutamente omitido em todas as considerações. Sem dúvida, este modo *unilateral* de lidar com o problema se deve em grande parte à prática perniciosa do Ocidente de subordinar a consciência, ou vê-la como um “subproduto” da movimentação molecular. (Nota de H. P. Blavatsky)

Desde as primeiras eras da Quarta Raça, quando só o Espírito era adorado e o mistério se fazia manifesto, até os últimos dias prósperos da arte grega no começo do cristianismo - só os Helenos haviam ousado erguer publicamente um altar ao DEUS DESCONHECIDO. Seja o que for que S. Paulo tenha pensado em sua mente profunda ao declarar aos atenienses que este “desconhecido”, ignorantemente adorado por eles, era o verdadeiro Deus anunciado por ele próprio - o fato é que aquela divindade *não era* “Jeová” (veja “*O Santo dos Santos*”<sup>36</sup>); e que ele tampouco era “o Criador do mundo e de todas as coisas”. Porque não é o “Deus de Israel” mas o “Desconhecido” do panteísta antigo e moderno que “não vive em templos *construídos com as mãos*” (Atos, xviii, 23-24).

O pensamento divino não pode ser definido, nem o seu significado explicado, exceto através das inúmeras manifestações da Substância Cósmica na qual ele é *sentido* espiritualmente por aqueles que são capazes de fazê-lo. Dizer isso, depois de tê-lo definido como a Divindade Desconhecida, abstrata, impessoal, sem sexo, que deve ser colocada na raiz de cada Cosmogonia e da sua evolução subsequente, é o mesmo que não dizer coisa alguma. É como tentar fazer uma equação transcendente das condições para os valores reais de um conjunto, tendo em mãos para deduzi-los apenas um certo número de quantidades *desconhecidas*. O seu lugar é encontrado nos velhos mapas primitivos, simbólicos, nos quais, tal como mostrado no texto, a Divindade Desconhecida é representada como uma escuridão ilimitada, sobre cuja base aparece o primeiro ponto central branco - o que simboliza o ESPÍRITO-MATÉRIA coevo e coeterno fazendo a sua aparição no mundo fenomênico, antes da sua primeira diferenciação. Quando “o um se torna dois”, é possível então referir-se a ele como Espírito e matéria. Referem-se ao “Espírito” todas as manifestações da consciência, reflexivas ou diretas, e cujo *propósito é inconsciente* (para adotar uma expressão moderna usada na chamada *filosofia* ocidental) tal como evidenciado no Princípio Vital, e na submissão da Natureza à majestosa sequência da lei imutável. “Matéria” deve ser vista como objetividade na sua abstração mais pura - a base autoexistente cujas diferenciações manvantáricas setenárias constituem a realidade objetiva que está na base dos fenômenos de cada fase da existência consciente. Durante o período do Pralaya Universal, a Ideação Cósmica é não-existente; e os estados variadamente diferenciados da Substância Cósmica estão outra vez de volta ao estado primário de objetividade abstrata potencial.

O impulso manvantárico começa com o redespertar da Ideação Cósmica (a “Mente Universal”) simultaneamente e em paralelo com o surgimento primário da Substância Cósmica - sendo que esta última é o veículo manvantárico da Ideação Cósmica - a partir do seu estado *pralaico* indiferenciado. Então, a sabedoria absoluta se reflete nesta ideação, que - através de um processo transcendental, superior à Consciência humana e incompreensível para ela - resulta na Energia Cósmica (*Fohat*). Vibrando através do interior da Substância inerte, *Fohat* a impele à atividade e guia as suas primeiras diferenciações em todos os Sete planos da

---

<sup>36</sup> O texto “O Santo dos Santos” começa na página 459 do [volume II](#) da [edição de 1888](#). (Nota do Tradutor)

Consciência Cósmica. Há assim *Sete Protilos*<sup>37</sup> (segundo eles são chamados agora) enquanto a antiguidade ariana os chamava de Sete Prakriti, ou Sete Naturezas, servindo, de várias maneiras, como uma base *relativamente* homogênea que, no curso da crescente heterogeneidade (na evolução do Universo), se diferencia na maravilhosa complexidade apresentada pelos fenômenos nos planos de percepção. O termo “relativamente” é usado de propósito, porque a própria existência deste processo, que resulta nas segregações primárias da Substância Cósmica indiferenciada ao formar as suas sete bases de evolução, nos compele a considerar o *protilo*<sup>38</sup> de cada plano como apenas uma fase *mediata* assumida pela Substância em sua passagem desde a objetividade abstrata para a plena objetividade.

Diz-se da Ideação Cósmica que ela é não-existente durante os períodos Pralaicos, pela simples razão de que não há ninguém, nem coisa alguma, para perceber os seus efeitos. Não pode haver manifestação de Consciência, de semiconsciência, e nem mesmo de um “propósito inconsciente”, exceto através do veículo da matéria. Isto significa dizer que, no nosso plano - no qual a consciência humana *em seu estado normal* não pode elevar-se acima do que é conhecido como metafísica transcendental - é apenas através de alguma agregação ou tecido molecular que o Espírito se acumula até formar uma corrente de subjetividade individual ou subconsciente. E como a Matéria existindo além do que se pode perceber é uma mera abstração, estes dois aspectos do ABSOLUTO - a Substância Cósmica e a Ideação Cósmica - são mutuamente interdependentes. Em linguagem mais exata - para evitar confusão ou interpretações erradas - o termo “Matéria” deveria ser aplicado para o conjunto de objetos de possível percepção, e “Substância” para os *númenos*, porque na medida em que os fenômenos do *nosso* plano são criação do Ego que percebe - as modificações da sua própria subjetividade - todos os “estados de matéria que representam o conjunto dos objetos percebidos” pode ter apenas uma existência relativa e puramente fenomênica para as crianças do nosso plano. Como diriam os modernos Idealistas, a cooperação entre sujeito e objeto resulta no sentido-e-objeto, ou fenômeno. Mas isso não leva necessariamente à conclusão de que é a mesma coisa em todos os outros planos; nem de que a cooperação dos dois nos planos da sua diferenciação setenária resulta num conjunto setenário de fenômenos que são, de modo semelhante, não-existentes *per se*, embora sejam realidades concretas para as Entidades de cuja experiência eles fazem parte, da mesma maneira como as rochas e os rios ao nosso redor são reais desde o ponto de vista de um

---

<sup>37</sup> Protilos; “Protyles” no original em inglês. Como foi visto na primeira parte deste volume I, a palavra vem do grego: “protos”, primeiro, e “yle”, matéria. Matéria primordial. (Nota do Tradutor)

<sup>38</sup> O termo *Protilo* se deve ao sr. Crookes, o eminente químico, que deu este nome à *pré-Matéria*, se podemos chamar deste modo as substâncias primordiais e puramente homogêneas, das quais se suspeita - se ainda não foram descobertas pela ciência - que estão na composição última do átomo. Mas a incipiente segregação de matéria primordial em átomos e moléculas tem o seu avanço após o surgimento dos Sete *Protilos*. É o último destes Protilos - tendo sido detectada recentemente a possibilidade da sua existência em nosso plano - que o sr. Crookes está buscando identificar. (Nota de H.P. Blavatsky)

físico, mas são ilusões irreais dos sentidos desde o ponto de vista dos metafísicos. Seria errado expressar, ou mesmo conceber uma tal ideia. Desde o ponto de vista da metafísica mais elevada, o Universo inteiro, deuses incluídos, é uma ilusão; mas a ilusão daquele que é em si mesmo uma ilusão é diferente em cada plano de consciência; e nós não temos mais direito de dogmatizar sobre a possível natureza das faculdades perceptivas de um Ego no, digamos, sexto plano, do que de identificar as nossas percepções com - ou transformá-las num padrão para avaliar - as percepções de uma formiga, no modo de consciência *da formiga*. O objeto puro, à parte da consciência <sup>39</sup>, é desconhecido para nós enquanto estamos vivendo no plano do Mundo tridimensional; porque nós conhecemos apenas os estados mentais que ele desperta no Ego percebedor. E, enquanto durar o contraste entre Sujeito e Objeto - isto é, enquanto nós dispusermos dos nossos cinco sentidos e não mais do que isso, e não soubermos como divorciar o nosso *Ego* que tudo percebe (o Eu Superior) da escravidão destes sentidos - enquanto essa condição durar, será impossível para o Ego *pessoal* romper a barreira que o separa de um conhecimento das *coisas em si mesmas (ou Substância)*. Este Ego, progredindo num arco de subjetividade ascendente, deve exaurir a experiência de cada plano. Mas só depois de a Unidade unir-se ao TODO, seja neste ou em qualquer outro plano, e Sujeito e Objeto desaparecerem igualmente na absoluta negação do Estado Nirvânico (negação, cabe dizer, *apenas desde o nosso plano*) é conquistado o ponto mais alto da Onisciência - o conhecimento das coisas-em-si-mesmas; e a solução do enigma ainda mais impressionante, diante do qual até o mais elevado Dhyán Chohan deve inclinar-se no seu silêncio e na sua ignorância - o inefável mistério daquilo que é chamado pelos vedantinos de PARABRAHMAM.

Portanto, sendo este o caso, todos os que tentaram dar um nome para o Princípio incognoscível apenas o degradaram. Até mesmo falar da Ideação Cósmica - exceto no seu aspecto *fenomênico* - é como tentar engarrafar o Caos primordial, ou colocar um rótulo impresso em papel na ETERNIDADE.

O que é, então, a “Substância primordial”, esse objeto misterioso do qual a Alquimia estava sempre falando, e que tem sido assunto da especulação filosófica de todas as eras? O que pode ela ser afinal, mesmo na sua pré-diferenciação fenomênica? Mesmo *ela é o TODO* na Natureza manifestada e é - *nada* para os nossos sentidos. Ela é mencionada sob vários nomes em todas as cosmogonias; todas as filosofias se referem a ela, e mostram até hoje que ela é PROTEUS, sempre capturando-e-escapando na Natureza. Nós a tocamos e não a sentimos; a olhamos sem vê-la; nós a respiramos e não a percebemos; a escutamos e a cheiramos sem ter a menor noção de que ela está presente; porque ela está em cada molécula daquilo que em nossa ilusão e ignorância vemos como Matéria em qualquer um dos seus estados; ou que

---

<sup>39</sup> A Ideação Cósmica focada em um princípio ou *upadhi* (base) resulta como a consciência do Ego individual. A sua manifestação varia de acordo com os graus do *upadhi*; por exemplo, através daquilo que se conhece como *Manas*, surge como Consciência Mental; e através do tecido mais finamente diferenciado (sexto estado da matéria) de *Buddhi*, que adota a experiência de *Manas* como sua base - surge como uma corrente de INTUIÇÃO espiritual. (Nota de H. P. Blavatsky)

concebemos como um sentimento, um pensamento, uma emoção ..... Em resumo, é o “*upadhi*”, ou veículo, de todos os fenômenos possíveis, sejam físicos, mentais ou psíquicos. Nas frases de abertura do Gênesis, assim como na Cosmogonia dos Caldeus, nos *Puranas* da Índia, e no *Livro dos Mortos* do Egito, ela abre sempre o ciclo da manifestação. Ela é chamada de “Caos”, e é a face das águas, incubadas pelo Espírito que procede do Desconhecido, sob qualquer nome. (*Veja a próxima seção, “O Caos, Theos e o Cosmo”.*)

Os autores das Escrituras sagradas na Índia aprofundam mais na origem das coisas criadas do que Tales <sup>40</sup>, ou Jó, porque eles dizem:

“Da INTELIGÊNCIA (chamada de MAHAT nos *Puranas*), associada com IGNORÂNCIA (Ishwara, como uma divindade *pessoal*), *ajudada por seu poder de projeção*, no qual predomina a qualidade da apatia (*tamas*, insensibilidade), procede o *Éter* -, do éter, o ar; do ar o calor; do calor, a água; e da água, a terra com tudo nela”. “DISSO, deste mesmo SER, foi produzido o *Éter*”, diz o Veda. (*Taittiriya Upanixade II, 1.*)

Fica assim evidente que não é *este* *Éter* - surgido na quarta etapa de uma *Emanação* de Inteligência “associada com Ignorância” - que constitui o princípio elevado, a Entidade *deífica* adorada pelos gregos e latinos sob os nomes de “*Pater omnipotens Aether*” e “*Magnus Aether*” nos seus agregados coletivos. A graduação setenária, e as inumeráveis subdivisões e diferenças, feitas pelos antigos entre os poderes do *Éter* coletivamente, desde o seu limite externo de efeitos, com o qual a nossa ciência está tão familiarizada, até a “Substância Imponderável”, no passado aceita como o “*Éter do Espaço*”, e agora a um passo de ser rejeitada, tem sido sempre um enigma insolúvel para todos os ramos de conhecimento. Os estudiosos de mitologia e simbologia dos nossos tempos, perplexos diante desta glorificação incompreensível, por um lado, e pela degradação, de outro lado, da mesma entidade deificada nos mesmos sistemas religiosos, são com frequência levados aos erros mais ridículos. A Igreja, firme como uma rocha em cada um e todos os seus antigos erros de interpretação, transformou o *Éter* na moradia das suas legiões satânicas! <sup>41</sup> Toda a hierarquia dos anjos “Caídos” está lá; os *Cosmocratores* <sup>42</sup> - ou “carregadores do

---

<sup>40</sup> Tales de Mileto, um dos Sete Sábios da Grécia. Ensinou sobre a origem do universo. (Nota do Tradutor)

<sup>41</sup> Porque é desta maneira que a Igreja interpretou o verso 12 no capítulo VI de Efésios: “Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século”. Mais adiante São Paulo menciona as *malícias* espirituais (“maldades” em textos em língua inglesa) ESPALHADAS NO AR - “*Spiritualia nequitiae coelestibus*” e os textos em latim dão vários nomes a estas “malícias”, os inocentes “Elementais”. Mas a Igreja está certa esta vez, embora errada em chamá-las todas de diabos. A LUZ ASTRAL ou *Éter* inferior *está* cheia de entidades conscientes, semiconscientes e inconscientes; no entanto a Igreja tem menos poder sobre elas do que sobre micróbios invisíveis ou mosquitos. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>42</sup> *Cosmocratores* - do grego, “construtores do universo”. (Nota do Tradutor)

mundo” (de acordo com Bossuet); *Mundi Tenentes* - “aqueles que seguram o mundo”, como Tertuliano os chama; e *Mundi Domini* - “domínios do mundo”, ou melhor, *dominadores do mundo*, os *Curbati*, ou “Curvados”, etc., que assim fazem das estrelas e orbes celestes nas suas trajetórias - Diabos!

A diferença estabelecida entre os sete estados do Éter (o qual é ele mesmo um dos sete princípios Cósmicos), enquanto o Aether dos antigos é o Fogo *universal*, pode ser vista nas injunções de Zoroastro e Pselo <sup>43</sup>, respectivamente. Zoroastro disse: “Consulta-o somente quando ele está sem forma ou figura”, *absque forma et figura*, o que significa sem chamas nem brasas queimando. “Quando ele tem uma forma - não dê atenção a ele”, ensina Pselo, “mas quando ele não tem forma, obedeça a ele, porque ele é então o *fogo sagrado*, e tudo o que ele revelar a você será verdadeiro.”<sup>44</sup> Isso prova que o Éter, em si mesmo um aspecto do Akasha, tem por sua vez vários aspectos ou “princípios”.

Todas as nações antigas deificaram o Éter no seu aspecto e potência imponderáveis. Virgílio chama Júpiter de *Pater Omnipotens Aether*, “o grande Éter”. <sup>45</sup> Os hindus também o colocaram entre as suas divindades, sob o nome de *Akasha* (a síntese do Éter). E o autor do sistema Homeomeriano <sup>46</sup> de filosofia, Anaxágoras de Clazômenas, acreditava firmemente que os protótipos espirituais de todas as coisas, assim como os elementos delas, podiam ser encontrados no Éter ilimitado onde elas foram geradas, de onde surgiram, e para onde elas retornarão - um ensinamento Oculto.

Torna-se claro, deste modo, que do Éter, no seu aspecto mais elevado e sintético, uma vez que foi antropomorfizado, surgiu a primeira ideia de uma divindade pessoal criadora. Entre os filósofos hindus os elementos são *Tamas*, isto é, são “não-iluminados pelo *intelecto*, que eles tornam obscuro.”

Devemos agora esgotar a questão do significado místico do “Caos Primordial” e do Princípio-de-Raiz, e mostrar como eles estão ligados nas filosofias antigas com Akasha, erradamente traduzido como Aether <sup>47</sup>, e também com *Maya* (ilusão) - da qual *Ishwara* é o aspecto masculino. Falaremos mais adiante do “princípio”

---

<sup>43</sup> Mikhael Psellos ou Miguel Pselo - filósofo neoplatônico e estadista bizantino do século 11. (Nota do Tradutor)

<sup>44</sup> *Effatum* XVI. “Oracles of Zoroaster”. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>45</sup> *Geórgica*, Livro II. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>46</sup> Homeomeriano, ou *Homoimeriano* - relativo ao princípio da Homeomeria, ou Homoimeria, na filosofia de Anaxágoras, que afirma a presença de uma similitude e uma homogeneidade nas partículas “menores” - etéreas - que formam qualquer substância. A cosmogonia de Anaxágoras tem vários pontos em comum com “A Doutrina Secreta”. (Nota do Tradutor)

<sup>47</sup> Aether, ou Éter. (Nota do Tradutor)



*inteligente*, ou melhor, das propriedades invisíveis *imateriais*, nos elementos visíveis e materiais, que “surgiram do Caos *primordial*”.

Porque, “o que é o Caos primordial, exceto o Éter?” pergunta “Ísis Sem Véu”. Não o Éter *moderno*; não o Éter como é reconhecido agora, mas tal como *era* conhecido pelos filósofos antigos muito tempo antes de Moisés; mas o *Aether*, com todas as suas propriedades misteriosas e ocultas, contendo em si os germes da criação universal. O Éter *mais elevado* ou Akasha é a virgem celestial e mãe de todas as formas e de todos os seres existentes, de cujo seio, tão logo ela é “incubada” pelo Espírito Divino, são chamados à existência a Matéria e a Vida, a Força e a Ação. O Éter é o Aditi dos hindus, e é Akasha. A eletricidade, o magnetismo, o calor, a luz e a ação química são tão pouco compreendidos mesmo hoje que fatos novos estão ampliando constantemente o nosso conhecimento. Quem sabe qual é o limite do poder deste gigantesco Proteus - o Éter; ou qual é a sua misteriosa origem? Quem pode negar o espírito que trabalha nele, e que tira dele todas as formas visíveis?

Será fácil mostrar que as lendas cosmogônicas de todo o mundo estão baseadas em um conhecimento que os antigos tinham destas ciências, que hoje foram reunidas de modo a apoiar a doutrina da evolução; e mais pesquisas podem demonstrar que aqueles antigos estavam muito mais familiarizados com o próprio fato da evolução, tanto nos seus aspectos físicos como espirituais, do que nós estamos agora.

“Entre os antigos filósofos, a ideia da evolução era um teorema fundamental, uma doutrina que abarcava o *todo*, e um princípio estabelecido; enquanto que os nossos evolucionistas modernos são capazes de apresentar apenas teorias especulativas; e teoremas *específicos*, quando não inteiramente *negativos*. É inútil para os representantes da nossa sabedoria moderna evitar o debate e fingir que a questão está resolvida, apenas porque a obscura fraseologia Mosaica, muito posterior, entra em choque com a exegese definida da ‘Ciência Exata’.” (“Ísis Sem Véu”)

Se examinamos as “Leis (ou Ordenações) de Manu”, encontramos o protótipo de todas estas ideias. Apesar de estarem na sua maioria perdidas (para o mundo Ocidental) na sua forma original e desfiguradas por interpolações e adições de períodos posteriores, elas preservaram mais do que o suficiente do seu Espírito antigo para mostrar o seu caráter. “Removendo a escuridão, o Senhor Autoexistente” (*Vishnu, Narayana, etc.*), tornando-se manifestado, e “desejando produzir seres da Essência de si mesmo, criou, no começo, somente a água. Nela ele lançou sementes ..... Que se tornaram um Ovo dourado.” (V. 6, 7, 8, 9.) De onde surgiu este Senhor Autoexistente? Ele é chamado de ISSO, e mencionado como “Escuridão, imperceptível, sem qualidades definidas, impossível de descobrir como se estivesse inteiramente adormecido.” (V. 5) Tendo vivido naquele Ovo durante um ano divino inteiro, ele “que é chamado no mundo de Brahmâ”, divide aquele Ovo, e desde a sua porção superior ele faz o céu divino e mais elevado, da porção inferior ele faz a Terra; e do meio ele faz o céu terrestre, e “o lugar perpétuo das águas”. (12, 13)

Mas logo depois destes versos há algo mais importante para nós, porque corrobora inteiramente nossos ensinamentos esotéricos. Desde o verso 14 até o verso 36, a

evolução é dada na ordem descrita na filosofia Esotérica. Isso não pode ser facilmente negado. Mesmo Medhatithi, o filho de Viraswamin e autor do Comentário, “o Manubhasya”, cuja data - de acordo com os Orientalistas ocidentais - é 1000 da Era Cristã, nos ajuda com as suas observações a elucidar a verdade. Ele mostrou-se pouco inclinado a dizer mais, porque conhecia aquela verdade que deve ser mantida longe do profano, ou então ele estava realmente perplexo. Ainda assim, o que ele revela deixa muito clara a existência do princípio setenário nos seres humanos e na natureza.

Começemos com o Capítulo I das “Ordenações” ou “Leis” depois que o Senhor Autoexistente, o *imanifestado* Logos da Desconhecida “Escuridão” se torna manifestado no Ovo dourado. É deste “Ovo” -

“(11.) Daquilo que é a causa indiferenciada, eterna, que *É e Não É*, da qual saiu aquele macho que é chamado no mundo de Brahmâ .....”

Aqui encontramos, como em todos os sistemas filosóficos autênticos, inclusive o “Ovo” ou Círculo (ou Zero), a ilimitada Infinitude, mencionada como ISSO <sup>48</sup> e Brahmâ, a primeira *unidade* apenas, mencionada como o deus *macho*, isto é, o Princípio frutificador. Ele é ① ou 10 (dez), a Década. Apenas no plano do Setenário *ou nosso Mundo*, ele é chamado de Brahmâ. No mundo da *Década Unificada* no reino da Realidade, este Brahmâ masculino é uma ilusão.

“(14.) Do Eu (*atmanah*) <sup>49</sup> ele criou a mente, (1) *que é e não é*; (2) e da mente, o Ego-ismo (Autoconsciência), o governante; (3) o Senhor.”

(1) A mente é *Manas*. Medhatithi, o comentador, observa corretamente aqui que é o contrário disso e mostra interpolação e alterações; porque é *Manas* que surge de *Ahamkara* ou Autoconsciência (Universal), já que *Manas* no microcosmo surge de Mahat, *ou Maha-Buddhi* (Buddhi, no ser humano). Porque *Manas* é dual, e tal como mostrado e traduzido por Colebrooke, “*está trabalhando tanto para os sentidos como para a ação*, é um órgão por afinidade, sendo cognato do resto”. “O resto”, aqui, significa que *Manas*, nosso *quinto* princípio (quinto, porque o corpo foi qualificado como *primeiro*, o que é o reverso da verdadeira ordem filosófica) <sup>50</sup>, está em afinidade tanto com Atma-Buddhi como com os quatro princípios inferiores. Em

<sup>48</sup> O ápice ideal do triângulo Pitagórico: veja as seções “A Cruz e o Círculo” e “A Cruz e a Década Pitagórica”, no volume II. (Nota de H. P. Blavatsky) [*Subnota do Tradutor*: “A Cruz e o Círculo” começa à página 545, volume II de “[The Secret Doctrine](#)”. “A Cruz e a Década Pitagórica” começa na página 573 do volume II de “[The Secret Doctrine](#)”.”]

<sup>49</sup> Eu (*atmanah*) - No original, a palavra “Self” significa “Ser”, “Eu” ou “Si-Mesmo”. Mas temos aqui entre parenteses a palavra “*atmanah*”: trata-se portanto de *Atma*, conceito muito mais preciso do que “Eu” ou “Self”. (Nota do Tradutor)

<sup>50</sup> Veja a tradução de A. Coke Burnell, editada por Ed. W. Hopkins, Ph.D. (Nota de H. P. Blavatsky)

consequência disso, o nosso ensinamento afirma que Manas segue Atma-Buddhi no Devachan, e que Manas inferior (a escória, o resíduo de Manas) permanece com Kama rupa, no *Limbus*, ou Kama-loka, a morada das “Casca”.

(2) Este é o significado de *Manas*, que “é, e não é”.

(3) Medhatithi o traduz como “aquele que é consciente do Eu”, ou Ego, não “governante” como os orientalistas traduzem. Assim, eles traduzem o verso 16 da seguinte maneira: “Ele também, tendo feito as partes sutis daqueles seis (o Grande Eu e os cinco órgãos dos sentidos) de um brilho imensurável, para entrar nos elementos do Eu (*Atmamatrasu*) criou todos os seres.”

Mas, de acordo com Medhatithi, o texto deveria dizer *matra-Chit* ao invés de “*Atmamatrasu*”, e teria que ficar assim:

“Ele, tendo permeado as partes sutis daqueles seis, de brilho imensurável, com elementos do eu, criou todos os seres.”

Esta última versão deve ser a correta, já que ele, o *Eu*, é o que nós chamamos Atma, e assim constitui o sétimo princípio, a síntese dos “seis”. Esta é também a opinião do editor de *Manava-dharma Shastra*, que parece haver entrado intuitivamente de modo muito mais profundo no espírito da filosofia do que o tradutor das “Ordenações de Manu”, o falecido Dr. Burnell. Porque ele hesita muito pouco entre o texto de Kulluka e os Comentários de Medhatithi. Rejeitando os *tanmatra*, ou elementos sutis, e o *Atmamatrasu* de Kulluka, ele diz, aplicando os princípios ao *Eu* Cósmico: “Os seis parecem ser o *manas* mais os cinco princípios, Éter, ar, fogo, água e terra”; “tendo unido cinco porções destes seis com o elemento espiritual (o sétimo), ele (assim) criou todas as coisas existentes”; *atmamatra* é portanto o átomo espiritual em contraste com os “elementos de si mesmo” que são elementares, não reflexivos. Assim ele corrige a tradução do verso:

“17. Como os elementos sutis das formas corporais *Dele* dependem destes seis, o sábio chama esta forma de *çarira*” (*sharira*).

E ele diz que “Elementos” aqui significa porções ou partes (ou princípios), cuja interpretação é dada pelo verso 19, que afirma:

“19. Este (Universo) não eterno surge então do Eterno, por meio dos elementos sutis das formas *daqueles sete* princípios muito gloriosos” (*purusha*).

Comentando sobre isso, segundo Medhatithi, o Editor observa que “são assim mencionados os cinco elementos mais a mente (*Manas*) e a Autoconsciência (*Ahamkara*)”<sup>51</sup>; “elementos sutis”, como antes (significa) “cinco porções da forma”

<sup>51</sup> *Ahamkara*, como Autoconsciência universal, tem um aspecto tríplice, assim como *Manas*. Porque esta concepção de “Eu”, ou *Ego*, ou é *satwa*, “pura quietude”, ou surge como *rajas*, “ação”, ou permanece como *tamas*, “estagnação”, na escuridão. *Ahamkara* pertence ao Céu e à Terra, e assume as características de ambos. (Nota de H.P. Blavatsky)

(ou princípios). Porque o verso 20 demonstra isso, ao dizer destes cinco elementos, ou “cinco porções da forma” (*rupa*, mais *Manas*, e Autoconsciência) que eles constituem os “*sete purusha*”, ou *princípios*, chamados nos Puranas de “Sete Prakritis”.

Além disso, estes “cinco elementos” ou “cinco porções” são mencionados no verso 27 como “aqueles que são chamados porções atômicas destrutíveis” - portanto “diferentes dos átomos de nyaya.”

Este Brahmâ criativo, que surge do ovo do mundo ou ovo dourado, reúne em si mesmo tanto o princípio masculino como o princípio feminino. Ele é, em resumo, igual a todos os Protolgoi criativos. De Brahmâ, no entanto, não se poderia dizer, como se diz de Dioniso: “*πρωτόγονον διφυῆ τρίγονον Βακχεῖον Ἄνακτα Ἄγριον ἄρρητὸν κρύφιον δικάρωτα δίμορφον*” - um Jeová lunar - Baco na verdade, com Davi dançando nu diante do seu *símbolo* na arca -; porque nenhum festival Dionisíaco licencioso foi jamais estabelecido em seu nome ou em sua honra. Toda adoração pública era exotérica, e os grandes símbolos universais foram distorcidos universalmente, assim como os de Krishna são agora distorcidos pelos Vallabacharyas de Bombaim <sup>52</sup>, os seguidores do deus *criança*. Mas serão estes deuses populares a *verdadeira divindade*? São *eles* o Ápice e a síntese da criação setenária, com o ser humano incluído? Nunca! Cada um e todos eles são degraus daquela escada setenária da Consciência Divina, tanto pagã quanto cristã. Porque de Ain-Soph também se diz que se manifesta através das *sete letras do nome de Jehovah*, porque, tendo usurpado o lugar do Desconhecido Ilimitado, recebeu dos seus devotos os seus Sete Anjos da Presença, os seus *Sete Princípios*. E no entanto eles são mencionados em quase todas as escolas. Na filosofia Sankhya pura, *mahat*, *ahamkara* e os cinco *tanmatras* são chamados de *sete Prakritis* (ou Naturezas), e eles são contados desde *Maha-Buddhi* ou Mahat para baixo até a Terra. (Ver *Sankhya Karika* III e Comentários.)

No entanto, por mais desfigurada que esteja em função dos propósitos rabínicos a versão original *Elohística* de Ezra, e embora seja repulsivo às vezes até mesmo o significado *esotérico* dos pergaminhos hebraicos - muito mais repulsivo do que o seu *véu* externo ou *vestimenta* <sup>53</sup> - uma vez que as porções *Jeovísticas* tenham sido eliminadas, os livros Mosaicos passam a ser vistos como cheios de conhecimento puramente oculto e de um valor incalculável, especialmente nos seis primeiros capítulos.

Lendo com a ajuda da Cabala, encontramos um templo de verdades ocultas inigualáveis, um poço de beleza profundamente escondida, oculta sob uma estrutura

---

<sup>52</sup> Bombaim - atual Mumbai. (Nota do Tradutor)

<sup>53</sup> Veja o texto “O Santo dos Santos” (“The Holy of Holies”). (Nota de H. P. Blavatsky) [**Subnota do Tradutor:** “*The Holy of Holies*” começa na p. 459 do [volume dois](#) da edição em inglês de 1888.]

cuja arquitetura *visível*, apesar da sua aparente simetria, é incapaz de resistir à crítica da razão fria, ou de revelar a sua idade, porque pertence a todas as eras. Há mais sabedoria oculta sob as *fábulas* exotéricas dos Puranas e da Bíblia do que em todos os  *fatos* exotéricos e em todas as ciências exotéricas da literatura do mundo; e mais ciência verdadeira e OCULTA do que existe de conhecimento exato em todas as academias. Ou, em linguagem mais clara e mais forte, há tanta sabedoria esotérica quanto absurdos e fantasias infantis deliberadas, em algumas porções *exotéricas* dos Puranas e do Pentateuco, quando são lidos nas interpretações homicidas e de letra-morta, promovidas pelas grandes religiões dogmáticas, e especialmente pelas seitas.

Que cada um leia os primeiros versos do capítulo 1, do *Gênesis*, e reflita sobre eles. Lá, “Deus” dá ordem a *outro* “deus”, *que obedece*, mesmo na *cautelosa* tradução inglesa protestante da primeira edição autorizada de James I.

No “começo”, como a língua hebraica não tem uma palavra para expressar a ideia de Eternidade <sup>54</sup>, “Deus” faz o *céu* e a *Terra*; e esta última é “sem forma e vazia”, enquanto o céu não é um céu na verdade, mas o “Profundo”, o *Caos*, com escuridão na sua face.<sup>55</sup>

“E o *Espírito* de DEUS movimentou-se sobre a face das *Águas*” (v. 2) ou o grande Profundo do Espaço Infinito. E este Espírito é *Nara-yana*, ou Vishnu.

“E Deus disse, Que haja um firmamento....” (v. 6), e o segundo “Deus” obedeceu e “*fez* o firmamento” (v. 7). “E Deus disse *Que Haja Luz*, e “a luz surgiu”. Na verdade, este último item não significa luz de modo algum, mas, na Cabala, o andrógino “Adão Cadmo”, ou Sefira (*Luz Espiritual*), porque eles são um; ou, de

---

<sup>54</sup> A palavra “eternidade”, pela qual os teólogos cristãos interpretam a expressão “para todo o sempre”, não existe na língua hebraica, nem como palavra, nem como significado. *Oulam*, diz Le Clerc, significa apenas um tempo cujo começo ou fim não são conhecidos. Não significa “duração *infinita*”, e a expressão *para sempre* no Velho Testamento significa apenas um “longo tempo”. O termo “eternidade” tampouco é usado no sentido cristão nos Puranas. Porque no Vishnu Purana é afirmado claramente que Eternidade e Imortalidade significam apenas “existência até o final do Kalpa” (Livro II, capítulo viii). (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>55</sup> A teogonia órfica é puramente oriental e indiana no seu espírito. As sucessivas transformações pelas quais ela passou agora a separaram amplamente do espírito da Cosmogonia antiga, como se pode ver comparando-a até mesmo com a teogonia de Hesíodo. No entanto o espírito verdadeiramente Ariano Hindu aparece por toda parte tanto na teogonia de Hesíodo como na teogonia órfica. (Veja a obra notável de James Darmesteter, *Cosmogonies Aryennes*, em seus *Essais Orientaux*.) Assim, a concepção grega original do Caos é a mesma da Religião da Sabedoria Secreta. Em Hesíodo, portanto, o *Caos* é infinito, ilimitado, não tem fim nem começo na duração, é uma abstração ao mesmo tempo que uma presença visível. O ESPAÇO está cheio de escuridão, que é matéria primordial no seu estado *pré-cósmico*. Porque no seu sentido etimológico, Caos é Espaço, de acordo com Aristóteles, e Espaço é a Sempre Invisível e Incognoscível Divindade em nossa filosofia. (Nota de H. P. Blavatsky)

acordo com o “Livro dos Números” dos caldeus, são os anjos *secundários*, sendo que os anjos *primeiros* são os Elohim, que são o *agregado* daquele *deus* “modelador”. Porque, a quem são endereçadas aquelas palavras de comando? E quem é que dá as ordens? Aquilo que dá ordens é a *Lei eterna*, e quem obedece são os *Elohim*, a quantidade conhecida que atua em  $x$  e com  $x$ , ou o coeficiente da quantidade desconhecida, as *Forças* da Força UNA. Tudo isso é Ocultismo, e é encontrado nas ESTÂNCIAS arcaicas. Não faz diferença se nós chamamos estas “Forças” de Dhyan Chohans, ou de Ofanim <sup>56</sup>, como São João chama.

“A única Luz Universal, que para o Ser Humano é *Escuridão*, existe sempre”, diz o “Livro dos Números” caldeu. Dela procede periodicamente a ENERGIA, que se reflete no “Profundo” ou Caos, o reservatório dos mundos futuros, e que, uma vez desperta, agita e frutifica as Forças latentes, que são as suas potencialidades eternas e sempre presentes. Então despertam outra vez os Brahmãs e os Buddhas - as forças coeternas - e um novo universo passa a existir .....

No *Sepher Yetzirah*, o Livro da Criação cabalista <sup>57</sup>, o autor evidentemente repete as palavras do Manu. Nele a Divina Substância é representada como sendo a única que existe desde a eternidade, ilimitada e absoluta; e como tendo lançado de si mesma o Espírito <sup>58</sup>. “Um é o Espírito do Deus vivo, abençoado seja o SEU nome, que vive para sempre! Voz, Espírito, e Palavra, isto é o Espírito Santo” <sup>59</sup>; e esta é a Trindade abstrata Cabalista, que os padres cristãos não tiveram vergonha de antropomorfizar. Deste tríplice UM emanou todo o Cosmos. Primeiro, do UM, emanou o número DOIS, ou Ar (o Pai), o elemento criativo; e depois o número TRÊS, *Água* (a Mãe), procedeu do ar; o *Éter* ou *Fogo* completa o quatro místico, o Arba-il <sup>60</sup>. “Quando o Ocultado do Ocultado quis revelar a Si Mesmo, ele primeiro fez um ponto (ponto primordial, ou o primeiro Sefirote, o ar, ou Espírito Santo), deu a ele uma forma

---

<sup>56</sup> Ofanim, ou Ophanim - do hebraico. A palavra significa *rodas, círculos, ciclos*, tal como nas rodas do carro de Ezequiel, na Bíblia. (Nota do Tradutor)

<sup>57</sup> Há uma obra publicada em português que inclui a versão resumida, a versão longa, e a versão de Saadia Gaon, do *Sepher Yetzirah*. A tradução do texto original, em hebraico e aramaico, baseia-se na versão chamada Gra, tida em meios judaicos como a mais autêntica. Veja o volume “Sêfer Ietsirá”, de Aryeh Kaplan, Livraria e Editora Sêfer, SP, 2005, 384 páginas. Cabe registrar ainda que, na edição de 1888 da DS, o título desta obra é grafado como *Sepher Jezireh*. (Nota do Tradutor)

<sup>58</sup> O Espírito *manifestado*; o Espírito Divino Absoluto é um com a Substância Divina absoluta: Parabrahm e Mulaprakriti são um em essência. Portanto, a Ideação Cósmica e a Substância Cósmica são também, em seu caráter primário, uma só. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>59</sup> “Sepher Yetzirah”, capítulo I, Mishná IX. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>60</sup> Ibid. É a *Arba* que se atribui a origem de Abraão. (Nota de H. P. Blavatsky)

sagrada (os dez Sefirot, ou o homem celestial) e cobriu-a com uma vestimenta rica e esplêndida, *que é o mundo.*”<sup>61</sup>

“Ele faz do vento os seus mensageiros, das chamas do Fogo os seus servidores”, diz o Yetzirah, mostrando o caráter cósmico destes Elementos<sup>62</sup> mais tarde evemerizados<sup>63</sup>, e mostrando que o Espírito permeia cada átomo do Cosmos.

Esta “Substância primordial” é chamada por alguns de *Caos*: Platão e os pitagóricos davam a ela o nome de *Alma do Mundo* depois que ela foi impregnada pelo Espírito *daquilo* que paira sobre as Águas Primordiais, ou *Caos*. É por ser refletido nela, dizem os Cabalistas, que o Princípio incubador *criou* as imagens de sonho de um Universo visível, manifestado. O *Caos*, antes - o *Éter*, depois, o “reflexo”; isto ainda é a divindade que permeia todo o Espaço e todas as coisas. É o Espírito invisível e imponderável das coisas, e o fluido invisível mas muito tangível que se irradia pelos dedos do magnetizador saudável, porque constitui a Eletricidade Vital - a própria VIDA. Ridicularizado pelo marquês de Mirville como “o nebuloso Todo-Poderoso”, ele é chamado pelos Teurgistas e Ocultistas até hoje de “o Fogo vivo”, e não há um hindu que pratique ao amanhecer um certo tipo de meditação que não conheça os seus efeitos.<sup>64</sup> É o “Espírito da Luz” e *Magnes*. Como foi corretamente expressado

---

<sup>61</sup> “Zohar”, I, fol. 1 & 2, e 20a; II, fol. 105a. (Nota de H. P. Blavatsky) [***Subnota do Tradutor:*** Seguimos a edição de Boris de Zirkoff no que tange aos detalhes bibliográficos.]

<sup>62</sup> “Sepher Yetzirah”, Mishná ix, 10. Por toda parte, ao longo dos Atos, Paulo chama os seres cósmicos invisíveis de “Elementos” (*Veja os textos gregos*). Mas agora os Elementos estão degradados e limitados a átomos dos quais nada se sabe, por enquanto - e que são apenas “filhos da necessidade”, assim como o Éter também é, tal como dissemos em “Ísis”. [***Subnota do Tradutor:*** *Veja a p. 190, volume I de “Isis Unveiled”*]. “Os pobres elementos primordiais foram exilados há muito tempo, e os nossos ambiciosos físicos fazem corridas para ver quem será o autor de mais um acréscimo à nova criação de mais de sessenta substâncias elementares”. Enquanto isso é travada uma guerra em torno das palavras na química moderna. Negam-nos o direito de chamar estas substâncias de “elementos químicos”, porque não são “princípios primordiais de essências autoexistentes a partir das quais o universo formou-se”, segundo Platão. Tais ideias associadas com a palavra *elemento* eram suficientemente corretas para a “antiga filosofia Grega”, mas a ciência moderna as rejeita, porque, como diz o professor Crookes, “eles são termos infelizes”, e a ciência experimental não quer ter “nada a ver com qualquer tipo de essências exceto as essências que ela pode ver, cheirar ou saborear. Ela deixa outras essências para os metafísicos .....”. Devemos ficar gratos até mesmo por esta afirmação. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>63</sup> O evemerismo é a teoria - criada por Evemerus - segundo a qual os heróis e deuses mitológicos foram pessoas reais, mais tarde divinizadas. Evemerus. Evêmero ou Euhemerus foi um mitógrafo grego e viveu no século 4 antes da era cristã. (Nota do Tradutor)

<sup>64</sup> Escrevendo sobre este assunto em “Ísis Sem Véu”, nós dissemos que ele era: [***Subnota do Tradutor:*** *Veja a p. 125, volume I de “Isis Unveiled”*] “O Caos dos antigos, o fogo sagrado do zoroastriano, ou o *Atash-Behram* dos parsis; o Hermes-fogo, o Elmes-fogo dos antigos alemães; o relâmpago de Cibele; a tocha acesa de Apolo; a chama no altar de Pan; o fogo inextinguível no templo da Acrópole, e no templo de Vesta; o fogo-chama no leme de

por um oponente, *Magus* e *magnes* são dois ramos que crescem do mesmo tronco e que geram as mesmas resultantes. E nesta denominação de “fogo vivo” nós podemos também descobrir o significado da frase enigmática do *Zend-Avesta* que afirma que há “um fogo que dá o conhecimento do futuro, da ciência e uma fala amigável”, isto é, que desenvolve uma eloquência extraordinária na sibila, no sensitivo, e mesmo em alguns oradores.

Fala-se deste “fogo” em todos os Livros Hindus, como também nas obras cabalísticas. O *Zohar* o explica como o “fogo branco oculto, na *Resha Trivrah*” (a Cabeça Branca), cuja Vontade faz com que o fluido ígneo avance em 370 correntes em todas as direções do universo. É idêntico à “Serpente que avança com 370 saltos”, do *Siphrah Dzenioota* <sup>65</sup>, que, quando o “Homem Perfeito”, o Metatron, é *erguido*, isto é, quando o homem *divino* habita o homem *animal*, ela, a Serpente, se torna *três espíritos*, ou seja, é Atma-Buddhi-Manas, em nossa terminologia teosófica. (Veja na Parte II do volume II, a seção intitulada “Os Muitos Significados da *Guerra no Céu*”.) <sup>66</sup>

O Espírito, então, ou Ideação Cósmica, e a Substância Cósmica - um de cujos *princípios* é o Éter - são *um*, e incluem os ELEMENTOS, no sentido que São Paulo atribui a eles. Estes Elementos são a Síntese velada que representa os Dhyan Chohans, os Devas, os Sefirotos, os Amshaspend <sup>67</sup>, os Arcanjos, etc. O Éter da ciência - o *Ilus* de Beroso ou o *Protilo* da química - constitui, digamos, o material (relativamente) *grosseiro*, a partir do qual os “Construtores” mencionados acima, seguindo o plano traçado para eles eternamente pelo PENSAMENTO DIVINO, dão forma aos sistemas do Cosmos. Eles são “mitos”, segundo dizem-nos. “Tanto quanto o Éter e os Átomos”, respondemos nós. Os dois últimos são necessidades *absolutas*

---

Plutão; as fagulhas brilhantes nos chapéus dos Dióscuros, na cabeça da Górgona, no leme de Palas, no cajado de Mercúrio; o Phtha-Ra egípcio, o *Zeus Cataibates* grego (a descendência) de Pausânias; as línguas-de-fogo pentecostais; o arbusto em chamas de Moisés; o pilar de fogo do *Êxodo*, e a ‘lâmpada ardente’ de Abraão, o fogo eterno do ‘fosso sem fundo’; os vapores oraculares de Delfos; a luz sideral dos Rosacruz; o AKASHA dos adeptos hindus; a Luz Astral de Eliphaz Levi; a aura dos nervos e o fluido dos magnetistas; o *od* de Reichenbach; o *psychod* e a força ectênica de Thury; a força psíquica de Sergeant Cox; e o magnetismo atmosférico de alguns naturalistas; o galvanismo, e finalmente, a eletricidade - todos estes são apenas vários nomes para muitas manifestações ou efeitos diferentes da mesma causa misteriosa e que tudo permeia, o *Arqueu* grego.” Nós acrescentamos agora - é tudo isso e muito mais. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>65</sup> Boris de Zirkoff adota a seguinte grafia: *Siphra di-Tseniutha*. Boris indica capítulo V, verso 33. Em 2021, a obra estava à venda em Amazon Books em francês sob o título de *Siphra di-tzeniutha*. (Nota do Tradutor)

<sup>66</sup> O texto “The Many Meanings of the *War in Heaven*” começa na página 492 do volume II de “[The Secret Doctrine](#)”. (Nota do Tradutor)

<sup>67</sup> A Britannica informa: no zoroastrismo, *Amesha spenta* ou *amshaspend* é um dos seis seres divinos ou arcanjos encarregados de governar a criação. Três deles são masculinos, três femininos. (Nota do Tradutor)



da ciência física; os “Construtores” são uma necessidade igualmente absoluta, para a metafísica. Somos ridicularizados com estas palavras: “Vocês *nunca viram os Construtores.*” E nós perguntamos aos materialistas: “Vocês já viram alguma vez o Éter, *ou os Átomos de vocês*, ou, ainda a sua FORÇA?” Além disso, um dos maiores Evolucionistas Ocidentais dos últimos tempos, colaborador de Darwin, o sr. A.R. Wallace, ao discutir a inadequação da Seleção Natural para explicar sozinha a forma física do Ser Humano, admite a ação orientadora de “inteligências mais elevadas” como uma “parte *necessária* das grandes leis que governam o Universo material”. (“*Contributions to the Theory of Natural Selection*”).

Estas “inteligências mais elevadas” são os Dhyán Chohans dos *Ocultistas*.

De fato, são poucos os Mitos de qualquer sistema religioso que são dignos do nome, e têm uma base *histórica* tanto quanto científica. “Os Mitos”, observa corretamente Pockocke, “são agora vistos comprovadamente como fábulas, *na mesma medida em que os compreendemos mal*; ou como *verdades*, na proporção em que eles *tiverem sido compreendidos.*”

A ideia que prevalece e é mais nítida - encontrada em todos os ensinamentos antigos com relação à Evolução Cósmica e à primeira “criação” do nosso Globo com todos os seus produtos, orgânicos e *inorgânicos* (uma palavra estranha, quando usada por um ocultista) - é que o Cosmos inteiro surgiu do PENSAMENTO DIVINO. Este pensamento permeia a matéria, que é coeterna com a REALIDADE UNA; e tudo o que vive e respira surge das emanações do UNO *Imutável* - Parabrahm=Mulaprakriti, a eterna raiz una. O PENSAMENTO DIVINO é, digamos assim, o aspecto do ponto central que se voltou para dentro até regiões completamente inacessíveis para o intelecto humano, e é absoluta abstração; enquanto que, no seu aspecto de *Mulaprakriti* - a raiz eterna de tudo - ele nos permite uma vaga compreensão, pelo menos, do Mistério do Ser.

“Portanto, era ensinado nos templos *internos* que este universo visível de espírito e matéria é apenas a imagem concreta da abstração ideal; que ele é construído sobre o modelo da primeira IDEIA DIVINA. Assim, o nosso universo existiu desde a Eternidade em um estado latente. A alma que anima este universo puramente espiritual é o sol central, ele próprio a mais alta divindade. Não foi o *Uno* que criou a forma concreta da ideia, mas o primogênito; e como ela foi construída a partir da figura geométrica do dodecaedro <sup>68</sup>, o primogênito ‘teve prazer em empregar doze mil anos na sua construção’. Este último número é expressado na cosmogonia *tirrena* <sup>69</sup>, que mostra o ser humano como tendo sido criado no sexto milênio. Isso é coerente com a teoria egípcia de 6.000 ‘anos’ <sup>70</sup> e com os cálculos hebraicos. Mas

<sup>68</sup> Platão - “Timeu”. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>69</sup> “Suidas”, *Greek Lexicon*, v. “Tyrrhenia”. (Nota de H.P. Blavatsky ampliada por Boris de Zirkoff)

<sup>70</sup> O leitor entenderá que “anos” significa “eras”, e não meros períodos de 13 meses lunares cada. (Nota de H.P. Blavatsky)

esta é a forma exotérica. O cálculo *secreto* explica que os ‘doze mil e os 6.000 anos’ são ANOS DE BRAHMA - sendo que um *dia* de Brahmâ é igual a 4.320.000.000 anos. Sanconíaton <sup>71</sup>, em sua *Cosmogonia*, declara que quando o vento (o espírito) ficou encoberto por seus próprios princípios (o caos), ocorreu uma união íntima, cuja conexão foi chamada de *pothos*, e disso surgiu a semente de tudo. E o caos não sabia da sua própria produção, porque não possuía *sentidos*; mas do seu abraço com o vento foi gerado Môt, ou o Ilus (barro).<sup>72</sup> Disso procederam os esporos da criação e da geração do universo.

“Zeus-zen (éter) e Ctônia (a Terra caótica), e Métis (a água), suas esposas; Osíris e Ísis-Latona - sendo que Osíris também representa o Éter - a primeira emanção da Suprema Divindade, Amun, a fonte primitiva da luz; a deusa Terra e água novamente; Mitras <sup>73</sup>, o deus nascido da rocha, o símbolo do fogo masculino do mundo, ou a luz primordial personificada, e Mitra, a deusa do fogo, simultaneamente sua mãe e sua esposa: o puro elemento do fogo (o princípio ativo ou masculino) visto como luz e como calor, em conjunção com a terra e a água, ou matéria (elementos passivos, ou femininos, da geração Cósmica). Mitras é o filho de Bordj, a montanha mundana persa <sup>74</sup>, da qual ele saiu como radiante raio de luz. Brahmâ, o deus do fogo, e sua prolífica esposa; e o hindu *Agni*, a divindade refulgente de cujo corpo saem mil correntes de glória e *sete* línguas de chama, e em cuja honra alguns brâmanes preservam até hoje um fogo *perpétuo*; Shiva, representado por *Meru*, a montanha mundana dos Hindus; estes terríveis deuses-fogo, de quem se diz na lenda que desceram do céu, como o Jeová judeu, em um *pilar de fogo*, e uma dúzia de outras divindades arcaicas de sexo duplo, todos proclamam em voz alta o seu significado oculto. E qual poderia ser o significado destes mitos duais, exceto o princípio psico-químico da criação primordial? A *primeira Evolução*, em sua manifestação tríplice de espírito, força e matéria; a divina *correlação* no seu ponto inicial, alegorizada como o casamento do *Fogo* com a água, produtos do espírito eletrizante, união do princípio ativo masculino com o princípio passivo feminino, que se transformam nos pais da sua criança telúrica, a matéria cósmica, a *prima materia*, cuja alma é Aether, e cuja sombra é a LUZ ASTRAL!” (ÍSIS SEM VÉU)

Os fragmentos dos sistemas que agora chegaram até nós são rejeitados como fábulas absurdas. No entanto, a Ciência oculta - tendo sobrevivido até mesmo à grande Inundação que submergiu os gigantes antediluvianos, e com eles a própria memória

---

<sup>71</sup> Veja a tradução grega de Filo de Biblos. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>72</sup> Cory: “Ancient Fragments”. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>73</sup> Mitras era visto entre os persas como o *Theos ekpetros* - deus da pedra. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>74</sup> Bordj é chamada de montanha-fogo - um vulcão; portanto contém fogo, rocha, terra e água: os elementos masculinos, ou ativos, e femininos, ou passivos. O mito é sugestivo. (Nota de H.P. Blavatsky)

deles, com a exceção da Doutrina Secreta, da Bíblia e de outras Escrituras - ainda guarda a Chave para todos os problemas do mundo.

Apliquemos essa Chave aos raros fragmentos de cosmogonias esquecidas há muito, e tentemos, pelas suas partes espalhadas, restabelecer a Cosmogonia da Doutrina Secreta, que antigamente era Universal. A Chave serve para todas elas. Ninguém pode estudar filosofias antigas seriamente sem perceber que a notável semelhança de concepção entre todos os fragmentos - com muita frequência na sua forma exotérica, e infalivelmente no seu espírito oculto - não é resultado de mera coincidência, mas de uma intenção abrangente: e resulta do fato de que havia, durante a juventude da humanidade, uma língua, um conhecimento, uma religião universal, e não havia igrejas, nem crenças ou seitas, mas cada homem era um sacerdote para si mesmo. E, se for mostrado que, já naquelas eras que estão fora do alcance da nossa vista devido ao crescimento exuberante da tradição, o pensamento religioso humano se desenvolveu em simpatia uniforme em todas as partes do globo, então, fica evidente que aquele pensamento, nascido em qualquer latitude, no frio Norte ou nas regiões escaldantes mais ao Sul, no Oriente ou no Ocidente, foi inspirado pelas mesmas revelações, e que o ser humano foi alimentado sob a sombra protetora da mesma ÁRVORE DO CONHECIMENTO.

## 4. O Caos, Theos e o Cosmo [\(Volte para o Sumário\)](#)

Estes três são a contenção do Espaço; ou, segundo a definição de um erudito Cabalista, “o Espaço, que tudo contém e não é contido, constitui a corporificação primária da simples Unidade ..... extensão ilimitada”.<sup>75</sup> Mas, ele pergunta de novo, “extensão ilimitada do quê?” - e faz a resposta correta - “*Do desconhecido contentor de todas as coisas, da Desconhecida PRIMEIRA CAUSA.*” Estas são uma definição e uma resposta extremamente corretas, profundamente esotéricas e verdadeiras em todos os aspectos, desde o ponto de vista do ensinamento oculto.

O ESPAÇO, que, na sua ignorância e na sua tendência iconoclasta de destruir toda ideia filosófica antiga, os sabetudos modernos proclamaram ser “uma ideia abstrata” e um *vazio*, é na verdade o contentor e o *corpo do Universo* com os seus sete princípios. É um corpo de extensão ilimitada, cujos PRINCÍPIOS, em fraseologia oculta - cada um deles sendo por sua vez setenário - manifestam em nosso mundo fenomênico apenas o tecido mais grosseiro das *suas subdivisões*. “Ninguém viu jamais os Elementos completamente”, ensina a Doutrina. Temos que buscar pela nossa Sabedoria nas expressões originais dos povos primitivos e nos seus sinônimos. Mesmo o mais recente deles - o povo judeu - mostra em seus ensinamentos

---

<sup>75</sup> “New Aspects of Life and Religion”, de Henry Pratt, médico. (Nota de H. P. Blavatsky)

cabalísticos esta ideia, por exemplo, a Serpente do Espaço, de sete cabeças, chamada de “Grande Mar”. “No começo, os *Alhim* criaram os céus e a Terra; os 6 (Sefirotos) ..... Eles criaram seis, e sobre eles estão baseadas todas as coisas. E estes (seis) dependem *das sete formas do crânio* até a Dignidade de todas as Dignidades (*Siphrah Dzenioota*, i, 16). (Veja parte II do volume II.)<sup>76</sup>

O *Vento*, o *Ar* e o *Espírito* têm sido sempre sinônimos em todas as nações. *Pneuma* (Espírito) e *Anemos* (o vento), entre os gregos, *Spiritus* e *Ventus* entre os latinos, eram termos conversíveis mesmo quando dissociados da ideia original de sopro da vida. No conceito de “Forças”, da ciência, nós mesmos vemos apenas o *efeito material do impacto espiritual* de um ou outro dos quatro Elementos primordiais, transmitidos a nós pela quarta Raça, assim como nós transmitiremos o Éter (ou melhor, as subdivisões grosseiras do Éter), na sua plenitude, para a Sexta Raça Raiz. Isso é explicado no presente volume e no volume seguinte.

Os antigos afirmam que o Caos *não tem sentidos*, porque ele representa e contém em si mesmo (o Caos e o Espaço eram sinônimos) todos os elementos em seu Estado rudimentar e indiferenciado. Eles viam o Éter, o quinto Elemento, como a síntese dos outros quatro; porque o Éter dos filósofos gregos não é a sua escória - da qual eles sabiam mais do que a ciência sabe hoje - e da qual se supõe bastante corretamente que funciona como um agente para muitas forças que se manifestam na Terra. O Éter dos antigos era o *Akasha* dos hindus; o Éter aceito em física é apenas uma das suas subdivisões, em nosso plano - a *Luz Astral* dos Cabalistas com todos os seus *maus* efeitos, assim como com seus *bons* efeitos.

Devido ao fato de que a Essência do Éter, ou Espaço Invisível, era considerada divina como suposto véu da Divindade, ela era vista como o meio entre esta vida e a próxima vida. Os antigos consideravam que quando as “Inteligências” (os deuses) diretoras e ativas se retiravam de qualquer porção de Éter *em nosso Espaço* - os quatro reinos que elas dirigem - então aquele lugar específico era deixado em poder do mal, que era assim chamado por causa da ausência, nele, do que é *Bom*.

“A existência de espírito no mediador comum, o éter, é negada pelo materialismo, enquanto a teologia o transforma num deus pessoal. Mas o Cabalista defende a ideia de que ambos estão errados, dizendo que no éter, os elementos representam apenas matéria - as forças cósmicas cegas da natureza, enquanto o Espírito representa a inteligência que as dirige. As doutrinas cosmogônicas arianas, herméticas, órficas e pitagóricas, assim como as de Sanconíaton e Beroso, estão todas baseadas sobre uma fórmula irrefutável, isto é, a de que o éter e o caos, ou, em linguagem platônica, a mente e a matéria, são os dois princípios primevos e eternos do universo, totalmente independentes de tudo o mais. O primeiro deles é o princípio intelectual que tudo vivifica; e o caos, um princípio líquido, ‘sem forma nem sentidos’. Da união dos dois surgiu à existência o universo, ou melhor, o mundo universal, a primeira divindade andrógina, com a matéria caótica tornando-se o seu corpo, e o éter a sua

---

<sup>76</sup> Mais precisamente o Comentário à Estância I, Sloka 2. Na edição original de 1888, pp. 37 a 41 do volume II. (Nota do Tradutor)

alma. De acordo com a fraseologia de um *Fragmento de Hérmiás* <sup>77</sup>, ‘o caos, tendo obtido *sentido* a partir desta união com o espírito, brilhou de prazer, e assim foi produzida a luz de *Protogonos* (o primogênito)’.<sup>78</sup> Esta é a trindade universal, baseada nas concepções metafísicas dos antigos, os quais, raciocinando por analogia, viram o homem - que é um composto de intelecto e matéria - como o microcosmo do macrocosmo, ou grande universo.” (*Isis Unveiled.*) <sup>79</sup>

“A *Natureza detesta o vácuo*”, diziam os peripatéticos, que compreendiam, talvez, embora fossem materialistas à sua maneira, o motivo pelo qual Demócrito, com seu instrutor Leucipo, ensinava que os primeiros princípios de todas as coisas contidas no Universo eram átomos e um *vácuo*. Este último significa simplesmente Divindade ou força *latente*, a qual, antes da sua primeira manifestação, quando se tornava VONTADE - transmitindo o primeiro impulso a esses átomos - era o grande *Nada*, Ain-Soph, ou COISA-ALGUMA; era, portanto, em todos os sentidos, um Vazio - ou CAOS.

Esse Caos, no entanto, se tornou “A Alma do Mundo”, de acordo com Platão e os pitagóricos. De acordo com o ensinamento hindu, a Divindade na forma de Éter (Akasha) permeia todas as coisas; e era chamada portanto pelos teurgistas de “fogo vivo”, de “Espírito da Luz” e às vezes de *Magnes*. Foi a Divindade mais alta que construiu ela própria o Universo, segundo Platão, na forma geométrica do Dodecaedro, e o seu “primogênito” surgiu do Caos e da Luz Primordial (o Sol Central). Este “Primogênito”, no entanto, era apenas o agregado da Hoste dos “Construtores”, as primeiras Forças construtivas, que são chamadas, nas cosmogonias antigas, de os *Antigos* (nascidos do Profundo, ou Caos), e de “Primeiro Ponto”. Ele é o chamado Tetragrammaton <sup>80</sup>, na cabeça dos Sete Sefiotes inferiores. Esta era a crença dos Caldeus. “Esses Caldeus”, escreve Filo, o judeu, falando de modo bastante irreverente dos primeiros instrutores dos seus ancestrais <sup>81</sup>, “pensavam que o Cosmos, *entre as coisas que existem* (?), é um só ponto, seja constituindo ele próprio Deus (Theos) ou seja que Deus está nele, abarcando a alma de todas as coisas.” (Veja a obra de Filo “*Migration of Abraham*”, 32.)

<sup>77</sup> Hérmiás de Alexandria (410-450 da era cristã), filósofo neoplatônico. (Nota do Tradutor)

<sup>78</sup> Damascius, em “Teogonia”, chama-o de Dis, “o eliminador de todas as coisas”. Cory, “Ancient Fragments”, p. 314. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>79</sup> Boris de Zirkoff informa: volume I, página 341 de “[Isis](#)”. (Nota do Tradutor)

<sup>80</sup> Tetragrammaton ou Tetragrama. (Nota do Tradutor)

<sup>81</sup> Filo, o judeu, também conhecido como *Filon de Alexandria*. Filósofo neoplatônico e expoente da filosofia judaica. Propôs uma visão platônica do judaísmo. Viveu do ano 15 antes da era cristã até o ano 45 da era cristã. Deixou numerosas obras. HPB afirma que Filo foi irreverente em relação aos Caldeus, “primeiros instrutores dos judeus”. (Nota do Tradutor)

Caos-Theos-Cosmos são simplesmente os três aspectos da sua síntese - ESPAÇO. Não se pode jamais ter esperança de resolver o mistério desta *Tetraktys* apegando-se à letra morta nem sequer das antigas filosofias, tal como estão disponíveis hoje. Mas, mesmo nelas, CAOS-THEOS-COSMO=ESPAÇO são identificados em toda a Eternidade como o Único Desconhecido Espaço, sobre o qual a última palavra talvez nunca seja conhecida antes da nossa sétima Ronda. No entanto, as alegorias e os símbolos metafísicos sobre o CUBO primevo e *perfeito* são notáveis mesmo nos Puranas exotéricos.

Nos Puranas, também, Brahmâ é o *Theos* que surge do *Caos*, ou o grande “Profundo”, as águas; sobre as quais o Espírito=ESPAÇO, personificado por *ayana* - o Espírito movendo-se sobre a face do futuro Cosmos ilimitado - está pairando silenciosamente na primeira hora do redespertar. Ele é também Vishnu, que dorme em Ananta-Sacha, a grande Serpente da Eternidade, que a teologia ocidental, ignorando a Cabala, a única porta que abre os segredos da Bíblia, vê como - o Diabo. É o primeiro *triângulo* ou a *tríade* Pitagórica, o “Deus com três Aspectos”, antes de ser transformado, através da sua perfeita quadratura do Círculo infinito, no “Brahmâ de quatro-faces”.

“Daquele que existe e no entanto não existe, a partir do não-ser, a Causa Eterna, nasce o Ser-Purusha”, diz Manu, o legislador.

Em “Ísis Sem Véu” afirma-se que:

“Na mitologia egípcia, Kneph, o Eterno Deus *Não-Revelado*, é representado pelo símbolo de uma cobra da Eternidade rodeando uma urna de água, com sua cabeça pairando sobre as águas, as quais ela está incubando com sua respiração. Neste caso a serpente é o Agathodaemon, o bom espírito: no seu aspecto oposto, é o Kakodaemon - o espírito mau. Nas *Eddas* escandinavas, o orvalho de mel <sup>82</sup>, o fruto dos deuses e da ocupada e criativa Yggdrasil (abelhas) <sup>83</sup>, cai durante as horas da noite, quando a atmosfera está impregnada de umidade. Nas mitologias do Norte, na condição de princípio passivo da criação, ele tipifica a criação do universo *a partir da água*. Este orvalho é a luz astral em uma das suas combinações, e possui propriedades criativas assim como destrutivas. Na lenda caldaica de Beroso, Oannes ou Dagon, o homem-peixe, instruindo o povo, mostra o mundo-criança criado a partir da *água*, e todos os seres tendo como origem esta *prima materia*. Moisés ensina que só a terra e a água podem trazer uma alma viva; e nós lemos nas escrituras que as ervas não podiam crescer até que o Eterno fez chover sobre a terra. No *Popol-Vuh* mexicano, o homem é criado a partir do *barro* ou argila (*terre glaise*), tirada de sob a água. Brahmâ cria o grande Muni (ou primeiro homem)

<sup>82</sup> “Honey Dew” também significa “melada”. Dado o contexto, cabe ficar com “orvalho de mel”, conforme fica claro em seguida. (Nota do Tradutor)

<sup>83</sup> Isto é, as abelhas da árvore Yggdrasil estão ocupadas criativamente com a produção do orvalho de mel, alimento dos deuses. Aqui a edição da DS feita por Boris de Zirkoff fala mais claramente de “abelhas de Yggdrasil” (Yggdrasil-bees). (Nota do Tradutor)

sentado no seu lótus, só depois de ter chamado à existência os *espíritos*, que assim, como seres, eram anteriores aos humanos, e ele cria o homem a partir de *água, ar e terra*. Os alquimistas afirmam que a Terra primordial ou pré-Adâmica, quando reduzida à sua primeira substância, está no seu *segundo* estágio de transformação como água límpida, sendo o primeiro estágio o próprio *alkahest*. Afirma-se que esta substância primordial contém dentro de si a essência de tudo o que participa da formação do homem; ela tem não só todos os elementos do ser físico dele, mas também a própria ‘respiração da vida’, em um estado latente, pronta para ser despertada. Isso, esta substância primordial obtém da ‘incubação’ do ‘Espírito de Deus’ sobre a face das águas - o CAOS; na verdade, esta substância é o próprio caos. Era a partir disso que Paracelso afirmava ser capaz de fazer os seus ‘homunculi’, e é por isso que Tales, o grande filósofo naturalista, afirmava que a *água* era o princípio de todas as coisas na natureza .....<sup>84</sup> Já diz, no seu capítulo XXVI, 5, que ‘as coisas mortas são formadas debaixo das águas, e as habitam’. No texto original, em vez de ‘coisas mortas’, está escrito *Rephaim* (gigantes ou poderosos homens primitivos) mortos, que algum dia a ‘Evolução’ poderá reconhecer como ancestrais da raça atual.”

“No estado primordial da criação”, diz *Mythologie des Indous*, de Polier, “o universo rudimentar, submerso em água, repousava na essência de Vishnu. Tendo saído deste caos e escuridão, Brahmâ, o arquiteto do mundo, instalado em uma folha de lótus, flutuava (movimentava-se) sobre as águas, incapaz de discernir qualquer coisa exceto a água e a escuridão”. Percebendo esta situação lúgubre, Brahmâ consternado diz a si mesmo: “Quem sou eu? De onde vim?” E ele escuta uma voz<sup>85</sup>: “Dirija suas ideias a Bhagavat”. Brahmâ, saindo da sua posição natatória, senta-se sobre o lótus numa atitude de contemplação e reflete sobre o Eterno, que, satisfeito com esta evidência de compaixão, dispersa a escuridão primeva e abre a sua compreensão. “Depois disso Brahmâ sai do ovo universal (o caos infinito) como *luz*, porque a sua compreensão agora está aberta, e ele põe-se a trabalhar: ele *se movimenta* sobre as águas eternas, com o espírito de Deus dentro de si; e na sua condição de *movimentador* das águas ele é Vishnu, ou *Narayana*”. Isso é exotérico, naturalmente, no entanto a sua ideia principal é tão idêntica quanto possível à cosmogonia egípcia, que mostra em suas frases iniciais Hator<sup>86</sup>, ou Mãe Noite (que

<sup>84</sup> Entre os gregos, os “deuses-Rios”, todos eles Filhos do oceano primordial (Caos no seu aspecto masculino) eram os respectivos ancestrais das raças helênicas. Para eles, o OCEANO era o pai dos Deuses; e assim eles haviam antecipado neste aspecto as teorias de Tales, como corretamente observado por Aristóteles (*Metafísica*, I, 3, 5). (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>85</sup> O “Espírito”, ou voz oculta dos *Mantras*; a manifestação ativa da Força latente, ou potência oculta. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>86</sup> “Athtor” no original de 1888. Neste ponto HPB coloca uma nota de rodapé dizendo apenas: “A Ortografia é do *Archaic Dictionary*”, Boris de Zirkoff esclarece em nota que a grafia correta do nome em inglês é ‘Hathor’, o que em português significa ‘Hator’. Trata-se da deusa egípcia do céu, mãe e esposa de vários deuses na mitologia do Egito antigo. (Nota do Tradutor)

representa a escuridão ilimitada) como o elemento primário que cobria o abismo infinito animado pela água e pelo espírito universal do Eterno, vivendo sozinho no Caos. De modo similar, nas Escrituras Judaicas, a história da criação começa com o espírito de Deus e a sua emanção criativa - outra Divindade.<sup>87</sup>

O Zohar ensina que são os elementos primordiais - a trindade do Fogo, Ar e Água - os quatro pontos cardeais e todas as Forças da Natureza que formam coletivamente a VOZ da VONTADE *Memrab*, ou a “Palavra”, o Logos do Absoluto Silencioso TODO. “O ponto indivisível, ilimitado e incognoscível” se espalha sobre o espaço sem fim, e assim forma um véu (o Mulaprakriti de Parabraham) que oculta este ponto Absoluto. (Veja abaixo.)

Nas cosmogonias de todas as nações são os “Arquitetos” sintetizados por Demiurgos (na Bíblia, os “Elohim”), que dão forma ao Cosmos a partir do Caos, e que são o coletivo *Theos*, “macho-fêmea”, Espírito e matéria. “Por uma série (*yom*) de fundações (*yesod*)<sup>88</sup> os Alhim fizeram com que existissem a Terra e o céu” (Gênese, II, 4). Na Bíblia é primeiro *Alhim*, depois Jahva-Alhim, e finalmente Jehovah, depois da separação dos sexos no capítulo IV do Gênesis. É fácil perceber que em lugar algum, exceto no Gênesis, as *últimas* Cosmogonias da nossa Quinta raça, é o NOME<sup>89</sup> inefável e impronunciável - o símbolo da Divindade Desconhecida, que era usado apenas nos MISTÉRIOS - usado em relação com a criação do Universo. São os “Movimentadores”, os “Corredores”, os *theoi* (de **Θέειν**, “correr”), que fazem o trabalho de formação, os “Mensageiros” da lei manvantárica, que agora no cristianismo se tornaram os “mensageiros” (*malachim*), e acontece algo semelhante no hinduísmo ou bramanismo mais antigo. Pois não é Brahmâ que cria no *Rig Veda*, mas os Prajapati, os “Senhores do Ser”, que são os *Rishis*; a palavra *Rishi* (de acordo com o professor Mahadeo Kunte) está ligada à ideia de *mover, levar adiante*, aplicada a eles no seu caráter terrestre, quando, como Patriarcas, eles dirigem as suas Hostes nos Sete Rios.

Além disso, a própria palavra “Deus” no singular, incluindo todos os deuses - ou *theos* a partir de *theoi* - veio para as nações civilizadas “superiores” desde uma fonte estranha, uma fonte inteiramente e eminentemente *fálica* como o sincero, abertamente falado *lingham* da Índia. A tentativa de derivar a palavra *Deus* (*God* em inglês) do sinônimo anglo-saxão “bom” (*Good*) é uma ideia abandonada, porque em nenhuma outra língua - e em todas elas o termo varia mais ou menos, desde o persa

---

<sup>87</sup> Não nos referimos à Bíblia atual ou aceita atualmente, mas à *verdadeira* Bíblia judaica, agora explicada cabalisticamente. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>88</sup> “Fundações” aqui vai no sentido de *bases* ou *alicerces*. Quanto a “Yesod”, a edição de 1888 da DS tem “hasoth”. Boris de Zirkoff corrige para “Yesodoth”, que colocamos na forma comum atual “Yesod”. Trata-se de um dos sefiotes situados na base da Árvore da Vida cabalística. (Nota do Tradutor)

<sup>89</sup> Ele é “impronunciável” pela simples razão de que não existe. Ele nunca foi um *nome*, nem qualquer *palavra* de modo algum, mas uma Ideia que não podia ser expressada. Foi criado um substituto para ele no século anterior à nossa era. (Nota de H. P. Blavatsky)



*Khoda* até o termo latino *Deus* - há um exemplo de um nome de Deus ser derivado do atributo *bondade* (*goodness*). Para as raças latinas a palavra vem do *Dyaus* ariano (o Dia); para o eslavo, vem do grego Baco (*Bagh-bog*); e para as raças saxônicas diretamente do hebraico *Yodh* ou *Jod*. Este último é ך, o número-letra 10, masculino e feminino, e *Jod* o *gancho* fálico; - daí o *Goth* saxônico, o germânico *Gott*, e o *God* inglês. Pode-se dizer que este termo simbólico representa o criador da “Humanidade” física, no plano *terrestre*; mas seguramente não tinha nada a ver com a formação ou “Criação” do Espírito, de deuses, ou do Cosmos!

Caos-Theos-Cosmo, a tríplice divindade, é *tudo em tudo*. Portanto, afirma-se que é macho e fêmea, bem e mal, positivo e negativo: toda a série de qualidades contrastadas. Quando latente (no pralaya) ela é imperceptível e se torna a *Divindade incognoscível*. Ela pode ser conhecida apenas através das suas funções ativas; ou seja, como *matéria-Força* e *Espírito vivo*, como as correlações e o resultado, ou a expressão, no plano visível, da UNIDADE última e sempre desconhecida.

Por sua vez, esta tríplice unidade é a produtora dos quatro “Elementos” primários<sup>90</sup>, que são conhecidos, em nossa natureza visível terrestre, como os sete (por enquanto os *cinco*) Elementos, cada um deles divisível em quarenta e nove (ou sete vezes sete) sub-elementos, dos quais a Química está familiarizada com cerca de setenta.<sup>91</sup> Todos os Elementos Cósmicos, tais como o Fogo, o Ar, a Água, a Terra, participando das qualidades e defeitos dos seus Primários, são na sua natureza Bem e Mal, Força (ou Espírito) e Matéria, etc., etc.: e cada um deles, portanto, é ao mesmo tempo Vida e Morte, Saúde e Doença, Ação e Reação. (*Veja a seção XIV desta parte II do volume I, “Os Quatro Elementos”*.) Eles estão sempre e constantemente formando matéria sob o impulso incessante do Elemento ÚNICO (o *Incognoscível*), representado no mundo dos fenômenos pelo Éter, ou “os deuses imortais que dão nascimento e vida a todos”.

Nos “escritos filosóficos de Solomon Ben Yehudah Ibn Gebirol” (traduzidos na obra *Qabbalah*, do sr. Isaac Myer, recém-publicada)<sup>92</sup>, afirma-se sobre a estrutura do Universo - “R. Yehudah começou, está escrito: - ‘Os Elohim disseram: Que haja um firmamento no meio das águas’. Venha, veja, no tempo em que o Santo ..... criou o mundo. Ele criou sete céus acima, sete Terras abaixo, sete mares, sete dias, sete rios,

<sup>90</sup> O Tabernáculo Cósmico de Moisés, construído por ele no deserto, era *quadrado*, representando os quatro pontos cardeais e os quatro Elementos, como Josefo diz a seus leitores (*Antiq., I, VIII chap., XXII*). É a ideia tirada das pirâmides no Egito e em Tiro, onde as pirâmides se tornaram pilares. Os Gênios, ou Anjos têm suas moradas nos quatro pontos respectivos (Leia a seção XIV desta parte II do volume I, “Os Quatro Elementos”). (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>91</sup> O número de elementos químicos conhecidos aumentou desde que foi publicada a primeira edição de “A Doutrina Secreta”. (Nota do Tradutor)

<sup>92</sup> Clique para ver, em um dos websites associados, a obra [Qabbalah](#), de Isaac Myer. (Nota do Tradutor)

sete semanas, sete anos, sete vezes, e sete mil anos em que o mundo tem existido. O Santo é o sétimo de todos”, etc. (p. 415)

Isto, além de mostrar uma estranha identidade com a cosmogonia dos Puranas (por exemplo, o primeiro Livro do *Vishnu Purana*), corrobora em relação ao número sete todos os nossos ensinamentos tal como dados de forma abreviada em “O Budismo Esotérico”.<sup>93</sup>

Os hindus têm uma série interminável de alegorias para expressar esta ideia. No Caos primordial, antes que ele se transformasse, já desenvolvido, nos *Sete Oceanos* (Sapta Samudra) - emblemáticos das *sete gunas* (qualidades condicionadas), compostas das *trigunas* (Satwa, Rajas e Tamas, ver os Puranas), estão latentes tanto *Amrita* (imortalidade<sup>94</sup>) como *Visha* (veneno, morte, maldade). Esta alegoria está presente no “Bater do Oceano” realizado pelos deuses<sup>95</sup>. *Amrita* está além de qualquer guna, porque é INCONDICIONADO em si mesmo; no entanto quando cai na criação fenomênica ele fica misturado com o MAL, o *Caos*, com *theos* latente em si, e antes que o *Cosmos* tenha sido exteriorizado. Portanto, vemos Vishnu - aqui representando a Lei Eterna - periodicamente colocando o Cosmos em atividade - “batendo o *primitivo* Oceano (o Caos ilimitado) até que saia dele o *Amrita* da Eternidade, reservado apenas para os deuses e os devas; e Vishnu tem que empregar na tarefa *Nagas* e *Asuras* - demônios no hinduísmo exotérico. Toda a alegoria é altamente filosófica, e a vemos repetida em todos os sistemas filosóficos. Platão, tendo adotado completamente as ideias de Pitágoras - que as havia trazido da Índia - compilou-as e publicou-as de uma forma mais inteligível que os misteriosos numerais do Sábio Grego. Assim o *Cosmos* é “o Filho” em Platão, tendo como pai e mãe o Pensamento Divino e a Matéria.<sup>96</sup>

“Os egípcios”, diz Dunlap<sup>97</sup>, “distinguiam entre um Hórus mais velho e um Hórus mais jovem; o primeiro era o *irmão* de Osíris, o último era o *filho* de Osíris e Ísis.” O primeiro era a *Ideia* do mundo permanecendo na Mente Demiúrgica, “nascida na escuridão antes da criação do mundo.” O segundo Hórus é esta “*Ideia*” indo adiante

---

<sup>93</sup> A obra de Alfred P. Sinnett. (Nota do Tradutor)

<sup>94</sup> O Glossário Teosófico explica que *Amrita* é o néctar, ambrosia ou alimento dos deuses, o alimento que confere imortalidade. É o elixir da vida tirado do Oceano de Leite na alegoria purânica. (Nota do Tradutor)

<sup>95</sup> Como vimos na parte I do volume I, esta metáfora se refere ao modo como se bate o leite para produzir a manteiga, fazendo com que a substância ganhe um aspecto mais concreto. (Nota do Tradutor)

<sup>96</sup> Plutarch, “Isis and Osiris”, 1, VI. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>97</sup> “Vestiges of the Spirit-History of Man”, 1858 edition, pp. 189-190. (Nota de H.P. Blavatsky ampliada por Boris de Zirkoff)

a partir do *Logos*, adotando as vestes da matéria, e começando uma verdadeira existência.<sup>98</sup>

“O Deus mundano, eterno, ilimitado, jovem e velho, cuja forma é giratória”, referem os *oráculos caldeus*.

Esta “forma giratória” é uma figura simbólica para expressar o movimento vibratório da Luz Astral, com a qual os antigos sacerdotes estavam perfeitamente familiarizados, embora o seu nome tenha sido inventado pelos martinistas.

A ciência moderna aponta o dedo com desprezo contra as superstições da Cosmolatria, mas antes de rir-se da Cosmolatria ela deveria, tal como aconselhado por um sábio francês, “remodelar inteiramente o seu próprio sistema de educação cosmo-pneumatológica.” *Satis eloquentiae, sapientiae parum.*<sup>99</sup> A Cosmolatria, assim como o Panteísmo, pode ser levada a dizer na sua expressão última as palavras aplicadas a Vishnu ..... “Ele é apenas a Causa *ideal* das *Potências* a serem geradas no trabalho da criação; e dele procedem as potências a serem criadas, depois que elas se transformarem na verdadeira causa. *Exceto aquela causa ideal*, não há qualquer outra que se possa atribuir ao mundo ..... *Através da potência daquela causa*, cada coisa criada encontra a sua própria natureza.” (*Original Sanskrit Texts, Part IV, pp. 32, 33.*)

## 5. A Divindade Oculta, Seus Símbolos e Glifos [\(Volte para o Sumário\)](#)

O Logos, ou divindade Criativa, a “Palavra transformada em Carne” de todas as religiões, deve ser investigado e conhecido até sua fonte última e sua Essência. Na Índia, ele é um Proteus com 1.008 nomes e aspectos divinos em cada uma das suas transformações *personais*, desde Brahmâ-Purusha até os Avatares *divinos-humanos*, passando pelos Sete Rishis *divinos* e pelos dez Prajapati *semidivinos* (também Rishis). O mesmo problema complexo do “Um em muitos” e da multidão no Um é encontrado em outros Panteões - no egípcio, no grego e no caldeu-judaico -, sendo que este último fez uma confusão ainda maior ao apresentar os seus deuses como evemerizações, na forma de Patriarcas. Estes últimos são agora aceitos por aqueles

---

<sup>98</sup> F. C. Movers, “Die Phönizier”, 1841, vol. I, p. 268. (Nota de H.P. Blavatsky ampliada por Boris de Zirkoff)

<sup>99</sup> “Muita eloquência, pouca sabedoria”. (Nota do Tradutor)

que rejeitam Rômulo como um mito, e são representados como entidades vivas e *históricas. Verbum satis sapienti.*<sup>100</sup>

No Zohar, Ain-Soph é também o UM, e a Unidade infinita. Isso era conhecido pelos muito poucos Padres da Igreja eruditos. Eles sabiam que Jeová era apenas uma potência de *terceira categoria*, e não o Deus “mais elevado”. Mas ao mesmo tempo que reclamavam amargamente dos Gnósticos e diziam ..... “nossos heréticos pensam que PROPATOR <sup>101</sup> é conhecido apenas pelo Filho *Único* <sup>102</sup> (que é Brahmâ entre o resto), isto é, pela mente” (*nous*), Irineu nunca mencionou que os judeus faziam o mesmo em seus reais livros *secretos*. Valentinus, “o mais profundo doutor da Gnose”, afirmava que “houve um ÉON perfeito que existiu antes de Bythos, ou Buthon (o primeiro pai de natureza insondável, que é o segundo Logos) chamado de Propator.” É assim ÉON que se lança como um Raio desde Ain-Soph (que *não cria*), e ÉON que cria, ou *através* de quem, mais precisamente, tudo é criado, ou surge. Porque, como os basilidianos <sup>103</sup> ensinavam, “havia um deus supremo, *Abraxas*, que criou a mente” (*Mahat*, em Sânscrito, *Nous* em grego). “Da Mente procedeu a palavra, *Logos*, da palavra, a Providência (ou melhor, Luz Divina), e então, dela surgiram a Virtude e a Sabedoria em Principados, Poderes, Anjos, etc., etc.” Estes (Anjos) criaram os 365 Éons. “Entre os menos elevados, de fato, e entre os que fizeram este mundo, ele (Basíldes) coloca em último lugar o Deus dos Judeus, que ele nega ser Deus (e com toda razão), afirmando que ele é um dos anjos”.<sup>104</sup> Aqui, então, encontramos o mesmo sistema que nos Puranas, onde o Incompreensível lança uma semente, que se torna um ovo dourado, do qual Brahmâ é produzido. Brahmâ produz Mahat, etc., etc. A verdadeira filosofia esotérica, no entanto, não fala nem de “criação” nem de “evolução” no sentido em que as religiões exotéricas o fazem. Todos estes Poderes personificados não surgem um do outro, mas são aspectos da manifestação única do todo ABSOLUTO. Um sistema igual ao gnóstico predomina nos aspectos Sefirotais de Ain-Soph, no entanto, como *estes aspectos estão no Espaço e Tempo*, é mantida uma certa ordem nos seus sucessivos aparecimentos. Portanto, torna-se impossível não notar as grandes mudanças pelas

---

<sup>100</sup> “Para o sábio, uma palavra é suficiente”. Ou, no ditado popular, “para bom entendedor, meia palavra basta”. (Nota do Tradutor)

<sup>101</sup> Propator: a Profundidade, a Fonte da Luz. Na primeira parte deste volume I, temos a seguinte frase: “É a Profundidade, a Fonte da Luz, ou Propator, que corresponde ao Logos *imanifestado* ou *Ideia* abstrata, e não Ain-Soph ...”. (Nota do Tradutor)

<sup>102</sup> Assim como Mulaprakriti é conhecida apenas por Ishwar, o LOGOS, tal como ele é chamado agora pelo sr. T. Subba Row, de Madras. (Ver suas Palestras sobre o *Bhagavad Gita*.) (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>103</sup> Basilidianos - seguidores de Basíldes de Alexandria, cristão gnóstico que ensinou desde o ano de 117 até o ano de 138, em Alexandria, no Egito. (Nota do Tradutor)

<sup>104</sup> Neste ponto, a edição de 1888 tem a palavra “Ibid.” entre parênteses. Seguimos a edição de Boris de Zirkoff, que coloca nesta altura, ao invés de “Ibid.”, a seguinte nota: “Tertullian, *Liber de praescriptione haereticorum*.” (Nota do Tradutor)

quais o Zohar passou enquanto era manuseado por gerações de Místicos Cristãos. Porque, mesmo na metafísica do Talmude, a “Face inferior” (ou “Semblante Menor”), o microprósopo, de fato, nunca poderia ser colocado no plano do mesmo ideal abstrato que o “Semblante mais Elevado” ou maior, o macroprósopo. Este último é, na Cabala Caldaica, uma pura abstração; a Palavra ou LOGOS; ou DABAR (em hebraico), palavra que, embora se torne de fato um nome plural, ou “palavras” - D(a)B(a)RIM quando reflete a si mesma, ou caia no aspecto de uma Hoste (de anjos, ou Sefirotas, “números”), é ainda coletivamente UM, e no plano ideal um nada - um zero, “coisa-alguma”. Não tem forma e não tem ser, “não é semelhante a qualquer outra coisa”. (Franck, “*Die Kabbala*”, p. 126.) E mesmo Filo, o judeu, chama o Criador, o *Logos* que permanece ao lado de Deus, de “o SEGUNDO DEUS”, e “o segundo Deus que é a SABEDORIA dele (do Deus Mais Elevado). (Philo, *Quaest. et Solut.*) A Divindade não é Deus. Ela é NADA, e ESCURIDÃO. Ela é sem nome, e portanto é chamada de *Ain-Soph* - “o nome *Ayin* significa *nada*”. Veja Franck, “*Die Kabbala*”, p. 153. Veja também a seção XII desta Parte II do volume I, “*A Teogonia dos Deuses Criadores*”. O “Deus Mais Elevado” (o Logos Imanifestado) é o seu Filho.<sup>105</sup>

Tampouco os sistemas gnósticos, que chegam até nós mutilados pelos Padres da Igreja, são na maior parte dos casos melhores que as cascas velhas distorcidas das especulações originais. E eles tampouco foram *abertos* ao público ou aos leitores, em momento algum; isto é, se o significado oculto deles ou seu esoterismo tivesse sido revelado, teria deixado de ser um ensinamento esotérico, e isso jamais poderia ocorrer. Só Marcos (o líder dos marcosianos, no segundo século<sup>106</sup>), que ensinava que a divindade tinha que ser vista sob o símbolo de *quatro sílabas*, revelou mais verdades esotéricas que qualquer outro Gnóstico. Mas mesmo ele nunca foi bem compreendido. Porque é só na superfície ou letra morta da sua *Revelação* que aparece que Deus é um quaternário, ou seja, “o Inefável, o Silêncio, o Pai, e a Verdade”; - na realidade isso é bastante errado e divulga apenas mais um enigma esotérico. Este ensinamento de Marcos era o ensinamento dos primeiros cabalistas, assim como o nosso. Porque ele faz da Divindade o número 30 em 4 sílabas, o que, traduzido esotericamente, significa uma Tríade ou um *Triângulo*, e um Quaternário ou um quadrado, *sete* no total, o que, no plano inferior, fez o sete divino ou as letras secretas que compõem o nome de Deus. Isso requer uma demonstração. Em sua “Revelação”, falando de mistérios divinos expressados através de letras e números, Marcos narra como a “Suprema Tétrade desceu até mim (ele) desde a região que não pode ser vista nem nomeada, em uma forma feminina, porque o mundo teria sido incapaz de tolerar a sua aparição em uma forma masculina”, e revelou a ele “a geração do universo, nunca antes relatada seja a deuses ou a homens”.

Esta primeira frase já contém um duplo sentido. Por que uma figura feminina seria mais facilmente tolerada ou mais escutada pelo mundo do que uma figura

---

<sup>105</sup> Isto é, filho de *Ain-Soph*. (Nota do Tradutor)

<sup>106</sup> Marcos, ou Marcus, discípulo de Valentinus, que foi mencionado cerca de uma página mais acima. (Nota do Tradutor)

masculina? A ideia parece não fazer sentido já à primeira vista. No entanto, trata-se de algo bastante simples e claro para alguém que esteja familiarizado com a linguagem dos mistérios. A *Filosofia Esotérica*, ou Sabedoria Secreta, era simbolizada por uma forma feminina, enquanto uma figura masculina representava o mistério *Desvelado*. Assim, devido ao fato de que o mundo não estava pronto para receber o mistério, ele não era capaz de suportá-lo, e a Revelação de Marcos tinha que ser dada alegoricamente. Então ele escreve:

“Quando pela primeira vez o Inconcebível, o Não-Ser e o Sem-Sexo (o Ain-Soph Cabalístico) começou a estar em trabalho de parto (isto é, quando a hora de manifestar a Si Mesmo havia soado) e desejou que o Seu Inefável nascesse (o primeiro LOGOS, ou Éon, ou Aion), e o seu invisível tinha que ser vestido com uma forma, a sua boca abriu-se e pronunciou a palavra como para si mesmo. Esta palavra (logos) manifestou-se na forma do Um Invisível. O pronunciar deste (inefável) nome (através da palavra) ocorreu da seguinte maneira. Ele (o Supremo Logos) pronunciou a primeira palavra do seu nome, que é uma *sílaba de quatro letras*. Depois foi acrescentada a segunda sílaba, *também de quatro letras*. Então a terceira, composta de *dez* letras; e depois disso a quarta, que contém *doze* letras. O nome inteiro consiste, desta maneira, de *trinta letras e quatro sílabas*. Cada letra tem a sua própria maneira de pronunciar e de escrever, mas nenhuma delas compreende nem jamais olha aquela forma do Nome inteiro; não, nem mesmo o poder da letra que está ao lado de Si Mesmo (do Não-Ser e do Inconcebível).<sup>107</sup> Todos estes sons, quando unidos, são o Não-Ser coletivo, o Éon não-nascido <sup>108</sup>, e *estes* são os Anjos que estão sempre olhando a face do Pai <sup>109</sup>” (o Logos, o “segundo Deus”, que fica ao lado de Deus, “o Inconcebível”, de acordo com Filo).

Isso é tão claro quanto permitido pela prática do segredo esotérico na antiguidade. É igualmente cabalístico, mas menos velado que o Zohar, no qual os nomes místicos ou atributos têm também palavras de quatro, de doze, de quarenta e duas e mesmo de setenta e duas sílabas! A *Tétrade* mostra a Marcos a VERDADE na forma de uma mulher nua, e letras formam cada parte daquela figura, chamando a sua cabeça de  $\Omega$ , o seu pescoço de  $\Psi$ , seus ombros e mãos de  $\Gamma$ , de  $X$ , etc., etc.<sup>110</sup> Nisso, os

---

<sup>107</sup> *Ishwara*, ou o Logos, não pode ver Parabrahmam, mas apenas Mulaprakriti, diz o palestrante, nas Quatro Palestras sobre o Bhagavad Gita. (Veja “The Theosophist”, fevereiro de 1887.) (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>108</sup> Isto é, eterno. (Nota do Tradutor)

<sup>109</sup> Os “Sete Anjos da Face”, entre os cristãos. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>110</sup> Estas são letras gregas. O símbolo  $\Omega$  é “ômega”,  $\Psi$  é “psi”,  $\Gamma$  é a letra “gama”, e  $X$  é a letra “qui/chi”. Sobre a antiga tradição segundo a qual a Verdade se apresenta como uma figura de mulher, e revelando-se através de linguagem simbólica, como nas fábulas, veja nos websites associados o conto de Malba Tahan “[Uma Fábula Sobre a Fábula](#)”. (Nota do Tradutor)

Sefirotos<sup>111</sup> são facilmente reconhecíveis; a Coroa (*Kether*), ou cabeça, corresponde ao número *um*; o cérebro, ou Chochmah, é o 2; o coração, ou Inteligência (*Binah*), é o 3; e os outros sete Sefirotos representam os membros do corpo. A Árvore Sefirotal é o Universo, e Adão Cadmon<sup>112</sup> a representa no Ocidente assim como Brahmâ a representa na Índia.

Em toda parte, os dez Sefirotos são apresentados como divididos entre os três superiores, a *Tríade* espiritual, e o Setenário inferior. O verdadeiro significado esotérico do sagrado número sete é inteligentemente velado no *Zohar*; no entanto ele foi revelado pela maneira dupla de escrever “No começo”, ou *Be-resheeth*, e *Be-raishath*, esta última a “Sabedoria Mais Alta, ou *Superior*”. Tal como mostrado pelo sr. Macgregor Mathers na sua obra *Kabbalah* (p. 47), e na obra *Qabbalah* do sr. T. Myer (p. 233)<sup>113</sup>, e estes dois cabalistas são apoiados pelas melhores autoridades antigas, estas palavras têm um sentido dual e secreto. *Braisheeth bara Elohim* significa que os *seis*, sobre os quais está o *sétimo* Sefirote, pertencem ao tipo inferior material, ou, como o autor diz: “Sete ..... são aplicados à Criação Inferior, e três ao homem espiritual, o Protótipo Celestial ou primeiro Adão.”

Quando os Teosofistas e Ocultistas dizem que Deus não é um SER, porque ELE é nada, *Coisa-Alguma*, eles são mais reverentes e religiosamente respeitosos com relação à Divindade do que aqueles que se referem a Deus como se Ele fosse um HOMEM, e assim fazem dele um gigantesco ser MASCULINO.

Quem estuda a Cabala logo descobre a mesma ideia no pensamento último dos seus autores, os primeiros e grandes Iniciados Hebraicos, que obtiveram esta Sabedoria secreta na Babilônia com os Hierofantes Caldeus, enquanto Moisés obteve a sua no Egito. O *Zohar* não pode ser bem avaliado pelas suas traduções posteriores em Latim e outros idiomas, porque todas estas ideias foram, naturalmente, suavizadas e adaptadas para se harmonizarem com as visões e a *política* dos seus editores cristãos; mas na verdade as suas ideias são idênticas às dos outros sistemas religiosos. As várias Cosmogonias mostram que a Alma Arcaica Universal era considerada por todas as nações como a “Mente” do Criador Demiúrgico; e que ela era chamada de a “Mãe”, *Sophia* entre os Gnósticos (ou a Sabedoria feminina), a *Sefira* entre os judeus, Sarasvati ou Vach entre os hindus, *sendo que o Espírito Santo é um Princípio Feminino*.

Portanto, nascido disso, o *Kurios* ou Logos era, entre os gregos, o “Deus, mente” (*nous*). “Agora Koros (*Kurios*) significa a natureza pura e não-misturada do intelecto-sabedoria”, diz Platão em “Crátilo”; e *Kurios* é Mercúrio, a Sabedoria Divina, e “mercúrio é o Sol” (“Arnóbio de Sica”, vi, xii), de quem Thoth-Hermes recebeu esta Sabedoria divina. Assim, enquanto os *Logoi* de todos os países e

---

<sup>111</sup> *Sefirotos* - plural de *Sefira*. (Nota do Tradutor)

<sup>112</sup> Adão Cadmon, ou Adão Cadmo. (Nota do Tradutor)

<sup>113</sup> Obra disponível nos websites associados: [Qabbalah](#). (Nota do Tradutor)



religiões são correlativos (nos seus aspectos sexuais) com a feminina Alma do Mundo ou com o “Grande Profundo”, a divindade, da qual estes *dois em um* têm o seu ser, está sempre invisível e é chamada de “O Oculto”, sendo conectada apenas indiretamente com a Criação <sup>114</sup>, porque só pode agir através da Força Dual que emana da Essência Eterna. Mesmo Esculápio, chamado de “Salvador de todos”, é, de acordo com clássicos antigos, idêntico a *Ptah*, o Intelecto Criativo egípcio (ou Sabedoria Divina) e idêntico a Apolo, Baal, Adônis e Hércules (veja “*Sod, The Mysteries of Adonis*”, de Dunlap, pp. 23 e 95); e *Ptah* é, em um dos seus aspectos, a “Anima Mundi”, a Alma Universal de Platão, o “Espírito Divino” dos egípcios, o “Espírito Santo” dos primeiros cristãos e gnósticos, e o Akasha dos hindus, e mesmo, no seu aspecto inferior, a *Luz Astral*. Porque *Ptah* foi originalmente o “Deus dos Mortos”, aquele em cujo coração eles eram recebidos, daí o *Limbo* dos cristãos gregos, ou *Luz Astral*. Foi muito mais tarde que *Ptah* passou a ser classificado como um dos deuses solares, com seu nome significando “aquele que abre”, já que ele é mostrado como o primeiro que desvela a face da múmia morta, para chamar a alma à vida em seu coração. (Veja “*Bulaq Museum*”, de Maspero.) KNEPH, o Eterno Não-Revelado, é representado pelo emblema da cobra da eternidade ao redor de um vaso de água, com sua cabeça pairando sobre as “águas” que ela incuba com sua respiração - outra forma da mesma ideia de “Escuridão”, com o seu raio movimentando-se sobre as águas, etc. Como “Logos-Alma”, esta *permuta* é chamada de *Ptah*; como Logos-Criador, ele se torna *Imhot-pou*, seu filho, “o deus da face atraente”. Em suas condições primitivas, estes dois eram a primeira Díade Cósmica, *Noot*, “espaço ou Céu”, e *Noo*, “as Águas primordiais”, a Unidade Andrógina, acima da qual ficava a RESPIRAÇÃO *oculta* de Kneph. E todos eles tinham os animais aquáticos e as plantas aquáticas sagrados para eles, o pássaro *íbis*, o *cisne*, o *ganso*, o *crocodilo*, e o *lótus*.

Voltando à divindade Cabalística, esta Unidade Oculta é então אֵינֶסוֹפְהַי = τό πᾶν = ἄπειρος, Infinita, Ilimitada, Não-Existente, אֵינֶסוֹפְהַי, enquanto o *Absoluto* estiver dentro de *Oulom* <sup>115</sup>, o tempo ilimitado e intérmino. Como tal, *Ain-Soph* <sup>116</sup> não pode ser o Criador nem mesmo o modelador do Universo, nem pode ele ser *Aur* (luz). Portanto *Ain-Soph* é também *Escuridão*. O *imutavelmente* Infinito e *absolutamente* Ilimitado não pode nem querer, nem pensar, nem agir. Para fazer isso seria preciso tornar-se finito, e o Infinito Ilimitado faz isso através do seu raio que penetra no ovo do mundo - o espaço infinito - e que emana dele como um deus finito. Tudo isso é deixado com o raio latente no um. Quando chega o período, a vontade absoluta expande naturalmente a força dentro dele, de acordo com a Lei da

<sup>114</sup> Usamos o termo aceito e aprovado pelo uso, e portanto mais compreensível para o leitor. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>115</sup> Entre os antigos judeus, conforme demonstrado por Le Clerc, a palavra *Oulom* significava apenas um tempo cujo começo e fim são desconhecidos. O termo “eternidade”, propriamente falando, não existia na língua hebraica com o significado, por exemplo, aplicado pelos vedantinos a Parabrahm. (Nota de H P. Blavatsky)

<sup>116</sup> *Ain-Soph* - escrito como *En-Soph* na edição de 1888. (Nota do Tradutor)



qual ele é a Essência interior e última. Os hebreus não adotaram o ovo como um símbolo, mas colocaram em seu lugar o “céu Duplo”, porque, traduzida corretamente, a frase “Deus fez o céu e a Terra” diria: “Dentro e a partir da sua própria essência, como num útero (o ovo do mundo), Deus criou os dois céus”. Mas os cristãos escolheram a pomba como símbolo do seu Espírito Santo.

“Qualquer indivíduo que se familiarize com מֵרַחֵם, a Mercabah <sup>117</sup> e o *lahgash* (fala ou encantamento secreto) aprenderá o segredo dos segredos”. *Lahgash* significa mais ou menos a mesma coisa que Vach, o poder oculto dos Mantras.

Quando o período ativo começa, de dentro da essência eterna de Ain-Soph, surge Sefira, o Poder ativo, chamado de Ponto Primordial e chamado de Coroa, *Kether*. É só através dela que a “Sabedoria Ilimitada” poderia dar uma forma concreta ao Pensamento abstrato. O triângulo superior simboliza a Essência inefável e o universo - o seu corpo manifestado -; e deste triângulo, dois lados, o lado direito e a base, são compostos de linhas ininterruptas; o terceiro, o lado esquerdo, é pontilhado. É através deste último que emerge Sefira. Espalhando-se em todas as direções ela finalmente abrange o triângulo inteiro. Nesta emanção é formada a tríade tríplice. A partir do Orvalho invisível que cai da *Uni-tríade* mais elevada (deixando assim apenas sete sefirot) a Sefira “Cabeça” <sup>118</sup> cria as águas primordiais, isto é, o Caos toma forma. É o primeiro estágio para a consolidação do espírito, que, através de várias modificações, produzirá a terra. “É necessário terra e água para fazer uma alma viva”, diz Moisés. É necessária a imagem de um pássaro aquático para conectar o espírito com a água, o elemento feminino da procriação com o ovo e o pássaro que o fecunda.

Quando Sefira emerge como um poder ativo de dentro da Divindade latente, ela é feminina; quando ela assume a função de um criador, ela se torna um macho; portanto, ela é andrógina. Ela é “o Pai e a Mãe Aditi” da Cosmogonia Hindu e da *Doutrina Secreta*. Se os pergaminhos hebraicos mais antigos tivessem sido preservados, o adorador moderno de Jeová teria descoberto que os símbolos do deus criativo são muitos e são desagradáveis. O sapo na lua, símbolo do seu caráter gerador, era o mais frequente. Todos os pássaros e animais agora considerados “impuros” na Bíblia tinham sido símbolos da Divindade nos tempos antigos. É porque eles eram demasiado sagrados que uma máscara de impureza foi colocada sobre eles, para preservá-los de destruição. A serpente de bronze <sup>119</sup> não era mais poética do que o ganso ou o cisne, se os símbolos tiverem que ser aceitos *literalmente*.

Nas palavras do *Zohar*: “O Ponto Indivisível, que não tem limite e não pode ser compreendido por causa da sua pureza e do seu brilho, expandiu-se *desde fora*,

<sup>117</sup> *Mercabah* - seguimos a grafia proposta pelo Glossário Teosófico (Ed. Ground). (Nota do Tradutor)

<sup>118</sup> “Head”, no original inglês: *Cabeça* ou *Chefe* em português. (Nota do Tradutor)

<sup>119</sup> Serpente de bronze - Ver, na Bíblia, “Números”, 21: 4-9. (Nota do Tradutor)

formando uma claridade que serviu como um véu para o Ponto indivisível”; no entanto este último também “*não podia ser visto em consequência da sua luz imensurável. Ele também se expandia de fora, e esta expansão era a sua vestimenta. Assim, através de uma constante agitação (movimento) finalmente o mundo originou-se*” (Zohar, I, 20a). A substância Espiritual mandada pela Luz Infinita é a primeira Sefira ou *Shekinah*: Sefira *exotericamente* contém em si todos os outros nove sefiotes. *Esotericamente* ela contém apenas dois, *Chochmah* ou *Sabedoria*, “uma potência masculina, *ativa*, cujo nome divino é Jah (יהי)”, e BINAH, uma potência feminina passiva, Inteligência, representada pelo nome divino Jehovah (יהוה); e estas duas potências formam com Sefira, a terceira, a trindade judaica ou a Coroa, KETHER. Estes dois sefiotes, chamados Pai, *Abba*, e Mãe, *Amona*, são a díade ou o *logos* de sexo duplo que emitiu os outros sete sefiotes. (Ver o *Zohar*.) Esta primeira tríade judaica (Sefira, Chochmah e Binah) é a *Trimurti* hindu.<sup>120</sup> Embora velada, mesmo no *Zohar*, e ainda mais no Panteão exotérico da Índia, cada detalhe conectado com um está reproduzido no outro. Os *Prajapati* são os Sefiotes. Dez com Brahmâ, eles se reduzem a sete quando a Trimurti, e a tríade Cabalística, são separadas do resto. Os sete Construtores (Criadores) se tornam os sete *Prajapati*, ou os sete Rishis, na mesma ordem que os Sefiotes se tornam os Criadores; em seguida os Patriarcas, etc. Em ambos os Sistemas Secretos, a Essência una Universal é incompreensível e *inativa* em seu caráter absoluto, e pode ser ligada à construção do Universo apenas de um modo indireto. Em ambos, o Macho-Fêmea primevo ou Princípio Andrógino, e as suas Dez e Sete Emanações (Brahmâ-Viraj e Aditi-Vach de um lado e o Elohim-Jeová, ou Adão Adami - Adão Cadmon - e Eva Sefira de outro lado), com os seus *Prajapati* e Sefiotes, representam, na sua totalidade, em primeiro lugar o homem Arquetípico, o *Proto-logos*; e só no seu aspecto secundário eles se tornam poderes cósmicos, e corpos astronômicos e siderais. Se Aditi é a mãe dos deuses, *Deva-Matri*, Eva é a mãe de todos os seres vivos. Elas são *Shakti* ou o poder gerador no aspecto feminino “Homem Celeste”, e eles são todos Criadores compostos. Diz um Sutra de “Gupta Vidya”: “No começo, um raio saído de Paramarthika (a *única* verdadeira existência) tornou-se manifestado em Vyavaharika (existência convencional), que foi usado como *Vahan* para descer até a Mãe Universal, e para fazer com que ela se expanda (literalmente ‘inchar’, *brih*).” E no *Zohar* é afirmado: “Depois de criada a forma do homem celestial, a Unidade Infinita, sem forma e sem semelhanças, usou-a. A Luz Desconhecida<sup>121</sup> (Escuridão) usou a יהוה צמח (forma celeste) como veículo יהוה בדין para descer, e quis ser chamado por esta forma, que é o nome sagrado Jehovah.”

Como diz o Zohar: “No começo era a Vontade do Rei, antes de qualquer outra existência ..... Ela (a Vontade) esboçou as formas de todas as coisas que haviam

<sup>120</sup> No Panteão indiano, o Logos de sexo duplo é Brahmâ, o Criador, cujos sete “nascidos da mente” são os Rishis primevos - os “Construtores”. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>121</sup> Diz o rabino Simeon: “Ah, companheiros, companheiros, o homem como uma emanção era tanto homem como mulher, tanto no lado do ‘Pai’ como no lado da ‘Mãe’. E este é o sentido das palavras: ‘E o Elohim falou: Que haja Luz, e a Luz existiu. E este era o homem duplo.’” (“Auszüge aus dem Sohar”, p. 13, 15.) (Nota de H.P. Blavatsky)

sido ocultadas mas agora se tornaram visíveis. E surgiu como um segredo selado, da cabeça de Ain-Soph, uma nebulosa faísca de matéria, sem forma ou configuração ..... A Vida é retirada desde o inferior, e desde o superior a fonte se renova, o mar está sempre cheio e espalha suas águas por todo lugar.” Assim a Divindade é comparada a um mar sem praias, a uma água que é “a fonte da vida” (Zohar, iii, 290). “O sétimo palácio, a fonte da vida, é o primeiro na ordem a contar de cima” (ii, 261). Por causa disso há o princípio cabalista dito pelo muito cabalista Salomão, que afirma em Provérbios IX, I: “A Sabedoria construiu a casa dela; ela talhou os seus sete pilares”.

De onde vem, então, toda esta identidade de ideias, se não houve uma Revelação UNIVERSAL primeva? Os pontos mostrados são como algumas poucas palhas em um monte de feno, em comparação com aquilo que será mostrado à medida que a obra prossegue. Se nós nos mostrarmos para a mais vaga de todas as Cosmogonias - a chinesa - veremos que mesmo lá idêntica ideia é encontrada. *Tsi-tsai* (o Autoexistente) é a Escuridão desconhecida, a raiz do *Wulsang-sheu* (Idade Sem Limites), Amitaba, e Tien (céu) vem depois. O “grande Extremo”, de Confúcio, transmite a mesma ideia, apesar das suas “palhas”. Estas últimas são fonte de grande divertimento dos missionários cristãos. Eles riem de todas as religiões “pagãs”, desprezam e odeiam a religião dos seus irmãos cristãos de outras denominações, e no entanto todos eles aceitam *literalmente* a sua própria Gênese. Se nos voltarmos para a Caldeia, encontraremos lá *Anu*, a divindade oculta, o Um, cujo nome, além disso, demonstra que ele é de origem sânscrita. *Anu*, que em sânscrito significa “átomo”, *aniyamsam aniyasam* (o menor dos menores), é um nome de Parabrahm na filosofia Vedanta; e Parabrahm é descrito como menor que o menor dos átomos, e maior que a maior esfera, ou universo: “*Anagraniyam e Mahatorvavat*”. Isso é o que George Smith dá como primeiros versos do Gênese Acadiano tal como encontrado nos textos cuneiformes nos “*Lateres Coctiles*”.<sup>122</sup> Lá, também, encontramos *Anu*, a divindade passiva ou Ain-Soph; *Bel*, o Criador; o Espírito de Deus (Sefira) movimentando-se sobre a face das águas, e por isso água ele próprio; e *Hea*, a Alma Universal ou a sabedoria dos três combinados.

Os oito primeiros versos dizem o seguinte:

1. Quando acima não estavam erguidos os céus;
2. E abaixo na Terra nenhuma planta havia crescido.
3. O abismo não havia quebrado as suas fronteiras.
4. O caos (ou água) Tiamat (o mar) era a mãe produzindo o conjunto deles. (Esta é a Aditi Cósmica e Sefira Cósmica.)
5. Aquelas águas no começo foram ordenadas mas -
6. Nenhuma árvore havia crescido, nenhuma flor havia-se desenvolvido.
7. Quando os deuses não haviam surgido, nenhum deles.
8. Uma planta não havia crescido, e não existia ordem.

---

<sup>122</sup> “*Lateres Coctiles*” - tijolos produzidos em forno, cozidos, por oposição aos tijolos tradicionalmente produzidos usando o calor do Sol. Os *tijolos cozidos* são mais resistentes e sua produção foi um importante avanço tecnológico. (Nota do Tradutor)

Este era o período caótico ou pré-genético - o duplo Cisne e o Cisne Escuro, que se torna branco, quando a Luz é criada.<sup>123</sup>

O símbolo escolhido para o ideal majestoso do Princípio Universal parecerá pouco conveniente para o seu caráter sagrado. Um ganso, ou mesmo um cisne, podem parecer inadequados, sem dúvida, para representar a grandeza do Espírito. No entanto, ele deve ter tido algum significado profundo e oculto, já que está presente não só em todas as cosmogonias e religiões do mundo, mas foi escolhido até mesmo pelos cristãos medievais, os Cruzados, como o *veículo* do Espírito Santo que supostamente levou o exército até a Palestina, para arrancar o Túmulo do Salvador das mãos dos sarracenos. Se acreditarmos na afirmativa do professor Draper em seu “Intellectual Development of Europe”, os Cruzados, liderados por Pedro, o Eremita, eram precedidos, à frente do exército, pelo Espírito Santo sob a forma de um ganso macho em companhia de um bode. O Deus do Tempo egípcio, Geb, leva um ganso em sua cabeça. Júpiter assume a forma de um cisne e Brahmâ também, porque a raiz de tudo é este mistério dos mistérios - o OVO DO MUNDO. (Veja a seção anterior, “O Caos, Theos e o Cosmo”.) É preciso conhecer a razão de um símbolo, antes de depreciá-lo. O elemento dual do Ar e da Água é o da íbis, do cisne, do ganso e do pelicano, dos crocodilos e sapos, das flores de lótus e lírios, etc.; e o resultado é a escolha dos símbolos mais improváveis entre os místicos modernos assim como entre os antigos. Pan, o grande deus da natureza, era geralmente representado em relação com pássaros aquáticos, especialmente gansos, e o mesmo acontecia com outros deuses. Se, mais tarde, com a gradual degeneração da religião, os deuses para os quais os gansos eram sagrados se tornaram divindades priápicas <sup>124</sup> não é razoável pensar que as aves aquáticas foram feitas sagradas para Pan e outras divindades fálicas como os zombadores, mesmo da antiguidade, gostariam de suportar (ver *Petronii Satyrice*, cxxxvi); mas sim que o poder abstrato e divino da natureza procriativa havia sido grosseiramente antropomorfizado. Tampouco o Cisne de Leda<sup>125</sup> mostra “ações priápicas e o prazer dela com tais ações”, como o sr. Hargrave Jennings castamente afirma; porque o mito é apenas outra versão da mesma ideia filosófica de cosmogonia. Os cisnes são frequentemente associados com Apolo, porque são os emblemas da água e do fogo (da luz do Sol, também), antes da separação dos Elementos.

Nossos simbologistas modernos poderiam tirar proveito de algumas observações feitas por uma escritora bem conhecida, a sra. Lydia Maria Child. “Desde tempos imemoriais foi adorado um emblema no Hindustão como o símbolo da criação, ou origem da vida ..... Shiva ou Mahadeva é não só o reprodutor das formas humanas,

---

<sup>123</sup> Os Sete Cisnes que se acredita que chegaram do Céu à Terra no Lago Mansarovara, são na fantasia popular os Sete Rishis da Ursa Maior, que assumem aquela forma para visitar a localidade onde os Vedas foram escritos. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>124</sup> *Priápicas* - relativas a Príapo, deus da fertilidade na Grécia antiga. (Nota do Tradutor)

<sup>125</sup> Cisne de Leda - Na mitologia grega, Leda foi seduzida por um cisne e chocou dois ovos. (Nota do Tradutor)

mas também o poder da frutificação, o poder generativo que permeia o Universo. O emblema maternal é igualmente um símbolo religioso. Esta reverência pela produção de vida introduziu os símbolos sexuais na adoração de Osíris. Será estranho o fato de que eles viam com reverência o grande mistério do nascimento humano? Seriam eles impuros por verem o nascimento deste modo? Ou será que *nós* somos impuros por não vê-lo desta maneira? Mas *nenhuma mente pura e reflexiva* poderia pensar isso deles. Temos percorrido um longo caminho, e têm sido muitos os momentos impuros, desde que aqueles antigos anacoretas falaram pela primeira vez de Deus e da alma na solene profundidade dos seus primeiros santuários. Evitemos sorrir do modo deles de investigar o infinito e a Causa incompreensível em todos os mistérios da natureza, porque, fazendo isso, lançaríamos a sombra da nossa própria grosseria sobre a simplicidade patriarcal deles.” (“Progress of Religious Ideas”, Vol. I, p. 17 e seguintes.)

## 6. O Ovo do Mundo [\(Volte para o Sumário\)](#)

De onde surge este símbolo universal? O ovo foi incluído como símbolo sagrado na cosmogonia de todos os povos da Terra, e era reverenciado tanto por causa da sua forma como devido ao seu mistério interno. Desde as primeiras concepções mentais do ser humano, ele era visto como aquilo que representa do modo mais eficiente a origem e o segredo da existência. O desenvolvimento gradual do germe imperceptível dentro da casca fechada; o trabalho interior, aparentemente sem qualquer interferência de forças externas, que, desde um *nada* latente, produziu um ativo *algo*, que não necessita de coisa alguma exceto calor; e que, tendo gradualmente evoluído até ser uma criatura concreta, viva, quebra a sua casca, aparecendo aos sentidos externos de todos como um ser autogerado e autocriado, - este deve ter sido desde o início um milagre notável.

O ensinamento secreto explica a razão desta reverência pelo Simbolismo das raças pré-históricas. A “Primeira Causa” no começo não tinha nome. Mais tarde foi descrita na imaginação dos pensadores como um Pássaro sempre invisível, misterioso, que punha o Ovo no Caos, um Ovo que se transformava no Universo. Por isso Brahm era chamado de Kalahansa, “o cisne (no Espaço e) no Tempo”. Ele tornou-se “o Cisne da Eternidade”, que no começo de cada Mahamanvântara lança um “Ovo Dourado”. Ele tipifica o grande Círculo, ou O, em si mesmo um símbolo do Universo e dos seus corpos esféricos.

A segunda razão para que ele tenha sido escolhido como a representação simbólica do Universo, e da nossa Terra, é a sua forma. Era um Círculo e uma Esfera; e a forma oval do nosso globo deve ter sido conhecida desde o começo da simbologia, já que foi tão universalmente adotada. A primeira manifestação do Cosmos na forma de um ovo era a crença mais amplamente difundida da antiguidade. Como Bryant

mostra<sup>126</sup> (iii, 165) o símbolo era adotado entre os gregos, os sírios, os persas e os egípcios. No capítulo liv do Ritual Egípcio <sup>127</sup>, afirma-se que Geb, o Deus do Tempo e da Terra, pôs um ovo, o Universo, “um ovo concebido na hora do grande Um da Força Dual” (Sec. V, 2, 3, etc.).

Rá é mostrado como Brahma, gestando no Ovo do Universo. O morto é “resplandecente no Ovo da terra dos mistérios” (xxii, 1). Porque este é “o Ovo ao qual é dado vida entre os deuses” (xlii, 13)

Entre os gregos o Ovo Órfico é descrito por Aristófanes, e fazia parte dos mistérios dionisíacos e outros mistérios, durante os quais o Ovo do Mundo era consagrado e explicava-se o seu significado; Porfírio mostrou-o como uma representação do mundo, Ἐρμίνεει δὲ τὸ ὄν κόσμον. Faber e Bryant tentaram mostrar que o ovo tipificava a arca de Noé, o que, a menos que seja aceitado como algo puramente alegórico e simbólico, é uma crença absurda. Pode ter tipificado a arca apenas como um sinônimo da Lua, a *argha* que carrega a semente universal da vida; mas seguramente nada tinha a ver com a arca da Bíblia. De qualquer modo, era geral a crença de que o universo existiu no começo na forma de um ovo. E, segundo Wilson afirma: “Um relato similar da primeira agregação dos elementos na forma de um ovo é feito em todos os Puranas (indianos), com o usual epíteto Haima ou Hiranya, ‘dourado’, como ocorre em Manu.” Hiranya, no entanto, significa “resplandecente”, “brilhante”, mais do que “dourado”, conforme é comprovado pelo grande erudito indiano, o falecido Swami Dayanand Sarasvati, em sua polêmica não-publicada com o professor Max Müller. O *Vishnu Purana* afirma: “O Intelecto (Mahat) ..... (o imanifestado), incluindo seus elementos grosseiros, formou um ovo ..... e o próprio senhor do universo morou nele, em seu caráter de Brahmâ. Neste ovo, Oh, brâmane, estavam os continentes, e mares e montanhas, os planetas e as divisões do universo, os deuses, os demônios e a humanidade”. (*Livro I, cap. 2.*) Tanto na Grécia como na Índia, o primeiro ser masculino visível, que uniu em si mesmo a natureza de cada um dos sexos, morava no ovo e saiu dele. Este “primogênito do mundo” era Dionísio, entre alguns gregos; o deus que saiu do ovo do mundo, e do qual derivaram os mortais e os imortais. O deus Rá é descrito no *Ritual* (Livro dos Mortos, xvii, 50) como radiante em seu ovo (o Sol), e ele começa a movimentar-se tão logo o deus *Shoo* (a energia Solar) acorda e lhe dá o impulso. “Ele está no ovo Solar, o ovo ao qual é dada vida entre os deuses” (*Ibid.*, xlii, 13). O deus Solar exclama: “Eu sou a alma criativa do abismo celestial. Ninguém vê meu ninho, ninguém pode quebrar meu ovo, eu sou o Senhor!” (*Ibid.*, LXXXV)

Em vista desta forma circular, o “|” saindo do “○”, ou o ovo, ou a forma masculina saindo da forma feminina no andrógino, é estranho encontrar um erudito dizendo - com base no fato de que o mais antigo manuscrito indiano não mostra

<sup>126</sup> “*New System, or, an Analysis of Ancient Mythology*”, de S. Bryant, 1807, vol. III, p. 165. (Nota de H.P. Blavatsky, complementada por Boris de Zirkoff)

<sup>127</sup> *Ritual Egípcio* - não confundir com o falso “*Rito Egípcio*” fabricado por Annie Besant e outros membros da Sociedade de Adyar no contexto da pseudoteosofia, conforme mencionado no artigo “[A Fraude da Escola Esotérica](#)”. (Nota do Tradutor)

indício dele - que os antigos arianos ignoravam a notação decimal. O dez, sendo o número sagrado do universo, era secreto e esotérico, como unidade e como cifra, ou zero, o círculo. Além disso, o professor Max Müller afirma que “as duas palavras *cifra* e *zero*, que são apenas uma, são suficientes para provar que os nossos números foram tomados emprestados dos árabes.<sup>128</sup> Cifra é ‘cifron’ em arábico, e significa *vazio*, uma tradução do termo sânscrito para ‘nada’, ‘sunya’”, diz ele.<sup>129</sup> Os árabes obtiveram os seus números no Hindustão, e nunca pretenderam ter feito a descoberta por si mesmos.<sup>130</sup> Quanto aos pitagóricos, é suficiente examinar os manuscritos antigos da *Geometria* de Boécio, obra escrita no século seis, para encontrar entre os numerais pitagóricos<sup>131</sup> o um e o *nada* como a primeira e a última cifra. E Porfírio, que cita o pitagórico *Moderatus*<sup>132</sup>, diz que os numerais de Pitágoras eram “símbolos hieroglíficos, através dos quais ele explicava ideias sobre a natureza das coisas”, ou a origem do universo.

Se, por outro lado, os manuscritos indianos mais antigos ainda não demonstram conter nenhum indício de notação decimal, e Max Müller afirma muito claramente que até agora ele encontrou apenas nove letras neles (as iniciais dos numerais sânscritos); de outra parte, nós temos registros igualmente antigos para oferecer a necessária prova. Estamos falando das esculturas e das imagens sagradas nos templos mais antigos do extremo Oriente. Pitágoras obteve seu conhecimento na Índia; e nós vemos o professor Max Müller corroborando esta afirmação, pelo menos até o ponto de permitir que os *Neopitagóricos* tenham sido os primeiros professores de “cifragem” entre os gregos e os romanos; que “eles em Alexandria, ou na Síria, ficaram familiarizados com os algarismos indianos, e os adaptaram ao ábaco<sup>133</sup> pitagórico” (“Our Figures”). Esta cautelosa admissão implica que o próprio Pitágoras conhecia apenas *nove* algarismos. A isso nós poderíamos responder razoavelmente dizendo que embora não tenhamos (*exotericamente*) prova cabal de que a notação decimal era conhecida de Pitágoras, que viveu precisamente no final das eras arcaicas<sup>134</sup>, nós temos, no entanto, evidências suficientes para mostrar que os números inteiros, tal como dados por Boécio, eram conhecidos pelos Pitagóricos,

---

<sup>128</sup> Veja “Our Figures”, de Max Müller. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>129</sup> Um cabalista estaria mais inclinado a acreditar que como a palavra arábica *cifron* foi tirada do termo indiano *Sunya, nada*, então os Sefiotes Cabalistas Judeus (*Sephrim*) eram derivados da palavra **cifra**, não no sentido de vacuidade, mas no reverso, no sentido da criação através de números e graus em sua evolução. E os Sefiotes são 10 ou ①. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>130</sup> Veja “Our Figures”, de Max Müller. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>131</sup> Veja “Gnostics and their Remains”, de King, gravura xiii. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>132</sup> “Vita Pythag.”. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>133</sup> Ábaco - tábua para fazer cálculos. (Nota do Tradutor)

<sup>134</sup> 608 antes da era cristã. (Nota de H. P. Blavatsky)

mesmo antes da construção de Alexandria.<sup>135</sup> Encontramos esta evidência em Aristóteles, que diz; “alguns filósofos sustentam que as ideias e os números têm a mesma natureza, e são DEZ em total.”<sup>136</sup> Isso, nós acreditamos, será suficiente para mostrar que a notação decimal era conhecida entre eles pelo menos quatro séculos antes da era cristã, porque Aristóteles não parece tratar a questão como uma inovação dos “Neopitagóricos”.

Mas sabemos mais do que isso: *sabemos* que o sistema decimal deve ter sido conhecido pela humanidade desde as primeiras eras arcaicas, já que toda a parte astronômica e geométrica da linguagem secreta sacerdotal foi construída sobre o número 10, ou seja, sobre a combinação dos princípios masculino e feminino, e já que a pirâmide de Quéops está construída com base nas medidas da notação decimal, ou melhor, com base nos algarismos e suas combinações com o *nada*. Sobre isso, porém, já foi dito o suficiente em *Ísis Sem Véu*, e seria inútil repeti-lo e voltar ao mesmo tema.

O simbolismo das divindades Lunares e Solares está tão inextricavelmente combinado que é praticamente impossível distinguir uns dos outros glifos tais como o ovo, o lótus, e os animais “sagrados”. O *ibis*, por exemplo, sagrado para Ísis, que é com frequência representada com a cabeça deste pássaro; e sagrado também para Mercúrio ou Thoth, porque este deus assumiu esta forma enquanto escapava de Tifão - o *ibis* era objeto de grande veneração no Egito. Havia dois tipos de íbises, diz Heródoto (Livro II, cap. 75 e seguintes), naquele país; um *completamente preto*, o outro branco e preto. Atribui-se ao completamente preto o fato de haver lutado e exterminado as serpentes aladas que vinham a cada primavera da Arábia e infestavam o país. O outro era sagrado para a Lua, porque este planeta é branco e brilhante no seu lado externo, e escuro e preto no lado que nunca está voltado para a Terra. Além disso, o *ibis* mata serpentes terrestres e causa tremenda destruição entre os ovos do crocodilo, e assim salva o Egito de ter o Nilo infestado por aqueles horríveis sáurios. Acredita-se que o pássaro faz isso sob a luz da Lua, e assim é ajudado por *Ísis*, deusa da qual a Lua é o símbolo sideral. Mas a verdade esotérica mais próxima, subjacente a estes mitos populares, é que Hermes, tal como mostrado por Abenephius (*De cultu Egypt.*), zelava pelos egípcios sob a forma deste pássaro, e ensinava a eles as artes e ciências ocultas. Isso significa simplesmente que o pássaro *ibis religiosa* tinha e tem propriedades “mágicas” em comum com muitos outros pássaros, principalmente o albatroz e o mítico cisne branco, o cisne da Eternidade ou do Tempo, o KALAHANSA.

Se não fosse assim, de fato, por que motivo todos os povos antigos - que, aliás, não eram mais tolos do que nós - teriam tamanho medo supersticioso de matar certos pássaros? No Egito, quem matasse um *ibis*, ou o falcão dourado, símbolo do Sol e de Osíris - corria o risco de ser morto e dificilmente escapava. A veneração de algumas nações por pássaros era tamanha que Zoroastro, em seus preceitos, proíbe a sua

---

<sup>135</sup> Esta cidade foi construída em 332 antes da era cristã. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>136</sup> “Metafísica”, vii, F. (Nota de H. P. Blavatsky)



morte qualificando-a como crime hediondo. Em nossa época, costumamos rir de toda forma de adivinhação. No entanto, por que será que tantas gerações têm acreditado na adivinhação pelos pássaros, e até mesmo em zoomancia, a qual foi transmitida por Orfeu, segundo disse Suídas <sup>137</sup>? Orfeu ensinou como perceber na gema e na clara do ovo, sob certas condições, aquilo que o pássaro que nasceria dele veria ao seu redor durante a sua curta vida. Esta arte oculta, que 3.000 anos atrás exigia a maior erudição e os mais abstrusos cálculos matemáticos, caiu em profunda degradação: são agora as velhas cozinheiras e os adivinhos que leem o futuro de jovens empregadas que procuram marido, com ajuda da clara do ovo em um copo.

No entanto, mesmo os cristãos têm até hoje os seus pássaros sagrados. Por exemplo, a pomba, símbolo do Espírito Santo. Eles tampouco deixaram de lado os animais sagrados. A zoolatria *evangélica* - o Touro, a Águia, o Leão e o Anjo (na verdade o Querubim, ou Serafim, a Serpente ígnea voadora) <sup>138</sup> - é tão pagã quanto a zoolatria dos egípcios ou dos caldeus. Estes quatro animais são, na verdade, símbolos dos quatro elementos, e dos quatro princípios *inferiores* no homem. No entanto, eles correspondem física e materialmente às quatro constelações que formam o que se pode chamar de *séquito* ou *procissão* do deus solar, e ocupam durante o solstício de inverno os quatro pontos cardeais do círculo zodiacal. Estes quatro “animais” podem ser vistos em muitos dos Novos Testamentos em que são dados os *retratos* dos evangelistas. São os animais da Mercabah de Ezequiel.

Conforme corretamente colocado por Ragon, “os antigos hierofantes combinaram de modo tão inteligente os dogmas e os símbolos das suas filosofias religiosas, que estes símbolos só podem ser completamente explicados pelo conhecimento e pela combinação de *todas* as chaves.” Eles só podem ser *aproximadamente* interpretados, mesmo que alguém descubra três ou quatro destes sete sistemas: o *antropológico*, o *psíquico*, e o *astronômico*. Eles preservaram no maior segredo as duas principais interpretações, a mais alta e a mais inferior, a espiritual e a fisiológica, até que esta última caiu no domínio do profano. Até o momento, abordamos apenas os hierofantes *pré-históricos*, para os quais aquilo que agora se tornou puramente (ou impuramente) fálico era uma ciência tão profunda e tão misteriosa quanto a biologia e a fisiologia são agora. Era propriedade exclusiva deles, fruto dos seus estudos e das suas descobertas. As outras duas eram as que lidavam com os deuses criadores, (teogonia) e com o homem criador, isto é, os mistérios ideais e os mistérios práticos. Estas interpretações foram tão inteligentemente veladas e combinadas que muitos, ao chegar à descoberta de um significado, ficavam demasiado perplexos para compreender os outros, e nunca conseguiam decifrá-los em grau suficiente para fazer revelações perigosas. As mais altas, a primeira e a quarta interpretação - a teogonia em relação com a antropogonia - eram quase impossíveis de compreender. Encontramos provas disso nas “escrituras sagradas” dos judeus.

---

<sup>137</sup> Suídas - Pensador grego do século 10 da era cristã. Escreveu um glossário com trechos de obras antigas, em parte dicionário, em parte enciclopédia. (Nota do Tradutor)

<sup>138</sup> Veja Isaías, 30: 6. (Nota do Tradutor)

É devido ao fato de a serpente ser ovípara que ela se tornou um símbolo da sabedoria e um emblema dos Logoi, ou *autonascidos*. No templo de Philae, no Alto Egito, um ovo era preparado artificialmente com barro feito de vários incensos, e era incubado por um processo peculiar, quando nascia uma *cerasta* (serpente cornuda)<sup>139</sup>. O mesmo era feito na antiguidade em relação à serpente nos templos indianos. O Deus *criador* emerge do ovo que surge da boca de Kneph - como uma serpente de asas - porque a Serpente é símbolo da sabedoria do Todo. Entre os hebreus ele é simbolizado pelas “serpentes de fogo ou voadoras” do deserto, e de Moisés, e entre os místicos de Alexandria ele se torna Ofio-Cristos, o Logos dos Gnósticos. Os protestantes tentam mostrar que a alegoria da Serpente de Bronze e das “serpentes ígneas” tem uma referência direta ao mistério de Cristo e da crucificação <sup>140</sup>, mas ela tem uma relação muito maior, na verdade, com o *mistério da geração*, quando dissociada do ovo com o germe central, ou do *círculo com o seu ponto central*. A *Serpente de bronze* não tinha um significado tão sagrado como este; e tampouco era, na verdade, colocada, em termos de glória, acima das “*serpentes ígneas*”, porque a mordida dela era apenas um remédio natural. O significado simbólico da expressão “de bronze” <sup>141</sup> era o princípio feminino, e o significado de “ígneo”, ou “de ouro”, era o princípio masculino.<sup>142</sup>

---

<sup>139</sup> Cerasta - Serpente do Meio Oriente, que possui uma protuberância na cabeça. (Nota do Tradutor)

<sup>140</sup> E isso *apenas* porque a serpente de bronze foi erguida em um mastro! Ela tem mais precisamente uma referência a Mico, o ovo egípcio que fica erguido com o apoio do sagrado *Tau*; já que o Ovo e a Serpente são inseparáveis no antigo culto e na antiga simbologia do Egito, e já que tanto as serpentes de bronze como as serpentes “ígneas” eram *Saraphs*, os mensageiros “ardentes de fogo”, ou os Deuses serpentes, os *nagas* da Índia. Era um símbolo puramente fálico sem o ovo, enquanto que, quando associado com o ovo, se relacionava com a criação cósmica. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>141</sup> “De bronze” - “*Brazen*” no original em inglês. A palavra “*brazen*” também pode significar “de latão”. (Nota do Tradutor)

<sup>142</sup> “O bronze era um metal que simbolizava o *mundo inferior* ..... o mundo do útero onde a vida devia ser dada ..... A palavra para serpente estava em hebraico, *Nakash*, mas este é o mesmo termo para *bronze*.” Afirma-se em Números (xxi), na Bíblia, que os judeus reclamaram do deserto *onde não havia água* (vers. 5); depois disso “o Senhor mandou serpentes ígneas” para mordê-los, quando, para atender ao desejo de Moisés, deu a ele como remédio a *serpente de bronze* em um mastro, para que fosse olhada; e depois disso “qualquer homem, quando olhava para a serpente de bronze ..... *vivia*” (?). Depois disso o “Senhor”, reunindo o povo no poço de Beer, dá a eles água (14-16), e Israel, o povo, agradecido, cantou esta canção; “faz brotar, oh poço” (vers. 17). Quando, depois de estudar simbologia, o leitor cristão chega a compreender o significado mais interno destes três símbolos - a *água*, o *bronze*, a *serpente* e mais alguns - *no sentido dado a eles na Bíblia Sagrada*, ele dificilmente desejará conectar o nome sagrado do seu Salvador com o incidente da “Serpente de Bronze”. Os Serafins שרפים (serpentes ígneas aladas) estão sem dúvida conectados com a ideia, e são inseparáveis da ideia da “serpente da eternidade - Deus”, tal como explicado no Apocalipse de Kenealy. Mas a palavra *querubim* também significava serpente, em um sentido, embora o seu significado direto seja diferente; porque

No *Livro dos Mortos* egípcio, tal como mostrado acima, o Ovo é mencionado com frequência. Rá, o poderoso, permanece em seu Ovo, durante a luta entre os “Filhos da Rebelião” e *Shoo* (a Energia Solar e o Dragão da Escuridão) (cap. xvii). O morto é resplandecente no seu Ovo quando ele atravessa para a terra do mistério (xxii. i).<sup>143</sup> Ele é o Ovo de Seb (liv. 1-3) ..... O Ovo era o símbolo da vida na *imortalidade* e na eternidade; assim como uma imagem da matriz geradora; e o *tau*, associado com ele, era o símbolo apenas da vida e do nascimento em *geração*. O Ovo do Mundo era colocado em *Khnum*, a “Água do Espaço”, ou o princípio *abstrato* feminino (com a *queda* da humanidade na geração e no falicismo, Khnum se transformava em Amon, o deus *criador*); e quando *Ptah* o “deus ígneo” leva o ovo do Mundo em sua mão, então o simbolismo se torna bastante terrestre e concreto no seu significado. Em conjunto com o falcão, símbolo de Osíris-Sol, o símbolo é dual; relaciona-se com as duas vidas - a mortal e a imortal. Num papiro reproduzido na obra *Oedipus Aegyptiacus*, de Kircher (vol. III, p. 124), podemos ver um ovo flutuando acima da múmia. Este é o símbolo da esperança e a promessa de um *segundo nascimento* para o morto *Osirificado*; sua Alma, depois da devida purificação no Amenti, passará por uma gestação neste ovo da imortalidade, até renascer a partir dele para uma nova vida na Terra. Porque este Ovo, na doutrina esotérica, é o *Devachan*, a morada da Bem-Aventura; e o escaravelho alado é igualmente um símbolo dele. O “globo alado” é apenas outra forma do ovo, e tem o mesmo significado que o escaravelho, o *Khopiroo* (da raiz *Khoproo*, “tornar-se”, “renascer”) que se relaciona com o renascimento do ser humano e com sua regeneração espiritual.

Na Teogonia de Mochus, vemos primeiro o Éter, depois o ar, do qual surge Ulom, a divindade *inteligível* (*νοήτος*) (o Universo de Matéria visível) que nasce saindo do Ovo do Mundo. (*Phoinizer*, de Movers<sup>144</sup>, p. 282.)

Nos Hinos *Órficos*, o Eros-Phanes surge do Ovo divino, que os *Ventos Etéreos* impregnam, sendo que o vento é “o Espírito da Escuridão desconhecida” - “o espírito de Deus” (conforme explica K.O. Müller, 236); a divina “Ideia”, diz Platão, “da qual se diz que movimenta o Éter.”

---

os Querubins e os “grifos” *γρύφες* alados persas [*Subnota do Tradutor*: Em mitologia, grifos são animais fabulosos com corpo de leão e cabeça e asas de águia.] - os guardiões de montanha dourada - são iguais; e o nome composto deles mostra o seu caráter, porque é formado de **כר** (Kr), *círculo*, e **אוב**, “aub” ou “ob” - serpente - portanto, uma “serpente em um círculo”. E isso estabelece o caráter fálico da Serpente de Bronze, e justifica Ezequias por tê-la destruído. (Veja *II Reis*, XVIII, 4) *Verbum sat Sapienti*. (Nota de H.P. Blavatsky) [*Subnota do Tradutor*: Como vimos em nota anterior, a frase em latim “*Verbum sat Sapienti*” significa “para bom entendedor meia palavra basta”.]

<sup>143</sup> Ou seja, o Ovo também pode ser visto como a Aura; e Helena Blavatsky escreveu sobre o tema do *Ovo Áurico* para os alunos da sua Escola Esotérica, mais tarde espiritualmente destruída por Annie Besant e outros desinformados. (Nota do Tradutor)

<sup>144</sup> *Die Phönizier*, de Franz Karl Movers (1806-1856). (Nota do Tradutor)

No *Kathakopanishad* hindu, Purusha, o espírito divino, já fica diante da matéria original, “de cuja união surge a grande alma do mundo”, Maha-Atma, Brahmâ, o Espírito da Vida <sup>145</sup>, etc., etc. <sup>146</sup>

Além disso, há muitas alegorias encantadoras sobre este assunto, espalhadas pelos livros sagrados dos brâmanes. Em um lugar é o criador feminino que é primeiro um germe, depois uma gota do orvalho celestial, ou uma pérola, e então um ovo. Em tais casos - que são demasiado numerosos para que se possa mencionar cada um deles - o Ovo dá nascimento aos quatro elementos dentro do quinto, o Éter, e é revestido por sete coberturas, que se tornam depois os sete mundos superiores e os sete mundos inferiores. Dividindo-se, o ovo, em dois, a casca se torna o céu, e a gema se transforma na Terra. A clara do ovo forma as águas terrestres. E então novamente é Vishnu que emerge de dentro do ovo com uma flor de lótus na mão. Vinata, uma filha de Daksha e esposa de Kasyapa (“o Autonascido surgido do Tempo”, um dos sete “criadores” do nosso mundo) gera um ovo, do qual nasce Garuda, o veículo de Vishnu. Esta última alegoria se relaciona apenas com a nossa Terra, já que Garuda é o Grande Ciclo.

O ovo era sagrado para Ísis; por causa disso os sacerdotes do Egito nunca comiam ovos. <sup>147</sup>

Diodoro Sículo <sup>148</sup> afirma que Osíris nasceu de um ovo, tal como Brahmâ. Apolo e Latona nasceram de um ovo de Leda <sup>149</sup>, e do mesmo modo como Castor e Pólux, os Gêmeos brilhantes. E embora o budismo não atribua a mesma origem ao seu fundador, ainda assim os budistas não comem ovos, tal como os egípcios antigos e os brâmanes modernos, para que não seja destruído o germe da vida latente neles, o que seria um Pecado. Os chineses acreditam que o seu primeiro ancestral nasceu de

---

<sup>145</sup> Estas últimas denominações são todas idênticas a *Anima Mundi*, ou “Alma Universal”, a luz astral dos Cabalistas e dos Ocultistas, ou o “Ovo da Escuridão”. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>146</sup> A. Weber, “Akademische Vorlesungen”, 1876, p. 255. (Nota de H.P. Blavatsky revisada por Boris de Zirkoff)

<sup>147</sup> Ísis é quase sempre representada segurando um lótus em uma mão e um círculo e uma cruz na outra (*cruz ansata*), e o ovo é sagrado para ela. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>148</sup> Diodorus Siculus, ou Diodoro Sículo, foi um historiador grego e viveu no século I antes da era cristã. Esteve no Egito e em Roma e escreveu uma História Universal. (Nota do Tradutor)

<sup>149</sup> Conforme foi visto algumas páginas acima, na mitologia grega Leda foi seduzida por um cisne e produziu dois ovos, dos quais nasceram seus vários filhos. O cisne era um disfarce de Zeus. (Nota do Tradutor)

um ovo, que *Tien*, um deus, deixou cair do céu para a Terra nas águas.<sup>150</sup> Este simbolismo ainda é visto por alguns como representativo da ideia da origem da vida, o que é uma verdade científica, embora o *ovum* humano seja invisível a olho nu. Portanto, vemos que a ideia é respeitada desde o passado mais remoto pelos gregos, fenícios, romanos, pelos japoneses, e os tailandeses, pelas tribos da América do Norte e da América do Sul, e mesmo pelos selvagens das ilhas mais distantes.

Entre os egípcios, o deus oculto era Amon (*Mon*). Todos os seus deuses eram duais: a *realidade* científica era para o Santuário; o seu duplo, a Entidade fabulosa e mítica, para as massas. Por exemplo, tal como observado em “O Caos, Theos e o Cosmo”<sup>151</sup>, o Hórus mais antigo era a *Ideia* do mundo que permanecia na mente demiúrgica “que nascera na escuridão antes da criação do mundo”; o *segundo* Hórus<sup>152</sup> era a mesma *Ideia* saindo do *Logos*, cobrindo-se com a matéria como uma vestimenta e assumindo uma real existência. (Compare com a p. 268 de “*Phoinizer*”, de Movers.) O mesmo ocorre com *Khnum* e Amon<sup>153</sup>; ambos são representados com cabeça de carneiro e ambos são frequentemente confundidos, embora as suas funções sejam diferentes. *Khnum* é “o modelador dos homens”, dando forma a seres humanos e coisas a partir do Ovo do Mundo em uma roda de oleiro; Amon-Rá, o gerador, é o aspecto secundário da divindade oculta. *Khnum* era adorado em Elefantina<sup>154</sup> e Philae.<sup>155</sup> Amon em Tebas. Mas é *Emepht*, o Um, o Supremo princípio *Planetário*, que assopra o ovo para fora da sua boca, e é, portanto, *Brahmâ*. A sombra da divindade Cósmica e universal, daquilo que incuba e permeia o ovo com o seu Espírito vivificador até que o germe contido nele esteja maduro, era o deus *mistério* cujo nome se considerava impronunciável. É *Ptah*, no entanto, “aquele que abre”, o abridor da vida e da Morte<sup>156</sup>, que sai do ovo do mundo para começar o seu trabalho dual. (*Livro dos Números*)

---

<sup>150</sup> Os chineses parecem ter assim antecipado a teoria de Sir William Thomson segundo a qual o primeiro germe de vida caiu à Terra desde um cometa que passava. Perguntamos: por que motivo essa ideia deve ser considerada *científica*, e a ideia chinesa precisa ser vista como uma teoria tola e supersticiosa? (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>151</sup> Seção IV da parte dois do primeiro volume. (Nota do Tradutor)

<sup>152</sup> O Hórus mais velho, ou *Haroiri*, é um aspecto antigo do deus solar, contemporâneo de *Rá* e *Shoo*; *Haroiri* é frequentemente confundido com *Hor* (*Horsusi*), Filho de *Osiris* e *Ísis*. Os egípcios com muita frequência representavam o Sol nascente sob a forma de *Hor*, o mais velho, erguendo-se de um lótus plenamente desenvolvido, o Universo, quando o disco solar é sempre encontrado na cabeça-de-falcão de Hórus. *Haroiri* é *Khnum*. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>153</sup> Amon ou *Mon*, o “oculto”, o Supremo Espírito. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>154</sup> Elefantina - ilha situada ao sul do Cairo. (Nota do Tradutor)

<sup>155</sup> As suas deusas triádicas são *Sati* e *Anouki*. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>156</sup> *Ptah* era originalmente o deus da Morte, da *destruição*, como *Shiva*. É um deus *solar* apenas devido ao fato de que o fogo do Sol mata assim como vivifica. Ele era o deus nacional de Mênfis, o radiante “Deus de face clara”. (Veja *Saqqarah Bronzes, Saitic Epoch*.) (Nota de H.P. Blavatsky)

De acordo com os gregos, a forma fantasma de Chemis (*Chemi*, antigo Egito), que flutua sobre as ondas etéricas da Esfera Empírea <sup>157</sup>, foi chamada à existência por Hórus-Apolo, o deus Sol, que fez com que ela saísse do ovo do Mundo. <sup>158</sup>

Na Cosmogonia Escandinava - qualificada pelo professor Max Müller, em relação ao tempo, como “muito anterior aos Vedas”, no poema de Voluspa (a canção da profetisa) o ovo do Mundo é novamente descoberto no germe-fantasma do Universo, que é representado como estando no *Ginnungagap* - a taça da ilusão - (*Maya*), o abismo vazio e sem limites. Nesta matriz do mundo, anteriormente uma região de desolação e noite, *Nebelheim* (o lugar-de-neblina, o *nebular* segundo é chamado agora, a luz astral) lançou um *raio de luz fria* que derramou-se além desta taça e ficou *congelado* nela. Então o *Invisível* assoprou um vento escaldante que dissolveu as águas congeladas e eliminou a neblina. Estas águas (caos) chamaram as correntes de *Elivagar*, destilando-se em gotas vivificadoras, caíram e criaram a Terra e o gigante *Ymir*, que tinha apenas “a aparência de ser humano” (o homem celeste), e a vaca, *Audhumla* (a “mãe” ou luz astral, Alma Cósmica), de cujo úbere fluíam *quatro* correntes de leite (os quatro pontos cardeais: as quatro nascentes dos quatro rios do Éden, etc., etc.), e cujo “quatro” é alegoricamente simbolizado pelo *cuco* em todos os seus vários significados místicos.

Os cristãos - especialmente das igrejas grega e romana - adotaram completamente o símbolo, e veem nele uma comemoração da vida eterna, da salvação e da ressurreição. Isso é corroborado pelo antigo costume de trocar “Ovos da Páscoa”. Desde o *anguinum*, o “Ovo” dos “pagãos” Druidas, cujo mero nome fazia Roma tremer de medo, até o Ovo vermelho da Páscoa do camponês eslavo, passou um ciclo inteiro. E no entanto, seja na Europa civilizada, seja entre os desprezados selvagens da América Central, vemos o mesmo pensamento arcaico e primitivo; bastando para isso que procuremos por ele sem distorcer - na arrogância da nossa imaginária superioridade mental e física - a ideia original do símbolo.

---

<sup>157</sup> Acreditava-se na antiguidade que o Empíreo era uma esfera celeste na qual ficavam fixados os astros. Era também a morada celeste dos deuses. (Nota do Tradutor)

<sup>158</sup> O *Brahmanda Purana* contém todo o mistério do ovo dourado de Brahmâ; e talvez seja por isso que ele é inacessível para os orientistas, que dizem que este Purana, como o Skanda Purana, “não se obtém mais em um corpo coletivo”, mas “é representado por uma variedade de Khandas e Mahatmyas que declaram ter derivado dele.” O “Brahmanda Purana” é descrito como “aquele que é exposto em 12.200 versos, a magnificência do ovo de Brahmâ, e no qual está presente um relato dos futuros kalpas, tal como revelado por Brahmâ”. Exatamente isso - e muito mais, talvez. (Nota de H.P. Blavatsky)

## 7. Os Dias e Noites de Brahmâ [\(Volte para o Sumário\)](#)

Este é o nome dado aos Períodos chamados de MANVÂNTARA (*Manuantara*, ou entre os Manus) e PRALAYA (Dissolução). Um deles se refere aos períodos ativos do Universo; o outro, aos seus tempos de relativo e completo *descanso* - conforme eles ocorram no final de um “Dia”, ou de uma “Era” (uma vida) de Brahmâ. Estes períodos, que seguem um ao outro em sucessão regular, são também chamados de *Kalpas*, pequenos e grandes, o *Kalpa* pequeno e o *Maha Kalpa*; embora, propriamente falando, um *Maha Kalpa* nunca seja um “dia”, mas sim toda uma vida ou “era” de Brahmâ, porque está dito no Brahmâ Vaivarta: “Os cronologistas calculam um *Kalpa* pela Vida de Brahmâ; os *Kalpas* pequenos, assim como *Samvarta* e o resto, são numerosos.” A verdade é que eles são infinitos; porque eles nunca tiveram um começo, isto é, nunca houve um *primeiro Kalpa*, nem haverá um *último Kalpa*, na Eternidade.

Um *Parardha* - segundo o significado comum desta medida de tempo -, a metade da existência de Brahmâ (no atual *Maha Kalpa*) já expirou; o último *Kalpa* era o *Padma*, ou o *Kalpa* do Lótus Dourado: o *Kalpa* atual é o *Varaha* <sup>159</sup> (a encarnação ou *Avatar* de “*Javali*”).

O erudito que estuda a religião hindu com base nos Puranas deve observar especialmente uma coisa. Ele não deve tomar literalmente, ou em um sentido apenas, as afirmativas feitas nos Puranas; pois aqueles que dizem respeito especificamente aos *Manvântaras* ou *Kalpas* devem ser entendidos em suas várias referências. Assim, por exemplo, no mesmo relato, estes períodos se relacionam

---

<sup>159</sup> Há uma informação curiosa nas tradições esotéricas budistas. A biografia exotérica ou *alegórica* de Gautama Buddha mostra este grande Sábio morrendo de uma indigestão de *carne de porco e arroz*; um final bastante prosaico, sem dúvida, e que dificilmente transmite um significado solene. Isso é explicado como sendo uma referência alegórica ao fato de que ele nasceu no *Kalpa* de “*Javali*” ou *Varaha-Kalpa*, durante o qual Brahmâ assumiu a forma daquele animal para erguer a Terra das “Águas do Espaço”. Como os brâmanes descendem diretamente de Brahmâ e estão, digamos assim, identificados com ele, e como eles são ao mesmo tempo inimigos mortais de Buddha e do budismo, nós temos esta curiosa indicação alegórica e combinação de fatores. O bramanismo (do *Kalpa* do *Javali* ou *Varaha Kalpa*) massacrou a religião de Buddha na Índia, e varreu-a do seu território; portanto afirma-se que Buddha - identificado com a sua filosofia - morreu como consequência de haver comido a carne de um porco selvagem. Só a ideia de alguém que estabeleceu o mais rigoroso vegetarianismo e respeito pela vida animal - até ao ponto de recusar-se a comer ovos, vendo-os como *veículos de uma latente vida futura* - tenha morrido de indigestão de carne, é absurdamente contraditória e deixou perplexos vários Orientalistas. Mas esta explicação, ao desvelar a alegoria, explica todo o resto. O *Varaha*, no entanto, não é um simples javali, e parece ter significado no início algum animal lacustre antediluviano ‘que se delicia brincando na água’. (*Vayu Purana*) (Nota de H.P. Blavatsky)

tanto com os grandes períodos como com os pequenos; os Maha Kalpas e os Ciclos menores. O *Matsya*, ou Avatar Peixe, aconteceu antes do *Varaha*, ou Avatar Javali; as alegorias, portanto, devem relacionar-se tanto com o *Padma* quanto com o manvântara atual, e também com os ciclos menores que aconteceram desde a reparação da nossa Cadeia de Mundos e da nossa Terra. E, como o *Matsya* Avatar de Vishnu e o Dilúvio de Vaivasvata estão corretamente conectados com um evento que aconteceu em nossa Terra durante esta Ronda, é evidente que ao mesmo tempo que ele pode estar relacionado com eventos pré-cósmicos (isto é, anteriores ao *nosso* Cosmos ou sistema Solar) ele se refere no nosso caso a um período geológico distante. Nem mesmo a filosofia Esotérica pode alegar que sabe, exceto por inferência analógica, o que aconteceu antes da reparação do nosso Sistema Solar e antes do último *Maha Pralaya*. Mas ela ensina claramente que depois da primeira perturbação geológica no eixo da Terra, que terminou com o deslocamento para o fundo dos Mares de todo o segundo Continente, junto com suas raças primevas - sendo que, nesta sucessão de “Terras” ou Continentes, Atlântida ocupa o quarto lugar - ocorreu outra perturbação do eixo, reassumindo o eixo com igual rapidez o seu grau de inclinação prévio; na ocasião a Terra foi de fato erguida *uma vez mais* para fora das Águas e - assim no Céu como na Terra, e *vice-versa*. Havia “deuses” na Terra naqueles tempos - deuses, e não seres humanos, tal como os conhecemos agora, segundo a tradição. Como será mostrado no volume II, o cálculo dos períodos no hinduísmo exotérico se refere tanto aos grandes eventos cósmicos como aos eventos pequenos e cataclismas terrestres, e o mesmo será mostrado em relação a nomes. Por exemplo, o termo Yudishthira - o primeiro Rei dos *Sakas*, que abre a era do Kali Yuga, a qual tem que durar 432.000 anos - “um homem e rei de fato que viveu 3.102 anos antes da era cristã” - se aplica também, com nome e tudo, ao grande Dilúvio do tempo do primeiro afundamento de Atlântida. Ele é o “Yudishthira <sup>160</sup> nascido na montanha dos cem picos na extremidade do mundo *além da qual ninguém pode ir*”, e isso, “imediatamente depois da inundação”. (Ver *Royal Asiat. Soc.*, Vol. 9, p. 364.) Não sabemos de nenhuma “Inundação” 3.102 anos AEC, nem sequer da inundação de Noé, porque, segundo a cronologia judaico-cristã, ela ocorreu 2.349 anos AEC.

Isso se refere a uma divisão esotérica do tempo e a um mistério explicado em outro lugar, e pode, portanto, ser deixado de lado por enquanto. É suficiente destacar neste momento que todos os esforços de imaginação dos Wilford, dos Bentley e de outros candidatos a Édipo da cronologia esotérica hindu fracassaram de modo bastante infeliz. Nenhum cálculo, seja das Quatro Idades, ou dos Manvântaras foi jamais decifrado pelos nossos extraordinários eruditos Orientalistas, os quais cortaram portanto o nó górdio proclamando que todos eles são “uma imaginação do cérebro bramânico”. Que assim seja, e que os grandes eruditos descansem em paz. Esta

---

<sup>160</sup> De acordo com o Coronel Wilford, a conclusão da “Grande Guerra” foi no ano 1370 antes da era cristã (*Veja A.R.*, vol. 9, p. 116); segundo Bentley, 575 AEC !! Talvez possamos ter a esperança de que antes do final do presente século os épicos de Mahabharata serão reconhecidos e proclamados como idênticos às guerras do grande Napoleão. (Nota de H. P. Blavatsky)



“imaginação” é partilhada nas Seções Preliminares que prefaciam a *Antropogênese* no volume II, e com acréscimos esotéricos.

Vejamos, no entanto, quais eram os três tipos de *pralaya*, e qual é a crença popular sobre eles. Pelo menos desta vez a crença popular coincide com o Esoterismo.

Sobre o *pralaya* antecedido por catorze Manvântaras - que são presididos por igual número de Manus, no final dos quais ocorre a dissolução “incidental” ou de Brahmâ - afirma-se no *Vishnu Purana*, em forma condensada, que -

“Ao final de mil períodos de quatro eras, que completam um dia de Brahmâ, a Terra está quase exaurida. O eterno *Avyaya* (Vishnu) assume então o caráter de Rudra (o destruidor, Shiva) e volta a unir todas as suas criaturas consigo mesmo. Ele ingressa nos sete raios do Sol e bebe todas as águas do globo; faz com que a umidade evapore, secando assim a Terra inteira. Os rios e os oceanos, as correntes de água grandes e pequenas, evaporam completamente. Alimentados assim com abundante umidade, os sete raios solares se tornam sete sóis por dilatação, e eles finalmente incendeiam o mundo. Hari, o destruidor de todas as coisas, que é ‘a chama do tempo, *Kalagni*’, finalmente consome a Terra. Então Rudra, tornando-se Janardana exala nuvens e chuva pela sua respiração.”

Há muitos tipos de *Pralaya*, mas os três tipos principais são especialmente mencionados em velhos livros hindus; e deles, como mostra Wilson, - o primeiro é chamado NAIMITTIKA <sup>161</sup>, “ocasional” ou “incidental”, causado pelos intervalos dos “Dias de Brahmâ”; este é a destruição das criaturas, de tudo o que vive e tem forma, mas não da substância, que permanece em *status quo* até a nova AURORA naquela “Noite”. O outro é chamado PRAKRITIKA - e ocorre no final da *Idade* ou da Vida de Brahmâ, quando tudo o que existe é absorvido no elemento primário, para ser remodelado no final daquela noite mais longa. Mas o terceiro, *Atyantika*, não diz respeito aos Mundos ou ao Universo, mas apenas às individualidades de algumas pessoas; é, assim, um *pralaya* ou NIRVANA individual; e depois que ele é atingido não há mais a possibilidade de existência futura, de nenhum renascimento, até depois do *Maha Pralaya*. Este tipo de noite, que dura 311.040.000.000.000 anos <sup>162</sup>, e tem a possibilidade de ser quase duplicada caso o afortunado *Jivanmukti* alcance o Nirvana no período inicial de um Manvântara, é suficientemente longo para ser visto como eterno, senão interminável. O *Bhagavata Purana* (XII, iv, 35) fala de um

---

<sup>161</sup> No *Vedanta* e *Nyaya*, “nimitta” (de onde deriva “Naimittika”) é apresentado como a causa *eficiente*, quando visto como fazendo uma antítese com *upadana*, a causa física ou material. No *Sankhya pradhana* é uma causa inferior a Brahmâ, ou melhor, como Brahmâ é ele mesmo uma causa, ele é superior a Pradhana. Disso decorre que causa “incidental” é uma tradução errada, e deveria ser traduzido, conforme mostram alguns estudiosos, como causa “Ideal”; e mesmo “causa *real*” é uma tradução melhor. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>162</sup> O número 311.040.000.000.000 significa 311 trilhões e 40 bilhões, no português brasileiro, e 311 biliões e 40 mil milhões, no português europeu. Ou seja, um bilião português equivale a um trilhão brasileiro. E um bilhão brasileiro equivale a mil milhões no português de Portugal. (Nota do Tradutor)

quarto tipo de pralaya, o *Nitya*, a dissolução constante, e o explica como a mudança que acontece imperceptivelmente em tudo neste Universo, desde o globo até o átomo - sem cessar. Ele é crescimento e decadência (vida e morte).

Quando chega o Maha Pralaya, os habitantes de Swar-Loka (a esfera superior), perturbados pela conflagração, buscam refúgio “junto aos Pitris, seus progenitores, os Manus, os Sete Rishis, as várias ordens de Deuses e Espíritos celestiais, em Maharloka”. Quando este último é alcançado também, o conjunto dos seres enumerados acima migram por sua vez para fora do Maharloka, e vão para Jana-loka “em suas formas sutis, destinadas a serem recorporificadas de modo similar à sua corporificação anterior, quando o mundo for renovado no começo do Kalpa seguinte” (Vayu Purana).

“..... Estas nuvens, poderosas em tamanho e ruidosas em seus trovões, preenchem todo espaço (Nabhas-tala)”, prossegue o Vishnu Purana (Livro VI, cap. iii). “Derramando torrentes de água, estas nuvens apagam os fogos terríveis, e depois fazem chover ininterruptamente durante uma centena de anos (divinos), e inundam o mundo inteiro (o Sistema Solar). Caindo em gotas do tamanho de dados, estas chuvas cobrem a Terra, e enchem a região média (*Bhupaloka*), e inundam o céu. O mundo está agora envolvido pela escuridão, e todas as coisas animadas e inanimadas morreram, enquanto as nuvens continuam a derramar suas águas” ..... “e a Noite de Brahmâ reina suprema sobre esta cena de desolação .....”.<sup>163</sup>

Isso é o que nós chamamos, na Doutrina Esotérica, de “Pralaya Solar” ..... Quando as águas atingem a região dos Sete Rishis, e o mundo (nosso Sistema Solar) transforma-se em um oceano, elas param. A respiração de Vishnu torna-se um vento forte, que sopra durante outra centena de anos (divinos) até que todas as nuvens são dispersadas. O vento é então reabsorvido: e “AQUILO de que todas as coisas são feitas, o SENHOR graças a quem todas as coisas existem, Ele que é inconcebível e sem início, que é o início do universo, repousa, dormindo sobre Sesha (a serpente da Infinitude) no meio do que é profundo. O *Adikrit* (Criador?) *Hari* dorme sobre o oceano do Espaço na forma de Brahmâ - glorificado por Sanaka<sup>164</sup> e os *Siddha* (Santos) de Jana-loka, e contemplado pelos habitantes sagrados de Brahmâ-loka,

<sup>163</sup> Encontramos um reflexo destas ideias no “Manuscrito Huarochirí”, da tradição andina. No capítulo 29 daquele documento, escrito em torno de 1598 e que registra crenças antigas da cultura dos Andes, lemos: “No meio da noite, sem que ninguém perceba, o Yacana [*o duplo celestial das llamas, o correspondente celeste delas*] bebe toda a água do mar. Se ele não o fizesse, imediatamente o mar inundaria a nós e ao mundo inteiro.” Ver “The Huarochirí Manuscript”, University of Texas Press, first edition, 1991, 273 páginas de tamanho ampliado, pp. 132-133. Em espanhol, “Ritos y tradiciones de Huarochirí”, Gerald Taylor, segunda edición revisada, IFEA, 1999, Lima, Perú, 502 pp., mais precisamente página 377. Os capítulos 3 e 4 do Manuscrito Huarochirí descrevem a grande Inundação e o Pralaya Solar - “a morte do Sol”, durante um certo tempo. (Nota do Tradutor)

<sup>164</sup> O principal *Kumara* ou Deus-virgem (um Dhyán Chohan), que se recusa a criar. Um protótipo de S. Miguel, que se recusa a fazer o mesmo. (Nota de H.P. Blavatsky)

ansioso pela libertação final, envolvido no sono místico, personificação celestial das suas próprias ilusões .....”. Esta é a *Pratisanchara* (dissolução?), chamada de incidental <sup>165</sup> porque *Hari* é a sua Causa incidental (ideal) ..... <sup>166</sup> Quando o Espírito Universal acorda, o mundo revive; quando ele fecha os seus olhos, todas as coisas caem na cama do sono místico. De maneira semelhante, assim como 1000 grandes eras constituem um Dia de Brahmâ (no original é Padma-yoni, o mesmo que *Abjayoni* - “nascido-no-lótus”, não Brahmâ), também a sua Noite consiste do mesmo período. “Acordando no final da sua noite, o não-nascido ..... cria o Universo de novo .....”. (*Vishnu Purana*)

Este é o pralaya “incidental”; qual é a Dissolução Elemental? “Quando pela privação e pelo fogo”, diz Parasara a Maitreya, “todos os mundos e Patalas (infernos) são secados .....<sup>167</sup>, começa o progresso da dissolução elemental. Então, primeiro as águas engolem a propriedade da terra (que é o rudimento do odor), e a terra, privada da sua propriedade, avança para a destruição e forma uma unidade com a água ..... quando o Universo é assim permeado pelas ondas do Elemento aquático, o seu sabor rudimentar é trancado pelos elementos do fogo ..... e devido a isso as próprias águas são destruídas ..... e formam uma unidade com o fogo; e o Universo é portanto preenchido inteiramente de uma chama (etérea) que gradualmente se espalha por todo o mundo. Enquanto o Espaço é uma chama, o elemento do vento toma a propriedade rudimentar ou forma, que é a causa da luz, e tendo ela sido retirada (*pralina*) tudo assume a natureza do ar. Tendo sido destruído o rudimento da forma, e *Vibhavasu* (fogo?) estando privado do seu rudimento, o ar extingue o fogo e se espalha pelo espaço, que é privado da luz quando o fogo se unifica com o ar. O ar, então acompanhado pelo som, que é a fonte do Éter, se estende por toda parte nas dez regiões ..... até que o Éter se apodera da coesão (*Sparsa* - Tato?), a sua propriedade rudimentar, e devido à perda dela o ar é destruído, e KHA permanece sem modificação <sup>168</sup>. Destituído de forma, sabor, tato (*Sparsa*) e cheiro, ele existe, corporificado (*murtimat*) e vasto, e permeia todo o Espaço. O Akasha, cuja propriedade e rudimento característico é o som (a ‘Palavra’), ocupa toda a contenção do Espaço. Então a origem (Númeno?) dos Elementos (*Bhutadi*) devora o som (*Demiurgo* coletivo) e as hostes de Dhyān Chohans; e todos os Elementos existentes<sup>169</sup> unem-se de imediato com o seu original. O Elemento primário, a

<sup>165</sup> Conforme foi visto acima nesta mesma seção, o primeiro tipo de pralaya, NAIMITTIKA, é qualificado de *ocasional* ou *incidental*. (Nota do Tradutor)

<sup>166</sup> Veja as linhas finais da seção “O Caos, Theos e o Cosmo”. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>167</sup> Esta perspectiva dificilmente se harmonizaria com a teologia cristã, que prefere oferecer aos seus seguidores um inferno eterno e infundável. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>168</sup> KHA - O “Encyclopedic Theosophical Glossary”, publicado online pela Theosophical University Press (Pasadena, Califórnia), informa que a palavra “Kha”, derivada do sânscrito, significa *espaços etéreos*. O termo é com frequência aplicado à atmosfera terrestre, e às vezes usado com o significado de *Akasha*. (Nota do Tradutor)

<sup>169</sup> O termo “Elementos” deve ser compreendido, aqui, como significando não só os Elementos visíveis e físicos, mas também aquilo que São Paulo chama de elementos - as potências espirituais, inteligentes -, anjos e demônios na sua forma manvantárica. (Nota de H. P. Blavatsky)

Consciência, combinado com *tamasa* (escuridão espiritual) é ele próprio desintegrado por MAHAT (o Intelecto Universal), cuja propriedade característica é *Buddhi*, e a Terra e Mahat são as fronteiras interna e externa do Universo.” Assim, tal como (no começo) “houve as sete formas de Prakriti (natureza), registradas desde Mahat até a Terra, do mesmo modo *estas sete* reingressam sucessivamente umas dentro das outras”. <sup>170</sup>

“O Ovo de Brahmâ (*Sarva-mandala*) é dissolvido nas águas que o rodeiam, com as suas sete zonas (*dwipas*), sete oceanos, sete regiões, e suas montanhas; a porção de água é bebida pelo fogo; o (*estrato* de) fogo é absorvido pelo (*estrato* de) ar; o ar se unifica com o éter (*Akasha*); a *Bhutadi* (a origem, ou melhor, a *causa*, dos elementos primários) devora o éter e é (ela própria) destruída por Mahat (a Grande Mente Universal), que junto com todos estes é capturada por Prakriti e desaparece. Prakriti é essencialmente a mesma, seja diferenciada ou não diferenciada; mas aquilo que é diferenciado é finalmente absorvido pelo indiferenciado e se perde nele. PUMS (*Espírito*) também, que é uno, puro, imperecível, eterno, que tudo permeia, é uma porção daquele espírito Supremo que é todas as coisas. Aquele Espírito (*Sarvesa*), que é diferente do Espírito (incorporado), e no qual não há atributos de nome, de espécie (*naman* e *jati*, ou *rupa*, portanto corpo mais precisamente que espécie) ou coisa semelhante - permanece como a única existência (SATTA) ..... Prakriti e Purusha, os dois se unem finalmente ao SUPREMO ESPÍRITO .....”. (Do *Vishnu Purana*, com os erros de Wilson corrigidos aqui, e as palavras originais tendo sido colocadas entre parênteses.)

Este é o PRALAYA final <sup>171</sup> - a morte do Cosmos - com cujo surgimento o espírito do Cosmos descansa no Nirvana, ou NAQUILO para o qual não há Dia nem Noite. Todos os outros pralayas são periódicos e seguem os Manvântaras em sucessão regular, assim como a noite segue o dia de cada criatura humana, de cada animal e planta. O ciclo da criação das *vidas* do cosmos foi completado, porque a energia da “Palavra” manifestada tem o seu crescimento, a sua culminação e o seu decréscimo,

---

<sup>170</sup> Quando esta descrição for corretamente compreendida pelos Orientalistas no seu significado esotérico, então se descobrirá que esta correlação cósmica Mundo-Elementos pode explicar a correlação das forças físicas melhor que a explicação conhecida hoje. De qualquer modo, os teosofistas irão perceber que Prakriti tem *sete formas*, ou sete princípios “registrados desde Mahat até a Terra”. As “Águas” significam aqui a “mãe” Mística, o Útero da natureza abstrata, no qual é concebido o Universo manifestado. As Sete “zonas” se referem às Sete Divisões daquele Universo, ou os Númenos das Forças que o trazem à existência. Isso tudo é alegórico. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>171</sup> Aqui é descrito o *Maha* PRALAYA, o PRALAYA Grande, o PRALAYA chamado de *final*. Nele tudo é reabsorvido pelo seu Elemento original e UNO - e afirma-se que “os próprios Deuses, Brahmâ e o resto” morrem e desaparecem durante esta longa NOITE. (Nota de H. P. Blavatsky) [*Subnota do Tradutor: ao mesmo tempo, conforme indica a continuação da mesma frase, os Espíritos dos Deuses - assim como o Espírito do Cosmos - estarão em Nirvana; e o Nirvana implica uma consciência para todos os efeitos absoluta, uma existência praticamente absoluta, e o mais alto grau de perfeição.*]

como todas as coisas temporárias, por maior que possa ser a duração delas. A Força Criativa é Eterna como Númeno; como uma manifestação fenomênica em seus aspectos, ela tem um *começo* e deve, portanto, ter um final. Durante este intervalo ela tem os seus períodos de atividade e os seus períodos de repouso. E estes são os “Dias e Noites de Brahmâ”. Mas Brahma, o Númeno, nunca repousa, assim como ELE nunca muda e sempre existe, embora não se possa dizer que ELE está em algum lugar.....

Os Cabalistas Judeus sentiram esta necessidade de uma *imutabilidade* em uma Divindade eterna e infinita, e portanto aplicaram o mesmo pensamento ao deus antropomórfico. A ideia é poética e bastante apropriada na sua aplicação. No *Zohar* podemos ler o seguinte:

“Quando Moisés estava em vigília no Monte Sinai, em companhia da divindade, que estava oculta da sua visão por uma nuvem, ele sentiu-se tomado por um grande medo e subitamente perguntou: ‘Senhor onde está você ..... você adormeceu, ó Senhor? .....’ E o *Espírito* respondeu: ‘Eu nunca durmo: se eu fosse dormir por um momento ANTES DO MEU TEMPO, toda a criação desmoronaria em dissolução em um só instante.’”

A expressão “*antes do meu tempo*” é muito sugestiva. Mostra que o Deus de Moisés é apenas um substituto temporário, como Brahmâ masculino, um substituto e um aspecto DAQUILO que é imutável e que portanto não pode desempenhar qualquer papel nos “dias” nem nas “noites”, nem pode ter quaisquer preocupações com reação ou dissolução.

Enquanto os Ocultistas Orientais têm sete modos de interpretação, os Judeus têm apenas quatro - isto é, a real-mística, a alegórica, a moral, e a literal ou *Pashut*. Esta última é a chave de interpretação usada pelas igrejas exotéricas e não merece ser discutida. Lidas de acordo com a primeira chave de interpretação, a chave mística, aqui estão várias frases que mostram a identidade das bases de construção de todas as Escrituras. Fazem parte do excelente livro do sr. T. Myer sobre as obras Cabalistas, que ele parece ter estudado bastante bem. Cito literalmente. “*B’raisheeth barah elohim ath hash ama yem v’ath haa’retz* - isto é, ‘no começo, o deus (os deuses) criou (criaram) o céu e a terra’; (cujo significado é o que segue:) os seis Sefirot de Construção <sup>172</sup> sobre os quais está *B’raisheeth* - todos eles devem estar Abaixo. Ele criou seis (e) sobre eles todas as coisas estão. E os seis dependem das sete formas do crânio até a Dignidade de todas as Dignidades. E a segunda ‘Terra’ não entra no cálculo, portanto foi dito: ‘E daquilo (aquela Terra) que incorreu na maldição, ela surgiu’ ..... Ela (a Terra) era sem forma e vazia; e a escuridão estava sobre a face do Abismo e o Espírito de elohim ..... estava respirando (*me’-raha’phath*) - isto é, pairando sobre, zelando por, movimentando-se ..... Treze dependem de treze (formas) da mais valiosa Dignidade. Seis mil anos são mencionados pelas (se referem às) seis primeiras palavras. O sétimo (mil, o milênio)


---

<sup>172</sup> Os “Construtores” das Estâncias. (Nota de H. P. Blavatsky)

acima dela (a Terra amaldiçoada) é o que é forte por si mesmo. E se tornou totalmente desolado durante doze horas (um ..... Dia) segundo está escrito ..... No décimo terceiro, Ela (a Divindade) irá restaurar tudo ..... e tudo será renovado tal como antes; e todos aqueles seis continuarão ..... etc.” ([Qabbalah](#), p. 233, de *Siphrah Dzeniuta*, cap. 1, § 16, s. 9.)

Os “Sefirotes de Construção” são os seis Dhyan Chohans, ou Manus, ou Prajapati, sintetizados pelo sétimo “*B’raisheeth* (a Primeira Emanação ou *Logos*), e são chamados, portanto, de Construtores do Universo Inferior ou físico”, todos eles



devem estar Abaixo. Estes seis , cuja essência é do Sétimo, são o *Upadhi*, a base ou pedra fundamental sobre a qual é construído o Universo objetivo, são os *númenos* de todas as coisas. Portanto eles são, ao mesmo tempo, as Forças da natureza, os Sete Anjos da Presença, o sexto e o sétimo princípios no ser humano; as esferas espiritual-psicológica-e-física da cadeia Setenária, as Raças Raízes, etc., etc. Eles todos “dependem das Sete formas do Crânio”, até a mais alta. A “segunda Terra” “não entra no cálculo” porque ela *não é uma Terra*, mas o Caos ou Abismo do Espaço no qual estava o universo paradigmático, o modelo do universo na ideia da SUPER-ALMA que pairava sobre ele. O termo “Maldição” aqui é muito enganoso, porque significa simplesmente *destruição* ou *destino*, ou *aquela fatalidade que mandou-o adiante* para o estado objetivo. Isso é mostrado por aquela “Terra” sob a “Maldição” que é descrita como “sem forma e vazia”, em cujas profundidades abismais a “Respiração” dos Elohim (a coletividade dos Logoi) produziram ou fotografaram a primeira IDEIAÇÃO divina *das coisas que devem vir a ser*. Este processo é repetido depois de cada *Pralaya*, antes do começo de um novo Manvântara, ou período de existência individual sensível.<sup>173</sup> “Treze dependem de treze formas” se refere aos treze períodos personificados pelos treze Manus, com Swayambhuva sendo o décimo quarto (o fato de que são 13, ao invés de 14, é um véu adicional): estes catorze Manus reinam dentro do período de um Mahayuga, um “Dia” de Brahmâ. Estes (treze-catorze) do Universo objetivo dependem das treze (catorze) formas *paradigmáticas, ideais*. O significado dos “Seis mil anos” que “dependem das seis primeiras palavras” tem, outra vez, que ser buscado na Sabedoria Indiana. Eles se referem aos seis (sete) “Reis de Edom” primordiais, que tipificam os mundos (ou esferas) da nossa cadeia durante a primeira Ronda, assim como aos homens primordiais desta Ronda. Eles são a primeira raça-Raiz, setenária, *pré-Adâmica* (de antes da Terceira Raça, a Raça *Separada*). Como eles eram *sombras*, e destituídos de sentidos (ainda não haviam comido o fruto da Árvore do Conhecimento), não podiam ver o *Parguphim*, ou “a Face não podia ver a Face” (os homens primevos eram inconscientes); “portanto, os (sete) Reis primordiais morreram”, isto é, foram destruídos (veja *Sepherah Djenioutha*). Quem eram eles? Eram os reis que são os “Sete Rishis, certas divindades (secundárias), Sakra (Indra), Manu, e os Reis que são seus Filhos, que são criados e morrem em um período”,

<sup>173</sup> Temos aqui uma excelente definição alternativa de Manvântara: *período de existência individual sensível*. A definição mais comum afirma que manvântara é o período de vida ativa de um Universo, ou de um planeta ou globo, ou sistema solar. (Nota do Tradutor)

segundo é dito no Vishnu Purana (Livro I, cap. iii). Porque o sétimo (“mil”) (*não o milênio do Cristianismo exotérico, mas o milênio da Antropogênese*) representa tanto o “sétimo período da criação”, o período do homem físico (Vishnu Purana) e do sétimo princípio - ao mesmo tempo macrocósmico e microcósmico - quanto, também, o *pralaya* depois do Sétimo período, a “Noite” que tem a mesma duração que o “Dia” de Brahmâ. “Ficou inteiramente desolado durante doze horas, segundo está escrito.” É no Décimo Terceiro (duas vezes seis e a Síntese) que tudo será restaurado “e o seis continuará”.

Assim, o autor de *Qabbalah* destaca bastante corretamente que “Muito tempo antes da sua época (isto é, a época de Ibn Gebirol) ..... muitos séculos antes da era Cristã, havia na Ásia Central uma ‘Religião Sabedoria’, da qual fragmentos subsequentemente existiram entre os homens cultos dos egípcios arcaicos, dos antigos chineses, hindus, etc. ....” e que ..... “A Qabbalah muito provavelmente veio primeiro de fontes arianas, através da Ásia Central, Pérsia, Índia e Mesopotâmia, porque desde Ur e Haran vieram Abraão e muitos outros, para a Palestina” (p. 221). E esta era a firme convicção de C.W. King, o autor de “The Gnostic and Their Remains” (“Os Gnósticos e o que Resta Deles”).

Vamadeva Modelyar (*Modely*) descreve a chegada da “noite” de modo extremamente poético. Embora a descrição faça parte de “Ísis Sem Véu”, vale a pena repetir.

“Escutam-se barulhos estranhos, vindos de todos os pontos ..... Estes são os precursores da Noite de Brahmâ; *o crepúsculo nasce no horizonte*, e o Sol morre atrás do décimo terceiro grau de Macara (o signo do Zodíaco) <sup>174</sup>, e já não alcançará o signo de *Minas* (signo zodiacal de Peixes). Os gurus dos santuários, nomeados para observar o *rasichakr* (Zodíaco) podem agora romper o seu círculo e os seus instrumentos, porque a partir deste momento eles são inúteis.

“Gradualmente a luz empalidece, o calor diminui, os locais desabitados se multiplicam na Terra, o ar se torna cada vez mais rarefeito; as fontes de água secam, os grandes rios veem suas ondas extinguirem-se, o oceano mostra o seu fundo arenoso e as plantas morrem. Os homens e os animais perdem tamanho a cada dia. A vida e o movimento perdem a sua força; os planetas têm dificuldade para gravitar no espaço; eles se extinguem um a um, como um lampião que a mão do chokra (servo) deixa de reabastecer. Surya (o Sol) pisca e se apaga, a matéria cai em dissolução (*pralaya*) e Brahmâ se dilui mais uma vez em Dyaus, o Deus Não-Revelado, e, como sua tarefa foi cumprida, ele cai no sono. Mais um dia passou, a noite se estabelece, e continua até o próximo amanhecer.

“E agora outra vez ele reentra no ovo dourado do Seu Pensamento, os germes de tudo o que existe, segundo nos conta o divino Manu. Durante o Seu pacífico descanso, os seres animados, dotados dos princípios da ação, cessam as suas

---

<sup>174</sup> Capricórnio. (Nota do Tradutor)

funções, e todo sentimento (manas) fica adormecido. Quando todos eles são absorvidos pela ALMA SUPREMA, esta Alma de todos os seres dorme em completo repouso até o dia em que retoma a sua forma, e desperta novamente da sua primitiva escuridão.”<sup>175</sup>

Como “*Satya-Yuga*” é sempre a primeira da série de quatro eras ou yugas, assim também a *Kali-Yuga* é sempre a última. O *Kali-Yuga* reina agora supremo na Índia, e parece coincidir com a era Ocidental. De qualquer modo, é curioso ver como foi profético em quase todas as coisas o escritor do Vishnu Purana ao prever para Maitreya alguns dos pecados e algumas das influências sombrias desta *Kali Yuga*. Porque depois de dizer que “os bárbaros” serão senhores das margens do rio Indus, de Chandrabhaga e Kasma, ele acrescenta:

“Haverá monarcas contemporâneos, reinando sobre a Terra - reis de espírito grosseiro e temperamento violento, apegados sempre à falsidade e à maldade. Eles causarão a morte de mulheres, crianças e vacas; tomarão as propriedades dos seus súditos<sup>176</sup>, e *desejarão as esposas dos outros*; terão um poder ilimitado, as suas vidas serão curtas, os seus desejos, insaciáveis ..... Pessoas de vários países, misturando-se com eles, seguirão os seus exemplos... e com os bárbaros ganhando poder (na Índia) sobre os príncipes, enquanto as tribos mais puras são desprezadas, as pessoas irão morrer (ou, como diz o autor do Comentário, ‘os *Mlechchas*<sup>177</sup> estarão no centro e os Arianos na periferia’).<sup>178</sup> A riqueza e a compaixão serão reduzidas até o mundo inteiro ficar depravado. Só as propriedades darão a alguém uma posição social de destaque; a riqueza será o único objeto de devoção; as paixões serão o único laço de união entre os sexos; a falsidade será o único meio de vencer as disputas; e as mulheres serão apenas objetos de gratificação sexual ..... *As aparências externas serão o único fator na distinção das várias ordens da vida*. ..... Um homem rico será considerado puro; a desonestidade (*anyaya*) será o meio universal de subsistência, e a fraqueza, motivo para a dependência; a ameaça e a presunção serão usadas no lugar do conhecimento; a liberalidade estará no lugar da devoção; a mútua concordância será o casamento; e as roupas caras serão a dignidade. Aquele que for o mais forte reinará. O povo, incapaz de aguentar o pesado fardo de *Khara bhara* (a carga dos impostos), buscará refúgio nos vales ..... Assim, na era de *Kali* a decadência avançará constantemente, até que a raça humana se aproxime da sua aniquilação (*pralaya*) ..... Quando o final da era de *Kali* estiver próximo, uma porção daquele ser divino que existe, uma porção da sua própria natureza espiritual ..... descera sobre a Terra ..... (*Kalki Avatar*) dispo de oito faculdades sobre-humanas ..... Ele restabelecerá a justiça na Terra, e as mentes

---

<sup>175</sup> Veja “Les Fils de Dieu”, de Jacquolliot; l’Inde des Brahmes, p. 230. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>176</sup> Isto é, roubarão o dinheiro do povo. (Nota do Tradutor)

<sup>177</sup> *Mlechchas* - palavra usada na Índia antiga para designar estrangeiros ou “bárbaros”. (Nota do Tradutor)

<sup>178</sup> Se isto não é profético, o que seria profético? (Nota de H. P. Blavatsky)



daqueles que vivem no fim de Kali Yuga serão despertadas e se tornarão tão translúcidas como o cristal. Os homens que foram mudados deste modo ..... *serão as sementes de seres humanos*, e farão nascer uma raça que seguirá as leis da era de Krita, a era da pureza. É dito: ‘Quando o Sol, a Lua, o asterismo lunar Tishya e o planeta Júpiter estiverem em uma só casa, a era de Krita (ou Satya) voltará’.”

“..... Duas pessoas, Devapi, da raça de Kuru e Moru, da família dos Ikshwaku, continuam vivas ao longo das quatro eras, morando em Kalapa.<sup>179</sup> Eles retornarão para cá no início da era Krita ..... Moru <sup>180</sup>, o filho de Sighru, através do poder da Ioga, ainda está vivendo ..... e será o restaurador da raça Kshattriya da dinastia Solar.”<sup>181</sup> (*Vayu Purana*, vol. III, p. 197)

Esteja certa ou errada esta última profecia, as *bênçãos* de Kali Yuga estão bem descritas, e coincidem admiravelmente mesmo com o que se pode ver e ouvir na Europa e outras terras civilizadas e cristãs em pleno século 19, e no alvorecer do século 20 da nossa grande era de ILUMINAÇÃO.

## 8. O Lótus Como um Símbolo Universal

[\(Volte para o Sumário\)](#)

Todos os símbolos antigos têm, associado a eles, um significado profundo e filosófico; a importância deles cresce na medida da sua antiguidade. O mesmo ocorre com o LÓTUS. É a flor sagrada para a natureza e para os deuses da natureza, e representa os Universos Concreto e abstrato, permanecendo como emblema dos

---

<sup>179</sup> O Matsya Purana escreve *Katapa*. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>180</sup> Max Müller traduz o nome para Morya, da dinastia dos Morya, à qual pertencia Chandragupta (veja a literatura sânscrita). [*Subnota do Tradutor: Examine, em inglês, o artigo “[The Mauryan Dynasty](#)”.*] No Matsya Purana, o capítulo CCLXXII fala da dinastia de dez Morya, (ou Maureya). No mesmo capítulo, CCLXXII, afirma-se que os Morya um dia reinarão sobre a Índia, depois de restaurar a raça Kshattriya, num futuro de muitos milhares de anos a contar de agora. No entanto, aquele reino será puramente Espiritual e “não será deste mundo”. Será o reino do próximo Avatar. O Coronel Tod acredita que o nome Morya (ou *Maureyas*) é uma corruptela de Mori, uma tribo Rajput, e o comentário sobre o Mahavansa supõe que alguns príncipes adotaram o seu nome Maurya da cidade deles chamada Mori, ou, como o professor Max Müller indica, Morya-Nagara, o que é mais correto, com base no Mahavansa original. Vachaspattya, conforme sou informada pelo nosso Irmão Devan Badhadur R. Ragoonath Rao, de Madras - uma Enciclopédia Sânscrita - situa Katapa (Kalaka) no lado norte dos Himalaias, portanto no Tibete. O mesmo é afirmado no capítulo (Skanda) XII do Bhagavata Purana, vol. III, p. 325. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>181</sup> O Vayu Purana declara que Moru irá restabelecer Kshattriya no décimo nono Yuga a contar de agora. Veja “[Five Years of Theosophy](#)”, p. 483, artigo “*The Moryas and Koothoomi*”. (Nota de H. P. Blavatsky)

poderes produtivos, tanto da natureza espiritual como da natureza física. Desde a mais remota antiguidade, o lótus era considerado sagrado pelos hindus arianos, pelos egípcios, e mais tarde pelos budistas; reverenciado na China e no Japão, e adotado como emblema cristão pelas igrejas grega e latina, que o transformaram num mensageiro como os cristãos fazem agora, substituindo-o pelo lírio aquático.<sup>182</sup> Ele tinha e ainda tem o seu significado místico, que é idêntico em todas as nações da Terra. Recomendamos a leitura de Sir William Jones.<sup>183</sup> Entre os hindus, o lótus é o emblema do poder produtivo da natureza, através da ação do fogo e da água (espírito e matéria). “Ó Eterno!”, diz um verso no Bhagavad Gita, “Eu vejo Brahm, o criador, entronizado em ti acima do lótus!”. E Sir William Jones mostra, como é indicado nas Estâncias, que as sementes do lótus contêm mesmo antes de germinarem, folhas perfeitamente formadas, formas em miniatura daquilo que um dia, como plantas perfeitas, elas serão. O lótus, na Índia, é o símbolo da Terra prolífica e ainda mais, é um símbolo do monte Meru. Os quatro anjos ou gênios dos quatro setores do Céu (os Maharajás, veja as *Estâncias*) permanecem cada um sobre um lótus. O lótus é o símbolo duplo do hermafrodita Divino e humano, porque é de sexo duplo, de certo modo.

O espírito do Fogo (ou Calor), que agita, faz frutificar e desenvolve todas as coisas até que elas assumam forma concreta (com base nos seus protótipos ideais), e que nasceu da ÁGUA ou da Terra primordial, produziu Brahmâ - segundo os hindus. A flor de lótus, na Índia, que é representada como se crescesse a partir do umbigo de Vishnu - aquele Deus que descansa sobre as águas do espaço e na sua Serpente da Infinitude - é a alegoria mais clara que alguma vez se fez: o Universo surgindo do Sol central, o PONTO, o sempre-oculto germe. Lakshmi, que é o aspecto feminino de Vishnu<sup>184</sup> e que também é chamada de *Padma*, o lótus, é mostrada de modo semelhante como flutuando sobre a “Criação”, instalada em uma flor de lótus, e - durante o “bater do oceano” do espaço - aparece surgindo do fundo do “mar de leite”, como Vênus surge da espuma.

“..... Então, sentada sobre um lótus,  
A clara deusa da beleza, a incomparável Sri, ergueu-se  
Para fora das águas .....

---

<sup>182</sup> Na religião cristã, Gabriel, o Arcanjo, segurando um ramo de lírios aquáticos em sua mão, aparece para a Virgem Maria em todas as pinturas da Anunciação. Este ramo tipifica o fogo e a água, ou a ideia de criação e geração, simbolizando *precisamente a mesma ideia que o lótus* na mão do Bodhisat que anuncia a Maha-Maya, mãe de Gautama, o nascimento do Salvador do mundo, Buddha. Assim, também Osíris e Hórus eram constantemente representados pelos egípcios em associação com a flor do lótus, sendo que Osíris e Hórus são deuses do Sol ou do fogo (enquanto o Espírito Santo é também representado por “línguas de fogo”) (Atos). (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>183</sup> Veja “Dissertations Relating to Asia”, de Sir William Jones. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>184</sup> Lakshmi é Vênus-Afrodite, e, como esta última, ela surgiu da espuma do oceano com um lótus na sua mão. No Ramayana ela é chamada de Padma. (Nota de H. P. Blavatsky)

canta um orientalista e poeta inglês (Sir Monier Williams).

A ideia subjacente a este símbolo é muito bonita, e mostra, além disso, ter origem idêntica em todos os sistemas religiosos. Seja na forma do lótus ou do lírio aquático, ele significa sempre a mesma ideia filosófica, isto é, a emanção do objetivo a partir do subjetivo, a passagem da Ideação divina desde a forma abstrata até a forma concreta ou visível. Porque, assim que a ESCURIDÃO - ou melhor, aquilo que é visto como “escuridão” pela ignorância - tiver desaparecido no seu próprio reino de Luz eterna, deixando para trás de si apenas a sua Ideação divina manifestada, os Logoi criativos têm a sua compreensão aberta, e veem no mundo ideal (até aqui oculto no pensamento divino) as formas arquetípicas de tudo, e passam a copiar e construir ou criar formas concretas com base nestas formas modelares, evanescentes e transcendentais.

Neste estágio de ação, o Demiurgo <sup>185</sup> ainda não é o Arquiteto. Nascido no alvorecer da atividade, ele ainda tem que primeiro perceber o plano, compreender as formas ideais que estão enterradas no âmago da Ideação Eterna, já que as folhas-de-lótus do futuro, as pétalas imaculadas, estão ocultas dentro da semente daquela planta .....

No capítulo lxxxi do *Ritual* (do *Livro dos Mortos* egípcio <sup>186</sup>), chamado “Transformação no Lótus”, o deus exclama com sua cabeça emergindo desta flor: “Eu sou o puro lótus, emergindo do Luminoso..... Eu carrego as mensagens de Hórus. Eu sou o puro lótus que vem dos campos Solares.....”.

A ideia do lótus pode ser localizada até mesmo no capítulo Eloísta, o primeiro do *Gênesis*, tal como se afirma em *Ísis Sem Véu*.

É nesta ideia que devemos procurar pela origem e pela explicação do verso da cosmogonia judaica que afirma: “E Deus disse, que a Terra produza ..... a árvore frutífera que dá frutos conforme a sua espécie, e cuja semente está neles.” <sup>187</sup> Em todas as religiões primitivas, o “Filho do Pai” é o Deus criativo, isto é, o seu

---

<sup>185</sup> Em filosofia esotérica o Demiurgo ou *Logos*, visto como o CRIADOR, é simplesmente um termo abstrato, uma ideia, assim como “exército”. Este último é o termo geral para um corpo de forças ativas ou unidades trabalhadoras - os soldados - enquanto o Demiurgo é o composto qualitativo de uma multidão de Criadores ou Construtores. Burnouf, o grande orientalista, capta e expressa esta ideia perfeitamente ao dizer que Brahmã *não* cria a Terra, assim como tampouco cria o resto do universo. “Tendo surgido ele próprio da alma do mundo, uma vez separado da causa primeira, ele faz evaporar e emana toda a natureza de si mesmo. Ele não fica acima da natureza, mas está misturado com ela; Brahmã e o universo formam um Ser, do qual cada partícula é na sua essência o próprio Brahmã, que surgiu de si mesmo.” (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>186</sup> Livro dos Mortos egípcio: não confundir com a falsa obra “Livro Tibetano dos Mortos”, obra de feitiçaria inferior e antievolutiva, da linhagem antiteosófica dos chamados “Ningma”. Leia “[O Livro Tibetano dos Mortos é Ningma](#)” e “[A Teosofia e o Bardo Thodol](#)”. (Nota do Tradutor)

<sup>187</sup> Gênesis, I, 11. (Nota do Tradutor)

pensamento tornado visível; e antes da era cristã, desde a Trimurti dos hindus até as três cabeças cabalísticas das escrituras tal como explicadas pelos judeus, a divindade una e tríplice de cada nação era completamente definida e substanciada em suas alegorias.

Este é o significado cósmico e ideal deste grande símbolo entre os povos orientais. Mas, quando aplicado à devoção religiosa prática e exotérica - que também tem sua simbologia esotérica - o lótus passou a ser com o tempo o transmissor e o depositário de uma ideia mais terrestre. Nenhuma das religiões dogmáticas escapou jamais da presença de algum elemento sexual em si, e até hoje elas degradam a beleza moral da ideia-raiz. O seguinte trecho é reproduzido do mesmo manuscrito Cabalístico <sup>188</sup> citado acima:

“O Lótus crescendo nas águas do Nilo apontava para um significado semelhante. A maneira de ele crescer era especialmente adequada como símbolo das atividades generativas. Como resultado do seu amadurecimento, a flor do lótus, que leva consigo a semente para reprodução, é ligada como se fosse uma placenta à mãe-terra ou o útero de Ísis, através da água do útero, isto é, do rio Nilo, através do longo caule que se parece a um cordão, o umbigo. Nada pode ser mais claro do que esse símbolo, e para torná-lo perfeitamente adequado à intenção do seu significado é acrescentada às vezes uma criança sentada sobre a flor, ou saindo dela.<sup>189</sup> Assim, Osíris e Ísis, filhos de Cronos, o tempo infinito, com o desenvolvimento das suas forças naturais se tornam nessa imagem os pais da humanidade sob o nome de Hórus.” (Veja o item IX desta parte II do volume I, intitulado “A Lua, Deus Lunus, Febe”.)

“Extrema ênfase é necessária quando se trata do uso desta função generativa como base de uma linguagem simbólica e de uma arte da expressão científica. Pensar sobre a palavra leva de imediato à reflexão sobre o sujeito da causa criadora. Observa-se que nos seus trabalhos a Natureza deu forma a um exemplar maravilhoso de mecanismo vivo, governado por uma alma viva acrescentada a ele; e o desenvolvimento vital e a história desta alma, em relação à sua origem, seu presente e seu futuro, ultrapassa todos os esforços do intelecto humano.<sup>190</sup> O bebê recém-nascido é um milagre sempre renovado, uma evidência de que, dentro do laboratório

<sup>188</sup> Neste ponto, também, Boris de Zirkoff dá como referência “o manuscrito Cabalístico de J.R. Skinner que está nos Arquivos de Adyar”, na Índia. (Nota do Tradutor)

<sup>189</sup> Nos Puranas da Índia são Vishnu, o primeiro logos, e Brahmâ, o segundo logos, ou o criador ideal e o criador prático, que são respectivamente representados; um como manifestando o lótus, o outro como saindo dele. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>190</sup> Mas não os “esforços” das faculdades psíquicas treinadas de um Iniciado na metafísica Oriental, e nos mistérios da Natureza criativa. Foi o profano de eras passadas que degradou o puro ideal da criação cósmica transformando-o num emblema da mera reprodução humana e das funções sexuais: a missão dos ensinamentos esotéricos e dos iniciados do Futuro é, e será, resgatar e purificar uma vez mais a concepção primitiva, tão tristemente profanada pela sua crua e grosseira aplicação a dogmas exotéricos e personificações por parte de religiosos teológicos e eclesiásticos. A silenciosa adoração da Natureza abstrata ou *numenal*, única manifestação divina, é a única religião enobrecedora da Humanidade. (Nota de H. P. Blavatsky)

do útero, um poder criativo inteligente interveio para unir uma alma viva a uma máquina física. A maravilha extraordinária deste fato acrescenta uma profunda sacralidade a tudo o que diz respeito aos órgãos de reprodução, como moradia e lugar de uma evidente intervenção construtiva da divindade.”<sup>191</sup>

Esta é uma apresentação correta das ideias de antigamente, das concepções panteístas puras, *impessoais* e reverenciais, dos filósofos arcaicos de eras pré-históricas. O mesmo não ocorre, no entanto, quando estas ideias são aplicadas à humanidade pecadora e às concepções grosseiras ligadas à personalidade. Portanto, todo filósofo panteísta só pode considerar as ideias que se seguem e que refletem o antropomorfismo da simbologia judaica, como perigosas para a sacralidade da verdadeira religião, e adequadas apenas para a nossa era materialista, que é o resultado e o efeito direto daquele caráter antropomórfico. Porque esta é a nota-chave de todo o espírito e essência do Velho Testamento. “Portanto”, prossegue o manuscrito, tratando do simbolismo da arte-da-fala na Bíblia:

“O local do *útero* deve ser visto como O MAIS SAGRADO DOS LUGARES, o SANTUM SANCTORUM, e o *verdadeiro* TEMPLO DO DEUS VIVO.<sup>192</sup> O homem tem sempre considerado a posse da mulher uma parte essencial de si mesmo, para fazer um a partir de dois, e isso tem sido zelosamente preservado como sagrado. Mesmo a parte da casa ou lar comum consagrada à moradia da esposa era chamada de *penetralia* - secreta ou sagrada - e a metáfora do Santo dos Santos nas construções sagradas é tirada da ideia do caráter sagrado dos órgãos de geração. Levada até o extremo a descrição por metáfora, esta parte da casa é definida nos Livros Sagrados como ‘entre as coxas da casa’, e às vezes a ideia é expressada nas construções das grandes aberturas das portas das igrejas no meio de dois pilares.”

Nada parecido com esta ideia “levada ao extremo” jamais existiu entre os antigos e primitivos arianos. Isso é comprovado pelo fato de que no período Védico as mulheres não eram colocadas à parte dos homens em *penetralia* ou “Zenanas”. A

---

<sup>191</sup> Veja os artigos “[Como a Mulher Ilumina o Futuro](#)” e “[Um Cosmo Em Cada Feto Humano](#)”. (Nota do Tradutor)

<sup>192</sup> Seguramente as palavras do antigo Iniciado nos mistérios *primitivos* do Cristianismo, “*Não sabeis vós que sois o Templo de Deus?*” (*I Coríntios, 3:16*), não poderia ser aplicado neste sentido aos *seres humanos*? O significado pode ter sido este, e *foi*, inegavelmente, nas mentes dos compiladores hebraicos do *Velho Testamento*. E aqui está o abismo que existe entre o simbolismo do Novo Testamento e o cânone judaico. Este golfo teria permanecido e teria sempre se ampliado, se o Cristianismo - especialmente e com ainda mais força a Igreja Latina - não tivesse lançado uma ponte sobre ele? O papado moderno agora eliminou o golfo completamente, graças ao seu dogma das duas concepções imaculadas, e ao caráter antropomórfico e ao mesmo tempo idólatra que atribuiu à Mãe do seu Deus. (Nota de H. P. Blavatsky) [*Subnota do Tradutor: Sobre as “duas concepções imaculadas”, veja a p. 124 da parte I do volume I da presente obra, que corresponde às pp. 91-92 da edição original em inglês. Além de Jesus, o Vaticano afirma que também a sua mãe, Maria, nasceu por uma concepção imaculada. Na verdade a ideia tem origens pagãs, conforme HPB explica.*]

reclusão delas começou quando os muçulmanos - os herdeiros do simbolismo hebraico que só surgiram depois da visão eclesiástica dos cristãos - já tinham conquistado a terra e gradualmente imposto os seus costumes sobre os hindus. A mulher pré-védica e pós-védica era tão livre quanto o homem, e nenhum pensamento terrestre impuro jamais se misturou com a simbologia religiosa dos arianos antigos. A ideia e sua aplicação são puramente semíticas.<sup>193</sup> Isso é corroborado pelo próprio autor desta revelação cabalística intensamente erudita, quando ele completa as passagens transcritas acima acrescentando:

“Se a estes órgãos como símbolos das agências cósmicas criativas pode ser acrescentada a ideia da origem das medidas e dos períodos de tempo, então realmente, nas construções dos Templos como Moradas de Divindades, ou de Jeová, a parte designada como Santo dos Santos, o lugar mais Sagrado, deveria tomar o seu nome da reconhecida sacralidade dos órgãos generativos, considerados como símbolos de medidas, assim como uma causa criativa. Entre os SÁBIOS antigos, *não havia nem o nome nem a ideia, e tampouco havia nenhum símbolo de UMA CAUSA PRIMEIRA.*” .....

Decididamente não havia. É melhor nunca pensar nisso e deixá-la para sempre *sem nome*, como faziam os primeiros panteístas, ao invés de degradar a sacralidade daquele *Ideal de Ideais*, ao arrastar os seus símbolos para estas formas antropomórficas! Aqui vemos mais uma vez o imenso abismo entre o pensamento religioso ariano e semítico: dois polos opostos - a Sinceridade e o Ocultamento.<sup>194</sup> Entre os brâmanes, que nunca atribuíram um elemento de “Pecado original” às funções procriativas naturais da humanidade, ter um filho é um *dever religioso*. Um brâmane, nos tempos antigos, tendo completado sua missão como criador humano, se retirava para a selva e passava o resto dos seus dias em meditações religiosas. Ele havia cumprido seu dever para com a natureza como homem mortal e como colega de trabalho dela, e a partir de então dedicava todos os seus pensamentos à porção imortal espiritual de si mesmo, vendo a porção terrestre como mera ilusão, como um sonho evanescente - conforme é de fato. Para o semita, a questão foi diferente. Ele inventou a tentação da carne em um jardim do Éden; descreveu o seu Deus (esotericamente, o Tentador e o Regente da Natureza) *AMALDIÇOANDO para*

---

<sup>193</sup> Cabe destacar que aqui Blavatsky define como “semíticas” as religiões que têm origem no judaísmo, sendo as mais conhecidas o islamismo, o cristianismo e a religião dos drusos, além da própria religião hebraica. As religiões semíticas são também chamadas de “abraâmicas”. (Nota do Tradutor)

<sup>194</sup> “Arianos” significa “ários”, os hindus primitivos, povo oriental. “Semíticos” significa “abraâmicos”, e se refere às religiões dos muçulmanos, drusos, cristãos e judeus. O conceito inclui algumas religiões menos conhecidas. O significado cósmico dos processos generativos, tais como a gravidez, a formação e evolução do feto humano, e assim por diante, é detalhadamente abordado nas Instruções de Blavatsky para a sua Escola Esotérica. Veja-se por exemplo “Collected Writings”, HPB, TPH, volume XII, pp. 515-541. O nascimento é símbolo da iniciação. Já mencionamos em nota anterior os artigos “[Como a Mulher Ilumina o Futuro](#)” e “[Um Cosmo Em Cada Feto Humano](#)”. (Nota do Tradutor)

*sempre* um ato que estava na programação lógica daquela natureza.<sup>195</sup> Tudo isso exotericamente, assim como na *aparência externa* e na letra morta do Gênesis e do resto; e ao mesmo tempo *esotericamente* o Semita via o suposto *pecado* e a suposta QUEDA como um ato tão sagrado que escolheu o órgão perpetrador do *pecado original* como o símbolo mais sagrado e mais adequado para representar aquele mesmo Deus para o qual, segundo a descrição, o funcionamento daquele órgão é uma desobediência e um PECADO eterno!

Quem pode jamais conhecer as profundidades paradoxais da mente semítica? E este elemento paradoxal, *destituído* do seu significado mais interno, agora passou todo ele para o dogma e a teologia cristãos!<sup>196</sup>

A questão sobre se os primeiros Padres da Igreja conheciam o significado esotérico do (Velho) Testamento hebraico, ou se somente alguns poucos entre eles estavam conscientes do significado, enquanto os outros permaneciam sem conhecer o segredo, é algo a ser decidido pela posteridade. De qualquer modo, uma coisa é certa. Já que o aspecto esotérico do Novo Testamento concorda perfeitamente com o aspecto esotérico dos Livros Mosaicos Hebreus, e considerando que, ao mesmo tempo, um número expressivo de símbolos puramente egípcios e de dogmas pagãos em geral - a Trindade por exemplo - foram copiados e incorporados nos evangelhos sinóticos<sup>197</sup> e no evangelho de São João, fica claro que a identidade daqueles símbolos era conhecida pelos autores do Novo Testamento, fossem eles quem fossem. Eles devem ter estado conscientes também da prioridade do esoterismo egípcio, já que eles adotaram vários símbolos que expressam concepções e crenças puramente egípcias - em seus significados externos e internos - e que não podem ser encontrados no cânone judaico. Um deles é o lírio aquático nas mãos do Arcanjo, nas primeiras representações da sua aparição diante da Virgem Maria; e estas imagens simbólicas são preservadas até hoje na iconografia das Igrejas grega e romana. Assim, a água, o fogo, a cruz, assim como a pomba, o cordeiro e outros animais sagrados, com todas as suas combinações, transmitem esotericamente um significado idêntico, e devem ter sido aceitos como um progresso em relação ao judaísmo puro e simples.


---

<sup>195</sup> A mesma ideia é expressada exotericamente nos incidentes do Egito. O Senhor Deus submete o Faraó a intensas provações e “o atormenta com grandes pragas”, para que o rei não possa escapar da punição, e assim há pretexto para mais um triunfo do seu “povo Escolhido”. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>196</sup> Fica aqui claro que a crítica às religiões abraâmicas ou semitas, feita por Blavatsky, se limita à crença e à religiosidade externas, à letra morta ou significado externo. Blavatsky lamenta nesta frase que tais crenças tenham sido absorvidas pelo cristianismo *destituídas do seu significado interno*. No parágrafo seguinte, no entanto, ela mostrará que nem tudo está perdido porque há esoterismo verdadeiro nos Evangelhos. (Nota do Tradutor)

<sup>197</sup> Os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas são chamados de Sinóticos porque muitas das suas histórias são comuns, estão colocadas na mesma sequência, e usam com frequência as mesmas palavras. (Nota do Tradutor)



Porque o lótus e a água estão entre os símbolos mais antigos, e são, na sua origem, puramente arianos <sup>198</sup>, embora tenham se tornado propriedade comum durante a expansão e a ramificação da quinta raça. Vamos dar um exemplo. As letras, assim como os números, eram todas místicas, tanto na sua combinação como quando eram tomadas separadamente. A mais sagrada de todas é a letra M. Ela é tanto masculina como feminina, ou andrógina, e é usada na sua origem como símbolo da água, o grande Profundo. Ela é mística em todos os idiomas, orientais e ocidentais, e vale como um glifo das águas, assim: . No esoterismo ariano, assim como no esoterismo semítico, esta letra sempre simbolizou as águas, isto é, em sânscrito MAKARA - o décimo signo do zodíaco - significa um crocodilo, ou melhor, um monstro aquático sempre associado com a água. A letra MA é equivalente e corresponde ao número 5, o qual é composto de um *binário*, o símbolo dos dois sexos separados, e do *ternário*, símbolo da terceira vida, progênie do *binário*. Isso, também, com frequência é simbolizado por um *Pentágono*, que constitui um símbolo sagrado, um Monograma divino. <sup>199</sup> MAITREYA é o nome secreto do *Quinto* Buddha, o *Kalki* Avatar dos brâmanes - o último MESSIAS que virá na culminação do Grande Ciclo. Essa é também a letra inicial do termo grego Metis, *Sabedoria Divina*; de *Mimra*, a “palavra” ou *Logos*; e de *Mitras* (*Mihr*), a *Mônada*, *Mistério*. Todos estes nascem, e são provenientes, do grande Profundo, e são os filhos de *Maya*, a *Mãe*; no Egito, de *Mouth*; na Grécia, de *Minerva* (*Sabedoria Divina*); de *Maria*, ou *Miriam*; de *Mirra* <sup>200</sup>, etcétera; da Mãe do Logos cristão, e de *Maya*, a mãe de Buddha. *Madhava* e *Madhavi* são os títulos dos deuses e deusas mais importantes do panteão hindu. Finalmente, *Mandala* é em sânscrito “um círculo” ou um orbe (as dez divisões do *Rig Veda*). Os nomes mais sagrados na Índia começam geralmente com esta letra <sup>201</sup> - desde *Mahat*, o primeiro intelecto manifestado, e *Mandara*, a grande montanha usada pelos deuses para bater o *Oceano*, até *Mandakin*, o *Ganga* (*Ganges*) celestial, *Manu*, etc., etc.

Devemos dizer que isso é uma coincidência? É uma coincidência estranha, neste caso, se vemos que até mesmo Moisés - encontrado nas águas do Nilo - tem no seu nome esta consoante simbólica. E a filha do faraó “deu a ele o nome de Moisés ..... porque”, disse ela, “*eu o tirei da ÁGUA*” (*Êxodo*, ii, 10). <sup>202</sup> Por outro lado, o nome

<sup>198</sup> Arianos, isto é, hindus antigos. (Nota do Tradutor)

<sup>199</sup> Monograma: a combinação de duas ou mais letras (ou elementos gráficos) de modo a formar um símbolo. (Nota do Tradutor)

<sup>200</sup> Mirra: na mitologia grega, mãe de Adônis. (Nota do Tradutor)

<sup>201</sup> O Mestre espiritual de Helena Blavatsky pertence à dinastia dos *Maurya* ou *Moria* e nas Cartas dos Mahatmas ele frequentemente assina suas cartas usando apenas a inicial “M”. Veja o artigo “[The Mauryan Dynasty](#)”. (Nota do Tradutor)

<sup>202</sup> O mesmo com as sete filhas do sacerdote de *Midiã*, que, vindo para retirar *água*, conseguiram que Moisés desse *água* ao seu rebanho, serviço pelo qual o sacerdote dá a Moisés como esposa Zipporah (*sippara* - a onda brilhante). (*Êxodo*, ii) Tudo isso tem o mesmo significado secreto. (Nota de H. P. Blavatsky)



sagrado de Deus em hebraico, *aplicado a esta letra M, é Meborach*, o “Sagrado”, ou o “Abençoado”, e o nome para a água da *Inundação é M'bul*. O que faz lembrar das “três Marias” na Crucificação, e a conexão delas com o Mar, ou a *Água*, pode concluir esta exemplificação. É por isso que no judaísmo e no cristianismo o *Messias* está sempre ligado com a *Água*, com o Batismo, com *Peixes* (o signo zodiacal chamado *Meenam* em sânscrito) e mesmo com o Avatar *Matsya* (peixe), e o Lótus - símbolo do útero, ou o lírio aquático, que é o mesmo.

Nas relíquias do Egito antigo, quanto maior a antiguidade dos símbolos e emblemas votivos dos objetos exumados, com maior frequência são encontradas as flores de lótus e a água em relação com os Deuses Solares. O deus *Khnoom* - o poder da umidade -, a água, conforme Tales ensinou, é o princípio de todas as coisas, e senta-se sobre um trono instalado em um lótus (informação da época da cidade de Saís, *Serapeum*). O deus Bes fica sobre um lótus, pronto para devorar a sua prole. (*Ibid.*, Abydos) Thoth, o deus do mistério e da sabedoria, o sagrado Escriba de Amenti, usa o disco solar em sua cabeça, sentado com uma cabeça de touro (cabe lembrar que o touro sagrado de Mendes é uma forma de Thoth) e um corpo humano, sobre um lótus completamente desenvolvido. (*Quarta Dinastia*.) Finalmente, a deusa *Heket* repousa sob a forma de uma rã em cima de um lótus e mostra assim a sua conexão com a água. Este símbolo da rã, inegavelmente a mais antiga das divindades egípcias, possui uma forma pouco poética que os Egíptólogos têm tentado inutilmente desvendar em seus mistérios e suas funções. A sua adoção na Igreja pelos primeiros cristãos mostra que eles sabiam mais do que os nossos Orientalistas modernos. A “deusa sapo ou rã” era uma das principais divindades cósmicas ligadas à criação, devido à sua natureza anfíbia, e principalmente por causa da sua aparente ressurreição, depois de longas eras de vida solitária grudada a velhos muros, rochas, etc. A deusa rã-sapo não só participava da organização do mundo, junto com *Khnoom*, mas estava também ligada *ao dogma da ressurreição*.<sup>203</sup> Deve ter havido um significado muito profundo e sagrado neste símbolo, porque os primeiros cristãos egípcios o adotaram em suas igrejas, apesar do perigo de serem acusados de uma forma repugnante de zoolatria. Uma rã ou sapo, colocada sobre uma flor de lótus ou simplesmente, sem o lótus, era a forma escolhida para as *antigas lâmpadas da Igreja*, nas quais eram gravadas as palavras “Eu sou a ressurreição” - *Ἐγώ εἰμι ἀνάστασις*<sup>204</sup>. Estas deusas rãs são encontradas também em todas as múmias.

---

<sup>203</sup> Entre os egípcios era a ressurreição do renascimento depois de 3.000 anos de purificação, seja no Devachan ou nos “campos de bem-aventurança”. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>204</sup> Tais “deusas-rãs” podem ser vistas em Bulaque, no museu do Cairo. A fonte da afirmação sobre as lâmpadas da igreja e suas inscrições é o erudito ex-diretor do Museu de Bulaque, o sr. Gaston Maspero. (*Veja o seu “Guide du Visiteur au Musée de Bulaq”, p. 146.*) (Nota de H. P. Blavatsky)

## 9. A Lua, Deus Lunus, Febe [\(Volte para o Sumário\)](#)

Este símbolo arcaico é o mais poético de todos os símbolos, e também o mais filosófico. Os gregos antigos davam grande destaque a ele, e os poetas modernos o usam até a exaustão. A Rainha da Noite, avançando pelo céu com a sua luz incomparavelmente majestosa, e lançando tudo na escuridão - até mesmo Héspero <sup>205</sup> -, enquanto espalha o seu manto de prata sobre todo o mundo sideral, tem sido sempre um tema favorito entre todos os poetas do cristianismo, desde Milton e Shakespeare até o mais recente dos versificadores. Mas a refulgente lâmpada noturna, com seu séquito de estrelas inumeráveis, só falava para a imaginação dos profanos. Até recentemente, a Religião e a Ciência nada tinham a ver com o belo mito. No entanto, a fria e casta Lua, nas palavras de Shelley, ela -

..... “Que torna bonito tudo aquilo para que sorri,  
Aquele santuário viajante de uma chama suave, e no entanto gelada,  
Que sempre se transforma, mas permanece a mesma,  
E aquece, mas não ilumina” .....

continua tendo uma relação mais próxima da Terra do que de qualquer outro orbe sideral. O Sol é o doador de vida para todo o sistema planetário; a Lua é a fonte de vida do nosso globo; e as primeiras raças compreendiam e sabiam disso mesmo nos seus primórdios. A Lua é a Rainha e é o Rei, e foi o Rei Soma antes de transformar-se em Febe e na casta Diana. Ela é preeminentemente a divindade dos cristãos, através dos judeus mosaicos e cabalísticos, embora o mundo civilizado possa ter ignorado este fato durante longas eras; na verdade, desde que o último Padre da Igreja morreu, levando consigo para a sepultura os segredos dos templos pagãos. Para os “Padres” - como Orígenes e Clemente de Alexandria - a Lua era o símbolo vivo de Jeová: a fonte de vida e a fonte da morte, o organizador da existência - em *nosso* Mundo. Porque, se Ártemis era *Luna* no Céu, e, entre os gregos, era Diana na Terra, que presidia o nascimento das crianças e a *vida*, - entre os egípcios ela era Hekat (Hecate) no Inferno, a deusa da Morte, que governava a magia e os encantamentos. Mais: como uma Lua personificada, cujos fenômenos são triádicos, Diana-Hecate-Luna é *o três-em-um*. Porque ela é *Diva triformis, tergémina, tríceps* - tem três cabeças sobre um pescoço <sup>206</sup>, como Brahmâ-Vishnu-Shiva. Portanto, ela é o protótipo da nossa Trindade, que nem sempre foi inteiramente masculina. O número sete, tão proeminente na Bíblia, tão sagrado no seu sétimo (Sabbath) dia, chegou até os judeus desde a Antiguidade, e tem a sua origem nos quatro números

---

<sup>205</sup> Héspero, na mitologia grega, é uma personificação da estrela vespertina, o planeta Vênus ao entardecer. (Nota do Tradutor)

<sup>206</sup> A deusa **Τρίμορφος** nas estátuas de Alcâmenes. (Nota de H. P. Blavatsky)

sete contidos nos 28 dias do mês lunar, sendo que cada porção setenária corresponde a um quarto da Lua.

Vale a pena apresentar nesta obra uma visão geral da origem e do desenvolvimento do mito lunar e da sua *adoração* na antiguidade histórica, no nosso lado do globo. A origem mais remota do mito não pode ser determinada pela ciência *exata*, porque esta rejeita a tradição; enquanto para a Teologia, que, sob a orientação dos Papas astuciosos, coloca um selo de proibido sobre cada pedaço de literatura que não tenha o *Imprimatur* da igreja de Roma, a história arcaica do mito lunar é um livro fechado. A questão sobre qual é a filosofia religiosa mais antiga, se a egípcia ou a ariana hindu - e a Doutrina Secreta afirma que a mais antiga é a hindu - não tem grande importância neste caso, porque a “adoração” lunar e a “adoração” solar são as mais antigas do mundo. Ambas sobreviveram, e predominam até hoje em todo o mundo, em alguns casos abertamente, em outros - por exemplo, na simbologia cristã - de maneira secreta. O gato, um símbolo lunar, era sagrado para Ísis, sendo a própria Ísis a Lua em certo sentido, enquanto Osíris era o Sol. O gato é visto com frequência no alto do *Sistro* <sup>207</sup> que está na mão da deusa. Este animal era alvo de grande veneração na cidade de Bubástis, que entrava em profundo luto cada vez que morria um gato sagrado, porque Ísis, como Lua, era particularmente adorada nesta cidade de Mistérios. O simbolismo astronômico ligado ao gato já foi abordado na seção I desta parte II do volume I, intitulada “Simbolismo e Ideogramas”, e nenhuma descrição é melhor que a do sr. G. Massey, em suas Palestras e em “The Natural Genesis”. O olho do gato, afirma-se, parece acompanhar as fases lunares em seu crescimento e declínio, e os seus orbes brilham como duas estrelas na escuridão da noite. Como resultado temos a alegoria mitológica que mostra Diana escondendo-se sob a forma de um gato na Lua, quando, em companhia de outras divindades, ela estava tratando de escapar de *Tifão* <sup>208</sup> (veja as *Metamorfoses* de Ovídio). A Lua, no Egito, era tanto o “Olho de Hórus” como o “Olho de Osíris”, o Sol.

O mesmo ocorre com o *Cinocéfal*. O macaco com cabeça de cachorro era um glifo para simbolizar o Sol e a Lua, alternadamente, embora o cinocéfal seja *um símbolo mais Hermético do que religioso*. Porque ele é o hieróglifo de Mercúrio, o planeta, assim como o do Mercúrio dos filósofos alquímicos, “já que”, dizem os alquimistas, “Mercúrio tem que estar sempre *perto de Ísis, como ministro dela*, pois sem Mercúrio nem Ísis nem Osíris podem realizar qualquer coisa no GRANDE TRABALHO.” Cinocéfal, sempre que representado com os Caduceus, com a Crescente ou com o Lótus, é um glifo do Mercúrio “filosófico”; mas quando visto com um junco, ou com um rolo de pergaminho, representa Hermes, o secretário e conselheiro de Ísis, assim como Hanuman cumpria a mesma função junto a Rama.

---

<sup>207</sup> Sistro é um instrumento de percussão do Egito antigo que era sacudido durante cerimônias religiosas. (Nota do Tradutor)

<sup>208</sup> Tifão, ou Tífon, ou Tufão, um gigante, na mitologia grega, pai dos ventos destruidores. (Nota do Tradutor)

Embora os adoradores do Sol propriamente ditos, os parsis, sejam poucos, não só a maior parte da mitologia e da história do hinduísmo está baseada e mesclada com estas duas devoções, mas também ocorre o mesmo com a própria religião cristã. Elas deram o tom das teologias tanto da igreja católica romana como da igreja protestante desde a origem delas até os dias modernos. Na verdade, a diferença entre a fé hindu ariana e a fé europeia ariana é muito pequena, e para ver este fato basta levar em conta as ideias fundamentais de ambas. Os hindus têm orgulho de chamar a si mesmos de *Suryas* e *Chandravansas* (da dinastia *solar* e da dinastia *lunar*). Os cristãos afirmam que isso é uma idolatria, e no entanto aderem a uma religião inteiramente baseada nos cultos solares e lunares. É inútil e não faz sentido que os protestantes reclamem da “mariolatria” dos católicos romanos, que se baseia nos antigos cultos de deusas lunares, quando eles próprios adoram Jeová, um deus preeminentemente *lunar*, e quando as duas igrejas aceitaram em suas teologias o Cristo-“Sol” e a trindade lunar.

É muito pouco o que se sabe da adoração da Lua entre os caldeus, do deus babilônico *Sin*, chamado pelos gregos de “Deus Lunus”, e este pouco que se sabe tende a desorientar o estudante profano que não consegue compreender o significado esotérico dos símbolos. Tal como é popularmente conhecido pelos escritores e filósofos profanos da antiguidade (porque os que eram iniciados faziam votos solenes de manter silêncio), os caldeus eram os devotos da Lua sob os vários nomes *dela* (ou *dele*)<sup>209</sup>, assim como os judeus, que vieram depois deles.

No já mencionado manuscrito inédito sobre a Arte da Fala, ao indicar-se uma chave da formação da linguagem (simbólica) antiga, é apresentada uma *razão de ser* lógica para esta dupla devoção. Isso é escrito por um erudito e místico maravilhosamente lúcido e bem-informado, que faz o relato na forma abrangente de uma hipótese. No entanto, a hipótese se torna necessariamente um fato comprovado na história da evolução religiosa do pensamento humano, para qualquer um que já tenha tido um vislumbre do segredo da Simbologia antiga. Assim, ele afirma:

“Uma das primeiras ocupações dos seres humanos, ligada às ocupações que giram em torno das necessidades práticas, seria a percepção dos períodos de tempo<sup>210</sup> marcados no arco da abóboda celeste acima do nível do horizonte, ou acima do plano das águas calmas. Estes períodos viriam a ser identificados como dia e noite, como fases da Lua, como revoluções estelares ou sinódicas, como o período do ano solar, levando em conta a recorrência das estações, e com a aplicação de tais períodos segundo a medida natural do dia e da noite, ou do dia dividido entre luz e escuridão. Seria descoberto também que havia um dia solar mais longo e mais curto, e que havia dois dias solares com dias e noites iguais, dentro do período do ano

---

<sup>209</sup> Em algumas culturas a divindade da Lua era masculina. (Nota do Tradutor)

<sup>210</sup> A Mitologia Antiga inclui a astronomia antiga, assim como a astrologia. Os planetas eram os ponteiros que indicavam, no mostrador do nosso sistema solar, as horas de certos acontecimentos periódicos. Assim, Mercúrio era o *mensageiro* cuja tarefa consistia em manter o tempo durante os fenômenos diários solares e lunares, e por outro lado estava ligado ao deus e à deusa da Luz. (Nota de H. P. Blavatsky)

solar; e os pontos em que eles ocorrem no ano seriam marcados com grande precisão nos grupos estelares ou constelações, que estão sujeitos a movimentos retrógrados, que ao longo do tempo requereriam correção por intercalação, como foi o caso com a descrição do Dilúvio, em relação ao qual foi feita uma correção de 150 dias para um período de 600 anos, durante o qual a confusão de marcos de referência havia aumentado ..... isso iria naturalmente acontecer ..... com todas as raças em todos os tempos; e este conhecimento deve ser considerado como inerente à raça humana, antes do que nós chamamos de período histórico.....”.

Sobre esta base, o autor busca por alguma função física natural possuída em comum por toda a raça humana, e ligada às manifestações periódicas, de modo que “a conexão entre os dois tipos de fenômenos ..... tornou-se fixa no uso popular.” Ele encontra esta função nos seguintes fatos:

“(a) Nos fenômenos fisiológicos femininos a cada mês lunar de 28 dias, ou quatro semanas de sete dias cada, de modo que 13 ocorrências do período devem ocorrer a cada 364 dias, o que constitui o ano solar de 52 semanas, com sete dias cada. (b) A aceleração do feto é marcada por um período de 126 dias, ou 18 semanas de sete dias cada. (c) Aquele período que é chamado ‘período de viabilidade’ tem 210 dias, ou 30 semanas de sete dias cada. (d) O período do parto é alcançado em 280 dias, ou um período de 40 semanas de sete dias cada, ou dez meses lunares de 28 dias cada, ou nove meses do calendário de 31 dias cada, contando no arco real do céu para encontrar a medida do período de transição desde a escuridão do útero até a luz e a glória da existência consciente, aquele contínuo mistério e milagre inescrutável ..... Assim os períodos de tempo observados, marcando os trabalhos da função do nascimento, naturalmente se tornariam uma base para cálculos astronômicos ..... Podemos quase afirmar ..... que este era o modo de calcular em todas as nações, seja independentemente, seja de modo intermediado ou indiretamente através de ensino. Este era o modo de cálculo entre os hebreus, porque mesmo hoje eles calculam o calendário por meio dos 354 ou 355 dias do ano lunar, e nós possuímos uma evidência especial de que este era o modo de calcular entre os egípcios antigos, sendo que a prova é a seguinte:

“A ideia básica que está na origem da filosofia religiosa dos hebreus é a de que Deus contém todas as coisas em si mesmo <sup>211</sup>, e de que o homem é a sua imagem, com a noção de homem incluindo a mulher ..... O lugar do homem e da mulher entre os hebreus era ocupado entre os egípcios pelo touro e pela vaca, sagrados para Osíris e Ísis <sup>212</sup>, que eram representados, respectivamente, por um homem com uma cabeça de touro, e uma mulher com cabeça de vaca, símbolos que eram objeto de culto. É notável o fato de que Osíris simbolizava o Sol e o rio Nilo, e o ano tropical de 365 dias, número que é o valor da palavra *Neilos*, e o touro; e era também o princípio do

<sup>211</sup> Uma caricatura e uma versão miniaturizada da ideia vedantina de Parabrahmam, que contém *dentro de si mesmo* o Universo inteiro, e que é ele mesmo aquele Universo ilimitado, *não existindo nada fora de si mesmo*. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>212</sup> Assim como são sagrados até hoje na Índia, o touro de Shiva e a vaca representando várias *Shakti* - deusas. (Nota de H. P. Blavatsky)

fogo e da força vital, enquanto Ísis era a Lua, o leito do rio Nilo, ou a Mãe Terra, para cujas energias parturientes era necessária a água, o ano lunar de 354-364 dias, o marcador-do-tempo dos períodos de gestação; e a vaca era assinalada pela, ou com, a Lua crescente .....”.

“Mas o uso da vaca pelos egípcios em lugar da mulher usada pelos hebreus não significava nenhuma diferença radical de significado, e sim uma confluência dos ensinamentos; era apenas a colocação de um símbolo de valor comum, ou seja, o período de gravidez da vaca e da mulher era considerado igual, com 280 dias, ou dez meses lunares de quatro semanas cada. E neste período estava o valor essencial deste animal como símbolo, cuja imagem era uma Lua nova crescente .....<sup>213</sup> Estes períodos naturais de gestação são objeto de uso simbólico em todo o mundo. Eram empregados como símbolos pelos hindus, e são usados de modo extremamente claro pelos antigos americanos, e nas tábuas de Richardson e Gest, na Cruz de Palenque, e estão claramente na base da formação das formas do calendário dos Maias de Yucatán, dos hindus, dos assírios e dos antigos babilônios, assim como dos egípcios e dos antigos hebreus. Os símbolos naturais ..... seriam o falo ou o falo e yoni ..... ou *macho e fêmea*. Na realidade, as palavras traduzidas pelos termos gerais macho e fêmea, no verso 27 do primeiro capítulo do Gênesis, são ..... *sacr e n'cabrah*, ou literalmente falo e yoni<sup>214</sup>, enquanto a representação dos emblemas fálicos indicaria de modo muito precário os membros genitais do corpo humano, quando são consideradas as suas funções e o desenvolvimento das vesículas-de-sementes que emanam deles<sup>215</sup>; seria indicado então um modo de medir o tempo lunar, e, através do tempo lunar, o tempo solar.” .....

Esta é a chave fisiológica e antropológica para o símbolo da Lua. A chave que abre o mistério da teogonia, ou a evolução dos deuses manvantáricos, é mais complicada, e nada tem de fálico em si. Tudo nela é místico e divino. Mas os judeus, além de conectarem Jeová diretamente com a Lua como um deus generativo, preferiram ignorar as hierarquias mais elevadas, e transformaram algumas delas (constelações zodiacais e deuses planetários) em seus Patriarcas, evemerizando<sup>216</sup> assim a ideia puramente teosófica e arrastando-a para baixo, até o nível da humanidade pecadora.<sup>217</sup> (*Veja a seção “O Santo dos Santos: Sua Degradação”, na parte II do*

<sup>213</sup> Daí a adoração da Lua pelos hebreus. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>214</sup> “*Macho e fêmea*, ele os criou”. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>215</sup> Ou seja, vesículas seminais. (Nota do Tradutor)

<sup>216</sup> Isto é, personalizando. (Nota do Tradutor)

<sup>217</sup> O fato de que HPB mostra com rigor as falhas do judaísmo serve para evitar que ela seja considerada “excessivamente pró-judaica”, já que numerosas páginas da presente obra se apoiam na tradição hebraica e em documentos cabalísticos, como vemos nesta seção dedicada à Lua. Ela escreve desde o ponto de vista da sabedoria oriental, muito mais antiga que as tradições ocidentais. Mesmo assim, fica clara nos seus escritos toda a inevitável centralidade da tradição esotérica judaica na cultura do Ocidente. (Nota do Tradutor)

*volume II da presente obra.*) O manuscrito do qual o trecho acima é reproduzido explica muito claramente a que hierarquia de deuses Jeová pertencia, e quem era este DEUS judeu, porque mostra em linguagem direta aquilo em que a autora tem insistido sempre - isto é, que o Deus que os cristãos atribuíram a si mesmos não era melhor que o símbolo lunar da função reprodutiva ou generativa da natureza. Eles sempre ignoraram até mesmo o deus secreto hebraico dos cabalistas, Ain-Soph, tão grandioso como Parabrahmam nas concepções místicas e cabalísticas primitivas. Mas não é a Cabala de Rosenroth <sup>218</sup> que poderá jamais transmitir os verdadeiros ensinamentos originais de Simeon-Ben-Iochai, supremamente metafísicos e filosóficos. E quantos são, entre os estudantes de Cabala, aqueles que sabem alguma coisa do assunto exceto através das suas distorcidas traduções latinas? Examinemos a ideia que levou os judeus antigos a adotar um substituto para o eterno INCOGNOSCÍVEL, e que desorientou os cristãos, levando-os a confundir o substituto com a realidade.

“Se a estes órgãos (falo e yoni), como símbolos de agências cósmicas criativas, for acrescentada a ideia de ..... períodos de tempo, então, realmente, na construção de Templos como Moradias da Divindade, ou de Jeová, aquele posto <sup>219</sup> designado como Santo dos Santos, ou como o Local Mais Elevado, deveria tomar o seu nome do caráter reconhecidamente sagrado dos órgãos generativos, considerados como símbolos das medidas assim como da Causa criativa.”

“Entre os sábios antigos, não havia qualquer nome, nem ideia, nem símbolo, para a Causa Primeira. <sup>220</sup> Entre os hebreus, a concepção indireta dela era expressada cuidadosamente por um termo de negação da compreensão - isto é, *Ain-Soph*, ou o Sem Limites. Mas o símbolo da *sua primeira manifestação compreensível* era a concepção de um círculo com a linha de seu diâmetro ..... (Veja o Proêmio da Parte I do volume I), transmitindo uma ideia ao mesmo tempo geométrica, fállica e astronômica ..... porque o um nasce do zero, ou do Círculo, sem o qual não poderia existir, e do um, ou do primitivo um, surgem os nove algarismos e, geometricamente, todas as formas planas. Assim, na Cabala, este círculo, com a linha do seu diâmetro, é a imagem dos dez Sefirot ou Emanações, que compõem Adão Cadmon, o Homem Arquetípico, a origem criativa de todas as coisas ..... Esta ideia de conectar o círculo e a linha do diâmetro, isto é, o número 10, com o significado dos órgãos reprodutores e com o Lugar Mais Sagrado, foi empregada na construção da Câmara do Rei ou Santo dos Santos da grande Pirâmide, no

---

<sup>218</sup> Christian Knorr von Rosenroth, cabalista cristão do século 17, alemão. (Nota do Tradutor)

<sup>219</sup> Posto, ou “post” no original em inglês: entre outras acepções, o lugar em que fica uma sentinela; um posto de cuidado e vigilância; uma guarnição de onde se zela por um determinado espaço ou território. (Nota do Tradutor)

<sup>220</sup> Porque ela era demasiado sagrada para eles. Ela é mencionada como AQUILO nos Vedas. É a “Causa Eterna”, e portanto não pode ser vista como uma “Causa Primeira”, uma expressão que implica que em algum momento não existia causa alguma. (Nota de H.P. Blavatsky)

Tabernáculo de Moisés, e no Santo dos Santos do Templo de Salomão. .... É a *imagem de um duplo útero*, porque em hebraico a letra *hé*, ה, é ao mesmo tempo o número cinco e o símbolo do útero, e duas vezes cinco é dez, o número fálico.”

Este “duplo útero” também mostra a dualidade da ideia transmitida desde o plano mais alto e mais espiritual para o plano mais baixo ou terrestre, e que é limitada pelos judeus a este último. Entre eles, portanto, o número sete adquiriu o lugar mais proeminente na sua religião exotérica, um culto de formas externas e rituais vazios; como o sabá deles, por exemplo, o sétimo dia dedicado à sua divindade, a Lua, símbolo do Jeová generativo. Enquanto em outras nações o número sete era típico da evolução teogônica, dos ciclos, dos planos cósmicos e das Setes Forças e dos Sete Poderes Ocultos no Cosmos como um todo ilimitado, cujo primeiro triângulo superior era inalcançável pelo intelecto finito do ser humano - enquanto outras nações, portanto, se ocupavam, devido à sua forçosa limitação do Cosmos no espaço e no tempo, apenas com o seu plano setenário manifestado, os judeus concentraram este número somente na Lua, e basearam nela todos os seus cálculos sagrados. Assim, vemos o cuidadoso autor do manuscrito citado acima destacar, em relação à metrologia dos judeus, que:

“Se 20.612 for multiplicado por 4/3, o produto dará uma base para determinar a *revolução média da Lua*; e se esse produto for novamente multiplicado por 4/3, este produto continuado dará uma base para descobrir o período exato do ano solar médio ..... esta fórmula se torna algo de grande utilidade para a descoberta dos períodos astronômicos de tempo.”<sup>221</sup>

Este número duplo (macho e fêmea) é simbolizado também em alguns ídolos bem conhecidos: por exemplo, Ardanari-Ishwara, a Ísis dos hindus, Eridanus, ou Ardan, ou o Jordão hebreu, ou a *fonte da descida*. Ela está pousada sobre uma folha de lótus que flui sobre a água. Mas o significado é que ela é andrógina ou hermafrodita, que é *falo* e *yoni* combinados, o número 10, a letra hebraica *Jod*, י, a *contenção de Jeová*. Ela, ou melhor, ela-ele, dá os minutos do mesmo círculo de 360 graus.”

“Jeová” no seu melhor aspecto é Binah, “a Mãe mediadora mais elevada, o *Grande Mar* ou Espírito Santo”; portanto pode ser melhor encarado como um sinônimo de Maria, mãe de Jesus, do que como sinônimo do Pai dele; esta “Mãe, sendo *Mare* em latim”, o Mar está aqui também, Vênus, a *Stella del Mare*, “Estrela do Mar”.

Os ancestrais dos misteriosos acadianos - os *chandravansas* ou *indovansas*, os Reis Lunares que a tradição descreve como reinando em Prayag (Allahabad) eras antes da era atual - haviam vindo da Índia e trazido com eles o culto dos seus ancestrais, o culto de Soma e de seu filho Budha, que depois se transformou no culto dos caldeus.

---

<sup>221</sup> Neste ponto Boris de Zirkoff informa que o trecho está nos fólhos 21-22 do manuscrito de Skinner - o manuscrito cabalístico que HPB vem citando, segundo registramos anteriormente em nota. Na transcrição, seguimos aqui o original revisado da edição de Boris, que fez a verificação nos arquivos de Adyar. Neste trecho seguimos também a divisão de parágrafos de Boris, com parágrafos mais curtos. (Nota do Tradutor)



No entanto este culto, à parte da astrologia e da heliolatria, não era em sentido algum uma *idolatria*. Pelo menos, não era mais idolatria do que o simbolismo católico romano que liga a Virgem Maria - a *Magna Mater* dos sírios e dos gregos - com a Lua.

Os católicos romanos mais piedosos têm profundo orgulho deste culto, e dizem isso em voz alta. Em uma *Memoire* para a Academia francesa, o Marquês De Mirville diz:

“É bastante natural que, como uma profecia inconsciente, Ammon Ra fosse o *marido da sua mãe*, já que a *Magna Mater* dos cristãos *é precisamente a esposa do filho que ela concebe* ..... Nós (cristãos) *podemos entender agora por que Neith lança esplendor sobre o Sol, enquanto permanece sendo a Lua*, já que a VIRGEM, que é a RAINHA DO CÉU, *como o era Neith, veste-se com o esplendor da Lua, e veste por sua vez o CRISTO-SOL. ‘Tu vestis solem et te sol vestit’* .....” -

cantam os católicos romanos durante o serviço devocional deles, e De Mirville acrescenta:

“Nós (cristãos) entendemos também por que é que a famosa inscrição em Saís afirmava que ‘ninguém jamais ergueu o meu peplum (véu)’, considerando que esta frase, traduzida literalmente, *constitui o resumo do que é cantado na Igreja no dia da concepção imaculada.*”<sup>222</sup> (“ARCHEOLOGY OF THE VIRGIN MOTHER”, p. 117)

Seguramente nada poderia ser mais sincero do que isso! Estas palavras justificam inteiramente o que o sr. Gerald Massey disse em sua Palestra “Lunilolatriy, Ancient and Modern”:

“O homem na Lua (Osíris-Sut, Jeová-Satã, Cristo-Judas, e outros gêmeos lunares) é com frequência acusado de má conduta ..... Nos fenômenos lunares a Lua era uma como a Lua, que era dupla em sexo, e tríplice em caráter, como mãe, como filha e como macho adulto. Assim, o filho da Lua se tornou o cônjuge da sua própria mãe! Isso não poderia ter sido *evitado* se era necessário ter alguma reprodução. Ele foi compelido a ser o seu próprio pai! Estas relações foram repudiadas pela sociologia posterior, e o homem primitivo da Lua tornou-se um tabu. No entanto, na sua fase mais posterior, e mais inexplicável, isto se transformou na doutrina central da mais grosseira superstição que o mundo já viu, porque estes fenômenos lunares e as suas relações apresentadas de maneira humanizada, inclusive as incestuosas, são o próprio alicerce da Trindade na Unidade do cristianismo. Através da falta de conhecimento do simbolismo, a representação simples do tempo antigo tornou-se o mistério religioso mais profundo da moderna lunilolatria.<sup>223</sup> A igreja romana, sem ter em momento algum vergonha da situação, apresenta a Virgem Maria como vestida com o Sol, tendo a seus pés a Lua com guampas<sup>224</sup>, segurando o filho lunar

<sup>222</sup> Os católicos celebram a *concepção imaculada de Maria* em oito de dezembro. Em oito de setembro, nove meses depois, se comemora o *nascimento de Maria*. (Nota do Tradutor)

<sup>223</sup> Lunilolatria: culto lunar. (Nota do Tradutor)

<sup>224</sup> Lua com guampas, isto é, Lua crescente. (Nota do Tradutor)

nos seus braços, como criança e cônjuge da mãe Lua. A mãe, a criança, e o macho adulto, são fundamentais.”

“Desta forma pode ser comprovado que a nossa Cristologia é mitologia mumificada, e sabedoria das lendas, que nos foram impostas através do *Velho* Testamento e do Novo Testamento como revelação divina transmitida pela própria voz de Deus.”

Há no *Zohar* uma alegoria encantadora que revela melhor que qualquer outra o verdadeiro caráter de Jeová ou YHVH na concepção primitiva dos cabalistas hebreus. Está agora incluída na filosofia da Cabala de Ibn Gebirol, traduzida por Isaac Myer.<sup>225</sup> “Na Introdução escrita por R’Hez’quee-yah, que é muito antiga”, diz o autor, “e forma parte da nossa edição Brody do *Zohar* (I, 5b. sq.) está um relato de uma viagem feita por R. El’azar, filho de R. Shim-on b. Io’hai e o Rabino Abbah.” Eles encontraram um homem com um fardo pesado e perguntaram o seu nome; mas ele recusou-se a dizer seu nome e passou a explicar a eles a Torá (a Lei). Eles perguntaram: “Quem fez com que tu caminhasse assim e carregasses um fardo tão pesado?” Ele respondeu: “A letra י (Yod, que é igual a 10, e é a letra simbólica de Kether, assim como é a essência e o germe do santo nome יהוה, YHVH)” ..... Eles disseram a ele: “Se tu nos disseres o nome do teu pai, nós beijaremos o pé dos teus pés”. Ele respondeu: “Quanto ao meu pai, *ele tinha sua moradia no Grande Mar, e ele era um peixe, lá*” (como Vishnu e Dagon ou Oannes) “que (primeiro) destruiu o grande mar ..... e ele era grande e poderoso e ‘Ancião dos Dias’, até que ele engoliu todos os outros peixes no (Grande) Mar” ..... R. El’azar escutou e disse a ele: “Tu és o Filho da Grande Chama Sagrada, tu és o Filho de Rab Ham - ‘nun-ah Sabah [o velho: o *peixe* em Aramaico ou Caldeu é *nun* (meio-dia)] tu és o Filho da Luz da Torá”, (*Dharma*) etc. E então o autor explica que o sefirote feminino, *Binah*, é chamado pelos cabalistas de grande mar: portanto, *Binah*, cujos nomes divinos são Jeová, *Yad* e Elohim, é simplesmente a Tiamat dos caldeus, o poder feminino, o *Thalath* de Beroso<sup>226</sup>, que governa acima do Caos, e foi transformado mais tarde pela teologia cristã de modo a ser a serpente e o demônio. Ela-Ele (Yah-hovah) é o divino (Heh, e Eva). Este Yah-hovah, então, ou Jeová, é idêntico com o nosso Caos - Pai, Mãe, Filho - no plano material e no Mundo puramente físico. *Demônio* e *Deus* ao mesmo tempo; o Sol e a Lua, o bem e o mal, Deus e o Diabo.<sup>227</sup>

<sup>225</sup> O livro a que se refere HPB está disponível nos [websites associados](#): “[Qabbalah](#)”. (Nota do Tradutor)

<sup>226</sup> *Tiamat*: a deusa primordial do mar na antiga Babilônia. *Thalath*: o oceano, entre os caldeus, o grande princípio generativo do espaço profundo. *Beroso*: um escritor babilônico da era helenística. (Nota do Tradutor)

<sup>227</sup> A teosofia ensina que não há maldade no Universo (veja a Carta 88 em “*Cartas dos Mahatmas*”). A existência cíclica de destruição faz parte da lei natural e da lei da evolução. Cabe lembrar, por exemplo, que no início do Livro de Jó, Deus e o Demônio dialogam sobre Jó, que o diabo acusa de ser injustamente protegido por Deus. Deus então autoriza o demônio a perseguir livremente Jó. Ou seja, Deus e o Diabo são dois aspectos - o construtivo e o destrutivo - da Lei; e cada discípulo necessita provar, assim como Jó, que não é derrotado pelas forças negativas da Natureza e que pode avançar por mérito próprio no seu aprendizado. (Nota do Tradutor)

O magnetismo lunar gera a vida, a preserva, e a destrói, tanto psíquica como fisicamente. E se astronomicamente a Lua é um dos sete planetas do mundo antigo, em teogonia ela é um dos regentes do mundo; e é assim agora entre os cristãos, tanto como entre os pagãos; os cristãos se referiam a ela como um dos seus arcanjos, e os pagãos, como um dos seus deuses.

Portanto, pode ser facilmente compreendido o significado do “conto de fadas” traduzido por Chwolson a partir de um velho manuscrito caldeu transposto para o árabe, sobre Qû-tâmy ter sido instruído pelo *ídolo* da Lua (Veja o volume III).<sup>228</sup> Seldenus nos conta o segredo, assim como Maimônides (*Moreh Nevochim*, Livro III, cap. xxx).<sup>229</sup> Os adoradores dos *Teraphim* (os Oráculos Judaicos) “esculpiam imagens, e afirmavam que a luz das principais estrelas (planetas) as permeava completamente, de modo que as VIRTUDES angélicas (ou os regentes das estrelas e dos planetas) conversavam com eles, ensinando-lhes muitas coisas e artes extremamente úteis.” E Seldenus explica que os *Teraphim* eram construídos e compostos conforme a posição de certos planetas, aqueles que os gregos chamavam de **στοιχεῖα**, e de acordo com números que estavam situados no céu e que eram chamados de **ἀλεξήτιροι**, ou deuses *tutelares*. Os que localizavam os **στοιχεῖα** eram chamados de **στοιχειωματικοί**, ou adivinhos, pelos **στοιχεῖα**. (Seldenus, *De Diis Syriis*, Syntagma I, cap. ii: “De Teraphim Labanis, etc.”.) *Veja mais sobre os Teraphim, mais adiante.*<sup>230</sup>

Foram estas frases, no entanto, da “*Nabathean Agriculture*”, que assustaram os cientistas e fizeram com que eles definissem a obra como “ou um *texto apócrifo* ou um conto de fadas, indigno da atenção de um membro da Academia.” Ao mesmo tempo, tal como foi mostrado, fervorosos católicos e protestantes despedaçaram a obra metaforicamente; os católicos, porque ela “descreve a adoração de demônios”, e os protestantes porque é “ímpia”. Estão todos errados, mais uma vez. A obra *não* é um conto de fadas; e em relação a devotos piedosos da igreja, a mesma adoração pode ser mostrada nas escrituras, por mais que estejam distorcidas pela tradução. O culto do Sol e da Lua, assim como o culto das Estrelas e o culto dos Elementos, estão presentes e figuram na teologia cristã; são defendidos pelos papistas, e são fortemente negados pelos protestantes - por sua própria conta e risco. Dois exemplos disso podem ser dados.

---

<sup>228</sup> Referência ao volume III da edição original em inglês de “A Doutrina Secreta”, que nunca foi publicado. Examine o texto [O Resgate de ‘A Doutrina Secreta’](#). (Nota do Tradutor)

<sup>229</sup> *Moreh Nevochim* - ou seja, “O Guia dos Perplexos”, a obra clássica de Maimônides. (Nota do Tradutor)

<sup>230</sup> Nas referências bibliográficas de Seldenus, seguimos a edição de Boris de Zirkoff, mais documentada. HPB volta a mencionar os *Teraphim* no volume II da presente obra. (Nota do Tradutor)

Amiano Marcelino ensina que as adivinhações antigas eram sempre realizadas com a ajuda dos Espíritos dos Elementos, “*Spiritus elementorum*, e em grego **πνεύματα τῶν στοιχείων**” (I, I, 21).<sup>231</sup>

Mas agora se vê que os planetas, os Elementos e o Zodíaco, eram simbolizados não só em Heliópolis pelas doze pedras chamadas de “mistérios dos elementos”, *elementorum arcana*, mas também no templo de Salomão, e, como foi destacado por vários autores, em diversas antigas igrejas italianas e mesmo na *Notre Dame de Paris*, onde podem ser vistos até hoje.

Nenhum símbolo - nem mesmo o Sol - foi mais complexo em seus múltiplos significados do que o símbolo lunar. O seu sexo era, naturalmente, dual. Para alguns a Lua era macho; por exemplo, o hindu “Rei Soma”, e o caldeu *Sin*; em outras nações o símbolo lunar era feminino, as belas deusas Diana-Luna, Ilítia<sup>232</sup>, Lucina. Em Tauris<sup>233</sup>, vítimas humanas eram sacrificadas para Ártemis, uma variante da deusa lunar; os habitantes de Creta chamavam-na de Dictina, e os Medos e Persas, de Anaíta, como se vê em uma inscrição de Koloé: **Ἀρτέμιδι Ἀνάειτι**. Mas estamos agora nos referindo principalmente à mais casta e pura das deusas virgens, Luna-Ártemis, a quem Pamfos<sup>234</sup> foi o primeiro a dar o nome de **Καλλίστη**, e sobre quem Hipólito escreveu: **Καλλίστα πολὺ παρθενῶν**. (Veja Pausanias, viii., 35, 8.) Esta *Ártemis Lochia*, a deusa que orientava a concepção e o nascimento (Ilíada, Pausanias, etc., etc.), é, em suas funções e como a tríplice Hécate, a divindade órfica, predecessora do Deus dos Rabinos e dos cabalistas pré-cristãos, e o seu símbolo lunar. A deusa **Τρίμορφος** era o símbolo personificado dos vários e sucessivos aspectos representados pela Lua em cada uma das três fases dela; e esta interpretação já era a interpretação dos estoicos (Cornutus, *De natura deorum*, xxxiv, 1.), enquanto os órficos explicavam o epíteto (**Τρίμορφος**) pelos três reinos da natureza sobre os quais ela reinava. Ciumenta, sedenta de sangue, vingativa e exigente, Hécate-Luna é uma contraparte digna do “Deus ciumento” dos profetas hebraicos.

Todo o enigma do culto solar e lunar, tal como é agora encontrado nas igrejas, depende na realidade deste mistério dos fenômenos lunares, tão velho quanto o mundo. As forças correlativas na “Rainha da Noite”, que continuam latentes para a ciência moderna, mas estão completamente ativas para o conhecimento dos adeptos Orientais, explicam bem as mil e uma imagens com as quais a Lua era representada pelos antigos. Também mostram que os antigos tinham conhecimentos muito mais

<sup>231</sup> Boris de Zirkoff dá mais detalhes nas referências: “History”, Livro XXI, cap. I, 8. (Nota do Tradutor)

<sup>232</sup> Ilítia: a deusa do parto e das gestantes, na mitologia grega. (Nota do Tradutor)

<sup>233</sup> Tauris: nome antigo da Crimeia, onde fica a cidade de Sebastopol. Tauris é também o nome antigo de Tabriz, no atual Irã. (Nota do Tradutor)

<sup>234</sup> Pamfos ou Pamphos foi poeta na antiga Atenas. (Nota do Tradutor)

profundos dos mistérios Selênicos do que os astrônomos modernos. Todo o panteão dos deuses e deusas lunares, Néftis ou Neith, Prosérpina, Méliita, Cibele, Ísis, Astarte, Vênus e Hécate, de um lado, e Apolo, Dionísio, Adônis, Baco, Osíris, Átis, Tamuz, etc., etc., de outro lado, todos - com seus nomes e títulos, sendo “filhos” e “maridos” das suas mães - mostram a sua identidade com a Trindade Cristã. Em todos os sistemas religiosos os deuses foram levados a fundir as suas funções de Pai, Filho e Marido em uma só, e as deusas eram identificadas como “Esposa, Mãe e Irmã” do deus macho, sendo que o masculino sintetiza os atributos humanos na condição de “Sol, a fonte de Vida”, e o feminino unifica todas as outras funções na grande síntese conhecida como Maia, Maya, Maria, etc., um nome genérico. Maia<sup>235</sup>, por uma derivação forçada, passou a significar “mãe” entre os gregos, a partir da raiz *ma* (nutrir, cuidar), e até mesmo deu o seu nome ao mês de Maio, que era sagrado para todas aquelas deusas antes de ser consagrado a Maria.<sup>236</sup> O seu nome primitivo, no entanto, era *Maya, Durga*, termo traduzido pelos orientalistas como “inacessível”, mas significando na verdade “*inalcançável*”, no sentido de ilusão e irrealidade; como sendo fonte e causa de feitiços, e personificando ILUSÃO.

Nos ritos religiosos, a Lua cumpria um papel duplo. Personificado como uma deusa-mulher para efeitos exotéricos, ou como deus masculino no plano da alegoria e do símbolo, na filosofia oculta o nosso satélite era visto como uma Potência assexuada que devia ser bem estudada, pois cabia ter diante dela um sentimento de temor. Entre os iniciados arianos, os Khaldii, gregos e romanos, Soma, Sin, Ártemis *Soteira* (o Apolo hermafrodita, cujo atributo é a lira, e Diana com barba, e com arco e flecha), *Deus Lunus*, e especialmente Osíris-lunus e Thoth-lunus<sup>237</sup> eram as potências ocultas da Lua. Mas, seja macho ou fêmea, seja Thoth ou Minerva, Soma ou Astoreth<sup>238</sup>, a Lua é o mistério dos mistérios no plano oculto, e é mais um símbolo do mal do que do bem. As suas sete fases (na divisão original esotérica) são divididas em três fenômenos astronômicos e quatro fases puramente psíquicas. O fato de que a Lua não foi sempre reverenciada é mostrado nos Mistérios, nos quais a morte do deus-Lua (as três fases do seu gradual minguar e a sua desapareção final) é simbolizada pela circunstância de a Lua representar o *gênio do mal* que triunfa transitoriamente sobre a luz e sobre o deus doador de vida (o Sol), e os antigos

---

<sup>235</sup> Maia, a deusa da primavera e do crescimento da vida. Daí vem o nome do mês de maio, que ocorre na primavera do hemisfério norte. A celebração do “Dia das Maias”, na véspera do dia primeiro de maio, ainda é popular em Portugal. As pessoas colhem ramos de giestas, com suas flores amarelas, e os colocam em suas casas para proteção astral. (Nota do Tradutor)

<sup>236</sup> Os católicos romanos devem agradecer, pela ideia de consagrar o mês de maio à Virgem, ao pensador pagão Plutarco, que mostra que “Maio é sagrado para *Maia* (Maía) ou Vesta” (*Aulus-Gellius*, palavra Maía) - nossa Mãe Terra, nossa protetora e alimentadora personificada. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>237</sup> Thoth-lunus é o “Budha-Soma” da Índia, ou “Mercúrio e a Lua”. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>238</sup> Astoreth - ou seja, Astarte. (Nota do Tradutor)

hierofantes da magia necessitavam toda sua habilidade e todo seu conhecimento para transformar esta vitória da Lua em uma derrota.

O mais antigo de todos os cultos é o da *terceira* Raça da nossa Ronda, os hermafroditas, para os quais a Lua-*macho* tornou-se sagrada quando depois da chamada “Queda” os sexos se haviam separado. “Deus Lunus” então tornou-se um andrógino, macho e fêmea alternadamente; para servir finalmente, *para fins de feitiçaria*, como um poder dual na *Quarta* Raça-Raiz, os atlantes. Na *Quinta* Raça-raiz (a nossa própria), o culto lunar-solar dividiu as nações em dois campos diferentes e antagônicos. Isto levou a acontecimentos descritos éons mais tarde na Guerra de Mahabharata, que para os europeus é a luta que não passa de uma *fábula*, e para os hindus e os ocultistas é a luta histórica, entre os *Suryavansas* e os *Indovansas*. Surgindo do aspecto dual da Lua, a adoração dos princípios da fêmea e do macho, respectivamente, terminou em cultos solares e lunares diferentes. Entre as raças semíticas, o Sol foi *feminino* durante um tempo muito longo, e a Lua masculina - e esta última ideia foi adotada por eles com base nas tradições atlântidas. A Lua era chamada de “o Senhor do Sol”, *Bel-Shemesh* <sup>239</sup>, antes do culto a Shemesh. O desconhecimento das razões incipientes desta distinção e o desconhecimento dos princípios ocultos levaram as nações à adoração de ídolos antropomórficos. Mas as religiões de todos povos antigos estavam baseadas primariamente sobre as manifestações ocultas de uma Força ou Princípio puramente abstrata, hoje chamada de “Deus”. O próprio estabelecimento de um tal culto mostra, nos seus detalhes e nos seus ritos, que os filósofos que produziram estes sistemas da natureza, subjetivos e objetivos, possuíam um profundo conhecimento, e estavam familiarizados com muitos fatos de natureza científica. Porque além de serem puramente Ocultos, os ritos do culto lunar estavam baseados, conforme demonstrado acima, sobre um conhecimento de fisiologia (ciência para nós bastante moderna), de psicologia, de matemática sagrada, de geometria e metrologia, em suas aplicações corretas a símbolos e números, que são apenas glifos registrando *fatos* naturais e científicos; em resumo, estavam baseados sobre um conhecimento extremamente detalhado e profundo da natureza. O magnetismo lunar gera vida, a preserva e a destrói. *Soma* corporifica o tríplice poder da *Trimurti*, embora permaneça até hoje sem ser reconhecido pelo profano. A alegoria que mostra Soma, a Lua, sendo produzida pelo batimento do *Oceano da Vida (Espaço)* por parte dos deuses em outro Manvântara (isto é, no tempo *pré-genético* do nosso sistema

---

<sup>239</sup> Durante o período de tempo que está ausente dos livros mosaicos - desde o exílio do Éden até o Dilúvio alegórico - os judeus adoravam, junto com o resto dos povos semitas, *Dayanisi*, *דיזניסי*, “o Dirigente dos Homens”, o “Juiz”, ou o SOL. Apesar de o cânone judaico e o cristianismo terem transformado o Sol no “Senhor Deus” e no Jeová da Bíblia, ainda assim Jeová está cheio de traços indiscretos da Divindade andrógina, que era composta de Jeová, o *Sol*, e *Astoreth*, a Lua no seu aspecto feminino, e completamente livre do elemento metafórico dado atualmente a ela. Deus é um “fogo consumidor”, aparece *no* fogo, e é abrangido *pelo* fogo. Não foi apenas em uma visão que Ezequiel (viii, 16) viu os judeus “adorando o Sol”. O *Baal* dos israelitas (o *Shemesh* dos Moabitas e o *Moloch* dos Amonitas) era o idêntico “Sol-Jeová”, e ele ainda é “o Rei da Hoste Celestial”, o Sol, assim como *Astoreth* era a “Rainha do Céu”, ou a Lua. O “Sol da Justiça” transformou-se *só agora* em uma expressão *metafórica*. (Nota de H. P. Blavatsky)

planetário), e aquela outra alegoria que mostra “os Rishis ordenando a Terra, cujo bezerro é Soma, a Lua”, tem um profundo significado cosmográfico; porque não é nem a *nossa* Terra que é ordenada, nem a Lua que nós conhecemos era o bezerro.<sup>240</sup> Se os nossos sábios cientistas conhecessem tanto dos mistérios da natureza como os antigos arianos, eles seguramente nunca teriam imaginado que a Lua foi projetada desde a Terra. Mais uma vez, a mais antiga das permutações em teogonia, o Filho que se torna o seu próprio pai e a mãe gerada pelo Filho, deve ser lembrada e levada em consideração se quisermos entender a linguagem simbólica dos antigos.<sup>241</sup> De outro modo, a mitologia estará sempre perseguindo os Orientalistas como “uma doença que surge em determinado estágio da cultura humana!”, segundo Renouf observa, gravemente, em uma palestra Hibbert.

Os antigos ensinavam a - digamos assim - *autogeração* dos deuses; a essência una e divina, *imanifestada*, gerando perpetuamente uma segunda si-mesma *manifestada*; e este segundo ser, andrógino em sua natureza, *dá à luz de uma maneira imaculada* a tudo que é macrocósmico e microcósmico neste universo. Isto foi mostrado no Círculo e no Diâmetro, o sagrado 10, poucas páginas atrás.

Mas nossos orientalistas, apesar do seu grande desejo de descobrir um *elemento* homogêneo na natureza, *não* o veem; limitados em suas pesquisas por este desconhecimento, eles - os arianistas e egiptologistas - são constantemente levados para longe da verdade em suas especulações. Assim, de Rougé é incapaz de compreender, no texto que ele traduz, o significado de Ammon Ra dizer ao rei Amenófis (que supostamente seria Mênnon): “Tu és meu Filho, eu te gerei”; e como de Rougé encontra a mesma ideia em muitos textos e sob várias formas, este

---

<sup>240</sup> Na alegoria, a Terra foge para proteger sua vida, indo à frente de Prithu, que a persegue. Ela assume a forma de uma vaca, e, tremendo, aterrorizada, foge e se esconde nas regiões de Brahmâ. Portanto, *não* é a nossa Terra. Além disso, em cada Purana, o bezerro muda de nome. Em um Purana, ele é Manu Swayambhuva, em outro, é Indra, em um terceiro, é o próprio Himavat (os Himalaias), enquanto Meru é o ordenhador. Esta alegoria é mais profunda do que parece. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>241</sup> Estes *parentescos improváveis* foram abordados também algumas páginas acima. Cabe lembrar que os processos cósmicos e ocultos têm seus equivalentes no mundo psicológico dos humanos. Os papéis que cumprimos mudam. Alguns exemplos: **1)** No decorrer da vida, a criança, inicialmente um filho e um neto, se transforma em adulto; o filho se transforma em Pai, e mais tarde será avô. **2)** Na idade madura, cada indivíduo deve rever continuamente, curar e reformar o material psicológico vivenciado durante sua própria infância. **3)** No casal, o marido é emocionalmente também um pai, um filho, e um amigo para a esposa; e a esposa é igualmente uma filha, uma mãe e uma amiga do esposo no plano dos sentimentos. **4)** Os pais aprendem e amadurecem ao cuidar dos filhos. Um bebê ensina a seus pais como se fosse um mestre deles, e os pais atuam como alunos. Aliás, o que a criança ensina não é pouco. Existem outros exemplos além destes quatro. Assim como na vida dos deuses, os papéis psicológicos e emocionais desempenhados na família e nas relações humanas em geral não são rígidos nem fixos. Todo ser vivo passa por uma constante transmutação nos papéis que desempenha, enquanto avança lentamente na direção da sabedoria divina. E há fortes motivos para considerar sagrada - em sua essência - a vida familiar dos humanos. (Nota do Tradutor)

mesmo orientalista cristão é finalmente compelido a exclamar “para que esta ideia tenha entrado na mente de um hierogramatista <sup>242</sup>, deve ter havido na sua religião uma doutrina mais ou menos definida *indicando, como um fato possível e que poderia ocorrer, uma encarnação divina e imaculada sob uma forma humana.*” Precisamente. Mas porque atribuir a explicação a uma profecia impossível, quando todo o mistério é explicado pela ideia de que uma religião posterior copiou uma religião anterior?

Esta doutrina era universal, e não foi produzida pela mente de qualquer hierogramatista, porque os *avatares* da Índia são uma prova do contrário. Depois disso, tendo chegado a “compreender mais claramente” <sup>243</sup> o que eram “o Divino Pai e o Divino Filho” entre os egípcios, de Rougé ainda não consegue explicar e perceber quais eram as funções atribuídas ao princípio *feminino* naquela geração primordial. Ele não vê isso na deusa Neith, de Saís. No entanto, ele cita a frase do comandante para Cambises ao introduzir aquele rei no templo saítico: “Eu revelei a Sua Majestade a dignidade de Saís, que é a morada de Neith, a grande produtora (fêmea), *mãe do Sol*, que é o *primogênito*, e não é gerado mas apenas trazido à luz”, e portanto é o filho de uma *mãe imaculada*.

Como é mais grandiosa, filosófica e poética a real diferenciação - para qualquer um que seja capaz de compreendê-la e apreciá-la - feita entre a *virgem imaculada* dos antigos pagãos e a concepção *papal* moderna! Para os pagãos antigos, a mãe natureza, sempre jovem, o antítipo dos seus protótipos Sol e Lua, *gera e traz à luz* o filho “nascido-da-sua-mente”, o Universo. O Sol e a Lua, como divindades masculina e feminina, frutificam a Terra, a mãe microcósmica, e esta última concebe e dá à luz, por sua vez. Para os cristãos, o “primogênito” (*primogenitus*) é de fato gerado, isto é, gestado, “*genitum, non factum*”, e positivamente *concebido e trazido à luz* - “*Virgo pariet*”, segundo explica a Igreja Latina. Assim, a igreja arrasta para baixo e para a Terra o nobre ideal espiritual da Virgem Maria, colocando a Virgem “no plano terrestre material”, o que degrada o ideal da Virgem colocando-o no nível da mais inferior das deusas de um povaréu desinformado.

Realmente, Neith, Ísis, Diana, etc.,etc., foram cada uma delas “uma deusa demiúrgica, ao mesmo tempo visível e invisível, tendo um lugar no Céu, e *ajudando na geração das espécies*”- a Lua, em resumo. Os seus aspectos e poderes ocultos são inúmeros, e, num deles, a Lua se torna entre os egípcios Hator, outro aspecto de Ísis<sup>244</sup>, e todas estas deusas são mostradas amamentando Hórus. Veja, no Salão

---

<sup>242</sup> *Hierogramatista*: escriba dos templos egípcios antigos; copista encarregado de transcrever textos religiosos; estudioso e intérprete de escrituras sagradas. (Nota do Tradutor)

<sup>243</sup> A sua *clara* compreensão disso é a ideia de que os egípcios *profetizaram* Jeová (!) e o seu Redentor encarnado (a boa serpente), etc., etc., até identificar Tifão com o dragão *maldoso* do jardim do Éden; e essa é considerada uma afirmação *científica*, séria e sóbria. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>244</sup> Hator é a Ísis *infern*al, a deusa preeminentemente ocidental ou o mundo *inferior*. (Nota de H. P. Blavatsky)



Egípcio do Museu Britânico, Hator sendo adorada pelo faraó Tutemés, que está situado entre ela e o Senhor dos Céus. O monólito foi levado de Carnaque; e a mesma deusa tem a seguinte legenda inscrita em seu trono: “A DIVINA MÃE E SENHORA, OU RAINHA DO CÉU”; também “a ESTRELA DA MANHÃ” e a “LUZ DO MAR” (*Stella matutina* e *Lux maris*). Todas as deusas lunares tinham aspectos duais - um *divino*, o outro *infern*al. Todas eram mães virgens de um Filho nascido *imaculadamente* - o SOL. Raoul Rochetti mostra a deusa lunar dos atenienses - Palas, ou Cibele, Minerva, ou novamente Diana - segurando no colo o seu filho-criança, invocada nos seus festivais como **Μονογενής Θεοῦ**, “a única mãe de Deus”, sentada sobre um leão e rodeada por doze personagens; nos quais o ocultista reconhece os doze grandes deuses e o cristão orientalista piedoso vê os apóstolos, ou melhor a profecia pagã grega sobre eles.

Ambos estão certos, porque a deusa *imaculada* da igreja latina é uma cópia fiel das deusas pagãs mais antigas; o número (doze) dos apóstolos é o número das doze tribos, e estas últimas são personificações dos doze grandes deuses e dos doze signos do zodíaco. Até quase o seu último detalhe, a doutrina cristã é pedida por empréstimo dos pagãos. Sêmele, a *esposa* de Júpiter e mãe de Baco, o *Sol*, é, de acordo com Nono de Panópolis, também “transportada”, ou levada a subir para o céu após a sua morte, onde ela governa entre Marte e Vênus sob o nome de *Rainha do Mundo*, ou do Universo, **πανβασιλεία**; “diante de cujos nomes, como diante dos nomes de Hator, Hécate, e outras deusas infernais”, “tremem todos os demônios”.<sup>245</sup>

“Σεμελῆν τρέμουσι δαίμονες.” Esta inscrição grega em um pequeno templo, reproduzida numa pedra que foi encontrada por alguém e copiada por Montfaucon, segundo afirma De Mirville (113, *Archaeologie de la Vierge mère*) nos revela o fato estupendo de que a *Magna Mater* do mundo antigo é um *plágio* vergonhoso da *Imaculada Mãe Virgem* da sua Igreja, plágio este perpetrado pelo *Demônio*. Se foi o demônio que fez o plágio, ou *foi a Igreja*, não importa. O que é interessante notar é a perfeita identidade entre a CÓPIA ARCAICA e o ORIGINAL MODERNO.

Se o espaço permitisse, nós poderíamos mostrar a frieza e a despreocupação inconcebíveis demonstradas por certos seguidores da Igreja católica romana, quando confrontados com as revelações do Passado. Diante da observação de Maury de que “a Virgem tomou posse de todos os santuários de Ceres e Vênus”, e que “os ritos pagãos proclamados e praticados em homenagem a estas deusas foram em boa parte transferidos para a mãe de Cristo” - o advogado de Roma responde:

“Que este fato é verdade, e que isso é exatamente como deveria ser e é bastante natural. Como a doutrina, a liturgia e os ritos professados pela Igreja Apostólica Romana em 1862 são descobertos gravados em monumentos, inscritos em papiros e cilindros de *pouco tempo depois do Dilúvio*, parece impossível negar a existência de um CATOLICISMO PRIMITIVO (Romano) PRÉ-HISTÓRICO DO QUAL O NOSSO PRÓPRIO CATOLICISMO É APENAS A FIEL CONTINUAÇÃO ..... Mas enquanto

<sup>245</sup> Palavras de De Mirville, que orgulhosamente confessa a similaridade, e *ele tem motivos para saber do assunto*. (Nota de H. P. Blavatsky)

o catolicismo anterior era a culminação, o *ponto mais alto* do atrevimento dos demônios e da necromancia goética <sup>246</sup> ..... este último é *divino*. Se em *nosssa* Revelação (cristã, o Apocalipse), Maria, vestida com o Sol e tendo a Lua a seus pés, não tem nada mais em comum *com o humilde servo de Nazaré (sic.)*, é porque ela agora se tornou o maior entre os poderes teológicos e cosmológicos em *nosso* universo.” (*Archaeol. de la Vierge*, pp. 116 e 119, palavras do Marquês de Mirville.)

É realmente assim, já que em *Hymns to Minerva (Hinos a Minerva)* de Píndaro (p. 19) ..... “Minerva senta à direita do seu Pai Júpiter, e é mais poderosa do que todos os outros anjos (ou deuses)”, e esses Hinos são aplicados da mesma forma à Virgem. É S. Bernardo, citado por Cornélio *a Lapide*, que supostamente se dirigiu à Virgem Maria desta maneira:

“O *Cristo-Sol* vive em ti e tu vives nele”. (Sermão sobre a Virgem Santa) .....

Em outra oportunidade o mesmo santo homem pouco sofisticado admite que a Virgem é a LUA. Como é a *Lucina* da Igreja que está em trabalho de parto, o verso de Virgílio - “*Casta fove Lucina, tuus jam regnat Apollo*” - é aplicado a ela. “Assim como a Lua, a Virgem é a Rainha do Céu”, acrescenta o santo inocente (Apocal., cap. xii, Comentários de *Cornelius a Lapide*).

Isso esclarece a questão. De acordo com autores como De Mirville, quanto maior a semelhança entre as concepções pagãs e os dogmas cristãos, tanto mais divina é a religião cristã, e mais ela é vista como a única verdadeiramente inspirada, especialmente na sua forma católica romana. Os cientistas descrentes e os acadêmicos que pensam ver na Igreja Latina exatamente o oposto da inspiração divina, não acreditando nos truques satânicos do plágio por antecipação, são severamente criticados. Mas “eles não acreditam em coisa alguma e rejeitam até mesmo a ‘*Nabathean Agriculture*’ (a ‘Agricultura dos Nabateus’), considerando-a uma ficção e um amontoado de absurdos supersticiosos”, segundo reclama o memorialista. “Na opinião distorcida deles o ‘ídolo da Lua’ de Qu-ta-my e a estátua da Nossa Senhora são a mesma coisa!” Um nobre marquês escreveu há vinte anos seis enormes volumes, ou, como ele os chama, “*Mémoires* para a Academia Francesa”, com o único objetivo de mostrar o catolicismo romano como uma religião inspirada e revelada desde o alto. Como prova disso, fornece fatos numerosos, todos no sentido de mostrar que o mundo antigo inteiro, desde o dilúvio, plagiou sistematicamente com ajuda do diabo os ritos, as cerimônias, e os dogmas da futura Santa Igreja que só nasceria eras mais tarde. O que teria aquele fiel filho de Roma dito se ele escutasse o seu colega de religião, o sr. Renouf, o destacado egiptólogo do Museu Britânico, declarar em uma das suas eruditas palestras que “nem os hebreus nem os gregos adotaram qualquer ideia do Egito”? <sup>247</sup>

---

<sup>246</sup> Goética: relacionada com a goécia, forma de feitiçaria que invoca espíritos pouco recomendáveis. (Nota do Tradutor)

<sup>247</sup> Citado em uma palestra do sr. G. Massey. (Nota de H. P. Blavatsky)

Mas talvez tenha sido isso mesmo que o sr. Renouf quis dizer - isto é, que foram os egípcios, os gregos e os arianos que adotaram as ideias da Igreja Latina? E neste caso, por que é que, cabe perguntar em nome da lógica, os papistas rejeitam as informações adicionais que os ocultistas podem dar a eles sobre o Culto Lunar, já que isso tudo tende a mostrar que o culto (católico romano) deles é tão velho como o mundo - DO SABEÍSMO E DA ASTROLATRIA?

A astrolatria dos cristãos primitivos e a astrolatria posterior dos católicos romanos, isto é, a adoração simbólica do Sol e da Lua - idêntica ao culto dos gnósticos, embora menos filosófica e menos pura que a “adoração do Sol” dos zoroastristas - é uma consequência natural do seu nascimento e origem. A adoção por parte da Igreja Latina de símbolos tais como a água, o fogo, o Sol, a Lua, as estrelas e muitas outras coisas, é simplesmente uma continuação - entre os cristãos primitivos - dos antigos cultos das nações pagãs. Assim, Odin obteve sua sabedoria, seu poder e seu conhecimento sentando-se aos pés de Mimir, o três-vezes-sábio *Jotun* que passou a sua vida junto à fonte da Sabedoria primordial, cujas águas cristalinas aumentavam o seu conhecimento a cada dia. Mimir “extraiu da fonte o mais alto conhecimento, porque o mundo havia nascido da água; portanto, a sabedoria primordial deveria ser encontrada naquele misterioso elemento” (“Asgard and the Gods”, W. Wagner, 1887, p. 86). O olho que Odin teve de sacrificar para obter aquele conhecimento pode ser “o Sol, que ilumina e penetra todas as coisas; o seu outro olho corresponde à Lua, cujo reflexo olha da profundidade, e que, finalmente, quando a Lua se põe, afunda no Oceano.” (“Asgard and the Gods”, mesma p. 86.) Mas é alguma coisa mais, além disso. É também Loki, o deus-fogo de quem se fala que se escondeu na água, assim como na Lua, a doadora-da-luz, cujo reflexo ele encontrou na água; e esta crença de que o fogo se refugia na água não está limitada aos antigos escandinavos. A crença era compartilhada por todas as nações, e foi finalmente adotada pelos cristãos primitivos, que simbolizaram o Espírito Santo sob a forma de Fogo, “línguas divididas como línguas de fogo” - a respiração do Pai-SOL. Este “Fogo” desce também até a Água ou Mar: *Mar*, Maria. A pomba era o símbolo da Alma entre várias nações; era sagrada para Vênus, a deusa nascida da espuma do mar, e tornou-se mais tarde o símbolo cristão da *Anima-Mundi*, ou Espírito Santo.

Um dos capítulos mais ocultos do “Livro dos Mortos” do Egito é o capítulo lxxx, intitulado “Fazendo a transformação no deus que dá luz ao caminho da Escuridão”, no qual a “Luz-mulher da Sombra” ajuda Thoth em seu retiro na Lua. Afirma-se que Thoth-Hermes se esconde na Lua, porque ele é o representante da Sabedoria Secreta. Ele é o logos manifestado do seu lado iluminado, e é a divindade oculta ou “Sabedoria Escura” quando se supõe que ele se retira para o hemisfério oposto. Falando do seu poder, a Lua chama a si mesma repetidamente de “a Luz que brilha na Escuridão”, a “Luz-Mulher”. Por isso ela transformou-se no símbolo de todas as deusas que são Virgens-Mães. Assim como os espíritos “maus” e perversos faziam guerra contra a Lua nos tempos antigos, da mesma forma se supõe que eles façam guerra hoje contra a Rainha do Céu, Maria, a Lua, porém sem serem capazes de predominar. Por isso também a Lua estava intimamente conectada em todas as teogonias pagãs com o Dragão, seu eterno inimigo; a Virgem, ou Nossa Senhora,

ficava acima do mítico Satã, estando ele na forma de Dragão, destituído de todo poder e esmagado sob os pés dela. Isso porque a cabeça e a cauda do Dragão, que representam até hoje na astronomia oriental os nodos ascendente e descendente da Lua, também eram simbolizadas na Grécia antiga pelas duas serpentes. Hércules mata as duas serpentes no dia do seu nascimento, e o mesmo faz o bebê nos braços da sua mãe virgem. O sr. Gerald Massey observa lucidamente: “Todos os símbolos como este representavam os seus próprios fatos desde o início, e não configuravam outros fatos de uma ordem totalmente diferente. A Iconografia (e também os dogmas) haviam sobrevivido em Roma desde um remoto período pré-cristão. *Não havia nem fraude nem interpolação de tipos; havia apenas uma continuidade de imagens com uma distorção do seu significado.*”

## 10. A Adoração da Árvore, da Serpente e do Crocodilo [\(Volte para o Sumário\)](#)

“Objeto de horror ou de adoração, a serpente inspira nos homens um ódio implacável, ou então eles se prostram diante do espírito dela. A Mentira a invoca, a Prudência a reivindica, a Inveja a leva em seu coração e a Eloquência em seus caduceus. No inferno ela arma o chicote das Fúrias; no Céu, a Eternidade a adota como o seu símbolo.”

(De Chateaubriand)

Os ofitas afirmavam que havia vários tipos de espíritos, desde deus até o homem; que a relativa superioridade dos espíritos dependia do grau de luz que era dado a cada um; e eles diziam que a serpente tinha que ser constantemente invocada e era preciso agradecer a ela pelo grande serviço que havia prestado à humanidade. Porque ela ensinou a Adão que se ele comesse do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, ele ergueria imensamente o seu ser através do conhecimento e da sabedoria que deste modo iria adquirir. Esta era a razão exotérica dada.

É fácil ver de onde vem a ideia primária deste caráter dual, como de Janus, assumido pela serpente: o bom e o mau. Este é um dos símbolos mais antigos, porque o réptil precedeu o pássaro, e o pássaro precedeu o mamífero. Disso surge a crença, ou melhor, a superstição, das tribos selvagens que pensam que as almas dos seus ancestrais vivem sob esta forma, e a associação geral da Serpente com a árvore. São inúmeras as lendas sobre as várias coisas que a serpente representa, mas, como a maior parte das lendas são alegóricas, elas agora foram colocadas na categoria das fábulas baseadas em ignorância e superstição obscura. Por exemplo, quando

Filóstrato <sup>248</sup> narra que os nativos da Índia e da Arábia alimentavam-se com o coração e o fígado de serpentes para aprender a língua de todos os animais, porque se considerava que a serpente tinha aquele dom, ele certamente jamais quis que as suas palavras fossem entendidas literalmente. (Veja *De Vita Apollonii*, lib. I, cap. xiv.) <sup>249</sup> Como veremos mais de uma vez à medida que prosseguirmos, a “Serpente” e o “Dragão” eram nomes dados aos “Sábios”, os adeptos iniciados dos tempos antigos. Era a sabedoria deles e o conhecimento deles que eram devorados, ou assimilados pelos seus seguidores <sup>250</sup>, e disso surge a alegoria. Quando se afirma em uma lenda que o Sigurd da Escandinávia assou o coração de Fafnir, o Dragão, que ele havia matado, e tornou-se assim o homem mais sábio da humanidade, o significado é o mesmo. Sirgur havia-se tornado um conhecedor das runas e dos encantamentos mágicos; havia recebido a “palavra” de um iniciado chamado Fafnir, ou de um feiticeiro, depois do que o iniciado morreu, como fazem muitos, depois de “passar a palavra”. Epifânio torna visível um segredo dos Gnósticos ao tentar revelar as *heresias* deles. Os Ofitas Gnósticos, diz ele, tinham um motivo para homenagear a Serpente: *é porque a serpente ensinou os Mistérios aos primeiros homens* (*Adv. Haeres. 37*). É verdade; mas eles não estavam pensando em Adão e Eva no Paraíso quando ensinavam este dogma, mas simplesmente o que foi afirmado acima. Os *Nagas* dos adeptos hindus e tibetanos eram *Nagas* (Serpentes) humanos, e não répteis. Além disso, a serpente tem sido sempre o símbolo do rejuvenescimento consecutivo ou seriado, da IMORTALIDADE e do TEMPO.

As leituras numerosas e extremamente interessantes, as interpretações e os fatos que giram em torno da adoração da Serpente, dados em “The Natural Genesis”, são muito engenhosos e cientificamente corretos. Mas estão longe de cobrir *todos* os significados implícitos. Divulgam apenas os mistérios astronômicos e fisiológicos, com o acréscimo de alguns fenômenos cósmicos. No plano mais inferior da materialidade, a Serpente era, sem dúvida, “o grande mistério nos mistérios”; e era muito provavelmente “adotada como um símbolo da puberdade feminina, com base na sua descamação e na sua autorrenovação.” No entanto, isso era verdade apenas em relação aos mistérios que dizem respeito à vida terrestre *animal*, porque, como símbolo de “*vestir-se novamente* e renascer nos mistérios (universais)”, a sua “*fase final*” <sup>251</sup> - ou podemos dizer, com mais razão, as suas fases incipiente e culminante -, os mistérios não eram deste plano. Eles eram gerados no puro reino da luz ideal, e tendo realizado a ronda de todo o ciclo de adaptações e simbolismo, os “mistérios”

---

<sup>248</sup> Lúcio Flávio Filóstrato - *Philostratus* no original em inglês - filósofo grego nascido em torno do ano 170 da era cristã. Autor da principal biografia de Apolônio de Tiana. (Nota do Tradutor)

<sup>249</sup> A obra está disponível em edição bilíngue - grego e inglês - publicada como parte da *Loeb Classical Library* pela Harvard University Press: “The Life of Apollonius of Tyana”. (Nota do Tradutor)

<sup>250</sup> Assim como na eucaristia ou comunhão os seguidores de Jesus devoram ritualisticamente o seu corpo e seu sangue representados pela hóstia e pelo vinho, num rito que simboliza a absorção existencial da sua sabedoria. (Nota do Tradutor)

<sup>251</sup> “The Natural Genesis”, de Gerald Massey, vol. I, p. 340. (Nota de H. P. Blavatsky)

voltavam para o ponto de onde haviam saído - para a essência da causalidade *imaterial*. Eles pertenciam à gnose mais elevada. E seguramente a gnose nunca poderia ter adquirido o seu nome e sua fama apenas devido ao conhecimento das funções fisiológicas e especialmente das funções fisiológicas femininas!

Como símbolo, a Serpente tinha tantos aspectos e significados ocultos quanto a própria Árvore; a “Árvore da Vida”, com a qual a serpente estava ligada de modo emblemático e quase indissolúvel. Quer elas sejam vistas como um símbolo físico ou metafísico, a Árvore e a Serpente, em conjunto ou separadamente, nunca foram degradadas pela antiguidade como são agora, nesta nossa era em que são destruídos os ídolos, não pelo bem da verdade, mas para maior glória da materialidade grosseira. As revelações e interpretações em “The Rivers of Life”<sup>252</sup> teriam espantado os adoradores da Árvore e da Serpente nos dias da sabedoria arcaica caldaica e egípcia; e mesmo os primeiros shivaístas teriam ficado horrorizados diante das teorias e sugestões do autor desta obra. “A noção de Payne Knight e Inman no sentido de que a cruz ou Tau é simplesmente uma cópia dos órgãos masculinos em forma triádica é radicalmente falsa”, escreve o sr. Gerald Massey, comprovando o que afirma. Mas esta afirmação poderia ser com igual justiça aplicada a quase todas as interpretações modernas dos símbolos antigos. “The Natural Genesis”, uma obra monumental de pesquisa e de pensamento e a mais completa já publicada sobre este assunto, abrange um campo mais amplo e explica muito mais do que todos os simbologistas que escreveram até o momento; no entanto, não vai além do estágio “psicoteísta” do pensamento antigo. Por outro lado, Payne Knight e Inman não estavam totalmente errados, exceto no fato de que são totalmente incapazes de ver que as suas interpretações da “Árvore da Vida”, como a cruz e o falo, correspondiam ao símbolo, e se aproximavam dele, apenas no estágio último e mais inferior do desenvolvimento evolutivo da ideia do DOADOR DA VIDA. Essa era a última e mais grosseira transformação física da natureza no animal, no inseto, no pássaro e mesmo na planta; porque o magnetismo dual e criativo, na forma da atração dos contrários ou da polarização sexual, atua na constituição do réptil e do pássaro como também atua na constituição do ser humano. Além disso, os simbologistas e orientalistas modernos - desde o primeiro até o último - ignoram os verdadeiros mistérios revelados pelo ocultismo, e necessariamente só podem ver este último estágio. Se fosse dito a eles que este modo de procriação - que todo o mundo existente hoje partilha na Terra - é apenas uma fase passageira, um meio físico de gerar as condições necessárias à vida e de produzir os fenômenos da vida que se alterarão na Raça-Raiz atual e desaparecerão na próxima Raça-Raiz<sup>253</sup> - eles iriam

---

<sup>252</sup> Obra de James G. R. Forlong, publicada em Londres, em 1883, segundo informa Boris de Zirkoff. (Nota do Tradutor)

<sup>253</sup> Esta frase deixa claro um fato já colocado antes na presente obra: a sexta e a sétima raças-raízes não necessitarão viver no plano físico denso, do mesmo modo como a primeira e a segunda raças-raízes tampouco necessitaram. A evolução se dá em espiral, e a humanidade precisa peregrinar pelo plano físico denso desde a metade da terceira raça-raiz até determinado momento do alvorecer, ou da preparação, da sexta raça-raiz. As raças um, dois, seis e sete são espirituais no sentido de não estarem presas ao plano físico. As raças três e cinco fazem a *transição para baixo* e a *transição para cima*, respectivamente. (Nota do Tradutor)

rir diante de uma ideia tão supersticiosa e tão anticientífica. Mas os Ocultistas mais sábios fazem esta afirmação porque *têm conhecimento direto disso*. O universo dos seres vivos, de todos aqueles cujas espécies procriam, é a testemunha viva dos vários modos de procriação na evolução das espécies e das raças animais e humanas; e o naturalista deveria perceber esta verdade intuitivamente, embora ele ainda seja incapaz de demonstrá-la. E, de fato, como ele poderia demonstrá-la usando o modo atual de pensar? Os marcos referenciais da história arcaica do passado são poucos e escassos, e aqueles que são encontrados pelos cientistas são vistos erradamente como sinalizações da nossa pequena era atual. Mesmo a chamada história “universal” (?) abrange apenas um campo minúsculo do espaço quase ilimitado das regiões inexploradas da nossa Raça-Raiz mais recente, a quinta. Portanto, cada nova placa de sinalização, cada novo glifo do passado antigo a ser descoberto, é acrescentado ao velho estoque de informações, para ser interpretado de acordo com as mesmas linhas das concepções pré-existentes, e sem qualquer referência ao ciclo especial de pensamento a que aquele glifo em particular pode pertencer. Como a Verdade poderá jamais ser conhecida, enquanto este método não for alterado?

Assim, no começo da sua existência conjunta como um glifo do Ser Imortal, a Árvore e a Serpente eram imagens verdadeiramente divinas. A árvore *era invertida*; as suas raízes eram geradas no céu, e cresciam a partir da Raiz-Sem-Raiz de toda existência. O seu tronco cresceu e se desenvolveu, atravessando os planos de Pleroma <sup>254</sup>; e lançou galhos e ramos luxuriantes, primeiro num plano de matéria pouco diferenciada; e mais tarde cresceu para baixo até que os ramos e galhos tocaram o plano terrestre. Assim, Ashvatta, a árvore da Vida e do Ser, cuja destruição <sup>255</sup> é o único caminho para a imortalidade, é descrita no Bhagavad Gita como crescendo com suas raízes para o alto e os seus galhos para baixo (capítulo XV). As raízes representam o Ser Supremo ou a Causa Primeira, o LOGOS; mas é preciso ir além destas raízes para *estar em unidade com Krishna*, que, diz Arjuna (XI) “é maior que Brahman, e é a Causa Primeira . . . ., o indestrutível, aquilo que é, aquilo que não é, e aquilo que está além de ambos”. Estes ramos da árvore são Hiranyagarba (Brahmâ ou Brahman em suas manifestações mais altas, dizem Sridhara e Madhusûdana), os mais elevados Dhyân Chohans ou Devas. Os Vedas são as suas folhas. Só aquele que vai *além* das raízes nunca irá retornar, ou seja, não reencarnará durante esta “era” de Brahmâ.

---

<sup>254</sup> Pleroma: o Glossário Teosófico afirma que pleroma é um termo gnóstico para significar o mundo divino ou Alma Universal. É também o Espaço, dividido em séries de éons. Veja ainda a metade superior da p. 511 do volume II da edição de 1888 da DS: o pleroma está relacionado com a alma universal; é um veículo da Luz universal, constitui um receptáculo de todas as formas e é uma força espalhada por todo o universo. (Nota do Tradutor)

<sup>255</sup> Destruição: a ideia de “destruição”, aqui, nada tem a ver com “atos destrutivos”. Significa apenas a desaparecimento natural que tem lugar quando a Árvore da Vida cumpriu sua função e passa a ser desnecessária à vida espiritual. “O universo inteiro existe para prestar serviço à alma”, segundo esclarece a Ioga de Patañjali, em *Ioga Sutras*, Livro II, aforismo 21. Ou seja, o propósito da Natureza é ajudar humildemente o Espírito. (Nota do Tradutor)

É somente quando os seus galhos puros tocaram o barro terrestre do Jardim do Éden, da nossa raça Adâmica, que esta Árvore ficou suja devido ao contato e perdeu a sua pureza prístina; e só então a Serpente da Eternidade - o LOGOS nascido do céu - foi finalmente degradada. No tempo antigo das *Dinastias divinas* na Terra o agora temido réptil era visto como o primeiro raio de luz que surgia do abismo do Mistério divino. Várias foram as formas que ele foi levado a assumir, e numerosos os símbolos naturais adaptados a ele, à medida que passavam éons de Tempo: e ele caiu do próprio Tempo Infinito - *Kala* - no espaço e no tempo produzidos pela especulação humana. Estas formas eram Cósmicas e astronômicas, teístas e panteísticas, abstratas e concretas. Elas se transformaram no Dragão Polar e no Cruzeiro do Sul, no *Alpha Draconis* da Pirâmide, e no Dragão hindu-budista, que sempre ameaça, porém nunca engole o Sol durante os seus eclipses. Até aquele momento, a Árvore permanecia sempre verde, porque era regada pelas águas da vida; e o grande Dragão, sempre divino, enquanto era mantido dentro dos precintos dos campos siderais. Mas a árvore cresceu e os seus ramos inferiores tocaram finalmente as regiões infernais - nossa Terra. Então a grande serpente Nidhögge - aquela que no “Salão da Miséria” (a vida humana) devora os cadáveres dos que fazem o mal tão logo eles são lançados ao “Hwergelmir”, o caldeirão barulhento (das paixões humanas) - então, dizíamos, a grande serpente Nidhögge roeu a Árvore-do-mundo. Os vermes da materialidade cobriram as raízes que antes tinham sido fortes e saudáveis, e agora sobem cada vez mais alto pelo tronco; enquanto a cobra Midgard, enroscada no fundo dos Mares, rodeia a Terra e, através da sua respiração venenosa, faz com que ela já não tenha o poder de defender a si mesma.

Todos os dragões e serpentes da antiguidade têm sete cabeças - “uma cabeça para cada raça, e cada cabeça tem em si sete cabelos”, conforme diz a alegoria. Sim, desde Ananta, a Serpente da Eternidade que carrega Vishnu através do Manvântara, desde o Sesha original primordial, cujas sete cabeças se tornam “mil cabeças” na fantasia Purânica, até a serpente Acadiana de sete cabeças. Isso tipifica os Sete princípios presentes em toda a natureza e no ser humano; sendo que a cabeça mais alta ou a cabeça *do meio* é o sétimo princípio. Não é do *Sabbath* judeu, mosaico, que Fílon de Alexandria fala em sua obra “The Creation of the World”, ao dizer que o mundo foi completado “de acordo com a natureza perfeita do número 6”. Porque, “quando aquela razão (*nous*) que é sagrada em harmonia com o número 7, entra na alma (ou melhor, no corpo vivo), o número seis é assim paralisado, assim como todas as coisas mortais que este número produz”. E novamente: “O número 7 é o dia de celebração de toda a Terra, o *dia de nascimento do mundo*.<sup>256</sup> Não sei se alguém seria capaz de celebrar o número 7 da maneira adequada.” ..... (Parágrafos das pp.

---

<sup>256</sup> No original em inglês, “birthday”. A palavra significa literalmente “dia do nascimento”, mas é normalmente traduzida como “aniversário”. Considerando que “aniversário” é o “dia do ano” em que alguém nasceu, e que o sétimo dia, sábado, se refere ao ciclo semanal, ficamos com “dia do nascimento” ao invés de “aniversário”. Porém a expressão quer dizer “dia de nascimento do mundo no sentido de dia a ser celebrado como um aniversário”. Aqui a tradição judaica vincula fortemente a vida cotidiana dos cidadãos ao tempo eterno e ao espaço infinito, de onde surgem o universo conhecido e o nosso globo atual. (Nota do Tradutor)



30 e 419.) O autor de “The Natural Genesis”<sup>257</sup> pensa que “o Setenário de Estrelas visto na Ursa Maior (o Septarshis) e o Dragão de sete cabeças davam uma origem visível para o setenário do tempo, citado acima”. Ele acrescenta:

“A deusa das sete estrelas era a mãe do tempo, como Kep; disso surgem Kepti e Sebti para os dois tempos e o número sete. Deste modo, ela é a estrela dos Sete, em nome. Sevekt (Cronos), o filho da deusa, tem o nome do sete ou sétimo. O mesmo ocorre com Sefekh Abu, que constrói a casa no alto, como a Sabedoria (Sofia) construiu a sua com sete pilares ..... Os Cronotipos primários eram sete, e assim o começo do tempo no Céu é baseado no número e no nome sete, por causa das estrelas demonstradoras. As sete estrelas, quando faziam anualmente a sua trajetória circular, permaneciam apontando por assim dizer com o dedo indicador da mão direita, e descrevendo um círculo no céu superior e inferior.<sup>258</sup> O número sete sugeria naturalmente uma medida de sete, que levava ao que pode ser chamado de *setenarizar*, e a marcar e mapear o círculo em sete divisões correspondentes, que eram atribuídas às sete grandes constelações; e assim era formado o Heptanomis<sup>259</sup> celestial do Egito nos céus ..... Quando o heptanomis estelar era rompido e dividido em quatro setores, ele era multiplicado por quatro, e os vinte e oito signos ocupavam o lugar das sete constelações iniciais; o zodíaco lunar de 28 dias é um registro do resultado deste fato.<sup>260</sup> ..... Na variante chinesa, os quatro setes são dados a quatro gênios que presidem os quatro pontos cardeais .....” (No budismo e no esoterismo da China os gênios são representados por quatro dragões, os “Maharajás” das Estâncias.) “As sete constelações do Norte compõem o Guerreiro Negro; as sete constelações do Leste (outono chinês) constituem o Tigre Branco; as sete do Sul são o Pássaro Avermelhado; e as sete do Oeste (chamadas de vernais) são o Dragão Azul. Cada um destes quatro Espíritos preside o seu heptanomis durante uma semana lunar. A fonte geradora<sup>261</sup> do primeiro heptanomis (Tífon das Sete Estrelas) agora assumiu um caráter lunar; ..... nesta fase encontramos a deusa Sefekh, cujo nome significa número 7, e é a palavra feminina, ou *logos* em lugar da mãe do Tempo, que anteriormente foi a *Palavra*, como deusa das Sete Estrelas” (“Typology of Time”, Vol. II, p. 313, *Nat. Gen.*).

<sup>257</sup> Isto é, o sr. Gerald Massey. (Nota do Tradutor)

<sup>258</sup> Pela mesma razão a divisão em sete dos princípios do ser humano é realizada assim, porque eles descrevem o mesmo círculo na natureza humana superior e inferior. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>259</sup> Heptanomis: nome sétuplo, conjunto de sete nomes. O termo é usado para designar um conjunto de sete cidades de destaque no Egito antigo; mas aqui a referência é a um Heptanomis visto como região celestial de sete constelações. (Nota do Tradutor)

<sup>260</sup> Assim, a divisão setenária é a mais antiga e precedeu a divisão em quatro. Ela é a raiz da classificação arcaica. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>261</sup> Fonte geradora - no original de 1888, “genitive”, termo gramatical que nada significa neste contexto. Boris de Zirkoff corrige acertadamente usando “genetrix”, termo antigo aplicado a Vênus vista como mãe. Optamos por “fonte geradora”. (Nota do Tradutor)

O autor mostra que foi a deusa da Ursa Maior e mãe do Tempo que estava no Egito desde os primeiros tempos da “*Palavra Viva*”, e que “Sevekh-Cronos, cujo símbolo era o Crocodilo-Dragão, a forma pré-planetária de Saturno, era considerado filho e marido dela; ele era o Palavra-Logos dela” (p. 321, Vol. I).

As afirmações acima estão bastante claras, mas não foi só o conhecimento de astronomia que levou os antigos ao processo de *setenarização*. A causa primária é bem mais profunda e será explicada no lugar adequado.

As citações acima não são digressões. São trazidas porque mostram, (a), a razão pela qual um Iniciado completo era chamado de “Dragão”, de “Cobra” e de “Naga”; e (b) que a nossa divisão setenária era usada pelos sacerdotes das primeiras dinastias no Egito, pela mesma razão e sobre a mesma base em que é usada por nós. Isso necessita uma maior elucidação, no entanto. Como já foi afirmado, aquilo que o sr. G. Massey chama de os quatro gênios dos quatro pontos cardeais; e que os chineses chamam de Guerreiro Negro, Tigre Branco, Pássaro Avermelhado e Dragão Azul é chamado, nos Livros Secretos, de “Quatro Dragões Ocultos da Sabedoria” e de “Nagas Celestiais”. Tal como foi mostrado, o DRAGÃO-LOGOS de sete cabeças, ou setenário, tinha sido ao longo do tempo fragmentado, por assim dizer, em *quatro* partes heptanômicas ou vinte e oito porções. Cada semana lunar tem um caráter oculto distinto no mês lunar; cada dia, entre os vinte e oito, tem as suas características especiais; assim como cada uma das doze constelações, quer separadamente ou em combinação com outros signos, possui uma influência oculta, seja benéfica ou maléfica.<sup>262</sup> Isto representa a soma do conhecimento que os homens podem adquirir nesta Terra; no entanto, poucos são aqueles que o adquirem, e são ainda mais raros os homens sábios que vão até a raiz do conhecimento simbolizado pelo grande Dragão-Raiz, o LOGOS espiritual destes signos visíveis. Mas aqueles que conseguem isso recebem o nome de “Dragão”, e são os “Arhats das Quatro Verdades das 28 Capacidades”, ou atributos, e têm sido sempre chamados assim.

Os neoplatônicos de Alexandria afirmavam que para alguém tornar-se um real *Caldeu* ou Mágico era preciso dominar a ciência ou conhecimento dos períodos dos Sete Reitores do mundo, nos quais está toda a sabedoria. Em Proclus <sup>263</sup> é atribuída a Jâmblico uma outra versão, que, no entanto, não altera o significado. Ali é dito que “os assírios não só preservaram os registros de vinte e sete miríades de anos, como Hiparco diz que preservaram, mas também os registros de todos os Apocatástases e

---

<sup>262</sup> As palavras “benéfica ou maléfica” aqui significam “harmônica ou desafiadora”. Não há maldade na natureza, segundo esclarecem os Mestres de Sabedoria na Carta 88 de “Cartas dos Mahatmas”. No século 19 a astrologia ainda qualificava como “maléficas” certas influências astrológicas e mesmo alguns planetas: esta nomenclatura foi aprimorada no século 20 de modo que hoje, em astrologia, tudo é considerado como fonte de lições, tanto o agradável como o desagradável. (Nota do Tradutor)

<sup>263</sup> *Comment. On the Timaeus*, Book I, 100.29-101.2. (Nota de H.P. Blavatsky, revisada por Boris de Zirkoff)

períodos dos Sete Governantes do Mundo”. As lendas de cada nação e tribo, sejam civilizadas ou selvagens, apontam para a crença antigamente universal na grande sabedoria e astúcia das Serpentes. Elas têm o poder de “encantar”. Elas hipnotizam o pássaro com seu olhar, e o próprio homem, com frequência, não sente que esteja acima da sua influência fascinadora; portanto o símbolo é extremamente adequado.

O crocodilo é o dragão egípcio. Ele era o símbolo dual do Céu e da Terra, do Sol e da Lua, e era visto como sagrado tanto para Osíris como para Ísis, devido à sua natureza anfíbia. De acordo com Eusébio, os egípcios representavam o Sol como o piloto de um navio, sendo que o navio era rebocado por um crocodilo “para mostrar o movimento do Sol na umidade (o Espaço)” (*Prepar. Evang.*, I, 3, c.3). O crocodilo era, além disso, o símbolo do próprio Egito - o *inferior*, o mais inundável dos dois países. Os alquimistas fazem outra interpretação. Eles dizem que o símbolo do Sol no navio, no Éter do Espaço, significava que a matéria hermética é o princípio, ou a base do ouro, ou Sol *filosófico*; a água, dentro da qual o crocodilo está nadando, é aquela água ou matéria tornada líquida; o navio em si, finalmente, representava o veículo da natureza, no qual o Sol, ou o princípio sulfúrico e ígneo, age como piloto: porque é o Sol que dirige o trabalho com sua ação sobre a *umidade* ou *mercúrio*. O raciocínio acima é apenas para os alquimistas.

A Serpente tornou-se o protótipo e o símbolo do mal e do Demônio apenas durante a Idade Média. Os primeiros cristãos - além dos gnósticos ofitas - tinham o seu Logos dual: a Serpente boa e a Serpente má; o Agathodaemon e o Kakodaemon. Isso é demonstrado nos escritos de Marcos, de Valentino e muitos outros, e especialmente em *Pistis Sophia* - certamente um documento dos primeiros séculos da cristandade. No sarcófago de mármore de um túmulo descoberto no ano de 1852 perto da Porta Pia <sup>264</sup>, pode-se ver a cena da adoração dos Magos, “ou alguma outra cena”, assinala o falecido C. W. King em sua obra “*The Gnostics and their Remains*”, “o protótipo daquela cena, ‘o Nascimento do Novo Sol’.” O chão em mosaico exibia um curioso desenho que poderia representar, (a), Ísis dando de mamar ao bebê Harpócrates, ou, (b), a Virgem Maria cuidando do menino Jesus. Nos sarcófagos menores que rodeavam o maior, foram descobertas onze lâminas de chumbo enroladas como pergaminhos, três das quais foram decifradas. O conteúdo das lâminas deveria ser visto como prova final de uma questão discutida interminavelmente, porque elas mostram que, ou os primeiros cristãos, até o século seis, eram *pagãos* de boa-fé, ou o cristianismo dogmático foi inteiramente tomado por empréstimo dos pagãos e passado em tudo para a igreja cristã - o Sol, a Árvore, a Serpente, o Crocodilo e todo o resto.

“Na primeira lâmina é visto Anúbis <sup>265</sup> ..... segurando um rolo como de pergaminho; aos seus pés há dois bustos femininos; abaixo de tudo estão duas serpentes

---

<sup>264</sup> *Porta Pia*: um portão ou pórtico de Roma construído por Michelangelo (1475-1564) e situado na antiga Muralha Aureliana. (Nota do Tradutor)

<sup>265</sup> Anúbis, o deus egípcio dos mortos e dos moribundos, cuja função era guiá-los e orientá-los. (Nota do Tradutor)

entrelaçadas ..... um cadáver enrolado como uma múmia. No segundo rolo ou lâmina ... está Anúbis segurando uma cruz, o ‘Signo da Vida’. Sob os seus pés está o cadáver rodeado pelos inúmeros anéis de uma serpente enorme, o Agathodaemon, guardião do falecido. .... Na terceira lâmina, Anúbis carrega no seu braço ..... o esboço de ..... uma cruz Latina completa ..... Aos pés do deus está um romboide, o ‘Ovo do Mundo’ egípcio, em cuja direção rasteja uma serpente enrolada em um círculo ..... Sob os bustos está a letra  $\omega$  repetida *sete* vezes em uma linha, o que faz lembrar dos ‘nomes’ ..... Muito notável, também, é a linha de caracteres, aparentemente palmirenos, sobre as pernas do primeiro Anúbis. Quanto à figura da *serpente*, supondo que estes talismãs emanem, não da religião isíaca <sup>266</sup>, mas da religião mais recente dos ofitas, é provável que ela represente aquela ‘Verdadeira e perfeita Serpente’ que leva adiante as almas de todos os que colocam a sua confiança nela, para fora do Egito do corpo, através do Mar Vermelho da Morte e até a Terra Prometida, salvando-as durante o caminho das Serpentes do Deserto, isto é, dos Regentes das Estrelas.” (“Gnostics”, King, p. 366)

E esta “Verdadeira e Perfeita Serpente” é o Deus de sete letras que agora se acredita ser Jehovah, sendo Jesus *Um com ele*. Em *Pistis Sophia*, uma obra anterior ao *Apocalipse* de São João e evidentemente da mesma escola, o candidato à iniciação é mandado por Christos a este deus com sete vogais. “Os Sete Trovões (a Serpente) pronunciaram estas sete vogais”, mas “põe um selo sobre estas coisas pronunciadas pelos sete trovões, e não as escrevas”, diz o Apocalipse. “Vocês procuram por estes mistérios?”, pergunta Jesus em *Pistis Sophia*. “Nenhum mistério é mais excelente do que eles (os mistérios das sete vogais); porque eles trarão as vossas almas até a Luz das Luzes”, *isto é*, a verdadeira Sabedoria. “Nada, portanto, é mais excelente que os mistérios pelos quais vocês procuram, exceto *o mistério das Sete Vogais e dos seus QUARENTA E NOVE Poderes*, e dos seus números”.

Na Índia, era *o mistério dos Sete FOGOS* e dos seus quarenta e nove fogos ou aspectos, ou “dos seus membros”, o que é exatamente o mesmo.

Estas sete vogais são representadas pelos símbolos da Suástica <sup>267</sup> nas coroas das sete cabeças da Serpente da Eternidade, na Índia, entre os budistas esotéricos, no Egito, na Caldeia, etc., etc., e entre os Iniciados de todos os outros países. Isso ocorre nas sete regiões da ascensão do processo pós-morte, nos escritos herméticos. Em cada uma delas o “mortal” deixa para trás uma das suas “Almas” (ou Princípios), até chegar ao plano acima de todas as regiões, onde ele permanece como a grande Serpente Sem Forma da sabedoria absoluta - ou seja, a própria Divindade. A serpente de sete cabeças tem mais de um significado nos ensinamentos Arcanos. Ela é *Draco*, o Dragão de sete cabeças. Cada uma das suas cabeças é uma estrela da constelação Ursa Menor. Mas era também, e principalmente, a Serpente da

<sup>266</sup> *Religião isíaca*, religião de Ísis. (Nota do Tradutor)

<sup>267</sup> Sobre o uso da suástica por parte de criminosos nazistas e de outros antissemitas, veja o artigo “[O Significado da Suástica](#)”, de Joaquim Duarte Soares. (Nota do Tradutor)

Escuridão (isto é, inconcebível e incompreensível), cujas sete cabeças são os sete *Logoi*<sup>268</sup>, sete reflexos da primeira e única Luz manifestada - o LOGOS universal.

## 11. Demon est Deus Inversus [\(Volte para o Sumário\)](#)

Com as suas formas multifacetadas, esta frase simbólica, “o demônio é Deus invertido”, é certamente muito perigosa e iconoclasta para todas as religiões dualistas posteriores - na verdade, teologias -; e isso ocorre especialmente em relação ao cristianismo. Porém, não seria nem justo nem correto dizer que foi o Cristianismo que concebeu e produziu Satã. Como um “adversário”, SATÃ sempre existiu: como o Poder opositor exigido pelo equilíbrio e pela harmonia das coisas na Natureza - assim como a Sombra é necessária para tornar mais clara a Luz -; tal como a Noite para dar mais *destaque* ao Dia, e como o frio para fazer com que apreciemos melhor o conforto do calor. A homogeneidade é uma e indivisível. Mas se o Um Absoluto e homogêneo não é apenas uma figura de linguagem, e se a heterogeneidade no seu aspecto dualístico é sua filha - a sua sombra ou reflexo bifurcador - então até mesmo aquela Homogeneidade divina deve conter em si mesma a essência tanto do bem como do mal. Se “Deus” é Absoluto, Infinito, e se é a Raiz Universal de tudo e de todas as coisas na Natureza e no seu universo, de onde vem o Mal ou o Demônio, exceto do mesmo “Útero de Ouro” do absoluto? Assim, somos forçados a aceitar a emanção do bem e do mal desde Agathodaemon e Kakodaemon como ramos do mesmo tronco da Árvore da Existência, ou devemos resignar-nos a aceitar o absurdo que é acreditar em dois Absolutos eternos!

Como é necessário ir até os primeiros momentos da mente humana para investigar a origem da ideia, é justo que, enquanto isto, exerçamos justiça até mesmo em relação ao proverbial demônio. A antiguidade não conhecia qualquer “deus do mal” isolado, completa e absolutamente mau. O pensamento pagão representava o bem e o mal como irmãos gêmeos, nascidos da mesma mãe - a Natureza. Assim que este pensamento deixou de ser Arcaico, a sabedoria tornou-se Filosofia. No começo os símbolos de bem e mal eram meras abstrações, Luz e Escuridão; mais tarde os seus protótipos passaram a ser escolhidos entre os fenômenos cósmicos mais naturais, periódicos e sempre recorrentes; o Dia e a Noite, ou o Sol e a Lua. Mais tarde as Hostes das divindades Solares e Lunares passaram a representar as duas ideias, e o Dragão da Escuridão fazia contraste com o Dragão da Luz (ver Estâncias V e VII do volume I). A Hoste de Satã é um Filho de Deus, tanto quanto a Hoste do B’ni Alhim, e estes filhos de Deus vão “apresentar-se perante o Senhor”, seu pai (veja *Jó, II*). “Os Filhos de Deus” se tornam os “Anjos Caídos” só depois de perceber que as filhas dos homens *eram belas (Gênesis VI)*. Na filosofia da Índia, os *Suras* estão entre os primeiros deuses e os mais luminosos, e se tornam *Asuras* apenas quando

---

<sup>268</sup> *Logoi* - plural da palavra “Logos”, de origem grega. (Nota do Tradutor)

são rebaixados por um capricho bramânico. Satã nunca assumiu uma forma antropomórfica individualizada até que o ser humano realizou a criação de um “deus pessoal *vivo*”; e isso aconteceu então apenas por uma questão de necessidade inevitável. Era necessária uma imagem, um bode-expiatório, para explicar a crueldade, os erros crassos e a injustiça demasiado evidente, ações cometidas por aquele a quem eram atribuídas absoluta perfeição, misericórdia e bondade. Este foi o primeiro efeito cármico de abandonar um Panteísmo filosófico e lógico, para construir, como um apoio para o homem preguiçoso, “um pai misericordioso no Céu”, cujas ações, que ocorrem a cada dia e a cada hora na forma de *Natura naturans*<sup>269</sup>, a “mãe bela mas fria como pedra”, desmentem a ideia proposta. Isso levou aos gêmeos primordiais, Osíris-Tífon, Ormazd-Ahriman, e finalmente Caim e Abel e todo tipo de opostos.

Tendo começado por ser sinônimo com a Natureza, “Deus”, o Criador, terminou por ser o autor dela. Pascal resolve esta dificuldade de modo astucioso: “A Natureza tem perfeições, de modo a mostrar que ela é a imagem de Deus: e defeitos, para mostrar que ela é *apenas* sua imagem”, diz ele.

Quanto mais recuamos na escuridão das eras pré-históricas, mais filosófica se torna a figura prototípica do que mais tarde seria Satã. O primeiro “Adversário” em forma individual que encontramos na literatura purânica antiga é um dos seus maiores Rishis e Iogues - Narada, chamado de “Criador de Conflitos”.

E ele é um Brahmâputra, um filho de Brahmâ, o macho. Mas sobre ele escreveremos mais adiante. Nós podemos verificar quem é na realidade o grande “Enganador” procurando por ele *com os olhos abertos* e uma mente livre de preconceitos, em todas as antigas cosmogonias e Escrituras.

Ele é o *Demiurgo* antropomorfizado, o Criador do Céu e da Terra, quando separado das Hostes coletivas dos seus colegas-Criadores, os quais, de uma certa maneira, ele representa e sintetiza. Ele é *agora* o Deus das *teologias*. “O pensamento é pai do desejo”. Em certa ocasião, há muito tempo, um símbolo filosófico passou a perverter a fantasia humana; e então foi transformado em um Deus diabólico, enganador, astuto e ciumento.

Já que os dragões e outros anjos caídos são descritos em outras partes desta obra, algumas palavras sobre o muito-injuriado Satã serão suficientes. O estudante deve lembrar que, em cada um dos povos, com a exceção das nações cristãs, o Demônio até hoje não é uma entidade pior que o aspecto oposto na natureza dual do chamado Criador. Isto é perfeitamente natural. Não se pode dizer que Deus é a síntese de todo o universo, sendo Onipresente, Onisciente e Infinito, e ao mesmo tempo divorciá-lo

---

<sup>269</sup> ‘Natura naturans’ - expressão em latim que significa em uma tradução livre “a natureza fazendo o que a natureza faz”. (Nota do Tradutor)

do mal.<sup>270</sup> Como há muito mais mal do que bem no mundo, segue-se, com base na lógica, que, ou Deus inclui em si mesmo o mal, ou é ele mesmo a causa direta do mal, ou então ele precisa renunciar à sua pretensão de ser absoluto.<sup>271</sup> Os antigos compreendiam isto tão bem que os seus filósofos - agora seguidos pelos cabalistas - definiam o mal como o forro de Deus ou do Bem; *Demon Est Deus Inversus* constitui um adágio muito antigo. Realmente, o mal é apenas uma força cega antagônica na natureza; ela é *reação, oposição, e contraste*, - mal para uns, bem para outros.<sup>272</sup> Não existe *malum in se*: apenas a sombra da luz, sem a qual a luz não poderia existir, nem mesmo em nossas percepções. Se o mal desaparecesse da Terra, o bem desapareceria junto com ele. O “Antigo Dragão” era puro espírito antes de tornar-se matéria, era *passivo*, antes de tornar-se *ativo*. Na magia sírio-caldaica tanto Ofis quanto Ofiomorfo estão unidos no Zodíaco como o signo do Andrógino *Virgo-Escorpião*. Antes da sua queda na Terra a “Serpente” era *Ofis-Christos*, e depois da sua queda tornou-se Ofiomorfos-CHRESTOS. Em todo lugar as especulações dos Cabalistas tratam o Mal como uma FORÇA, que é antagonística, mas ao mesmo tempo essencial, ao Bem, porque dá a ele vitalidade e existência, o que ele nunca poderia obter de outro modo. Não haveria a possibilidade de *Vida* (no sentido *maiáxico*) sem *Morte*, nem de regeneração e reconstrução, sem destruição. As plantas morreriam sob uma eterna luz do sol, e o mesmo ocorreria ao ser humano, que se tornaria um autômato sem o exercício do seu livre-arbítrio e da sua busca pela luz do sol. A luz perderia a sua existência e o seu valor para o ser humano, se ele não tivesse nada além de luz. O Bem é infinito e eterno apenas enquanto estiver naquilo

---

<sup>270</sup> O capítulo primeiro do Livro de Jó, no Velho Testamento, revela que existe um diálogo fraterno e respeitoso, e uma íntima colaboração entre Deus e o Demônio, sendo Deus o Chefe. O demônio é encarregado por Deus da importante tarefa de testar a força interior do discípulo, Jó. O episódio demonstra claramente que o demônio é uma força auxiliar. Opera *a serviço da Lei Universal* e da aprendizagem das almas durante o discipulado. Sobre o tema do bem e do mal, veja também a segunda metade da Carta 88 de “Cartas dos Mahatmas”. O documento está disponível nos websites da Loja Independente de Teosofistas sob o título de “[Mestres Ensinam Que Não Há Deus](#)”. (Nota do Tradutor)

<sup>271</sup> Blavatsky usa aqui o termo “mal” *no sentido de ignorância espiritual e desequilíbrio psicológico, que provocam sofrimento*. Cabe alertar para o fato de que a crença na existência absoluta do mal é falsa. O que existe, de fato, é a ignorância, cujo destino é ser vencida uma e outra vez pela luz espiritual. Na Carta 88 (veja a nota anterior), um Mestre de Sabedoria esclarece: “*A natureza é destituída de bondade ou maldade; ela segue apenas leis imutáveis quando dá vida e alegria ou manda sofrimento e morte, destruindo o que havia criado. A natureza tem um antídoto para cada veneno, e suas leis possuem uma recompensa para cada sofrimento.*” (Nota do Tradutor)

<sup>272</sup> Veja-se por exemplo o que cada lado considera “bem” e “mal” durante uma guerra sangrenta entre dois países cristãos; ou durante uma luta política cega entre duas forças políticas. Bem e mal no mundo externo são construções psicológicas que dependem do ponto de vista de cada um, e não são realidades absolutas. O que se deve combater - e isto exige coragem - é a negação do mundo espiritual, assim como o desprezo pelo mundo da alma, atividades moralmente suicidas. O oposto de Bem é a ignorância espiritual. No entanto, precisamos estar atentos ao modo como cada um usa as palavras, para entendermos os outros e sermos entendidos. (Nota do Tradutor)

que é eternamente oculto para nós, e é por isso que imaginamos que seja eterno. Nos planos manifestados, um equilibra o outro. Poucos são os deístas e crentes em um Deus pessoal que não fazem de Satã a sombra de Deus, ou que não confundem os dois, acreditando que têm o direito de rezar para aquele ídolo e pedir a ele ajuda e proteção para o exercício e a impunidade dos seus atos maus e cruéis. O pedido “Não nos deixes cair em tentação” é feito diariamente ao “Pai Nosso, que estás no Céu”, e não ao demônio, por milhões de corações cristãos. Isso é feito repetindo as mesmas palavras atribuídas ao Salvador deles, e não pensam nem por um instante no fato de que o seu significado é negado diretamente pelo “irmão do Senhor”, Tiago. “Ninguém, sendo tentado, diga: ‘De Deus sou tentado; porque Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta’.” (Epístola Universal de Tiago, 1:13.) Por que, então, dizer que é o Demônio que nos tenta, quando a igreja ensina *com base na autoridade de Cristo* que é Deus que faz isso? Abra qualquer livro devocional em que a palavra “tentação” é definida em seu sentido teológico e você verá duas definições: 1) aquelas aflições e perturbações *pelas quais Deus testa seu povo*; 2) aqueles meios e tentações que o Demônio usa para *iludir* e fascinar a humanidade. (São Tiago I, 2, 12, e Mateus, VI, 13.) Se aceitos literalmente, os dois ensinamentos, de Cristo e Tiago, contradizem um ao outro, e que dogma poderia reconciliá-los se o significado oculto é rejeitado?

Entre as diferentes tentações e ilusões, sábio será aquele filósofo que puder decidir onde Deus desaparece para dar lugar ao Demônio! Portanto, quando lemos que “o Demônio é um mentiroso e é o pai da mentira”, isto é, A MENTIRA ENCARNADA, e quando nos dizem no mesmo instante que Satã - o Demônio - é um filho de Deus e o mais belo dos seus arcanjos, nós preferimos, ao invés de acreditar que o Pai e o Filho são uma gigantesca MENTIRA personificada e eterna, voltar-nos para o panteísmo e a filosofia pagã em busca de informações.

Uma vez que a chave do Gênesis está em nossas mãos, é a Cabala científica e simbólica que revela o segredo. A grande Serpente do Jardim de Éden e o “Senhor Deus” são idênticos, e da mesma forma Jeová e Caim são UM - aquele mesmo Caim que é mencionado em Teologia como o “assassino” e o MENTIROSO que mente para Deus! Jeová coloca diante do Rei de Israel a tentação de contar os membros do povo, e Satã cria a mesma tentação para o Rei em outro lugar. Jeová se transforma nas serpentes de fogo para morder aqueles com quem está insatisfeito; e Jeová inspira a serpente de bronze que os cura.

Estas afirmações curtas e aparentemente contraditórias do Velho Testamento (contraditórias porque os dois Poderes estão separados ao invés de serem vistos como duas faces da mesma coisa) são os ecos - distorcidos até o ponto de serem irreconhecíveis pelo exoterismo e pela teologia - dos dogmas universais e filosóficos sobre a natureza, que eram tão bem compreendidos pelos Sábios primitivos. Encontramos a mesma base em várias personificações nos Puranas, que, no entanto, são muito mais amplas e filosoficamente significativas.

Assim, Pulastya, um “Filho de Deus” - integrante da primeira descendência - é transformado em progenitor de Demônios, os Rakshasas, os tentadores e



Devoradores de homens. *Pisacha* (Demônio fêmea) é filha de Daksha, um “Filho de Deus” também, e ele mesmo um Deus; e ela é a mãe de todas as Pisachas (*Padma Purana*). Os Demônios, assim chamados nos Puranas, são diabos muito extraordinários quando julgados desde a perspectiva dos europeus e dos ortodoxos diante destas criaturas, já que todos eles - Danavas, Daityas, Pisachas, e Rakshasas - são representados como extremamente piedosos e como seguidores dos preceitos dos Vedas, alguns deles sendo inclusive grandes Iogues. Mas eles se opõem ao clero e ao Ritualismo, aos sacrifícios e às formas externas - exatamente como fazem hoje na Índia os iogues que completaram seu aprendizado - e não são menos respeitados por isso, embora não tenham permissão para adotar nem casta nem ritual; por isso todos estes gigantes e Titãs purânicos são chamados de Demônios. Os missionários, sempre à espreita para mostrar, se puderem, que as tradições hindus não passam de um *reflexo* da Bíblia Judaica, criaram todo um relato romanceado sobre a suposta identidade de Pulastya com Caim, e dos Rakshasas com os Cainitas, “os amaldiçoados”, a causa do Dilúvio *de Noé*. (Veja a obra de Abbé Gorresio, que faz uma “etimologia” do nome de Pulastya como significando “o rejeitado”, e daí, absurdamente, Caim. Pulastya vive em *Kedara*, diz ele, o que significa um “lugar desenterrado”, uma *mina*, e Caim é mostrado na tradição e na Bíblia como o primeiro trabalhador com metais e um mineiro!)

Embora seja muito provável que os *Gibborim* (os gigantes) da Bíblia sejam os Rakshasas dos hindus, é ainda mais acertado dizer que os dois são Atlantes, e pertencem às raças submergidas. Seja como for, nenhum Satã poderia ser mais persistente ao injuriar o seu inimigo, nem mais venenoso em seu ódio, do que são os teólogos cristãos ao amaldiçoá-lo como o pai de todas as maldades. Compare todos estes vitupérios e opiniões sobre o Demônio com as visões filosóficas dos sábios purânicos e com a mansidão deles, que é semelhante à mansidão de Cristo. Quando Parasara, cujo pai foi devorado por um Rakshasa, estava se preparando para destruir (magicamente) toda a raça, o seu avô, Vasishta, diz a ele algumas palavras extremamente sugestivas. Ele mostra ao Sábio irado, com base na sua própria confissão, que há Mal e há *Carma*, mas não há “maus espíritos”. “Qua a tua ira se acalme”, diz ele. “Os Rakshasas não são culpados; a morte do teu pai é *resultado do Carma*. A raiva é a paixão dos tolos; não é adequada para um homem sábio. Pode-se perguntar: *quem é que tira a vida de alguém?* Todos os homens *colhem as consequências dos seus próprios atos*. A raiva, meu filho, é a destruição de tudo o que o homem obtém ..... e ela impede que se alcance a libertação. Os sábios evitam a fúria. Tu, meu filho, não deves estar sujeito à influência dela. Não deixes que aqueles espíritos *inofensivos* da escuridão sejam consumidos; que o teu sacrifício cesse. A misericórdia é o poder dos justos.” (*Vishnu Purana*, Livro I, Cap. I) Assim, cada um destes “sacrifícios” ou orações a Deus em que se pede ajuda *não é melhor que um ato de magia negra*. Parasara rezou pela destruição dos Espíritos da Escuridão, como vingança pessoal sua. Ele é chamado de *pagão*, e como tal os cristãos o condenaram ao inferno eterno. No entanto, em que aspecto a oração de soberanos e generais que antes de cada batalha rezam pela destruição do seu inimigo

é melhor do que isso? Em todos os casos este tipo de oração é *magia negra* da pior espécie, escondida como o demônio “Sr. Hyde” sob o santarrão “Dr. Jekyll”.<sup>273</sup>

Na natureza humana, o mal denota apenas a polaridade de matéria e Espírito, uma luta pela vida entre os dois princípios manifestados no Espaço e no Tempo, os quais são um só *em si mesmos*, já que têm sua base no Absoluto. No Cosmos, o equilíbrio deve ser preservado. As operações dos dois contrários produzem harmonia, como as forças centrípeta e centrífuga, que são necessárias uma à outra - mutuamente interdependentes - “para que ambas possam viver”. Se uma é bloqueada, a ação da outra se tornará imediatamente autodestrutiva.

Já que a personificação chamada de “Satã” foi amplamente analisada nos seus três aspectos - o do Velho Testamento, o da teologia cristã e o da antiga atitude pagã de pensamento - quem quiser saber mais pode examinar o volume IV, capítulo X, de “Ísis Sem Véu”.<sup>274</sup> Veja-se também várias seções da parte II do volume II da presente obra. O assunto que estamos examinando é abordado, e tentamos oferecer novas explicações, por uma forte razão. Antes que possamos estudar a evolução do homem físico e *divino*, nós temos, primeiro, que dominar a ideia da evolução cíclica, devemos estar familiarizados com as filosofias e as crenças das quatro raças que precederam a nossa raça atual, e saber quais eram as ideias daqueles Titãs e gigantes - verdadeiramente gigantes, tanto física como mentalmente. Toda a antiguidade está imbuída daquela filosofia que ensina a involução do espírito até a matéria, o ciclo progressivo de descida, ou a evolução ativa, autoconsciente. Os gnósticos de Alexandria divulgaram suficientemente o segredo das iniciações, e os registros deles estão cheios de alusões ao “deslizamento para baixo dos Éons”, na sua dupla qualificação de Seres Angélicos e de Períodos: cada um é a evolução natural do outro. Por outro lado, as tradições orientais dos dois lados da “água escura” - os oceanos que separam os dois *Orientes* - estão igualmente cheios de alegorias sobre a queda de Pleroma, a queda dos deuses e Devas. Todas as alegorias explicam a QUEDA como *um desejo de aprender e adquirir conhecimento* - de CONHECER. Esta é a sequência natural da evolução da mente, com o espírito sendo transmutado no que é material ou físico. A mesma lei da descida na materialidade e da nova subida até a espiritualidade foi reafirmada durante a era cristã, processo que parou apenas agora em nossa própria *sub-raça* especial.

---

<sup>273</sup> Referência ao romance clássico “O Médico e o Monstro”, de Robert Louis Stevenson. A obra constitui um verdadeiro estudo sobre a esquizofrenia e o problema da dupla personalidade. Aborda a divisão da personalidade entre o seu aspecto público, que busca o aplauso e a aprovação dos outros, e o seu aspecto secreto, negativo, destrutivo, que se busca ocultar e reprimir. Este processo psicológico envolve camadas profundas do subconsciente. Está relacionado com os estados psicóticos, e sua presença se faz sentir em todos os aspectos da vida - inclusive na política, e na guerra, como HPB demonstra. (Nota do Tradutor)

<sup>274</sup> O título do capítulo é “O Mito do Demônio”. Trata-se do volume II na edição original em inglês, e do volume IV na edição brasileira da Ed. Pensamento, SP. (Nota do Tradutor)

Aquilo que, talvez dez milênios atrás, foi alegorizado em *Poimandres* com um tipo tríplice de interpretação, com o objetivo de registrar um fato astronômico, antropológico, e mesmo alquímico, isto é, a alegoria dos sete reitores que atravessam os sete círculos de fogo, foi reduzido a uma interpretação material e antropomórfica - a rebelião e a *Queda dos Anjos*. A narrativa multivocal, profundamente filosófica sob a sua forma poética de “Casamento do Céu com a Terra”, o amor da natureza pela forma Divina e o “Homem Celestial”, extasiado com a sua própria beleza refletida na natureza - isto é, o Espírito atraído pela matéria, agora se transformou, sob controle dos teólogos, nos “Sete Reitores que desobedecem a Jeová, em admiração por si mesmo gerando orgulho satânico, seguido por sua QUEDA, e Jeová não permitindo nenhuma adoração exceto a adoração dele próprio”. Em resumo, os belos Planetas-Anjos, os gloriosos éons cíclicos dos antigos, foram a partir daquele momento sintetizados na sua forma mais ortodoxa em Samael, o chefe dos demônios no Talmude, “Aquela grande serpente com *doze asas* que traz para baixo consigo, em sua Queda, o sistema solar, ou os Titãs”. Mas *Schemal*, o *alter ego* e protótipo sabeu de Samael, significava, no seu aspecto filosófico e esotérico, o “ano” em seu aspecto astrológico mau, e os seus doze meses ou asas de males inevitáveis, na natureza; e na teogonia esotérica (veja Chwolson em NABATHEAN AGRICULTURE, Vol. II, p. 217) tanto Schemal como Samael representavam uma divindade particular. Entre os cabalistas eles são “o Espírito da Terra”, o deus pessoal que a governa, e que é idêntico, na realidade, a Jeová. Os próprios talmudistas admitem que SAMAEL é um nome divino de um dos sete Elohim. Os cabalistas, além disso, mostram os dois, Schemal e Samael, como uma forma simbólica de Saturno, CRONOS, sendo que as doze asas significam os doze meses, e o símbolo no seu aspecto coletivo representa *um ciclo racial*. Jeová e Saturno são também glificamente idênticos.

Isso por sua vez leva a uma dedução muito curiosa a partir de um dogma católico romano. Muitos escritores renomados que pertencem à igreja latina admitem a existência de uma diferença a ser observada entre os Titãs Uranianos, os gigantes antediluvianos (também Titãs) e aqueles gigantes pós-diluvianos em quem eles (os católicos romanos) *querem* ver os descendentes do mítico Cam. Em outras palavras, há uma diferença a ser feita entre as Forças Cósmicas opostas *primordiais* - guiadas pela lei cíclica -, os gigantes humanos Atlantes, e os grandes adeptos pós-diluvianos, sejam do caminho *direito* ou *esquerdo*. Ao mesmo tempo eles mostram que Miguel, “o *generalíssimo* da Hoste Celestial em luta, o *guarda-costas de Jeová*, segundo parece (veja de Mirville), é também um Titã, embora tenha o adjetivo de “divino” antes do cognome. Assim, aqueles “urânides”<sup>275</sup> que são chamados por toda parte de “Titãs divinos”, e que, tendo-se rebelado contra Cronos (Saturno) são também mencionados portanto como inimigos de Samael (um Elohim, e sinônimo de Jeová no seu aspecto coletivo) são idênticos a Miguel e sua hoste. Ou seja, os *papéis* foram revertidos, todos os combatentes se confundem, e nenhum estudante é capaz de distinguir claramente qual deles é qual. A explicação esotérica, porém, talvez possa

---

<sup>275</sup> Urânides: filhos de Urano. Na mitologia grega, Urano é o deus do céu e está casado com Gaia, a deusa da Terra. Urano, Gaia e seus descendentes são vistos como divindades primordiais. Deles derivam as diversas famílias de deuses gregos. (Nota do Tradutor)

trazer alguma ordem a esta confusão, na qual Jeová se torna Saturno, e Miguel e seu exército se transformam em Satã com os anjos rebeldes, devido aos esforços imprudentes dos fanáticos demasiado fiéis que pretendem ver um demônio em cada deus pagão. O verdadeiro significado é muito mais filosófico, e a lenda da primeira “Queda” (dos anjos) assume um aspecto científico quando é compreendido corretamente.

Cronos representa a Duração ilimitada (e portanto imóvel), sem começo, sem fim, que está além do Tempo dividido e além do Espaço. Sobre aqueles “Anjos”, gênios, ou Devas que nasceram *para agir no espaço e no tempo*, isto é, para avançar através dos *sete círculos* dos planos *superespirituais* até as regiões supraterestrres fenomênicas ou circunscritas, afirma-se alegoricamente que *se rebelaram* contra Cronos e combateram o (então) único Deus vivo e o Deus mais alto. Por sua vez, quando Cronos é representado como mutilando Urano, seu pai, o significado desta mutilação é muito simples: o tempo absoluto é levado a transformar-se no tempo finito e condicionado; uma parte é roubada do todo, o que mostra que Saturno, o pai dos deuses, deixou de ser a *Duração Eterna* para transformar-se num Período limitado. Cronos corta com a sua foice até os ciclos mais longos e (para nós) aparentemente intermináveis e no entanto, apesar de tudo, limitados na Eternidade, e derruba com a mesma foice os mais poderosos rebeldes. Sim, nenhum deles escapará da foice do Tempo! Quer você louve ao deus, ou aos deuses, ou despreze a todos eles, aquela foice não tremerá nem por um milionésimo de segundo ao erguer-se nem ao descer.

Os Titãs da *Teogonia* de Hesíodo foram copiados, na Grécia, dos *Suras* e *Asuras* da Índia. Estes Titãs hesiódicos, os *urânides*, eram vistos antigamente como sendo apenas seis. Mais recentemente descobriu-se em um velho fragmento relacionado com o mito grego que eram *sete*, sendo o sétimo chamado de Phoreg. Assim a identidade dos urânides com os Sete reitores fica plenamente demonstrada. A origem da “Guerra no Céu” e da QUEDA precisa, desde nosso ponto de vista, ser localizada inevitavelmente na Índia, e talvez seja muito anterior às narrativas purânicas sobre o tema. Porque TARAKAMAYA <sup>276</sup> teve lugar em uma era posterior, e havia três narrativas, cada uma de uma guerra diferente, a serem identificadas em quase todas as Cosmogonias.

A primeira guerra aconteceu na noite dos tempos, entre os deuses e os *A-suras* e durou o período de um “ano divino”. <sup>277</sup> Nesta ocasião as divindades foram

---

<sup>276</sup> A edição de 1888 da DS tem erradamente “Taramaya”, que Boris de Zirkoff corrige para Tarakamaya. Refere-se a uma guerra mitológica no hinduísmo, uma das guerras entre os devas e os asuras. (Nota do Tradutor)

<sup>277</sup> Já que um “Dia de Brahmâ” dura 4.320.000.000 anos, multiplique este número por 365! Os Asuras, aqui (não-deuses, mas demônios) são ainda assim *Suras*, deuses mais elevados na hierarquia do que os deuses secundários que não são nem mencionados nos Vedas. A duração da guerra mostra a sua importância, e indica que eles são apenas a personificação de Poderes cósmicos. É, evidentemente, para propósitos sectários e com base no *odium theologicum* que a forma ilusória assumida por Vishnu *Mayamoha* foi atribuída em

derrotadas pelos Daityas, sob a liderança de Hrada. Depois disso, devido a um artifício de Vishnu, a quem os deuses vencidos buscaram pedindo ajuda, estes últimos derrotaram os Asuras. No *Vishnu Purana* não há menção a nenhum intervalo entre as duas guerras. Na Doutrina Esotérica, uma guerra acontece antes da construção do sistema solar; e a outra, na Terra, durante a “criação” do homem; e uma terceira “guerra” é mencionada como tendo ocorrido no final da quarta Raça, entre os adeptos da quarta Raça e os adeptos da quinta Raça, isto é, entre os Iniciados da “Ilha Sagrada” e os Feiticeiros de Atlântida. Vamos examinar o primeiro conflito, tal como recontado por Parasara, ao mesmo tempo que tratamos de separar as duas narrativas, que foram deliberadamente misturadas. Afirma Parasara que quando os Daityas e os Asuras estavam engajados nos deveres das suas respectivas ordens (*Varna*), seguindo caminhos prescritos pela escritura sagrada e praticando também penitências religiosas (uma estranha atividade para *demônios* se eles fossem *idênticos aos nossos demônios*, segundo se alega), foi impossível, para os deuses, destruí-los. As orações dirigidas pelos deuses a Vishnu são curiosas porque mostram as ideias envolvidas numa divindade antropomórfica. Tendo depois da sua derrota “fugido para a margem Norte do Oceano de Leite (Oceano Atlântico)<sup>278</sup>, os deuses vencidos dirigiram muitas súplicas ‘ao primeiro entre os seres, o divino Vishnu’, e entre elas havia esta: ‘Glória a ti, que és Um com os Santos, cuja natureza perfeita é sempre abençoada ..... Glória a ti, *que és Um com a raça-da-Serpente, de língua dupla, impetuosa, cruel, insaciável no prazer* e rodeada de riqueza ..... Glória a ti .... Oh Senhor, *que não tens nem cor nem extensão, nem tamanho (ghana), ao qual nenhuma qualidade pode ser atribuída*, e cuja essência (*rupa*), a mais pura entre as puras, só pode ser apreciada pelo sagrado *Paramarshi* (o maior dos sábios ou Rishis). Nós nos inclinamos diante de ti, na natureza de Brahma incriado, que não decai (*avyaya*), que *está em nossos corpos e em todos os outros corpos, e em todas as criaturas vivas*, e além do qual nada existe. Nós glorificamos

---

readaptações mais recentes de velhos textos a Buddha e aos Daityas, no *Vishnu Purana*, a menos que seja uma fantasia do próprio Wilson. Wilson também imaginou ter descoberto uma alusão ao budismo no Bhagavad Gita, quando na verdade, tal como comprovado por K. T. Telang, ele apenas confundiu os budistas com os antigos materialistas Charvaka. A versão não existe em lugar algum em outros Puranas, ainda que a inferência exista, segundo alega o professor Wilson no “Vishnu Purana”. A tradução do “Vishnu Purana”, especialmente no livro III, capítulo XVIII, onde o venerável Orientalista introduz arbitrariamente Buddha e mostra Buddha ensinando budismo aos Daityas, levou a outra “grande guerra” entre ele próprio e o coronel Vans Kennedy. Este último acusou-o em público de distorcer textos purânicos deliberadamente. “Afirmo”, escreveu o coronel em Bombaim, em 1840, “que os Puranas não contêm o que o professor Wilson afirma que está contido neles ..... até que tais passagens sejam apresentadas eu tenho direito de repetir minhas conclusões anteriores, de que a opinião do professor Wilson, segundo a qual os Puranas tal como existem hoje são compilações feitas entre o século oito e o século dezessete (da era cristã!) se baseia exclusivamente *em suposições injustificadas e afirmações sem base*, e que o raciocínio dele em defesa desta opinião é fútil, falacioso, contraditório, ou improvável.” (Veja *Vishnu Purana*, traduzido por Wilson, editado por Fitzedward Hall, Vol. V, Appendix.) (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>278</sup> Esta afirmação pertence à terceira Guerra, já que os continentes, mares e rios terrestres são mencionados com relação a ela. (Nota de H. P. Blavatsky)

aquele Vasudeva, o senhor de tudo, que não tem solo, a semente de todas as coisas, isento de dissolução, não-nascido, eterno; que é em essência *Paramapadatmavat* (além da condição do espírito), e na essência e na substância (*rupa*), o conjunto deste (Universo)’.” (Livro III, cap. XVII, *Vishnu Purana*)

O trecho acima é citado como uma ilustração do vasto campo oferecido pelos Puranas para que sejam feitas críticas adversas e errôneas por qualquer europeu fanático que forma uma ideia sobre uma religião desconhecida com base apenas em evidências externas. Qualquer pessoa acostumada a submeter o que lê a uma análise cuidadosa pode enxergar à primeira vista a incongruência de dirigir-se ao “Incognoscível”, o ABSOLUTO sem forma e sem atributos, tal como os vedantinos definem BRAHMA, como sendo “Um com a raça-da-Serpente, de língua dupla, impetuosa, cruel e insaciável”, associando assim o abstrato com o concreto, e atribuindo adjetivos àquilo que está livre de quaisquer limitações e condicionamentos. Até o Dr. Wilson, que, depois de viver durante tantos anos na Índia rodeado de brâmanes e pânditas, deveria ter adquirido um conhecimento melhor, até mesmo aquele erudito não perdeu nenhuma oportunidade para criticar as escrituras hindus neste aspecto. Assim, ele exclama: <sup>279</sup>

“Os Puranas ensinam constantemente doutrinas incompatíveis! De acordo com esta passagem, o ser Supremo não é apenas a causa inerte da criação, mas exerce também as funções de uma providência ativa. O Comentador cita um texto do Veda em apoio a este ponto de vista: ‘A Alma Universal entra nos homens, governa a sua conduta’. As incongruências, no entanto, são tão frequentes nos Vedas quanto nos Puranas.....”.

Menos frequentes, na verdade, que na Bíblia mosaica. Mas o preconceito é grande nos corações dos nossos Orientalistas - especialmente dos eruditos “veneráveis”. A ALMA UNIVERSAL *não* é a Causa inerte da Criação ou (Para) Brahma, mas simplesmente aquilo que chamamos de sexto princípio do Cosmos *intelectual*, no plano manifestado da existência. É Mahat, ou *Mahabuddhi*, a grande Alma, o veículo do Espírito, o primeiro reflexo primevo da CAUSA sem forma, e aquilo que está *além* até mesmo do ESPÍRITO. Isso é o que temos a dizer sobre o ataque gratuito do professor Wilson. Quanto ao apelo aparentemente incongruente que os deuses derrotados fizeram a Vishnu, a explicação está lá no texto do Vishnu Purana, e os Orientalistas podem dar atenção a ela, se quiserem.<sup>280</sup> Existe Vishnu como

<sup>279</sup> No livro I, capítulo XVII, ao narrar a história de Prahlada - o filho de Hiranyakasipu, o *Satã* purânico, o grande inimigo de Vishnu e rei dos três mundos - em cujo coração Vishnu entrou. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>280</sup> Esta ignorância é verdadeiramente e belamente expressada no elogio dos iogues a Brahmã, “o defensor da Terra” (no livro I, cap. IV do Vishnu Purana), quando eles dizem: “Aqueles que não desenvolvem a prática da devoção têm uma concepção errada da natureza do mundo. Os ignorantes que não percebem que este Universo tem por substância a Sabedoria, e consideram o Universo apenas como um objeto a ser percebido, estão perdidos no oceano da ignorância espiritual. Mas aqueles que conhecem a verdadeira sabedoria, e cujas mentes são puras, veem este mundo todo como algo que está *em unidade com o conhecimento divino*; em unidade contigo, Oh, Deus. Que sejas benevolente, oh, Espírito universal!” (Nota de H. P. Blavatsky)

Brahmâ, e existe Vishnu *em seus dois aspectos*, ensina a filosofia. Há apenas um Brahma “essencialmente *prakriti e Espírito*”, etc.

Portanto, não é Vishnu - “a causa inerte da criação” - que exerceu as funções de uma Providência *ativa*, mas a Alma Universal, aquilo que Eliphaz Levi chama de *Luz Astral* no seu aspecto material. E esta “Alma” é, em seu aspecto dual de espírito e matéria, o verdadeiro Deus antropomórfico dos teístas; já que este Deus é uma *personificação* daquele Agente Criativo Universal, tanto puro como impuro, devido à sua condição manifesta e à sua diferenciação neste Mundo Maiáxico - *Deus e Diabo*, verdadeiramente. Mas o Dr. Wilson não conseguiu ver que Vishnu, neste aspecto, é muito parecido com o Senhor Deus de Israel, “especialmente em sua política de engano, tentação e astúcia”.

No Vishnu Purana isto é colocado da maneira mais clara possível. Pois ali é dito que “na conclusão das suas orações (*stotra*) os deuses viram a Soberana Divindade Hari (Vishnu) armada com um trompete de concha, um disco, e uma clava, *cavalgando em Garuda* <sup>281</sup>.....”. Na verdade, “Garuda” é o *ciclo* manvantárico, como será demonstrado no momento certo. Vishnu, portanto, é a divindade *no espaço e no tempo*; o Deus peculiar dos Vaishnavas (um Deus *tribal* ou *racial*, na terminologia da filosofia esotérica): isto é, um dos muitos Dhyanis, ou Deuses, ou Elohim, um dos quais era geralmente escolhido por algumas razões especiais por uma nação ou tribo, e assim se tornava gradualmente um “Deus *acima de todos* os Deuses” (2 Crônicas II, 5), o “mais alto Deus” como Jeová, Osíris, Bel, ou qualquer outro dos *Sete Regentes*.

“A árvore se conhece pelos frutos” - e a natureza de um Deus se conhece por suas ações. Quanto a estas últimas, podemos julgá-las pela letra morta das narrativas, ou aceitá-las como alegorias. Se compararmos os dois - Vishnu, o defensor e herói dos deuses derrotados, e Jeová, o defensor e herói do povo “escolhido”, chamado assim por antífrase, sem dúvida, porque foram os judeus que *escolheram* aquele Deus “ciumento” - veremos que os dois usam de enganos e astúcia. Fazem isso com base no princípio de que “o fim justifica os meios”, para ter vantagem sobre os seus respectivos adversários e inimigos - os demônios. Assim, (de acordo com os cabalistas) Jeová assume a forma da tentadora Serpente no Jardim do Éden, dá a Satã a missão especial de tentar Jó, e hostiliza e aborrece o Faraó através de Sara, a esposa de Abraão, e “*endurece*” o coração do Faraó contra Moisés, caso contrário não haveria oportunidade para *lançar sofrimentos* sobre suas vítimas “com grandes pragas” (*Gênesis*, XII, *Êxodo*) -; enquanto Vishnu, no Purana *dele*, é descrito como apelando para um truque igualmente indigno de qualquer deus respeitável.

“Tem compaixão de nós, Oh Senhor, e protege-nos, a nós que viemos a ti para pedir socorro diante dos Daityas (demônios)!” - rezam os Deuses derrotados. “Eles se apoderaram dos três mundos, e tomaram para si as oferendas que cabem a nós, *tendo*

---

<sup>281</sup> Garuda - pássaro lendário da mitologia hindu, sobre o qual cavalgava o deus Vishnu. (Nota do Tradutor)

*o cuidado de não transgredir os Preceitos do Veda. Embora nós, tanto como eles, sejamos partes de ti.*<sup>282</sup> ..... engajados como eles estão nos caminhos prescritos pela escritura sagrada ..... é impossível para nós destruí-los. Dá-nos instruções, tu cuja sabedoria é imensurável (*Ameyatman*) sobre algum instrumento pelo qual nós possamos ser capazes de exterminar os inimigos dos deuses!”

“Quando o poderoso Vishnu ouviu o pedido deles, emitiu do seu corpo uma forma *ilusória* (*Mayamoha*, ‘o que engana através da ilusão’), que entregou aos deuses dizendo: ‘Este *Mayamoha* irá enganar completamente os *Daityas*, de modo que, sendo levados para fora do caminho dos Vedas, eles possam ser mortos ..... Podem ir, pois, sem medo. Deixem que esta visão enganadora vá na frente. Ela será no dia de hoje de grande utilidade para vocês, oh Deuses!’ ”

“Depois disso, a grande Ilusão, *Mayamoha*, desceu para a Terra, viu os *Daityas* dedicados a penitências ascéticas e, aproximando-se deles com a aparência de um *Digambara* (mendigo sem roupas), com sua cabeça raspada ..... ele dirigiu-se a eles, com voz gentil: ‘Oh, senhores da raça *Daitya*, então os senhores praticam estes atos de penitência?’ ”, etc., etc. (Livro II, XVIII)

Finalmente os *Daityas* foram enganados pela conversa astuciosa de *Mayamoha*, assim como Eva foi enganada pelo conselho da Serpente. O Dr. Muir traduz assim esta passagem:

“O grande Enganador, praticando ilusão, em seguida ludibriou outros *Daityas* por meio de muitas outras formas de heresia. Em muito pouco tempo, estes *Asuras* (*Daityas*), iludidos pelo Enganador (que era Vishnu), abandonaram todo o sistema baseado nas disposições do tríplice Veda. Alguns insultaram os Vedas, outros insultaram os Deuses, outros insultaram o cerimonial dos sacrifícios, e outros, os brâmanes. Esta, exclamaram eles, é uma doutrina que não resistirá a uma discussão. A morte de animais em sacrifício não conduz a mérito religioso. Dizer que oblações de manteiga consumida no fogo produz qualquer recompensa futura é uma afirmação infantil ..... Se é verdade que um animal morto em sacrifício é exaltado até o céu, por que o adorador não mata o seu próprio pai? ..... Pronunciamentos infalíveis não caem dos céus, oh grandes *Asuras*; só as afirmativas fundadas na razão são aceitas por mim e por outras pessoas inteligentes como vocês! Assim, através de numerosos métodos os *Daityas* foram desestabilizados pelo grande Enganador (*a Razão*) ..... Quando eles haviam entrado no caminho do erro, os deuses reuniram todas as suas energias e se aproximaram para lutar. Seguiu-se então um combate entre os deuses e os *Asuras*; e estes últimos, que haviam abandonado o caminho correto, foram derrotados pelos deuses. Em tempos anteriores eles haviam sido protegidos pela armadura de honestidade que usavam, mas quando aquela armadura foi destruída eles, também, morreram.” (*Journal of the Royal Asiatic Society*, Vol. XIX, p. 302.)

---

<sup>282</sup> “Houve um tempo em que os *Filhos de Deus* foram até o Senhor, e Satã foi com os irmãos dele, também, ao Senhor”. (Jó, II, Abyss, texto *etíope*.) (Nota de H. P. Blavatsky)



Seja o que for que se pense dos hindus, nenhum inimigo deles poderá vê-los como idiotas. Um povo cujos santos e sábios deram ao mundo as maiores e mais sublimes filosofias que jamais emanaram das mentes dos homens deve ter aprendido a diferença entre certo e errado. Mesmo um selvagem pode discernir o branco do preto, o bom do mau, e a falsidade da sinceridade. Aqueles que narraram este acontecimento na biografia do seu deus devem ter visto que neste caso foi aquele Deus que desempenhou o papel de grande-Enganador, enquanto os Daityas, que “nunca transgrediam os preceitos dos Vedas”, estavam no lado luminoso da situação, sendo os verdadeiros “deuses”. Por esta razão deve ter havido, e *há de fato*, um significado secreto oculto nesta alegoria. Em nenhum tipo de Sociedade, em nação alguma, o engano e a astúcia são considerados virtudes *Divinas* - exceto talvez na classe clerical dos teólogos e no jesuitismo moderno.

O Vishnu Purana <sup>283</sup>, como todas as outras obras do seu tipo, passou num período mais recente para as mãos dos brâmanes dos templos, e os velhos manuscritos, sem dúvida, foram mais ou menos adulterados por sectários. Mas houve um tempo em que os Puranas eram obras esotéricas, e eles ainda são esotéricos para os Iniciados que podem lê-los com a chave que está em seu poder.

Se os Iniciados brâmanes irão em algum momento revelar o significado completo destas alegorias é uma questão que não preocupa a autora destas linhas. O objetivo atual é mostrar que, ao mesmo tempo que honra os *Poderes criadores* em suas formas múltiplas, nenhum filósofo poderia aceitar, nem aceitou jamais a alegoria em seu verdadeiro espírito; exceto, talvez, alguns filósofos que pertençam às atuais raças cristãs “superiores e civilizadas”. Porque, tal como foi mostrado, Jeová não é superior em coisa alguma a Vishnu no plano da ética. É por isso que os Ocultistas, e mesmo alguns Cabalistas, quer vejam ou não estas Forças criativas *como Entidades vivas e conscientes* - e nós não vemos motivos para que não sejam aceitas como tal - nunca confundirão a CAUSA com o efeito, nem pensarão que o Espírito da Terra é o mesmo que Parabrahm ou Ain Soph. Em todo caso, eles sabem bem a verdadeira natureza do que era chamado de Pai-Éter pelos gregos, e Júpiter-Titã, etc., etc. Eles sabem que a alma da LUZ ASTRAL é divina, e que o seu corpo (as ondas de luz dos planos inferiores) é infernal. A Luz é simbolizada pela “Cabeça Mágica” no *Zohar*, pela dupla face na dupla Pirâmide. A pirâmide preta ergue-se contra um chão puro e branco, com *uma cabeça e uma face brancas dentro do seu triângulo preto*; a pirâmide branca, invertida - o reflexo da primeira nas águas escuras, mostra o *reflexo negro da face branca* .....

Esta é a “Luz Astral”, ou DEMON EST DEUS INVERSUS.

---

<sup>283</sup> A opinião de Wilson, segundo a qual o “Vishnu Purana” é uma produção *da nossa era* e não é, na forma atual, anterior ao período entre os séculos VIII e XVII (!!), constitui um absurdo além de todo registro. (Nota de H. P. Blavatsky)

## 12. A Teogonia dos Deuses Criadores

([Volte para o Sumário](#))

Para compreender completamente a ideia que está na base de cada uma das cosmologias antigas é necessário o estudo, em uma análise comparativa, de todas as grandes religiões da antiguidade; porque é só através deste método que a ideia central se tornará clara. A ciência exata - se pudesse erguer-se a este nível, investigando as operações da natureza até suas fontes últimas e originais - chamaria esta ideia de hierarquia das Forças. A concepção original, transcendental e filosófica era uma. Mas como os sistemas começaram a refletir com cada nova era mais e mais as idiossincrasias das nações, e como estas últimas, depois de se separarem, se estabeleceram em grupos diferentes, cada um deles se desenvolvendo conforme seus próprios moldes nacionais ou tribais, a ideia principal gradualmente ficou velada devido ao crescimento excessivo da imaginação humana. Enquanto em alguns países as FORÇAS, ou melhor, os Poderes inteligentes da natureza, receberam honras divinas a que dificilmente tinham direito, em outros países, - como agora na Europa e nas terras *civilizadas* - o próprio pensamento de que qualquer uma destas Forças seja dotada de inteligência parece absurdo e é proclamado como *anticientífico*. Portanto sentimos alívio ao ver afirmações como as que são encontradas na *Introdução* de “Asgard and the Gods: Tales and Traditions of our Northern Ancestors”, de W.S.W. Anson. O autor destaca, na página 3: “Embora na Ásia Central, ou nas margens do rio Indo, na terra das Pirâmides, e nas penínsulas grega e italiana, e mesmo no Norte, por onde perambulavam os celtas, os teutões e os eslavos, as concepções religiosas do povo tomaram diferentes formas, *no entanto a sua origem comum* ainda é perceptível. Nós assinalamos esta conexão entre as histórias dos deuses, e o profundo pensamento contido nelas, assim como a importância delas, para que o leitor possa ver que *não é um mundo mágico de fantasias erráticas* que se abre diante dele, mas que *..... a Vida e a natureza* formaram a base da existência e da ação destas divindades.” E embora seja impossível para qualquer Ocultista ou estudante do Esoterismo Oriental concordar com a estranha ideia de que “as concepções religiosas das nações mais famosas da antiguidade estão ligadas aos começos de civilização entre as raças germânicas”, o Ocultista, no entanto, fica contente por ver que são expressas verdades como esta: “Tais contos de fadas não são histórias absurdas escritas para passar o tempo daquele que não tem nada que fazer; elas expressam a profunda religião dos nossos ancestrais .....

Precisamente. Não só a religião deles, mas também a sua História. Porque um mito, em grego **μῦθος**, significa tradição oral, passada de boca em boca de uma geração para outra; e mesmo na etimologia moderna o termo significa uma afirmativa que transmite *em forma de fábula* uma verdade importante; um conto sobre um personagem extraordinário cuja biografia adquiriu uma dimensão fora do comum devido à veneração de sucessivas gerações, e que foi enriquecida pela imaginação popular, mas que não é *apenas* uma fábula. Assim como os nossos ancestrais, os

primitivos arianos, nós acreditamos firmemente na personalidade e na inteligência de mais de uma Força produtora-de-fenômenos na natureza.

À medida que passou o tempo, o ensinamento arcaico se tornou menos visível; e as nações passaram a perder de vista o princípio mais alto e único de todas as coisas, começando a transferir os atributos abstratos da “causa sem causa” para os efeitos causados - transformados por sua vez em causativos -, os Poderes criadores do Universo: as grandes nações, com medo de profanar a IDEIA, e as pequenas, seja porque não podiam compreender a ideia ou não tinham o poder de concepção filosófica necessário para preservá-la em toda a sua imaculada pureza. Mas todos os povos - com exceção dos arianos mais recentes, que agora são europeus e cristãos - mostram esta veneração em suas cosmologias. Conforme Thomas Taylor, o mais intuitivo de todos os tradutores de Fragmentos Gregos, demonstra <sup>284</sup>, nenhuma nação jamais concebeu o Princípio Único como o criador imediato do Universo visível, porque nenhum homem saudável é capaz de pensar que um planejador e arquiteto constrói com suas próprias mãos o edifício que ele idealiza. De acordo com o testemunho de Damácio ( **Περὶ ἁρχῶν** ) as nações se referiam ao Princípio Único como “a ESCURIDÃO Desconhecida”. Os babilônios faziam silêncio em relação a este princípio: “A aquele deus”, diz Porfírio em **Περὶ ἀποχῆς ἐμψυχῶν**, “que está acima de todas as coisas, que não deve ser mencionado nem na fala externa, nem na fala interna .....”. Hesíodo começa a sua teogonia com as palavras “entre todas as coisas, a primeira a ser gerada foi o Caos” <sup>285</sup>, e assim permite deduzir que a sua causa ou seu produtor deve ser motivo de um silêncio reverente. Homero, em seus poemas, não vai além da ideia de *Noite*, diante da qual ele mostra Zeus tendo uma atitude reverente. De acordo com todos os teólogos antigos, e segundo as doutrinas de Pitágoras e Platão, Zeus, o artífice imediato do universo, *não é o deus mais elevado*; assim como Sir Christopher Wren, em seu aspecto físico e humano, não é a MENTE presente nele que produziu as suas grandes obras de arte. <sup>286</sup> Homero, portanto, não fica silencioso apenas em relação ao primeiro princípio, mas também em relação a aqueles dois princípios imediatamente posteriores ao primeiro, o *Éter* e o *Caos* de Orfeu e Hesíodo, e o *finito* e a Infinitude de Pitágoras e Platão <sup>287</sup> ..... Proclus diz, sobre este princípio mais elevado, que ele é ..... “a Unidade das

---

<sup>284</sup> Introduction to Plato’s ‘*Parmenides*’, em “The Cratylus, Phaedo, Parmenides, Timaeus and Critias of Plato”, London, 1793, pp. 256 e seguintes. (Nota de H. P. Blavatsky, ampliada por Boris de Zirkoff)

<sup>285</sup> Ἦτοι μὲν πρότιστα χάος γένητ’ ; γένητο era considerado na antiguidade como significando “foi gerada” e não simplesmente como “foi”. (Veja “Introduction to the *Parmenides of Plato*”, p. 260.) (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>286</sup> Christopher Wren (1632 -1723) arquiteto, astrônomo, geômetra e matemático inglês. (Nota do Tradutor)

<sup>287</sup> É o “*finito*” confundido com o “*Infinito*”, que Kapila cobre de sarcasmo em suas discussões com os iogues bramânicos, os quais pensam que enxergam “O Mais Elevado” em suas visões místicas. (Nota de H. P. Blavatsky)

Unidades, e que está além do primeiro ádito <sup>288</sup> ..... mais inefável que todo silêncio, e mais oculto que toda Essência ..... oculto entre os deuses inteligíveis.” <sup>289</sup>

Em relação ao que foi escrito por Thomas Taylor em 1797, isto é, que “Os judeus parecem não ter subido além ..... do artífice *imediato* do universo”; já que “Moisés introduz uma escuridão na face do profundo, sem nem sequer insinuar que houvesse alguma causa para a sua existência” <sup>290</sup>, poderíamos acrescentar algo mais. Os judeus, em sua Bíblia (uma obra puramente esotérica, simbólica), nunca degradaram tão profundamente a sua divindade metafórica quanto o fizeram os cristãos, ao aceitar Jeová como o seu único Deus vivo, e no entanto *peçoal*.

Este primeiro, ou melhor, ÚNICO princípio era chamado de “o círculo do Céu”, simbolizado pelo hierograma de um ponto dentro de um círculo ou triângulo equilátero, sendo que o ponto representava o LOGOS. Assim, no Rig Veda, em que Brahmâ não é sequer mencionado, a Cosmogonia é introduzida pelo *Hiranyagarba*, “o Ovo Dourado”, e por Prajapati (mais tarde Brahmâ), do qual emanam todas as hierarquias de “Criadores”. A Mônada, ou ponto, é o original e é a unidade da qual surge todo o sistema numeral. Este Ponto é a Primeira Causa, mas é deixado em silêncio AQUILO do qual ele emana, ou melhor, do qual ele é a expressão, o Logos. Por sua vez, o símbolo universal, *o ponto dentro do círculo*, ainda não era o Arquitecto, mas a causa daquele Arquitecto; e o Arquitecto tinha com o ponto exatamente a mesma relação que o ponto tinha com a *circunferência* do Círculo, que não pode ser definido, de acordo com Hermes Trismegistus. Porfírio mostra que a Mônada e a Díada de Pitágoras são idênticas ao *infinito* e *finito* de Platão em “Philebus” - ou o que Platão chama de ἄπειρον e πέραις. É apenas esta última (a mãe) que é substancial; o primeiro constitui “a causa de toda unidade e medida de todas as coisas” (*Vit. Pyth.*, p. 47); a Díada (Mulaprakriti, o VÉU) é deste modo mostrada como representando a mãe do Logos e, ao mesmo tempo, sua *filha* - isto é, o objeto da sua percepção, o produtor produzido e a causa secundária dele. Em Pitágoras, a MÔNADA volta ao silêncio e à Escuridão logo depois de produzir a *tríade*, da qual emanaram os restantes sete números, dos 10 (dez) números que estão na base do universo manifestado.

Na cosmogonia nórdica, ocorre novamente a mesma coisa. “No começo era um grande abismo (Caos); nem o dia nem a noite existiam; o abismo era Ginnungagap, o abismo escancarado, sem começo e sem fim. TODO PAI, o Incriado, o Invisível, morava na profundidade do ‘Abismo’ (ESPAÇO), e *quis*, e o objeto da vontade veio a existir.” (Veja “*Asgard and the Gods*”.) Como na cosmogonia hindu, a evolução

---

<sup>288</sup> Ádito - parte secreta e reservada de um templo antigo, a que só os sacerdotes tinham acesso. (Nota do Tradutor)

<sup>289</sup> Proclus, em “On the Theology of Plato”, p. 110. Em Thomas Taylor, “Parmenides...”, ver Introduction, pp. 26-27. (Nota de Boris de Zirkoff)

<sup>290</sup> Veja “The Platonist”, Vol. III, February 1887, edited by T.M. Johnson, F.T.S., Osceola, Missouri; citando T. Taylor. (Nota de H. P. Blavatsky, revisada por Boris de Zirkoff)

do universo é dividida em dois atos, chamados na Índia de criações de *Prakriti* e *Padma*. Antes que os raios quentes, surgindo da “Casa da Claridade”, acordassem a vida nas Grandes Águas do Espaço, os elementos da primeira criação se tornaram visíveis, e deles é formado o gigante Ymir (também Orgelmir) - matéria primordial diferenciada do Caos (literalmente *argila em ebulição*). Vem então a vaca Audumla, a nutriz.<sup>291</sup> Dela nasce Buri (o Produtor), que, com Bestla, a Filha dos *Gigantes de Gelo* (os filhos de Ymir), teve três filhos, *Odin, Willi e We*, ou “Espírito”, “Vontade” e “Santidade”. (*Compare com a Gênese das Raças Primordiais, nesta obra.*) Isso foi quando a Escuridão ainda reinava em todo o Espaço, quando os *Ases*, os Poderes criadores (Dhyan Chohans) ainda não haviam surgido, e quando Yggdrasil, a *árvore* do universo do Tempo e da Vida, ainda não havia crescido, e ainda não existia Walhalla, o Hall de Heróis. As lendas escandinavas da criação da nossa Terra e do Mundo começam com o *tempo* e a vida humana. Tudo o que antecede a isso é para elas a “Escuridão”, na qual mora o “Todo-Pai”, a causa de tudo. Tal como foi observado pelo editor de “Asgard and the Gods”, embora estas lendas tenham em si a ideia do TODO-PAI, a causa original de tudo, “ele é pouco mais do que apenas mencionado nos poemas”, não porque, conforme pensa o editor, antes da pregação do evangelho “não poderia surgir uma concepção clara da Eternidade”, mas porque a ideia tinha um caráter muito esotérico. Portanto, todos os deuses criadores ou Divindades *pessoais* começam no estágio secundário da evolução Cósmica. Zeus nasce *em e a partir* de *Cronos* - o tempo. Da mesma forma Brahmâ é o produto e a emanção de *Kala*, “eternidade e tempo”, sendo que *Kala* é um dos nomes de Vishnu. Assim nós vemos *Odin*, o pai *dos deuses e dos Ases*, enquanto Brahmâ é o pai *dos deuses e dos Asuras*, e portanto também o caráter andrógino de todos os principais deuses criativos, desde a segunda MÔNADA dos gregos até o sefirote Adão Cadmon, o Brahmâ ou Prajapati-Vach dos Vedas, e o Andrógino de Platão, que é apenas outra versão do símbolo indiano.

A melhor definição metafísica da teogonia primordial no espírito dos Vedantinos pode ser encontrada nas “Notas Sobre o Bhagavad-Gita”, do sr. T. Subba Row. (Veja *The Theosophist*, fevereiro de 1887.) Parabrahmam, o desconhecido e incognoscível, conforme o palestrante diz para a sua audiência:

“..... Não é Eu, não é não-eu, nem tampouco é consciência ..... não é nem mesmo *Atma* ..... mas embora não seja em si mesmo um objeto de conhecimento, é no entanto capaz de apoiar e dar origem a todo tipo de objeto e todo tipo de existência que se torna objeto de conhecimento. É a essência única da qual passa a existir um centro de energia .....” que ele chama de *Logos*.

Este *Logos* é o *Sabda Brahmam* dos hindus, que ele nem sequer chamará de *Ishwara* (o “senhor” Deus), para que o termo não crie confusão nas mentes das pessoas. Mas ele é o *Avalokiteswara* dos hindus, o *Verbum* dos cristãos no seu significado *esotérico* real, e não na distorção teológica.

---

<sup>291</sup> Vach - a “vaca melodiosa, que dá a água e o sustento”, e nos garante “a nutrição e a vida”, segundo descrito no Rig-Veda. (Nota de H. P. Blavatsky)

“Ele é”, diz o sr. T. Subba Row, “o *Gnatha* ou o Ego no Cosmos, e todos os outros Egos ..... são apenas seu reflexo e sua manifestação ..... Ele existe numa condição latente no âmago de Parabrahmam no tempo de *Pralaya*.....” (Durante o Manvântara) “ele tem uma consciência e uma individualidade que é sua própria .....” (Ele é um centro de energia mas)..... “tais centros de energia são quase inumeráveis no âmago de Parabrahmam .....” “Não se deve supor que mesmo o Logos seja o Criador, ou que ele seja apenas um centro de energia ..... o número deles é quase infinito.” “Este Ego”, acrescenta ele, “é o primeiro que aparece no Cosmos, e é o fim de toda evolução. É o Ego abstrato” ..... “esta é a *primeira* manifestação (ou aspecto) de Parabrahmam”. “Quando ele começa a ter existência consciente ..... do seu ponto de vista objetivo, *Parabrahmam* aparece para ele como *Mulaprakriti*.” “Por favor, tenham isso presente em suas mentes”, observa o palestrante, “porque aqui está a origem de toda dificuldade em torno de *Purusha* e *Prakriti*, sentida pelos vários autores que abordam a filosofia vedantina. Esta *Mulaprakriti* é material para ele (o Logos) tanto quanto qualquer objeto material é material para nós. Esta *Mulaprakriti* não é *Parabrahmam*, assim como o conjunto de atributos de um pilar não é o pilar em si mesmo; Parabrahmam é uma realidade incondicional e absoluta, e *Mulaprakriti* é uma espécie de véu lançado sobre ele. Parabrahmam em si mesmo não pode ser visto tal como é. Ele é visto pelo *Logos* com um véu lançado sobre ele, e este véu é a poderosa extensão da matéria cósmica .....”. “Parabrahmam, depois de ter aparecido por um lado como o Ego, e por outro lado como *Mulaprakriti*, age como a energia única através do *Logos*.”

E o palestrante explica o que ele quer dizer com a ideia de *agir* atribuída a algo que é *nada*, embora seja o TUDO, e faz isso através de uma excelente imagem simbólica. Ele compara o Logos ao Sol através do qual a luz e o calor se irradiam, mas cuja energia, luz e calor, existem em alguma condição desconhecida no Espaço e são difundidas no Espaço apenas como luz e calor *visíveis*, sendo que o Sol é apenas o agente delas. Esta é a primeira hipótese triádica. A hipótese quaternária é feita pela *luz energizadora* lançada pelo Logos.

Os Cabalistas hebreus apresentam-na em uma forma que esotericamente é idêntica à forma vedantina. AIN-SOPH, ensinavam eles, não poderia ser compreendido, não poderia ser localizado, nem mencionado por algum nome, embora fosse a causa sem causa de tudo. Por isso o seu nome - AIN-SOPH - é um termo de negação, “o inescrutável, o incognoscível, aquilo a que não se pode dar um nome”. Eles fizeram de Ain-Soph, portanto, um círculo sem limites, uma esfera da qual o intelecto humano, no seu maior alcance, podia apenas perceber a abóboda. Nas palavras de alguém que tem decifrado grande parte do sistema cabalístico, completamente em um dos seus significados, em seu esoterismo numérico e geométrico: “Feche os seus olhos, e da sua própria consciência perceptiva tente levar seu pensamento para fora, até os limites mais extremos em todas as direções. Você verá que linhas ou raios de percepção iguais se estendem para fora de modo parelho em todas as direções, de modo que o maior esforço possível de percepção terminará na *abóboda de uma esfera*. A delimitação desta esfera será, necessariamente, um grande *Círculo*, e os raios diretos do pensamento em toda e qualquer direção devem ser *raios em linhas*

*retas* do círculo. Esta, então, *deve* ser, humanamente falando, a mais extrema e abrangente concepção do Ain-Soph *manifestado*, que formula a si mesmo como uma figura geométrica, isto é, a figura de um círculo, com os seus elementos de circunferência curva e um diâmetro de linha reta dividido em raios. Assim, uma forma geométrica é o primeiro meio reconhecível de conexão entre o Ain-Soph e a inteligência do ser humano.”<sup>292</sup>

Este grande círculo (que o esoterismo oriental reduz ao ponto dentro do Círculo Ilimitado) é o Avalokiteshwara, o *Logos* ou *Verbum* do qual fala o sr. Subba Row. Mas este círculo ou Deus manifestado é tão desconhecido para nós, exceto através do seu universo *manifestado*, quanto o UM, embora seja mais fácil, ou melhor, mais possível concebê-lo nas nossas concepções mais elevadas. Este Logos que dorme no âmago de Parabrahmam durante o Pralaya, assim como o nosso “*Ego* é latente (em nós) durante o tempo *de sushupti*, o sono”; e que não pode conhecer Parabrahmam de outra maneira a não ser como *Mulaprakriti* - sendo que esta última é um véu cósmico, a “poderosa extensão da matéria cósmica” - este Logos é, assim, apenas um órgão da criação cósmica, através do qual irradiam-se a energia e a sabedoria de Parabrahmam, *desconhecido para o Logos, assim como é desconhecido para nós*. Além disso, já que o Logos é tão desconhecido para nós como o Parabrahmam é desconhecido na realidade para o Logos, tanto o esoterismo oriental quanto a Cabala - para colocar o Logos dentro do alcance das nossas concepções - transformaram a síntese abstrata em imagens concretas; isto é, nos reflexos ou aspectos múltiplos daquele Logos ou Avalokiteshwara, Brahmã, Ormazd, Osíris, Adão-Cadmon, seja ele chamado por qualquer destes nomes; e estes aspectos ou emanções manvantáricas são os Dhyán Chohans, os Elohim, os Devas, os Amshaspendis, etc., etc. Os metafísicos explicam a raiz e o germe deste último, de acordo com o sr. Subba Row, como a primeira manifestação de Parabrahmam, “a mais alta trindade que nós podemos entender”, que é *Mulaprakriti* (o véu), o *Logos*, e a energia consciente “deste último”, ou o seu poder e sua luz<sup>293</sup>; ou - “matéria, força e o *Ego*, ou a raiz única do eu, da qual todo outro tipo de eu é apenas uma manifestação, ou um reflexo.” É então apenas nesta “luz” (de consciência) da percepção mental e física que o Ocultismo *prático* pode tornar isso visível através de figuras geométricas; as quais, quando estudadas de perto, produzirão não só uma explicação científica da existência real e objetiva<sup>294</sup> “dos sete filhos da Sofia divina”, o qual, nesta luz do Logos, apenas demonstra por meio de outras chaves ainda não reveladas, que, em relação à humanidade, estes “Sete Filhos” e as suas inúmeras emanções, centros de energia personificados, são uma absoluta necessidade. Abra mão deles, e o mistério do Ser e da Humanidade *jamaiz será decifrado, e nem sequer examinado de perto*.

---

<sup>292</sup> Da “Masonic Review” de junho de 1886. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>293</sup> Chamados, no Bhagavad Gita, de *Daiviprakriti*. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>294</sup> *Objetiva* - no mundo de Maya, é claro, ainda assim tão real quanto nós próprios. (Nota de H. P. Blavatsky)

É através *desta luz* que tudo é criado. A RAIZ do EU mental é também a raiz do *Eu físico* <sup>295</sup>, porque esta luz é a permutação, em nosso mundo manifestado, de Mulaprakriti, chamada de *Aditi* nos Vedas. No seu terceiro aspecto, ela se torna *Vach* <sup>296</sup>, a filha e mãe do Logos, assim como Ísis é a filha e a mãe de Osíris, que é Horus; e *Mout* é a filha, esposa e mãe de Ammon, no glifo lunar do Egito. Na Cabala, Sefira é o mesmo que Shekinah, e é, em outra síntese, a esposa, filha e mãe do “Homem Celestial”, Adão Cadmon, e é até idêntica a ele, assim como Vach é idêntica a Brahmâ, e é chamada de Logos feminino. No Rig-Veda, Vach é a “fala mística”, através da qual o Conhecimento Oculto e a Sabedoria Oculta são transmitidos ao ser humano, e assim se diz que Vach “ingressou entre os Rishis”. Ela é “gerada pelos deuses”; ela é a *divina* Vach, a “Rainha dos deuses”; e ela é associada - como Sefira com os Sefiotes - aos Prajapati em seu trabalho de criação. Além disso, ela é chamada de “mãe dos Vedas”, já que é “através do poder dela (como *linguagem* mística) que Brahmâ revelou-os, e também é devido ao poder dela que ele produziu o universo” - isto é, através da fala, e das *palavras* (sintetizadas pela PALAVRA), e dos números. <sup>297</sup>

Mas já que Vach é vista também como a filha de Daksha – “o deus que vive em todos os kalpas” - o caráter Maiáxico dela é demonstrado deste modo: durante o *pralaya* ela desaparece, absorvida no Raio único que tudo devora.

Mas há dois aspectos nítidos no esoterismo universal, Oriental e Ocidental, em todas estas personificações do Poder *feminino* na natureza, ou da natureza -; o *numenal* e o *fenomênico*. Um é o seu aspecto puramente metafísico, tal como descrito pelo culto palestrante em suas “Notes on the Bhagavad-Gita”; o outro é terrestre e físico, e ao mesmo tempo *divino* desde o ponto de vista da concepção humana prática e do Ocultismo. São todos símbolos e personificações do Caos, o “Grande Profundo” ou as Águas Primordiais do Espaço, o VÉU impenetrável entre o INCOGNOSCÍVEL e o Logos da Criação. “Conectando-se através da sua própria mente com Vach, Brahmâ (o Logos), criou as águas primordiais.” No Katha Upanixade <sup>298</sup> afirma-se ainda mais claramente: “Prajapati era este Universo. *Vach era o seu segundo*. Ele associou-se com ela ..... ela produziu estas criaturas e de novo reentrou em Prajapati.” <sup>299</sup>

---

<sup>295</sup> *Eu mental, eu físico* - mental self, physical self, em inglês, que também poderia ser traduzido como “ser mental, ser físico”. (Nota do Tradutor)

<sup>296</sup> “No curso de manifestação cósmica, esta *Daiviprakriti*, em vez de ser a mãe do Logos, deveria, estritamente falando, ser chamada de sua filha.” (“Notes on the Bhagava-Gita”, página 305, “The Theosophist”) (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>297</sup> Os homens sábios que, tal como Stanley Jevons entre os modernos, inventaram o esquema que faz o incompreensível assumir uma forma tangível, só poderiam conseguir isso recorrendo a números e figuras geométricas. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>298</sup> Katha Upanixade - também conhecido como Kathaka Upanixade. (Nota do Tradutor)

<sup>299</sup> Isto conecta Vach e Sefira com a deusa Kwan-Yin, a “mãe misericordiosa”, a *divina VOZ da alma* mesmo no Budismo Exotérico; e com o aspecto feminino de *Kwan-Shai-yin*, o Logos, o *verbum* da Criação, e ao mesmo tempo com a voz que fala audivelmente ao Iniciado, de acordo com o Budismo Esotérico. Bath Kol, a *filia Vocis*, a filha da divina voz



E aqui nós podemos incidentalmente apontar uma das muitas calúnias injustas lançadas pelos piedosos e *bons* missionários na Índia contra a religião daquela terra. Esta alegoria - no “Satapatha Brahmana” - isto é, a alegoria de que Brâhma, como pai dos homens, realizou o trabalho da procriação de intercurso incestuoso com a sua própria filha Vach, também chamada Sandhya (crepúsculo), e *Satarupa* (a centena formada) é incessantemente lançada contra os brâmanes, para condenar “a religião detestável e *falsa*” deles. Além do fato, convenientemente esquecido pelos europeus, de que o Patriarca Lot é descrito como culpado pelo mesmo crime *na forma humana*, enquanto Brahmâ, ou melhor, Prajapati, cometeu o incesto sob a forma de um cervo, com sua filha, que tinha a forma de corça (rohit) - a leitura esotérica do Gênesis (*capítulo iii*) mostra o mesmo. Além disso, há certamente um significado *cósmico*, se não fisiológico, vinculado à alegoria indiana, já que Vach é uma variante de Aditi e Mulaprakriti (Caos) e Brahmâ uma variante de Narayana, o Espírito de Deus que entra na natureza e a frutifica. Portanto, não há nada *fálico* na concepção, de modo algum.

Como já foi afirmado, Aditi-Vach é o *Logos* feminino, ou a “palavra”, *Verbum*; e Sefira, na Cabala, significa o mesmo. Estes Logoi femininos são, todos, correlações no seu aspecto *numenal* da Luz, do Som e do Éter, o que mostra como estavam bem informados os antigos, tanto em ciência física (como agora sabem os modernos) quanto em relação ao nascimento da ciência física nas esferas Espiritual e Astral.

“Os nossos antigos autores diziam que há quatro tipos de *Vach* .... *para, pasyanti, madhyama, vaikhari* (uma afirmação encontrada no Rig-Veda e nos Upanixades) .... Vaikhari Vach é o que nós pronunciamos.”<sup>300</sup>

É som, *fala*, aquilo, outra vez, que se torna compreensível e objetivo para um dos nossos sentidos físicos e pode ser colocado sob as leis da percepção. Portanto:

“Todo tipo de *Vaikhari Vach* existe em seu *madhyama*, e mais além em seu *pasyanti*, e em última instância em sua forma *para*. A razão pela qual este *Pranava*<sup>301</sup> é chamado *Vach* é a seguinte, que estes quatro princípios do grande Cosmos correspondem a estas quatro formas de *Vach*.... Todo o Cosmos na sua forma objetiva é *Vaikhari Vach*; a luz do *Logos* é a forma *madhyama*; e o *Logos* em

---

dos hebreus, respondendo desde o lugar da misericórdia dentro do véu do templo, é um resultado disso. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>300</sup> T. Subba Row, “Notes...”, em *The Theosophist*, February 1887, p. 307. (Nota de Boris de Zirkoff)

<sup>301</sup> *Pranava*, como *Om*, é um termo místico pronunciado por Iogues durante meditação. Dos termos chamados, segundo os Comentadores exotéricos, *Vyahritis*, ou “*Om, Bhur, Bhuva, Swar*” (Om, Terra, Céu, Espaço Celestial) - *Pranava* talvez seja o mais sagrado. Eles são pronunciados com a respiração suprimida. Veja *Manu, II, 76-81*, e *Mitakshara* comentando sobre o *Yajnavalkya-Suriti, i, 23*. Mas a explicação esotérica vai bastante mais além. (Nota de H. P. Blavatsky)

si mesmo é a forma *pasyanti*; enquanto Parabrahmam é o aspecto *para* (além do *númeno* de todos os *Númenos*) daquela Vach.” (“Notes on the Bhagavad-Gita”)

Assim Vach, Shekinah, a *música das esferas* de Pitágoras, são uma, se nós reunirmos os exemplos destas três filosofias religiosas mundiais, (na aparência) muito diferentes, que são a hindu, a grega e a caldeia hebraica. Estas personificações e alegorias podem ser vistas sob *quatro* aspectos (principais) e três aspectos (menores) ou *sete* aspectos no total, tal como no esoterismo. A forma *para* corresponde à Luz e ao Som sempre subjetivos e latentes, que existem eternamente no âmago do INCOGNOSCÍVEL; quando transferida para a ideação do Logos, ou a sua *luz* latente, ela é chamada de *pasyanti*, e quando se transforma naquela luz *expressa*, é *madhyama*.

Ora, a Cabala dá a seguinte definição: “Há três tipos de luz, e um (quarto) tipo que interpenetra os outros; (1) o tipo claro e o penetrante, a *luz objetiva*; (2) a *luz reflexa*; e (3) a *luz abstrata*. Os dez Sefiotes, os *três* e os *Sete*, são chamados na Cabala de *as dez palavras*, D-BRIM (Dabarim), os números e as emanações da luz celestial, que é tanto Adão Cadmon como Sefira, ou (Brahmâ) Prajapati-Vach. Luz, Som, Número, são os três fatores da criação na Cabala. Parabrahmam não pode ser conhecido exceto através do Ponto luminoso (o LOGOS), que não conhece *Parabrahmam*, mas apenas *Mulaprakriti*. De modo semelhante, Adão Cadmon só conhecia Shekinah, embora ele fosse o *veículo* de Ain-Soph. E, como Adão Cadmon, ele é na interpretação esotérica o total do número dez, os Sefiotes (ele próprio uma trindade, ou os três atributos da DIVINDADE incognoscível, em um).<sup>302</sup> Quando o homem (ou o LOGOS) celestial assumiu pela primeira vez a forma da Coroa<sup>303</sup> (Kether) e identificou-se com Sefira, ele fez com que emanassem sete luzes esplêndidas dela (da Coroa)”, o que completou na totalidade dez; de modo que o Brahmâ-Prajapati, uma vez que se tornou separado de, embora idêntico a, Vach, fez com que os sete Rishis, os sete Manus ou Prajapatis, saíssem daquela coroa. No exoterismo, sempre encontraremos 10 e 7, seja Sefiotes ou Prajapati; na versão *Esotérica*, sempre 3 e 7, o que também soma 10. Só quando divididos na esfera manifestada em 3 e 7, eles formam  $\ominus$ , o andrógino, e  $\oplus$ , ou a figura X manifestada e diferenciada.

Isso ajudará o estudante a compreender por que Pitágoras considerava que a Divindade (o Logos) era o *centro da unidade* e a “Fonte de Harmonia”. Nós dizemos que esta divindade era o *Logos*, não a MÔNADA que morava em Solidão e Silêncio, porque Pitágoras ensinava que, como a UNIDADE é indivisível, ela *não é*

<sup>302</sup> É esta *trindade* que é mencionada pelos “três passos de Vishnu”; o que significa: (Sendo Vishnu considerado como o *Infinito* em exoterismo) - que, de Parabrahm saíram Mulaprakriti, Purusha (o Logos), e Prakriti: as quatro formas (com ele próprio, a síntese) de Vach. E na Cabala - Ain-Soph, Shekinah, Adão Cadmon e Sefira, os quatro, ou as três emanações que são diferentes, e no entanto são uma só. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>303</sup> *Livro dos Números* Caldeu. Na *Cabala* atual o nome Jeová substitui Adão Cadmon. (Nota de H. P. Blavatsky)

*um número*. E esta é também a razão por que era exigido, do candidato que pedia admissão na escola de Pitágoras, que ele já tivesse estudado, como um passo preliminar, as ciências da Aritmética, da Astronomia, da Geometria e da *Música*, consideradas as quatro divisões da Matemática.<sup>304</sup> Novamente, isso explica por que os Pitagóricos afirmavam que a doutrina dos Números - a principal de todas as doutrinas em Esoterismo - tinha sido revelada aos homens pelas divindades celestiais; que o mundo havia sido chamado à existência a partir do Caos pelo Som ou Harmonia, e havia sido construído de acordo com os princípios da proporção musical; que os sete planetas que governam o destino dos mortais têm uma movimentação harmoniosa “e intervalos correspondentes a diastemas musicais, tornando vários sons tão perfeitamente consonantes que eles produzem a mais doce melodia, a qual é inaudível para nós apenas devido à grandeza do som, que os nossos ouvidos são incapazes de receber.” (*Censorinus*)

Na Teogonia Pitagórica, as hierarquias das Hostes e dos Deuses celestiais eram numeradas e expressadas numericamente. Pitágoras havia estudado Ciência Esotérica na Índia; portanto nós vemos os seus discípulos dizendo: “A Mônada (a mônada manifestada) é o princípio de todas as coisas. Da Mônada e da díade indeterminada (o caos), os números; dos números, *Pontos*; dos pontos, *Linhas*; das linhas, *Superfícies*; das superfícies, *Sólidos*; destes, *Corpos sólidos*, cujos elementos são quatro - Fogo, Água, Ar, Terra; o mundo consiste de todos os que transmutaram (correlacionados) e mudaram totalmente.” (Diógenes Laércio em *Vit. Pythag.*)

E isso, se não revela o mistério completamente, também pode pelo menos levantar um canto do véu daquelas alegorias extraordinárias que têm sido atribuídas a Vach, a mais misteriosa de todas as deusas bramânicas, ela que é chamada de “a vaca *melodiosa* que amamentou dando sustentação e água” (a Terra com todos os seus poderes místicos); e também aquela “que nos dá nutrição e sustentação” (Terra física). *Ísis* é igualmente a Natureza mística e também a Terra; e as guampas da sua vaca a identificam com Vach. Esta última, depois de ter sido reconhecida na sua forma mais elevada como *para*, se torna na extremidade inferior ou material da criação - *Vaikhari*. Portanto, embora física, ela é a Natureza mística, com todos os seus aspectos e propriedades mágicas.

Novamente, como deusa da Fala e do Som e uma permutação de Aditi - ela é *Caos*, em um certo sentido. De qualquer modo, ela é a “Mãe dos deuses”, e é a partir de Brahmâ (Ishwara, ou o Logos) e Vach, assim como a partir de Adão Cadmon e Sefira, que a real teogonia *manifestada* deve começar. Para além disso, tudo é escuridão e especulação abstrata. Em relação aos Dhyán Chohans, ou deuses, os Videntes, os Profetas e os adeptos em geral pisam solo firme. Seja como Aditi, ou como a *divina* Sophia dos gnósticos gregos, ela é a mãe dos sete filhos: os “Anjos da Face”, do “Profundo”, ou do “Grande Verde” do “Livro dos Mortos”. Diz o Livro de Dzyan (Conhecimento através da meditação) -

---

<sup>304</sup> Justin Martyr relata que devido ao fato de ignorar estas quatro ciências, ele foi rejeitado pelos pitagóricos como candidato à admissão na sua Escola. (Nota de H. P. Blavatsky)

“A grande mãe esteve com  $\triangle$ , e com o  $\mid$ , e com o  $\square$ , com o segundo  $\mid$  e com  $\star$  <sup>305</sup> em seu seio, pronta para fazer com que nascessem os valentes filhos do  $\square\triangle\parallel$  (ou 4.320.000, o Ciclo), cujos dois ancestrais são o  $\bigcirc$  e  $\cdot$  (o Ponto).”

No começo de cada ciclo de 4.320.000, os *Sete* (ou, como algumas nações afirmam, oito) grandes deuses, descem para estabelecer a nova ordem das coisas e dar o ímpeto ao novo ciclo. Aquele *oitavo* deus era o *Círculo* unificador ou LOGOS, separado e diferenciado da sua hoste no dogma exotérico, assim como as três hipóstases divinas dos antigos gregos são agora consideradas nas igrejas como três *pessoas* diferentes. “Os SERES PODEROSOS realizam as suas grandes obras, e deixam atrás de si monumentos eternos para celebrar as suas visitas, a cada vez que eles penetram o nosso véu maiáxico (atmosfera)”, diz um Comentário. <sup>306</sup> Assim, é ensinado a nós que as grandes Pirâmides foram construídas sob a supervisão direta deles, “quando *Dhruva* (na época, a estrela polar) estava na sua culminação mais baixa, e as *Krittika* (as Plêiades) olhavam por sobre a cabeça dele <sup>307</sup> (estavam no mesmo meridiano mas acima) para olhar o trabalho dos gigantes”. Assim, como as primeiras Pirâmides foram construídas no começo de um ano Sideral, sob *Dhruva* (Alpha Polaris), isso deve ter sido há mais de 31.000 anos (31.105) atrás. Bunsen estava certo ao admitir que o Egito tinha uma antiguidade de mais de 21.000 anos, mas esta concessão dificilmente expressa toda a verdade e todos os fatos nesta questão. “As histórias contadas pelos sacerdotes egípcios e outros, sobre os registros do tempo no Egito, deixam agora de parecer mentiras aos olhos de todos os que escaparam da prisão da Bíblia”, escreve o autor de “*The Natural Genesis*”. <sup>308</sup> “Ultimamente foram encontradas inscrições em Sakkarah que mencionam dois ciclos sotíacos .....registrados naquela época, ou seja, uns 6.000 anos atrás. Assim, quando Heródoto estava no Egito, os egípcios haviam observado - conforme agora se sabe - pelo menos cinco diferentes ciclos sotíacos de 1.461 anos. Os sacerdotes relataram ao pesquisador grego que aquele tempo havia sido registrado por eles durante um período tão longo que o Sol havia nascido duas vezes onde ele antes se

<sup>305</sup> 31415, ou  $\pi$ . A síntese, ou a *Hoste unificada* no Logos e no Ponto chamado pelo

Catolicismo Romano de “Anjo da Face”, e em hebraico  $\text{מִיכָאֵל}$ , “aquele que é (semelhante a Deus, ou) tal como Deus” - a representação manifestada. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>306</sup> Aparecendo no começo dos Ciclos, como também no começo de cada ano sideral (de 25.868 anos), portanto os Kabeiri ou *Kabarim* receberam o seu nome na Caldeia, porque seu nome significa *as medidas do Céu*, dos termos *Kob* - medida de - e *Urim*, céus. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>307</sup> Dele, isto é, de *Dhruva*. (Nota do Tradutor)

<sup>308</sup> O autor de “*The Natural Genesis*”, ou seja, Gerald Massey. (Nota do Tradutor)

punha, e havia-se posto duas vezes onde ele antes nascia. Isso ..... só pode ser compreendido como um fato da natureza por meio de dois ciclos de Precensão, ou um período de 51.736 anos” (“The Natural Genesis”, Gerald Massey, volume II, p. 318. Mas veja no volume II da presente obra o texto “Cronologia dos Brâmanes”, p. 66 da edição original de 1888).

Mor Isaac (Veja A. Kircher, *Oedipus*, volume II, p. 425) mostra que os antigos sírios definiam o seu mundo de “Dirigentes” e “deuses ativos” da mesma maneira que os caldeus. O mundo mais inferior era o SUBLUNAR - o nosso próprio - observado pelos “Anjos” da primeira ordem, a mais inferior; o mundo que vinha em seguida na escala de importância, era Mercúrio, governado pelos “ARCANJOS”; depois vinha Vênus, cujos deuses eram os PRINCIPADOS; o quarto era o do SOL, o domínio e a região dos deuses mais elevados e poderosos do nosso sistema, os deuses solares de todas as nações; o quinto era Marte, governado pelas “VIRTUDES”; o sexto, o de *Bel* ou Júpiter, era governado pelos DOMÍNIOS; o sétimo, o mundo de Saturno - pelos TRONOS. Estes eram os mundos da forma. Acima dos mundos da forma vêm os quatro mais elevados, que no total são sete, também, mas, entre eles, os três mais elevados são “não-mencionáveis e impronunciáveis”. O oitavo mundo, composto de 1.122 estrelas, é o domínio dos *Querubins*; o nono, que pertence às estrelas *caminhantes* e incontáveis devido à sua distância, tem os serafins; quanto ao décimo - Kircher, citando Mor Isaac, diz que ele é composto de “estrelas invisíveis que poderiam ser vistas, dizem eles, como nuvens, de tão concentradas que elas estão na região que nós chamamos de *Via Straminis*, a Via Láctea”; e ele se apressa a explicar que “estas são as estrelas de Lúcifer, levadas com ele em seu terrível naufrágio.” Aquilo que vem depois e além dos dez mundos (ou nosso Quaternário) é o mundo *Arupa*, do qual os sírios nada podiam dizer.<sup>309</sup> “Tudo o que eles sabiam era que ali começa o oceano vasto e incompreensível do infinito, a morada da verdadeira divindade sem fronteira e sem final.”

Champollion mostra a mesma crença entre os egípcios. Hermes, tendo falado do Pai-Mãe e Filho, cujo espírito (coletivamente o FIAT DIVINO) dá forma ao Universo, diz: - *Sete Agentes* (médiuns) foram também formados, para conter os mundos materiais (ou manifestados) dentro dos seus respectivos *círculos*, e a ação destes agentes foi chamada de DESTINO.” Na continuação ele enumera sete, dez e doze ordens, que exigiriam demasiado tempo para detalhar aqui.

Já que o “*Rig Vidhana*”, junto com o “*Brahmanda Purana*” e todas as obras semelhantes, quer descrevam a eficiência mágica dos *mantras* Rig-Védicos ou os Kalpas futuros, são definidos pelo Dr. Weber e outros como *compilações modernas* “pertencendo provavelmente apenas ao tempo dos Puranas”, é inútil recomendar ao leitor as explicações místicas dadas por eles; e também podemos citar simplesmente

<sup>309</sup> Esta frase na edição original de 1888 é ambígua em seu significado. Ao traduzir tornamos a sua redação mais clara, com base no contexto, já que o mundo *Arupa* é o mundo superior, sem forma, e que os dez mundos inferiores, mencionados nas linhas anteriores, são os mundos da forma, os mundos *Rupa*, e correspondem ao nosso Quaternário inferior. (Nota do Tradutor)

trechos dos livros arcaicos totalmente desconhecidos pelos Orientalistas. Estas obras explicam aquilo que causa tanta perplexidade nos eruditos, isto é, que os *Saptarshi*, os “filhos nascidos-da-mente” de Brahmâ, são mencionados no *Satapatha Brâhmana* sob uma série de nomes; no *Mahabharata*, sob outra série de nomes; e que o Vayu Purana apresenta inclusive *nove* Rishis, ao invés de *sete*, ao acrescentar à lista os nomes de Bhrigu e Daksha. Mas o mesmo ocorre em todas as escrituras exotéricas. A doutrina secreta dá uma longa genealogia de Rishis, mas os separa em muitos tipos de Rishis. Como os Deuses dos egípcios, que eram divididos em sete e mesmo em doze tipos, assim também ocorre com os Rishis indianos em suas Hierarquias. Os três primeiros grupos são os grupos Divino, Cósmico e Sublunar. Depois vêm os Deuses Solares do *nosso* sistema, os Planetários, os Sub-Mundanos, e os puramente humanos - os heróis e os *Manoushi*.

Atualmente, no entanto, nós estamos ocupados apenas com os deuses *pré-cósmicos*, deuses divinos, os Prajapati ou “Sete Construtores”. Este grupo é encontrado de modo inconfundível em todas as Cosmogonias. Devido à perda de documentos egípcios arcaicos - já que, de acordo com o Sr. Maspero, “os materiais e dados históricos disponíveis para estudar a história da evolução religiosa no Egito não são nem completos nem, com frequência, inteligíveis” - para confirmar indireta e parcialmente as afirmações da Doutrina Secreta é preciso apelar aos hinos antigos e às antigas inscrições nos túmulos. Uma destas, de qualquer modo, mostra que Osíris, assim como Brahmâ-Prajapati, Adão Cadmon, Ormazd e tantos outros Logoi, era o chefe e era a síntese do grupo de “Criadores” ou Construtores. Antes que Osíris se tornasse o “Um” e o *mais alto* deus do Egito, ele era adorado em Abidos como o chefe ou líder da Hoste Celestial dos Construtores, que pertencia à mais alta das três ordens. O hino gravado na estela votiva de um túmulo em Abidos (terceiro registro) dirige-se a Osíris assim: “Saudações a Ti, Osíris, filho mais velho de *Sib*; Tu, o maior dos seis deuses saídos da deusa *Noo* (água primordial), Tu, o grande favorito do teu pai *Ra*; pai dos pais, Rei da Duração, mestre da eternidade ..... que reuniste todas as coroas tão logo elas saíram do âmago da tua mãe, e uniste *Uraeus* (serpente ou naja)<sup>310</sup> à tua cabeça; deus multiforme, *cujo nome é desconhecido* e que tens muitos nomes em cidades e províncias .....”. Saindo da água primordial coroado *com o uraeus*, que é a serpente emblema do fogo Cósmico, e ele próprio o *sétimo* sobre os seis deuses primários saídos do Pai-Mãe, *Nou* e *Nout* (o céu), quem pode Osíris ser, exceto o principal Prajapati, assim como a principal Sefira<sup>311</sup>, e o principal Amshaspend-Ormazd! Que este último deus solar e deus cósmico estava, no começo da evolução religiosa, na mesma posição que o arcanjo “cujo nome era secreto”, é certo. Este Arcanjo era o representante, na Terra, do Deus judeu *Oculto*, Miguel, em resumo: é o “Rosto” dele que se diz que avançava na frente dos judeus como um “Pilar de Fogo”. Burnouf diz, “Os sete Amshaspend, que são muito

<sup>310</sup> Esta palavra egípcia, *Naja*, faz lembrar bastante da *Naga* indiana, a deusa-serpente. Brahmâ e Shiva e Vishnu são todos coroados com, e conectados a Nagas - um sinal do seu caráter cíclico e cósmico. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>311</sup> Não vemos uma sistematização firme no uso das palavras “sefira” e “sefirot”, mas a tendência é que *sefira* seja o singular do termo, e *sefirot* o plural. (Nota do tradutor)

seguramente os nossos arcanjos, designam também as personificações das divinas Virtudes.” (*Comment on the Yaçna*, p. 174.) E estes arcanjos, portanto, são também “seguramente” os *Saptarishi* dos hindus, embora seja quase impossível classificar cada um deles com o seu protótipo e paralelo pagão, já que, como no caso de Osíris, todos eles têm “muitos nomes em cidades e províncias”. Alguns dos mais importantes, no entanto, serão mostrados em sua sequência.

Uma coisa está assim inegavelmente comprovada. Quanto mais alguém estuda as suas hierarquias e descobre as suas identidades, mais provas são obtidas de que não existe um só dos deuses *personais* passados e presentes, conhecidos por nós desde os primeiros dias da História, que não pertença ao terceiro estágio da manifestação Cósmica. Em todas as religiões nós encontramos a divindade oculta formando o trabalho de base; depois, o raio que surge dela e cai na matéria Cósmica primordial (primeira manifestação); então resulta o andrógino, a Força dual abstrata masculina e feminina, *personificada* (segundo estágio); este andrógino separa a si mesmo finalmente, no *terceiro estágio*, em sete Forças, chamadas de Poderes criativos por todas as religiões antigas, e de “Virtudes de Deus” pelos cristãos. Esta última explicação e estas qualificações metafísicas abstratas nunca impediram a igreja romana e a igreja grega de adorarem estas “Virtudes” sob as personificações e sob os diferentes nomes dos sete Arcanjos. No Livro de *Druschim* (p. 59, primeiro *Tratado*), no Talmude, é feita uma distinção entre estes grupos, o que constitui a explicação Cabalística correta. Diz o seguinte:

“Há três grupos (ou ordens) de *Sefiotes*. Primeiro, os Sefiotes chamados de ‘atributos divinos’ (abstratos). Segundo, os Sefiotes físicos ou *siderais* (personais) - um grupo de *sete*, o outro de *dez*. Terceiro, os Sefiotes metafísicos, ou *perífrase de Jeová*, que são os primeiros três Sefiotes (Kether, Chochma e Binah), sendo que os sete restantes são os sete espíritos (personais) da Presença” (e também dos planetas).

A mesma divisão deve ser aplicada à evolução primária, secundária e terciária dos deuses em todas as teogonias, se quisermos traduzir o significado esotericamente. Não devemos confundir as personificações puramente metafísicas dos atributos *abstratos* da Divindade, com o seu reflexo - os deuses siderais. Este reflexo, no entanto, é na realidade a expressão objetiva da abstração: Entidades *vivas* e os modelos formados a partir daquele protótipo divino. Além disso, os três Sefiotes metafísicos ou “*a perífrase de Jeová*” não são Jeová; é este último, ele mesmo, que com os títulos adicionais de Adonai, Elohim, Sabaoth, e os numerosos nomes atribuídos a ele, quem constitui a perífrase do Shaddai, ׁןןן, o Onipotente. O nome é uma circunlocução, de fato, uma figura de linguagem muito abundante da retórica judaica, que sempre foi denunciada pelos ocultistas. Para os Cabalistas judaicos, e mesmo para os alquimistas cristãos e rosacruzes, Jeová era um *biombo* conveniente, unificado pela dobra das suas muitas faces, e adotado como um substituto: um nome de uma Sefira individual, tão bom quanto qualquer outro nome, para aqueles que possuíam o segredo. O Tetragrammaton, o inefável, a “*Soma Total*” sideral, não foi inventado com nenhum outro objetivo, exceto confundir o profano e simbolizar a

vida e a geração.<sup>312</sup> O real segredo ou nome *impronunciável* - “a palavra que não é palavra” - deve ser procurado nos sete nomes das primeiras sete emanções, ou “Filhos do Fogo”, nas Escrituras secretas de todas as grandes nações, e mesmo no *Zohar*, a sabedoria Cabalística daquela nação menor que todas as outras, a judaica. Esta palavra, composta de sete letras em todos os idiomas, está incorporada nos restos arquitetônicos de todos os grandes edifícios do mundo; desde as ruínas Ciclópicas na Ilha da Páscoa (parte de um continente enterrado pelo mar perto de quatro milhões de anos atrás<sup>313</sup>, ao invés de 20.000) até as primeiras pirâmides egípcias.

Nós teremos que entrar de modo mais completo neste assunto, e trazer ilustrações práticas para comprovar as afirmativas feitas.

De momento é suficiente mostrar através de alguns exemplos a veracidade do que foi afirmado no começo desta monografia, isto é, que nenhuma Cosmogonia, em todo o mundo, com a única exceção da Cosmogonia cristã, jamais atribuiu à Causa Única mais elevada, o Princípio Deífico UNIVERSAL, a criação imediata da nossa Terra, do ser humano, ou qualquer coisa parecida com eles. Esta afirmação é válida tanto desde o ponto de vista da Cabala Hebraica como da Cabala Caldeia ou do *Gênesis*, se este último tivesse sido alguma vez completamente compreendido, e - o

---

<sup>312</sup> Diz o tradutor de “[Qabbalah](#)”, de Avicebron (o sr. Isaac Myer, LL.B., da Filadélfia), sobre esta “Soma Total”: “A letra de Kether é י (Yod), a de Binah ה (Hêh), junto com YaH, o Nome feminino; a terceira letra, a de Hokhmah, é ו (Vau), fazendo, juntas, יהוה, YHV de יהוה, YHVH, o Tetragrammaton, e realmente os símbolos completos da sua eficiência. A última letra ה (Hêh), deste Nome Inefável é sempre aplicada aos Seis Inferiores e ao último, os sete juntos permanecendo sempre Sefirotos.” ..... Assim o Tetragrammaton é sagrado apenas na sua síntese abstrata. Como um quaternário contendo os Sete Sefirotos inferiores, ele é fálico. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>313</sup> Esta afirmativa será naturalmente considerada absurda e motivo de riso. Mas se nós acreditamos na submersão final de Atlântida 850.000 anos atrás, tal como ensinado em “*O Budismo Esotérico*” (tendo o primeiro afundamento gradual começado durante a era do Eoceno) teremos que aceitar esta afirmação para a assim chamada Lemúria, o continente da Terceira Raça Raiz, inicialmente quase destruído por combustão, e depois afundado. Isto é o que o Comentário diz: “Uma vez que a primeira terra havia sido purificada pelos 49 fogos, o povo dela, nascido do Fogo e da Água, não podia morrer ..... etc.; a Segunda Terra (com a sua raça) desapareceu como o vapor se desvanece no ar ..... a Terceira Terra teve tudo consumido em si depois da separação, e desceu até o Profundo inferior (o Oceano). Isso é duas vezes 82 anos cíclicos atrás.” Ora, um ano cíclico é o que nós chamamos um ano sideral, e está baseado na precessão dos equinócios, ou seja, cada um deles tem 25.868 anos, e isto é a mesma coisa, portanto, no total, que 4.242.352 anos. Mais detalhes serão encontrados no texto do volume II. Desde já, esta doutrina está incorporada em “Reis de Edom”. (Nota de H. P. Blavatsky)



que é ainda mais importante - corretamente traduzido.<sup>314</sup> Em todo lugar há, seja um LOGOS - uma “Luz brilhando na ESCURIDÃO”, verdadeiramente - ou o Arquiteto dos Mundos é esotericamente um número plural. A Igreja Latina, paradoxal como sempre, enquanto aplica o título de Criador apenas a Jeová, adota toda uma série de nomes para as FORÇAS *operativas deste último*, cujos nomes revelam o segredo. Porque se as Forças mencionadas não tivessem nada a ver com a chamada “Criação”, por que chamá-las de *Elohim* (Alhim) no plural; “trabalhadores divinos” e *Energias* (Ἐνεργεία), *pedras celestiais incandescentes* (lapides igniti coelorum), e especialmente, “*apoiadores do Mundo*” (Κοσμοκράτορες), governadores ou GOVERNANTES *do Mundo* (*rectores mundi*), as “Rodas” do Mundo (*Rotae*), Ophanim, Chamas e PODERES, “Filhos de Deus” (*B’ne Alhim*), “CONSELHEIROS Vigilantes”, etc., etc.

Foi com frequência adotada como premissa (e de modo tão injusto como de costume) a ideia de que a China, país quase tão antigo quanto a Índia, não tinha cosmogonia. Reclama-se: “Era algo desconhecido para Confúcio, e os budistas espalharam a sua Cosmogonia sem introduzir um deus pessoal”.<sup>315</sup> O *I-Ching*, “a própria essência do pensamento antigo, um esforço combinado dos mais sábios venerados, não mostra uma clara cosmogonia”. No entanto, há uma cosmogonia, e uma cosmogonia muito definida. Apenas, como Confúcio não admitia a ideia de uma vida futura<sup>316</sup>, e os budistas chineses rejeitam a ideia de *Um* Criador, aceitando

---

<sup>314</sup> A mesma reserva é encontrada no Talmude e em todos os sistemas nacionais de religião, sejam eles monoteístas ou exotericamente politeístas. Do magnífico poema religioso do rabino Cabalista Salomão Ben Gabirol no “Kether Malchuth”, nós selecionamos algumas poucas definições dadas nas orações do Kippur: “..... Tu és Um, o começo de todos os números, o alicerce de todos os edifícios; Tu és Um, e no segredo da Tua unidade os mais sábios dos homens se perdem, porque não a conhecem. Tu és um, e a tua unidade nunca é diminuída, nunca é aumentada, e não pode ser alterada. Tu és um, mas *não como um elemento de numeração; porque a Tua Unidade não admite multiplicação, mudança ou forma*. Tu és existente; mas a compreensão e a visão dos mortais não podem alcançar a tua existência, nem determinar para Ti o Onde, o Como e o Por Que. Tu és Existente, mas em ti mesmo apenas, e não há nenhum outro que possa existir contigo. Tu és Existente, diante de todo tempo e sem Lugar. Tu és Existente, e a tua existência é tão profunda e secreta que nenhum ser pode compreender ou descobrir o teu segredo. Tu estás Vivendo, mas não dentro de qualquer tempo que possa ser fixado ou conhecido; Tu estás Vivendo, mas não por um espírito ou uma alma, porque *Tu és tu mesmo*, A ALMA DE TODAS AS ALMAS”, etc., etc. Há uma distância entre esta Divindade Cabalística e o Jeová Bíblico, o rancoroso e vingativo Deus de Abraão, Isaac e Jacó, que *colocou o primeiro em tentação* e lutou contra o último. Qualquer Vedantino só pode repudiar um Parabrahmam como este. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>315</sup> O reverendo Joseph Edkins, em sua obra “*On Cosmogony*”, p. 320. E ao fazer isso eles agiram com grande sabedoria. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>316</sup> Se ele rejeitava esta ideia, era sobre a base do que ele chamava de mudanças - em outras palavras, renascimentos - do ser humano, e das constantes transformações. Ele negava a imortalidade da *personalidade* do ser humano - como nós fazemos -; não do SER HUMANO. (Nota de H. P. Blavatsky)

uma causa e seus inúmeros efeitos, eles são mal-compreendidos pelos que acreditam em um Deus *pessoal*. O “grande Extremo” como começo “das mudanças” (transmigrações) é a mais curta e talvez a mais sugestiva de todas as Cosmogonias, para aqueles que, como os confucianistas, amam a virtude em si mesma, e tentam fazer o bem inegoisticamente sem procurar sempre por lucro e recompensa. O “grande Extremo” de Confúcio produz “duas figuras”. Estas “duas” produzem por sua vez “as quatro imagens”; estas, novamente, geram os “oito símbolos”. Alega-se que embora os confucianistas vejam neles “o Céu, a Terra e o homem em miniatura” ..... é possível ver neles qualquer coisa que nós quisermos. Sem dúvida, e o mesmo ocorre em relação a muitos símbolos, especialmente os símbolos das religiões mais recentes. Mas aquele que sabe alguma coisa dos numerais Ocultos vê nestas “figuras” o símbolo, embora rude, de uma Evolução harmoniosa e progressiva do Cosmos e dos seus seres, tanto os Celestiais como os Terrestres. E qualquer um que tenha estudado a evolução numérica na cosmogonia primordial de Pitágoras (um contemporâneo de Confúcio) não pode deixar de encontrar a mesma ideia nas suas *Tríade, Tetractis e Década*, que emergem da ÚNICA e solitária Mônada. Confúcio é motivo de riso por parte do seu biógrafo cristão, por haver “falado de adivinhação” antes e depois desta passagem, e afirma-se que ele disse: “Os oito símbolos determinam boa e má sorte, e estes dois levam a grandes ações. Não há imagens imitáveis maiores do que o céu e a terra. Não há mudanças maiores do que as quatro estações (o que se refere a Norte, Sul, Leste, Oeste, e à sua sequência). Não há imagens suspensas mais claras que o Sol e a Lua. Ao preparar coisas para o uso, ninguém é maior que o sábio. Para determinar a boa sorte e a má sorte, não há nada melhor que as palhas divinatórias e a tartaruga.”<sup>317</sup>

Portanto, as “palhas divinatórias” e a “tartaruga”, o “conjunto simbólico de linhas” e o grande sábio que olha para elas quando elas se tornam um e dois, e os dois se tornam quatro, e os quatro se tornam oito, e os outros conjuntos “três e seis”, são, todos, motivos de riso e escárnio, apenas por que estes símbolos de sabedoria são mal compreendidos.

Do mesmo modo o autor e os seus colegas irão zombar, sem dúvida, das *Estâncias* dadas em nosso texto, porque elas representam *precisamente a mesma ideia*. O antigo mapa arcaico de Cosmogonia está cheio de *linhas* no estilo confuciano, de círculos concêntricos e pontos. No entanto tudo isso representa as concepções mais abstratas e filosóficas da Cosmogonia do nosso Universo. Em todo caso isso talvez possa responder melhor às exigências e aos propósitos científicos da nossa era do que os ensaios cosmogônicos de Santo Agostinho e do “Venerável Beda”, embora eles tenham sido publicados um milênio depois dos textos de Confúcio.

---

<sup>317</sup> Ele pode ser motivo de riso dos protestantes, mas os católicos romanos não têm o direito de zombar dele sem serem culpados de blasfêmia e sacrilégio. Por que faz mais de 200 anos que Confúcio foi canonizado como um Santo na China pelos romanos católicos, que assim obtiveram muitas conversões entre os confucianistas ignorantes. (Nota de H. P. Blavatsky)

Confúcio, um dos maiores sábios do mundo antigo, acreditava na magia antiga, e ele mesmo a praticava “se aceitamos como verdadeiras as afirmativas do *Chia yü*”<sup>318</sup> ..... e “ele elogiava a magia para os céus no I-Ching”, segundo nos afirma o seu reverendo crítico. No entanto, mesmo em sua época - isto é, 600 antes da era cristã - Confúcio e a sua escola ensinavam a esfericidade da Terra e mesmo o sistema heliocêntrico; enquanto, cerca de três vezes 600 anos depois do filósofo chinês, os papas de Roma ameaçavam e mesmo queimavam os “heréticos” que dissessem a mesma coisa. Ele é objeto de riso por falar da “Tartaruga Sagrada”. Nenhuma pessoa de mente aberta pode ver qualquer grande diferença entre uma *tartaruga* e um *cordeiro* como candidatos à sacralidade, já que ambos são símbolos, e não mais do que isso. O Boi, a Águia<sup>319</sup> e o Leão, e ocasionalmente a Pomba, são “os animais sagrados” da Bíblia Ocidental, sendo que os três primeiros estão agrupados ao redor dos Evangelistas; e o quarto (a face humana) é um Serafim, isto é, uma serpente de fogo, provavelmente o Agathodaemon Gnóstico.<sup>320</sup> Tal como foi explicado, os “animais sagrados” e as Chamas ou “Centelhas” do “Quatro Sagrado” se referem aos protótipos de tudo o que é encontrado no Universo no *Pensamento Divino*, na RAIZ, que é o cubo perfeito, ou a fundação do Cosmos, coletivamente e individualmente. Eles todos têm uma referência oculta a formas Cósmicas primordiais e às suas primeiras concretizações, seu trabalho e sua evolução iniciais.

<sup>318</sup> *K'ung-tzu Chia yü* ou “Discourses of the Confucian School”. (Nota de Boris de Zirkoff)

<sup>319</sup> Os animais vistos como *sagrados* na Bíblia não são poucos: o bode por exemplo, o *Azazel* ou Deus da Vitória. Aben Ezra afirma: “Se você for capaz de compreender o mistério de *Azazel*, você poderá compreender o mistério do Seu nome (de Deus), porque ele tem associados similares nas Escrituras. Eu revelarei a você por alusão uma parte do mistério; quando você tiver *trinta e três anos de idade* você me compreenderá.” O mesmo ocorre com o mistério da *tartaruga*. Um piedoso escritor francês, contente com a poesia das metáforas bíblicas, associando o nome de Jeová com “pedras incandescentes”, “animais sagrados”, etc., e citando trecho da *Bible de Vence* (volume XIX, p. 318), afirma: “De fato todos eles são *Elohim como o Deus deles*; porque estes anjos assumem, *através de uma usurpação sagrada*, o próprio nome divino de Jehová, cada vez que eles o representam.” (*Pneumatologie*, Vol. II, p. 294.) Ninguém jamais duvidou de que o NOME deve ter sido *assumido*, quando sob a aparência do Infinito, do Uno Incognoscível, os *Malachim* (Mensageiros) desceram para comer e beber com os homens. Mas se os Elohim (e mesmo Seres menos elevados), *assumindo* o nome de Deus, foram e ainda são adorados, por que deveriam os mesmos Elohim ser chamados de *demônios* quando aparecem sob os nomes de outros deuses? (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>320</sup> A escolha é curiosa, e mostra como eram paradoxais os primeiros cristãos nas suas seleções. Porque, qual era o motivo que eles tinham para escolher estes símbolos do paganismo egípcio, quando a águia nunca é mencionada no Novo Testamento, exceto uma vez, quando Jesus se refere a ela como uma comedora de *carniça*? (Mt., XXIV, 28); e no Velho Testamento ela é chamada de *impura*, e o Leão é comparado com *Satã*, porque ambos rugem para devorar os homens; e os bois são expulsos do Templo. Por outro lado, a Serpente, trazida como exemplo da sabedoria a seguir, é hoje vista como símbolo do demônio. Sobre a pérola esotérica da religião de Cristo, degradada na teologia cristã, pode-se de fato dizer que escolheu uma *casca* estranha e inadequada da qual nascer e a partir da qual evoluir. (Nota de H. P. Blavatsky)

Nas primeiras cosmogonias hindus exotéricas, não é nem sequer o Demiurgo que cria. Porque em um dos Puranas afirma-se que: “O grande Arquiteto do Mundo dá o primeiro impulso para a movimentação rotatória do nosso sistema planetário ao pisar sucessivamente sobre cada planeta e corpo.” É esta ação “que faz com que cada esfera gire sobre si mesma, e todas elas em torno do Sol.” Depois desta ação, “são os *Brahmandica*, os Pitris Solares e Lunares (os Dhyani-Chohans) que se encarregam das suas respectivas esferas (Terras e planetas) até o final do Kalpa.” Os Criadores são os Rishis: a maior parte deles tem o crédito pela autoria dos mantras ou Hinos do Rig-Veda. Eles são às vezes sete, e às vezes dez, quando se tornam *prajapati*, o “Senhor dos Seres”; depois eles voltam a ser os *sete* e os *catorze* Manus, como representantes dos sete e catorze *ciclos* da Existência (“Dias de Brahmâ”); correspondendo assim aos sete *Eons*, quando no final do primeiro estágio da Evolução eles são transformados nos sete Rishis estelares, os Saptarishis; enquanto os seus duplos *humanos* aparecem como heróis, Reis e Sábios, nesta Terra.

Assim, uma vez que a doutrina Esotérica do Oriente, deu e fez soar a nota-chave - que é tão científica quanto é filosófica e poética, como se pode ver sob a sua vestimenta alegórica - todas as nações seguiram o rumo apontado. É a partir das religiões exotéricas que devemos extrair a ideia-raiz, antes de nos voltarmos para as verdades esotéricas, caso contrário estas últimas serão rejeitadas. Além disso, cada símbolo - em *todas* as religiões nacionais - deve ser lido esotericamente, e deve ser dada a prova para que ele seja lido corretamente, transliterando-o para os seus numerais e as suas formas geométricas correspondentes - e pela concordância extraordinária de tudo - por mais que os glifos e símbolos possam ser diferentes entre si. Porque na origem todos estes símbolos eram idênticos. Considere, por exemplo, as frases de abertura de várias cosmogonias: em todas elas é sempre um *círculo*, um *ovo*, ou uma *cabeça*. A ESCURIDÃO é sempre associada com este primeiro símbolo e o rodeia - como é mostrado nos sistemas hindu, egípcio, caldeu-hebraico e mesmo escandinavo - e disso resultam corvos pretos, pombas pretas, águas negras e até mesmo chamas pretas; a *sétima* língua de Agni, o *deus-fogo*, é chamado de “*Kali*”, “o preto”, porque ele era uma chama preta tremulante. Duas pombas *pretas* voaram do Egito e se estabeleceram nos carvalhos de Dodona, dando os seus nomes aos deuses gregos. Noé liberta um corvo *preto* depois do dilúvio, o que é um símbolo do Pralaya cósmico, depois do qual começou a real criação ou evolução da nossa Terra e da nossa humanidade. Os corvos pretos de Odin voaram agitados em torno da Deusa Saga e “murmuraram falando a ela sobre o passado e o futuro”. Qual é o real significado de todos estes pássaros pretos? Todos eles estão ligados à sabedoria primordial, que flui a partir da fonte pré-cósmica de tudo, simbolizada pela Cabeça, pelo Círculo, pelo Ovo; e todos eles têm um significado idêntico e se relacionam com o homem Arquetípico primordial (Adão Cadmon), a origem criativa de todas as coisas, que é composto pela Hoste de Poderes Cósmicos - os Dhyani-Chohans criativos, além dos quais tudo é escuridão.

Vamos solicitar que a sabedoria da Cabala - mesmo velada e distorcida como está hoje - nos explique na sua linguagem numérica o significado aproximado pelo

menos da palavra “corvo”. A seguir, o seu valor numérico tal como dado na obra “Source of Measures”.

“O termo *Corvo* é usado apenas uma vez, e dado como *eth-h'orebv*, אֶת־הָעֹרֵב, = 678, ou  $113 \times 6$ , enquanto a Pomba é mencionada cinco vezes. O seu valor é 71, e  $71 \times 5 = 355$ . Seis diâmetros, ou o *corvo*, cruzando-se, dividiriam a circunferência de um círculo de 355 em 12 partes ou compartimentos; e 355 subdivididos para cada unidade por seis seria igual a 213-0, ou a *cabeça* (“começo”) no primeiro verso do Gênesis. Isto, dividido ou subdividido da mesma maneira por 2, ou o 355 por 12, daria 213-2, ou a palavra *B'rash*, בְּרֵאשׁ, ou a primeira palavra do Gênesis, com o seu prefixo preposicional, significando astronomicamente a mesma forma geral concretizada que aqui se buscou.” Ora, a leitura secreta do primeiro verso do Gênesis é “Em Rash (B'rash) ou Cabeça desenvolveram-se os deuses, os Céus e a Terra”, e portanto é fácil compreender o significado esotérico do *corvo*, uma vez que é confirmado o significado semelhante da Inundação (ou do Dilúvio de Noé). Sejam quais forem os muitos outros significados desta alegoria emblemática, o seu *principal* significado é o de um novo ciclo e uma nova Ronda (a nossa *Quarta Ronda*).<sup>321</sup> O “Corvo”, ou o *Eth-H'Orebv*, tem o mesmo significado numérico que a “Cabeça”, e não voltou para a arca, enquanto a pomba voltou, trazendo um ramo de oliveira, quando Noé, o novo homem da nova Raça, cujo protótipo é Vaivasvata Manu, preparava-se para deixar a arca, o útero (ou *Argha*) da natureza terrestre. É o símbolo do homem puramente espiritual, andrógino e sem sexo das três primeiras Raças, que desapareceu da Terra para sempre. Numericamente Jeová, Adão, e Noé são um na Cabala: na melhor das hipóteses, portanto, é a Divindade descendo no Ararat (mais tarde no Sinai), para encarnar no homem, sua *imagem*, através do processo natural, a partir de então: o útero da mãe, cujos símbolos são, a Arca, o monte (Sinai), etc., no *Gênesis*. A alegoria judaica é ao mesmo tempo astronômica, e puramente fisiológica, mais do que antropomórfica.

E aqui está o abismo entre os dois sistemas (o ariano e o semítico), embora construídos sobre o mesmo alicerce. Conforme foi mostrado por um expositor da Cabala, “a ideia básica sob a filosofia dos hebreus era que Deus continha todas as coisas dentro de si mesmo e que o homem era *sua imagem*; o homem, incluindo a mulher (como Andrógino)”; e que “a geometria e os números (e medidas aplicáveis à Astronomia) estão contidos nos termos *homem* e *mulher*; e a aparente incongruência disso era eliminada mostrando a ligação de homem e mulher com um sistema particular de números e medidas e de geometria, pelos períodos de tempo parturiente, que forneciam o elo de ligação entre os termos e os fatos mostrados, e

---

<sup>321</sup> Bryant está correto ao dizer que “o Druida Bardesin diz, de Noé, quando ele saiu da Arca (nascimento de um novo ciclo) depois de ficar nela um ano e um dia,  $364+1=365$  dias, que ele foi congratulado por Netuno pelo seu nascimento das águas da Inundação, e Netuno desejou a ele um *feliz Ano Novo*.” O “Ano”, ou ciclo, esotericamente, era a nova raça de seres humanos *nascidos de mulher* depois da separação dos sexos, que constitui o significado *secundário* da alegoria: o seu significado primário é o começo da *Quarta Ronda*, ou a *nova Criação*. (Nota de H. P. Blavatsky)

aperfeiçoavam o modelo usado.” Alega-se que como a causa primária é absolutamente incognoscível, “o símbolo da sua primeira *manifestação compreensível* era a concepção de um círculo com a sua linha de diâmetro, de modo a transmitir ao mesmo tempo a ideia de geometria, de falicismo, e de astronomia”; e isto foi finalmente aplicado “para significar simplesmente os órgãos geradores humanos”.<sup>322</sup> A partir disso todo o ciclo de acontecimentos desde Adão e os Patriarcas até Noé é visto como referindo-se a usos fálicos e astronômicos, um destes fatores regulando o outro, como por exemplo nos períodos lunares. Daí, também, a *gênesis* deles começa depois da sua saída da Arca, e do final da inundação - na Quarta Raça. Com o povo ariano, os fatos são outros.

O Esoterismo Oriental nunca degradou a Divindade Única Infinita, que contém todas as coisas, a tais usos; e isso é mostrado pela ausência de Brahmâ do Rig Veda e pelas posições modestas ocupadas nele por Rudra e Vishnu, que eras mais tarde se tornaram os Deuses poderosos e grandes, os “Infinitos” dos credos exotéricos. Mas mesmo eles, “Criadores” como podem ser os três, não são os criadores diretos e “antepassados dos homens”. Estes últimos são mostrados ocupando uma escala ainda mais inferior, e são chamados de Prajapatis, os Pitris (nossos ancestrais lunares), etc., etc. - nunca o “Deus Único Infinito”. A filosofia esotérica mostra apenas o homem *físico* como criado *à imagem* da Divindade; mas esta última é somente “os *deuses menores*”. Apenas o EU SUPERIOR, o verdadeiro Ego, é divino e é um DEUS.

## 13. As Sete Criações [\(Volte para o Sumário\)](#)

“Não havia nem dia nem noite, nem céu, nem Terra, nem escuridão, nem luz, nem qualquer outra coisa exceto o UM, incompreensível por meio do intelecto, ou AQUILO que é Brahma e Pumis (Espírito) e Pradhana (matéria crua).” (....) (*Veda, “Vishnu Purana Commentary”*); ou, literalmente “Um Pradhanika Espírito Brahma: ISSO era.” O “Pradhanika Espírito Brahma” é Mulaprakriti e Parabrahmam.

No Vishnu Purana, Parasara diz a Maitreya, seu aluno: “Eu assim expliquei a você, excelente Muni, seis criações ..... a criação dos seres Arvaksrotas foi a sétima, e foi a do homem.” Então ele prossegue falando de duas criações adicionais e muito misteriosas, interpretadas de várias maneiras pelos comentadores.

Orígenes, comentando os livros escritos por Celso, seu oponente - livros que foram todos destruídos pelos prudentes Padres da Igreja - evidentemente responde às objeções do seu contraditor e ao mesmo tempo revela o sistema dele. Este era claramente *setenário*. Mas a teogonia de Celso, a gênese das estrelas ou planetas, a

<sup>322</sup> Manuscrito não-publicado. (Mas veja “*Source of Measures*”). (Nota de H. P. Blavatsky)

gênese do som e da cor, tudo teve como resposta a sátira, e nada melhor. Celso, veja você, “desejando exibir a sua erudição”, fala de uma escada de criação com *sete portões*, e no ponto mais alto da escada o oitavo - sempre fechado. Os mistérios do Mitra Persa são explicados “e são acrescentadas além disso razões musicais”. ..... E a estas, novamente, ele trata de “acrescentar uma segunda explicação ligada também a considerações musicais”<sup>323</sup> - isto é, às sete notas da escala, aos Sete Espíritos das Estrelas, etc., etc.

Valentino<sup>324</sup> escreve em detalhe sobre o poder dos grandes *Sete*, que foram chamados a produzir este Universo depois que *Ar(r)hetos*, o Inefável, cujo nome é composto de sete letras, havia representado a primeira *hebdômada*. Este nome (*Ar(r)hetos*) indica a natureza setenária do Um (o *logos*). “A deusa Reia”, diz Proclus em *Timæus* (p. 121), “é uma Mônada, uma Díade, e Héptade”, incluindo em si mesma todas as titânides, “que são sete”.

As *Sete Criações* são encontradas em quase todos os Puranas. Elas são todas precedidas pelo que Wilson traduz como “o Princípio indiferenciado”, o absoluto Espírito independente de qualquer relação com os objetos dos sentidos. Elas são: (1) *Mahattattwa*, a Alma Universal, o Intelecto Infinito, ou Mente Divina; (2) *Bhuta* ou *Bhutasarga*, a criação elemental, a primeira diferenciação da Substância Universal indiferenciada; (3) *Indriya* ou *Aindriyaka*, a evolução orgânica. “Estas três eram as criações Prakrita, os desenvolvimentos da natureza indiferenciada, precedidos pelo princípio indiferenciado”; (4) *Mukhya*, a criação fundamental das coisas perceptíveis, foi a criação dos corpos inanimados<sup>325</sup>; (5) *Tairyagyonya*, ou *Tiryaksrotas*, foi a criação dos animais; (6) *Urdhwasrotas*, a criação das divindades<sup>326</sup> (?); (7) *Arvaksrotas* foi a criação do ser humano. (Veja o *Vishnu Purana*.)

Esta é a ordem dada nos textos *exotéricos*. De acordo com o ensinamento esotérico há sete “criações” primárias e sete “criações” secundárias; as primárias são as forças

---

<sup>323</sup> *Origen Contra Celsum*, livro vi, cap. xxii. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>324</sup> Valentino, Valentim ou Valentinus, teólogo gnóstico do século dois (c.101-c.200). (Nota do Tradutor)

<sup>325</sup> O texto diz: “E a quarta criação é *aqui* a criação primária, porque as *coisas* imóveis são enfaticamente conhecidas como primárias.” (Veja *Fitzedward Hall's Corrections*.) (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>326</sup> Como podem estas “divindades” terem sido criadas *depois* dos animais? No seu significado esotérico, a expressão “animais” se refere aos *germes de toda a vida animal*, incluindo o ser humano. O homem é chamado de *animal sacrificial*, e um animal que é o único da criação animal que faz sacrifícios aos deuses. *Além disso*, nos textos religiosos a expressão “animais sagrados” com frequência significa os 12 signos do zodíaco, como já foi afirmado. (Nota de H.P. Blavatsky)

*autoevolutivas* que surgem da FORÇA *sem causa*; as secundárias mostram o Universo manifestado emanando dos elementos *divinos* já diferenciados.

Esotericamente, assim como exotericamente, todas as Criações enumeradas acima representam os (7) períodos de Evolução, seja depois de uma “Idade” ou de um “Dia” de Brahmâ. Este é o ensinamento *par excellence* da Filosofia Oculta, a qual, no entanto, nunca usa o termo “Criação”, e nem mesmo o termo “evolução”, “com relação à ‘Criação’ *primária*”; mas chama todas estas *forças* de “*aspectos* da Força Sem Causa”. Na Bíblia, os sete períodos são reduzidos aos seis dias da criação e ao sétimo *dia* de descanso, e os ocidentais aceitam isso literalmente. Na filosofia hindu, quando o Criador ativo produziu o mundo de deuses, os *germes* de todos os elementos indiferenciados e os rudimentos dos futuros sentidos (o mundo dos *númenos*, em resumo) o universo permaneceu inalterado durante um “Dia de Brahmâ”, um período de 4.320.000.000 anos. Este é o *sétimo* período passivo ou o “dia Sabático” da filosofia Oriental, que vem depois de seis períodos de evolução ativa. No *Satapatha Brahmana*, “Brahma” (neutro), a Causa *absoluta* de todas as causas, *irradia* os deuses. Tendo irradiado os deuses (através da sua natureza inerente), o trabalho é interrompido. No primeiro livro de Manu, afirma-se: “No final de cada noite (pralaya), Brahmâ, tendo estado adormecido, acorda, e, *através apenas da energia do movimento*, FAZ COM QUE emane *de si mesmo* o espírito, que em sua essência é, e no entanto, não é.”

No *Sepher Yetzirah*, o Livro Cabalístico da Criação, o autor evidentemente repetiu as palavras do Manu. Nesta obra a Substância Divina é representada como tendo existido desde a eternidade, sozinha, sem limites e absoluta; e como tendo emitido de si mesma o Espírito. “Um é o Espírito do Deus vivo, abençoado seja o seu Nome, que vive para sempre! Voz, Espírito, e Palavra, este é o Espírito Santo!” (*Sepher Yetzirah*, cap. I, Mishná IX.) E esta é a Trindade Cabalística abstrata, antropomorfizada de modo tão sem-cerimônia pelos Padres. Deste tríptico UM emanou o Cosmos inteiro. Primeiro, do UM emanou o número DOIS, o Ar, o elemento criativo; e depois o número TRÊS, *Água*, procedeu do ar; o *Éter*, ou *Fogo*, completa o quatro místico, o Arba-il. (Ibid.) Na Doutrina Oriental o Fogo é o primeiro Elemento - *Éter*, que sintetiza o todo (já que contém todos os elementos).

No *Vishnu Purana* todos os sete períodos são dados, assim como a evolução progressiva do “Espírito-Alma”, e são mostradas as sete formas de matéria (ou sete princípios). É impossível enumerá-los todos nesta obra. Pede-se ao leitor que examine um dos Puranas.

“R. Yehudah começou, está escrito: Elohim disse: Que haja um firmamento, no meio das águas ..... No tempo em que o Sagrado ..... criou o mundo, Ele (eles) criou (criaram) sete céus Acima. Ele criou sete Terras, Abaixo, sete mares, sete dias, sete rios, sete semanas, sete anos, sete tempos, e sete mil anos em que o mundo tem existido ..... o sétimo de todo o milênio. Assim, aqui estão sete Terras Abaixo, todas elas habitadas, exceto aquelas que estão acima, e aquelas ..... abaixo. E ..... entre cada Terra, um céu (firmamento) é espalhado entre uma e outra ..... E há nelas (estas Terras) criaturas que parecem diferentes umas das outras mas se você



objetar e disser que todas as criaturas do mundo vieram de Adão, não é verdade ..... E as Terras inferiores, de onde elas vêm? Elas são da *cadeia da Terra*, e são do céu inferior”, etc., etc.<sup>327</sup>

Ireneu de Lyon é (de modo muito involuntário) a nossa testemunha de que os Gnósticos ensinavam o mesmo sistema, encobrendo muito cuidadosamente o verdadeiro significado esotérico. Este “encobrir”, no entanto, é idêntico ao do Vishnu Purana e outros. Assim, Ireneu escreve sobre os marcosianos<sup>328</sup>: “Eles afirmam que antes de tudo os quatro elementos, fogo, água, terra e ar, foram produzidos conforme a imagem da *tétrade* superior primária, e que então, se acrescentarmos as operações deles, isto é, calor, frio, secura e umidade, é apresentada uma exata semelhança com a *ogdóade*.”<sup>329</sup> (Livro i, cap. xvii)

Porém esta “semelhança” e a própria *ogdóade* são um véu, como no caso das sete criações do Vishnu Purana, criações a que são acrescentadas mais duas, das quais a oitava, chamada de Anûgraha, “possui tanto as qualidades de bondade como de escuridão”, uma ideia Sankhyana, mais que Purânica. Porque Ireneu diz novamente (Livro i, xxx, 6) que “eles (os Gnósticos) tinham uma oitava criação semelhante, que era boa e má, divina e humana. Eles afirmam que o homem foi formado *no oitavo dia*. Às vezes eles afirmam que ele foi feito *no sexto dia*, e outras vezes no oitavo dia; a menos que, talvez, eles queiram dizer que sua parte terrestre foi formada no sexto dia e que a sua parte carnal (?) foi feita no oitavo dia; há uma diferença para eles entre estes dois.”

Há de fato “uma diferença”, mas não como Ireneu indica. Os Gnósticos tinham uma *Hebdômada* superior e uma *Hebdômada* inferior no céu; e havia uma terceira *Hebdômada* terrestre, no plano da matéria. IAO, o deus dos mistérios e Regente da Lua, tal como dado no quadro de Orígenes, era o principal destes “*Sete Céus*” superiores<sup>330</sup>, portanto, era idêntico ao principal dos Pitris lunares, sendo este nome dado por eles aos Dhyan-Chohans lunares. “Eles afirmam que estes sete céus são inteligentes, e *falam deles como sendo anjos*”, escreve o mesmo Ireneu; e acrescenta que por causa disso eles chamavam Iao de Hebdomas, enquanto chamavam a mãe dele de “*Ogdoas*”, porque, segundo ele explica, “ela preservou o número *da Ogdóade primogênita e primária do Pleroma*”. (Ibid. b. I, V. 2)

---

<sup>327</sup> [Qabbalah](#), pp. 415-416, de T. Myer, Philadelphia. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>328</sup> Marcosianos: escola de gnósticos valentinianos fundada por Marcos e combatida por Ireneu. (Nota do Tradutor)

<sup>329</sup> Ogdóade: sistema de oito. O conceito aparece no Egito antigo e no gnosticismo e cristianismo primitivo, com ideias diferentes. Um dos seus significados é o dos sete céus e o que está além deles. (Nota do Tradutor)

<sup>330</sup> Superior aos Espíritos ou “Céus” da Terra, apenas. (Nota de H.P. Blavatsky)

Esta “*Ogdóade primogênita*” era (a) na teogonia, o *segundo Logos* (o Logos manifestado) porque havia nascido do setenário *primeiro Logos*, portanto, este Logos é o oitavo neste plano manifestado; e (b) em astrolatria, ele era o *Sol*, Marttanda - o oitavo filho de Aditi, a quem ela rejeita ao mesmo tempo que preserva os seus Sete Filhos, *os planetas*. Porque os antigos nunca viram o Sol como um planeta, mas sim *como uma Estrela central e fixa*. Esta, então, é a segunda Hebdômada<sup>331</sup> nascida daquele que *tem sete raios*, de Agni, do Sol (e há outros nomes para o Logos); mas os sete planetas não nasceram do Logos, porque são os *irmãos* de Surya, não seus *filhos*. Estes deuses *Astrais*, cujo chefe, para os gnósticos, era Ildabaoth<sup>332</sup> (de *Ilda*, “criança”, e *Baoth*, “o ovo”)<sup>333</sup>, o filho de Sophia Achamoth, a filha de Sophia (Sabedoria), cuja região é o Pleroma, eram os seus filhos (de Ildabaoth). Ele produz de si mesmo estes seis espíritos estelares: *Jove* (Jeová), *Sabaoth*, *Adonai*, *Eloi*, *Osraios*, *Astaphaios*<sup>334</sup>, e são eles que formam a segunda *Hebdômada*, a *Hebdômada inferior*. Quanto à terceira, ela é composta pelos sete homens primordiais, as sombras dos deuses lunares, projetadas pela primeira Hebdômada. Nisso, como se vê, os gnósticos não diferem muito da doutrina esotérica, exceto pelo fato de que eles põem um véu sobre ela. Quanto à acusação feita por Ireneu, que evidentemente ignorava as verdadeiras doutrinas dos “heréticos”, em relação ao homem ser criado no *sexto* dia, e ao homem ser criado no *oitavo* dia, isso se refere aos mistérios do homem *interior*. A questão se tornará compreensível para o leitor apenas depois de ele ler o Volume II, e ter entendido bem a *Antropogênese* da doutrina Esotérica.

Ildabaoth é uma cópia do Manu. Este último mostra orgulho ao dizer: “Oh, tu, o melhor dos homens nascidos pela segunda vez! Fica sabendo que eu (Manu) sou aquele, o criador de todo este mundo, a quem o Viraj masculino ..... produziu espontaneamente” (I, 33). Ele cria primeiro os dez senhores do Ser, os Prajapatis, que, conforme diz o verso 36 ..... “produzem sete outros Manus”. (*The Ordinances of Manu*). Ildabaoth diz algo semelhante: “Eu sou Pai e Deus, e não há ninguém acima de mim”, exclama ele. Diante disso a mãe dele friamente o corrige dizendo: “Não minta, Ildabaoth, porque o pai de todos, o *primeiro* homem (*Anthropos*) *está acima de ti, e também está acima de ti Anthropos, o filho de Anthropos* (Ireneus,

---

<sup>331</sup> Isto é, o segundo setenário, o segundo grupo de sete. A tradução desta frase é resultado de uma análise aprofundada do contexto e de um diálogo com um estudante norte-americano de Blavatsky que acompanha a presente tradução. (Nota do Tradutor)

<sup>332</sup> Veja “Ísis Sem Véu”, Ed. Pensamento, SP, vol. III, p. 165. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>333</sup> Levando em conta a nota anterior, de HPB, cabe registrar que a edição brasileira de “Ísis” segue, neste trecho, a edição em inglês de “Ísis” que foi preparada e revisada por Boris de Zirkoff. Boris corrige *Ildabaoth* para *Ialdabaoth*, e “*Ilda*”, criança, para “*Ialda*”, criança. (Nota do Tradutor)

<sup>334</sup> Veja também *Gnostics and their Remains*, de King, 1864, p. 28. Outras seitas viam Jeová como o próprio Ildabaoth. King o identifica com Saturno. (Nota de H.P. Blavatsky, ampliada por Boris de Zirkoff nos dados bibliográficos)

Livro i, cap. xxx, 6). Esta é uma boa prova de que havia três Logoi (além dos Sete nascidos do Primeiro), um dos quais era o *Logos Solar*. E, novamente, quem era aquele “Anthropos” em si mesmo, situado tão acima de Ildabaoth? Só os registros gnósticos podem resolver este mistério. Em *Pistis Sophia* o nome de quatro vogais IEOV está em todas as ocasiões acompanhado do epíteto “o homem Primordial ou Primeiro”. Isso mostra mais uma vez que a gnose era apenas um eco da nossa doutrina arcaica. Os nomes correspondendo a Parabrahm, a Brahm, e Manu (o primeiro homem *pensante*) são compostos de sons de uma vogal, de três vogais e sete vogais. Marcos, cuja filosofia era certamente mais pitagórica do que qualquer outra coisa, fala de uma revelação feita para ele segundo a qual os sete céus soavam cada um uma vogal, quando pronunciavam os sete nomes das sete hierarquias (angélicas).

Quando o espírito permeou cada átomo, por mais minúsculo que fosse, dos sete princípios do Cosmos, então começou a criação *secundária*, depois do período de descanso mencionado acima.

“Os criadores (Elohim) esboçam na segunda ‘hora’ a forma do homem”, diz o rabino Simeon (*The Nuctameron of the Hebrews*). “Há doze horas no dia”, diz a *Mishná*, “e é durante elas que a criação é realizada.” As “dozes horas do dia” são, novamente, uma cópia em miniatura, um eco pálido, e no entanto fiel, da Sabedoria primitiva. Elas são os 12 mil anos divinos dos deuses, são um véu que oculta o ciclo. Cada “Dia de Brahmâ” tem 14 Manus, que os Cabalistas Hebreus, seguindo, no entanto, nisso, os Caldeus, disfarçaram com a ideia de 12 “Horas”.<sup>335</sup> O *Nuctameron* de Apolônio de Tiana é a mesma coisa. “O Dodecaedro está escondido no Cubo perfeito”, dizem os Cabalistas. O significado místico disto é que as doze grandes transformações do Espírito na matéria (12.000 anos divinos) ocorrem durante as quatro grandes idades, ou o primeiro *Mahayuga*. Começando com o metafísico e o supra-humano, ele termina nas naturezas física e puramente humana do Cosmos e do homem. A filosofia oriental pode dar o número dos anos mortais que avançam pelas linhas da evolução espiritual e da evolução física, do visto e do não-visto, caso a ciência Ocidental não puder fazê-lo.

A Criação *Primária* é chamada de *Criação da Luz* (Espírito) e a *Secundária* de Criação da Escuridão (matéria).<sup>336</sup> Ambas são encontradas no *Gênesis*, cap. I, versículo 2, e no começo do capítulo 2. A primeira é a emanção dos deuses *autonascidos* (Elohim); a segunda, da natureza física.

É por isso que se afirma no Zohar: “Oh, companheiros, companheiros, o homem como uma emanção era tanto homem como mulher; estava tanto do lado do PAI como do lado da MÃE. E este é o sentido das palavras: E Elohim falou: ‘Que haja

<sup>335</sup> Em outro lugar, no entanto, a identidade é revelada. Veja, mais acima, a citação de Ibn Gabirol e os seus 7 céus, 7 Terras, etc. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>336</sup> Esta Escuridão não deve ser confundida com a “ESCURIDÃO” *pré-cósmica*, o Divino TODO. (Nota de H.P. Blavatsky)

Luz, e houve Luz!’ ..... E este é o ‘homem duplo!’” A Luz do nosso plano, além disso, é *escuridão* nas esferas mais elevadas.

“O homem e a mulher no lado do PAI” (Espírito) é uma referência à Criação Primária; e “no lado da Mãe (matéria)” é uma referência à Criação Secundária. O homem duplo é Adão Cadmon, o protótipo abstrato masculino e feminino e os Elohim *diferenciados*. O *homem* procede do Dhyán Chohan, e é um “Anjo Caído”, um deus no exílio, como será mostrado.

Na Índia estas criações eram descritas da seguinte maneira: -

**(I.)** A criação Mahat-tattwa, chamada assim porque era a autoevolução primordial daquilo que havia de se tornar *Mahat* - “a MENTE *divina*, consciente e inteligente”; esotericamente, “o *espírito* da alma Universal” ..... “O mais digno dos ascetas, através da sua potência (*a potência daquela causa*): toda causa *produzida* surge por sua própria natureza”. (*Vishnu Purana*) “Vendo que as potências de todos os seres são compreendidas *somente* através do conhecimento *Daquilo* (Brahma) que está além do raciocínio, da criação e coisas semelhantes, tais potências são referíveis a Brahma.” AQUILO, então, precede a manifestação. “O primeiro foi *Mahat*”, diz *Linga Purana*; porque o UM (o *Aquilo*) não é nem o *primeiro* nem o *último*, mas TODOS. Exotericamente, no entanto, esta manifestação é o *trabalho* “Daquele que é Supremo” (ou melhor, um *efeito* natural de uma Causa Eterna); ou, como o Comentador diz, isso poderia ter sido entendido como significando que Brahmâ foi então *criado* (?), sendo identificado com Mahat, a inteligência ativa ou vontade operante do Supremo. A filosofia esotérica apresenta-o como “a LEI operante”.

É da compreensão correta deste princípio nos Brâhmanas e nos Puranas que depende, acreditamos, a maçã da discórdia entre as três seitas vedantinas: a Advaita, a Dvaita, e os Visishtadvaitas. A primeira argumenta corretamente que Parabrahman, não tendo relação, na sua condição de *todo* absoluto, com o mundo manifestado - já que o Infinito não tem conexão com o finito - não pode *querer* nem pode *criar*; e que, portanto, Brahmâ, Mahat, Ishwara, ou qualquer nome pelo qual possam ser conhecidos o poder criativo, os deuses criativos e assim por diante, são simplesmente um aspecto ilusório de Parabrahman<sup>337</sup>, na concepção de quem os

<sup>337</sup> Podemos ver neste parágrafo que HPB não uniformiza a grafia do nome *Parabrahman*, ou *Parabrahmam*, ou mesmo *Parabrahm*, como está em outras partes da obra. É verdade que Boris de Zirkoff tenta a uniformização deste e de outros termos em sua versão da obra. Nós ficamos com a amplitude adotada por HPB, porque pensamos que há um sentido oculto no fato de não procurar a uniformidade e a “total coerência” na forma dos termos: trata-se de uma lição de flexibilidade mental que nos permite reconhecer a forma aparente das coisas como algo secundário e concentrar-nos no conteúdo. O exagero da importância da forma externa é um dos principais problemas da mentalidade ocidental moderna. O desapego em relação à forma, combinado com a precisão das ideias e dos conceitos em si mesmos, é um dos pontos centrais da filosofia esotérica original. Além disso, numa filosofia que lida a todo momento com transliterações de termos vindos de idiomas cujos alfabetos são diferentes do alfabeto latino, uma certa flexibilidade ortográfica é inevitável. É preciso escolher o foco: ou a precisão e a clareza são prioridade nas ideias e no conteúdo, ou a precisão e a clareza são prioridade na letra morta das palavras. (Nota do Tradutor)

concebe; enquanto as outras seitas identificam a Causa impessoal com o Criador, Ishwara.

No entanto, *Mahat* (ou Maha-Buddhi) é, junto com os Vaishnavas, a mente divina em operação ativa, ou, como afirma Anaxágoras, “uma mente ordenadora e organizadora, que foi a causa de todas as coisas” - *Νοῦς ὁ διακοσμῶν τε καὶ πάντων ἄϊτιος*.

Wilson viu em um relance a sugestiva conexão entre *Mahat* e a fenícia Mot, ou *Mut*, que era feminina para os egípcios - a Deusa Mout, a “Mãe” - “que, como Mahat”, diz ele, “era o primeiro produto da mistura (?) de Espírito e matéria, e o primeiro rudimento de Criação”: “Ex connexione autem ejus spiritus prodidit Mot” ..... “De cuja semente foram criadas todas as coisas vivas”, repete Brücker (I, p. 240), dando à ideia uma coloração ainda mais materialista e antropomórfica.

No entanto, o sentido esotérico da doutrina pode ser visto claramente em cada frase exotérica dos velhos textos sânscritos que tratam da Criação primordial. “A Alma Suprema, a Substância do Mundo que *tudo permeia* (Sarvaga), tendo entrado (*tendo sido atraída*) para a matéria (*prakriti*) e para o Espírito (*purusha*), *agitou o princípio mutável e o princípio imutável*, porque o tempo da Criação (manvântara) havia chegado.”<sup>338</sup> .....

---

<sup>338</sup> O *Nous* dos gregos, que é a mente (espiritual ou divina), ou *mens*, “Mahat”, opera sobre a matéria da mesma maneira; ela “entra na matéria” e a *agita*: “Spiritus intus alit, totamque infusa per artus, Mens agitat molem, et magno se corpore miscet.” Na Cosmogonia fenícia, “O Espírito misturando-se com os seus próprios princípios, dá lugar à Criação” também; (Brücker, I, 240); a tríade Órfica mostra uma doutrina idêntica; porque nela *Phanes* (ou Eros), *Caos*, que contém a matéria Cósmica crua *indiferenciada*, e *Cronos* (tempo), são os três princípios cooperadores, que emanam do *ponto* incognoscível e oculto, e que produzem o trabalho da “Criação”. E eles são o hindu *Purusha* (phanes), *Pradhana* (caos), e *Kala* (Cronos), ou *tempo*. O bom professor Wilson não gosta desta ideia, e nenhum sacerdote cristão, mesmo liberal, gostaria. Ele registra que, “conforme explicado, a *mistura* (do Espírito Supremo ou Alma Suprema) *não é mecânica; é uma influência ou efeito exercidos sobre agentes intermediários* que produzem efeitos”. A frase no *Vishnu Purana* que diz, “Assim como a fragrância afeta a mente apenas devido à sua proximidade, e *não por causa de qualquer operação imediata sobre a mente em si mesma*, assim também o Supremo influenciou os elementos da criação”. O reverendo e erudito sanscritista corretamente explica: ..... “Assim como os perfumes não delicias a mente por um contato direto, mas pela impressão que elas causam ao sentido do olfato, que o transmite à mente”, e acrescenta: “A entrada do *Supremo* no espírito, assim como na matéria, é *menos inteligível* que a visão que se tem disso desde outro lugar, assim como a *infusão* do espírito, identificada com o supremo, para o interior de *Prakriti* ou da matéria apenas.” Ele prefere o verso de *Padma Purana* que diz: “Aquele que é chamado de (espírito) *masculino* de *Prakriti* ..... aquele mesmo Vishnu divino entrou em *Prakriti*.” Esta “visão” é certamente mais próxima do caráter plástico de certos versos da Bíblia sobre os Patriarcas, como Lot (Gên., xix, 34-38), e mesmo Adão (iv, vers. 1), e outros de uma natureza ainda mais antropomórfica. Mas é exatamente isso o que levou a Humanidade ao *Falicismo*, pelo qual a religião cristã está permeada, desde o primeiro capítulo do *Gênesis* até o *Apocalipse*. (Nota de H.P. Blavatsky)

A doutrina esotérica ensina que os Dhyán Chohans são o agregado coletivo da Inteligência divina ou *mente* primordial, e que os primeiros Manus - as sete Inteligências Espirituais “nascidas da mente” - são idênticos aos Dhyán Chohans. Assim, o “Kwan-shi-yin” - o “Dragão Dourado no qual estão os sete” da Estância III - é o Logos primordial, ou Brahmâ, o primeiro Poder criativo manifestado; e as Energias-Dhyani são os Manus, ou *Manu-Swayambhuva coletivamente*. Além disso, é fácil ver a conexão direta entre os “Manus” e “Mahat”. *Manu* vem da raiz *man*, “pensar”, e o pensamento vem da mente. Em Cosmogonia, é o período pré-nebular.

(II.) “A segunda Criação”, “Bhuta”, foi a criação dos princípios rudimentares (Tanmâtras), e por isso é chamada de criação elementar (*Bhuta-sarga*).<sup>339</sup> Este é o período do primeiro sopro da diferenciação dos elementos *pré-Cósmicos*, ou matéria. *Bhutadi* significa literalmente “a origem dos Elementos”, e precede *Bhuta-sarga* - a “criação” ou diferenciação daqueles Elementos no “Akasha” primordial (Caos ou Vacuidade).<sup>340</sup> No “Vishnu Purana” afirma-se que ele avança pelo (e pertence ao) tríplice aspecto de *Ahankara*, que é traduzido como Egoísmo, mas significa mais especialmente aquela expressão intraduzível, “A-CAPACIDADE-DE-SER-UM-EU”<sup>341</sup>, aquilo que sai pela primeira vez de “Mahat”, a mente divina; o primeiro esboço vago de “Autoconsciência”<sup>342</sup>, porque o “puro” *Ahankara* se torna “apaixonado” e finalmente “rudimentar” (inicial); é “a origem do ser consciente, assim como de todo ser *inconsciente*”, embora a escola Esotérica rejeite a ideia de que qualquer coisa seja “inconsciente” - salvo neste nosso plano de ilusão e ignorância. Neste estágio da Segunda Criação, aparece a segunda hierarquia dos Manus, os Dhyán Chohans ou Devas, que são a origem da Forma (*rupa*), os *Chitrasikhandina* (de crista<sup>343</sup> brilhante) ou os *Riksha* - aqueles Rishis que se tornaram as almas instrutoras das sete estrelas (da Ursa Maior).<sup>344</sup> Em linguagem

<sup>339</sup> Todas estas frases são citadas do “Vishnu Purana”, livro i, cap. ii. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>340</sup> Vishnu é ao mesmo tempo Bhutesa, “o Senhor dos Elementos e de todas as coisas”, e *Viswarupa*, “Substância ou Alma Universal”. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>341</sup> No original em inglês, “I-AM-NESS”: “A CAPACIDADE DE SER UM EU” ou “A CONDIÇÃO NECESSÁRIA PARA SENTIR QUE EXISTO COMO UM EU”. (Nota do Tradutor)

<sup>342</sup> No original em inglês, “self-hood”. (Nota do Tradutor)

<sup>343</sup> “Crested”, no original em inglês, se refere a “crest”, que corresponde centralmente à palavra “crista”, embora haja teoricamente outras opções. Os Rishis, ou *Chitrasikhandina*, se relacionam com estrelas. Uma *crista brilhante* é uma referência ao sol, que é uma estrela, e à sua luz. A crista está na extremidade superior da cabeça (ou de uma onda do mar); e a cabeça é a parte do corpo que corresponde ao Sol. A palavra “crista” também sugere a coroa ou coroa do Sol (que é visível durante os eclipses). (Nota do Tradutor)

<sup>344</sup> Veja, em relação aos seus *pós-tipos*, o Tratado escrito por Trithemius (mestre de Agrippa, no século 16): “Em relação às sete inteligências secundárias, ou Inteligências Espirituais, que, depois de Deus, colocaram em movimento o universo”. O Tratado revela, além de ciclos secretos e várias profecias, certos fatos e crenças sobre os Gênios, ou Elohim, que presidem e guiam os estágios setenários da Trajetória do Mundo. (Nota de H. P. Blavatsky)

astronômica e Cosmogônica, esta Criação se relaciona com o primeiro estágio da vida Cósmica, o período da neblina ígnea <sup>345</sup> depois do seu estágio Caótico <sup>346</sup>, quando os átomos saem de *Laya*.

**(III.)** A terceira Criação (a *Indriya*) foi a forma modificada de *Ahankara*, a concepção de “Eu” (a partir de “*Aham*”, “Eu”), chamada de Criação orgânica ou de Criação dos sentidos (*Aindriyaka*). “Estas três foram as criações Prakrita, os desenvolvimentos (diferenciados) da natureza indiferenciada precedida pelo princípio indiferenciado.” As palavras “precedida por” deveriam ser substituídas aqui pela expressão “começando com” *Buddhi*; porque este último não é nem uma quantidade diferenciada nem uma *quantidade indiferenciada*, mas compartilha da natureza de ambos, tanto no ser humano como no Cosmos: uma unidade - uma MÔNADA humana no plano da ilusão - quando uma vez liberado das três formas de *Ahankara* e liberado do seu *manas* terrestre, *Buddhi* se torna verdadeiramente uma quantidade contínua, tanto na duração como na extensão, porque é eterno e imortal. Mais cedo é afirmado que a *terceira* Criação, “plena da qualidade de bondade, é chamada de *Urdhvasrotas*”; e uma ou duas páginas mais adiante a criação *Urdhvasrotas* é mencionada como “a sexta criação ..... a criação das divindades” (p.75). Isto mostra claramente que os *manvântaras* anteriores, assim como os posteriores, foram confundidos de propósito, para evitar que o profano percebesse a verdade. Isso é chamado de “incongruência” e de “contradições” pelos Orientalistas.<sup>347</sup>

---

<sup>345</sup> No original, *fire-mist*. (Nota do Tradutor)

<sup>346</sup> Desde o início, os Orientalistas se viram confrontados por grandes dificuldades em relação a qualquer possível ordem nas *Criações* Purânicas. Brahma é com muita frequência confundido com Brahmâ, por Wilson, fato pelo qual ele é criticado por seus sucessores. Os “*Original Sanscrit Texts*” são preferidos pelo sr. Fitzedward Hall para a tradução do *Vishnu Purana* e textos, ao invés dos usados por Wilson. “Se o professor Wilson tivesse contado com as vantagens que agora estão à disposição do estudante de filosofia indiana, ele inegavelmente se teria expressado de outra forma”, segundo disse o editor das suas obras. Isso faz lembrar da resposta dada por um dos admiradores de Thomas Taylor aos eruditos que criticaram as suas traduções de Platão. “Thomas Taylor podia ter menos conhecimento do idioma grego que os seus críticos, mas ele entendia Platão muito melhor do que eles”, afirmou ele. Os nossos atuais Orientalistas desfiguram muito mais o sentido *místico* dos textos sânscritos do que Wilson jamais fez, embora Wilson tenha cometido, sem dúvida, erros bastante grosseiros. (Nota de H. P. Blavatsky)

<sup>347</sup> “As três Criações que começam com Inteligência são elementais, mas as seis criações que procedem da série da qual o Intelecto é o primeiro são trabalho de Brahmâ” (*Vayu-Purana*). Aqui “criações” significam em toda parte *estágios* de Evolução. *Mahat*, “Intelecto” ou *mente* (que corresponde a *Manas*, sendo que *Mahat* está no plano Cósmico enquanto *Manas* está no plano humano) permanece aqui, também, abaixo de *Buddhi*, a Inteligência Supra-divina. Portanto, quando lemos em *Linga Purana* que “a primeira Criação foi a criação de *Mahat*, e o Intelecto é o primeiro em manifestação”, devemos relacionar esta criação (especificada) à primeira evolução do nosso sistema ou mesmo à nossa Terra. Nenhum dos anteriores é discutido nos *Puranas*, mas são objeto apenas de ocasionais menções indiretas. (Nota de H. P. Blavatsky)

Esta “criação” dos imortais, “*Deva-Sarga*”, é a última da primeira série, e tem uma referência universal; ou seja, uma referência a Evoluções em geral, não especificamente ao nosso *Manvântara*; mas o nosso *Manvântara* começa com ela, uma e outra vez, mostrando que ela se refere a vários diferentes *Kalpas*. Porque afirma-se: “no final do passado (*Padma*) *Kalpa* o divino *Brahmâ* acordou da sua noite de sono e observou o vazio do universo.” Então *Brahmâ* é mostrado passando mais uma vez pelas “sete criações” no estágio secundário da evolução, repetindo as três primeiras no plano objetivo.

(IV.) A Criação *Mukhya*, a Primária, porque começa a série de quatro. Nem a ideia de corpos “inanimados”, nem a de coisas *inamovíveis*, tal como traduzidas por Wilson, dão uma visão correta dos termos sânscritos usados. A filosofia esotérica não é a única que rejeita a ideia de que algum átomo possa ser *inorgânico*, porque esta rejeição está também no hinduísmo ortodoxo. Além disso, o próprio Wilson diz (em suas obras reunidas, vol. III, p. 381): “Todos os sistemas hindus consideram os corpos vegetais como dotados de vida .....”. *Charâchara*, assim como os seus sinônimos *sthâvara* e *jangama*, é, portanto, definido erradamente como “animado e inanimado”, “seres sensíveis”, e “seres inconscientes”, ou “seres conscientes e inconscientes”, etc., etc. “Locomotores e fixos” seria melhor, já que as árvores são vistas como possuindo almas. *Mukhya* é a “criação” ou evolução orgânica do reino vegetal. Neste Período *secundário*, os três graus de Reinos Elementais ou Rudimentares são desenvolvidos neste mundo, correspondendo na ordem *inversa* às três criações *Prakríticas* durante o período Primário da atividade de *Brahmâ*. Como naquele período, nas palavras do “*Vishnu Purana*”: “A primeira criação foi a criação de *Mahat* (Intelecto), a segunda, de *Tanmatras* (princípios rudimentares), e a terceira, foi a criação dos sentidos (*Aindriyaka*)”; nesta última, a ordem das Forças Elementais fica assim: (1) Os centros *nascentes* de Força (intelectual e física); (2) os princípios rudimentares - a *força dos nervos*, por assim dizer; e (3) a nascente *apercepção*<sup>348</sup>, que é o *Mahat* dos reinos inferiores, desenvolvido especialmente na terceira ordem dos Elementais; estes são sucedidos pelo reino objetivo dos minerais, no qual aquela *apercepção* é inteiramente latente, e ela se re-desenvolverá somente nas plantas. A “Criação” *mukhya*, então é o ponto intermediário entre os três reinos inferiores e os três reinos superiores, que representam os sete reinos esotéricos do Cosmos, assim como da Terra.

---

<sup>348</sup> *Apercepção*: diferentes filósofos usam o termo de maneiras diversas. Numa definição simples, podemos dizer que *apercepção* é uma *percepção interior*, uma *percepção do espírito*. Poucas palavras mais adiante HPB afirma que a *apercepção* está latente nos minerais e se desenvolve nas plantas, ou seja, o espírito está presente em todos os reinos, seja de forma latente ou plena. (Nota do Tradutor)



(V.) A criação *Tiryaksrotas* (ou *Tairyagyonya*), a criação dos “animais (*sagrados*)”<sup>349</sup>, e que corresponde só na Terra à criação dos animais mudos. O que se quer dizer com “animais”, na Criação *primária*, é o germe da consciência que desperta, isto é, da *apercepção*, que pode ser palidamente encontrada em algumas plantas sensitivas na Terra e mais nitidamente no reino monera *protista*<sup>350, 351</sup>. Em nosso globo, durante a primeira ronda, a “criação” animal precede a criação do homem, enquanto os animais (mamíferos) surgem do ser humano em nossa quarta ronda - no plano físico: na Ronda I, os átomos animais são atraídos para uma coesão da forma física humana; enquanto na Ronda IV ocorre o contrário de acordo com as condições magnéticas desenvolvidas durante a vida. E isso é *metempsicose* (Veja “*Mineral Monad*” em “[Five Years of Theosophy](#)”, pp. 273-278, e mais especialmente 276). Este quinto estágio de evolução, chamado exotericamente de “Criação”, pode ser visto tanto no período *Primário* como no período *Secundário*, num como Espiritual e Cósmico, no outro como material e *terrestre*. Esta criação é *Arquibiose*, a originação-da-vida; “originação”, naturalmente, por enquanto no que se refere à *manifestação* da vida em todos os sete planos. É neste período de Evolução que o movimento, ou vibração, universal *absolutamente eterno*, aquilo que se chama na linguagem Esotérica “o GRANDE SOPRO” se diferencia no primeiro ÁTOMO manifestado primordial. Cada vez mais, à medida que progredem as ciências da química e da física, este axioma oculto encontra a sua corroboração no mundo do conhecimento. A hipótese científica de que mesmo os elementos mais simples da matéria são idênticos em sua natureza e diferem um do outro apenas devido à variedade da distribuição de *átomos* na molécula ou partícula de substância, ou devido aos modos da sua *vibração atômica*, ganha mais terreno todos os dias.

Assim como a diferenciação do germe primordial da vida tem que preceder a evolução do Dhyan Chohan *do terceiro* grupo ou terceira hierarquia do Ser na Criação *Primária*, antes que aqueles “deuses” possam tornar-se *rupa* (corporificados na sua primeira forma etérea), assim também a criação animal tem que *preceder*, pela mesma razão, o HOMEM *divino* na Terra. E é por isso que nós encontramos nos Puranas: “A quinta criação, a criação *Tairyagyonya*, foi a criação dos animais”, e -

(VI.) A criação *Urdhvasrotas*, ou a criação das divindades (*Vishnu Purana, Livro I, cap. I*). Mas estas (divindades) são simplesmente os protótipos da Primeira Raça, os

---

<sup>349</sup> O professor Wilson o traduz como se os animais estivessem mais altos na escala da “criação” que as divindades, ou anjos, embora a verdade sobre os devas seja afirmada muito claramente mais adiante. Esta “criação”, diz o texto, é tanto *primária (Prakrita)* quanto *secundária (Vaikrita)*. Ela é *secundária* em relação à origem dos deuses em Brahmâ (o *criador, pessoal* e antropomórfico, do nosso universo material); e esta criação é *primária* na medida em que afeta Rudra, o qual é a produção imediata do primeiro princípio. Rudra não é apenas um título de Shiva, mas inclui agentes da criação, anjos e homens, conforme será mostrado mais adiante. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>350</sup> Protista ou protoctista, em português (Nota do Tradutor)

<sup>351</sup> Nem planta nem animal, mas uma existência entre estes dois. (Nota de H.P. Blavatsky)

pais da sua progênie “nascida-da-mente” com os ossos *macios*.<sup>352</sup> São estes que se tornam os *Desenvolvedores* dos “nascidos-por-Suor”, expressão que é explicada no volume II. Finalmente, a sexta “Criação” é sucedida, e a *Criação* em geral é concluída com -

**(VII.)** A evolução dos seres “*Arvaksrotas*, que foi a sétima, e foi a criação do homem” (*Vishnu Purana*, livro I).

A “oitava criação” mencionada não é de modo algum uma *Criação*; é um *disfarce*, novamente, porque se refere a um processo puramente mental; a cognição da “nona” criação, a qual, por sua vez, é um efeito, manifestando-se na “Criação” *secundária* daquilo que era uma “Criação” na Criação *Primária* (*Prakrita*).<sup>353</sup> A *Oitava*, então, chamada de *Anugraha* (a criação *Pratyayasarga* ou criação *intelectual* dos Sankhyas, explicada em *Karika*, v. 46, p. 146), é “aquela criação da qual *nós temos uma percepção*” - no seu aspecto esotérico - e “à qual nós damos uma aprovação intelectual (*Anugraha*), em contraposição à *criação orgânica*.” É a percepção correta das nossas relações com toda a variedade de “deuses” e especialmente aquelas relações que nós temos com os *Kumaras* - a chamada “Nona Criação” - que é na realidade um aspecto ou reflexo da sexta em nosso manvântara (o manvântara *Vaivasvata*). “Há uma *nona*, a Criação *Kumara*, que é ao mesmo tempo *primária* e *secundária*”, diz o *Vishnu Purana*, o mais antigo de tais textos.<sup>354</sup> “Os *Kumaras*”, explica um texto *esotérico*, “são os *Dhyanis*, derivados diretamente do Princípio Supremo, e que reaparecem no período do *Manu Vaivasvata*, para o progresso da

---

<sup>352</sup> “Seres criados”, explica o *Vishnu Purana* - “embora eles sejam destruídos (nas suas formas individuais) nos períodos de dissolução, no entanto, sendo afetados pelos bons ou maus atos de *existências* anteriores, nunca estão isentos das consequências deles. E quando *Brahmâ* produz o mundo de novo, eles são a progênie da vontade dele .....”. “*Concentrando a sua mente em si mesmo* (a vontade da *Ioga*), *Brahmâ* cria as quatro ordens de seres, chamadas de deuses, demônios, *progenitores* e *HOMENS*” ..... “*progenitores*” são os protótipos e *Desenvolvedores* da Primeira Raça Raiz dos homens. Os *progenitores* são os *Pitris* e estão divididos em sete classes. Afirma-se em mitologia *exotérica* que eles nasceram a partir *de um lado de Brahma*, como *Eva* nasceu da costela de *Adão*. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>353</sup> “Estas noções”, destaca o Dr. Wilson, “o nascimento de *Rudra* e dos santos, parecem ter sido *tomadas por empréstimo* dos *Shaivas*, e terem sido enxertadas de modo pouco eficiente no sistema *Vaishnava*.” O significado esotérico deveria ter sido consultado antes de lançar uma tal hipótese. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>354</sup> *Parasara*, o *Rishi Védico*, que recebeu o *Vishnu Purana* de *Pulastya* e ensinou-o para *Maitreya*, é colocado pelos *Orientalistas* em várias épocas. Como é corretamente observado no *Hindu Class. Dict.*: - “*Especulações* em relação à era dele diferem amplamente desde 575 antes da era cristã até 1391 antes da era cristã, e *não são confiáveis*.” A afirmação é perfeitamente verdadeira, mas é igualmente válida para qualquer outra data definida pelos *Sanscritistas*, que sempre se destacam neste departamento de fantasias arbitrárias. (Nota de H.P. Blavatsky)

humanidade.”<sup>355</sup> O comentador do *Vishnu Purana* corrobora isso, ao destacar que “estes *sábios* vivem tanto tempo quanto Brahmâ; e eles só são criados por ele no *primeiro* Kalpa, embora a geração deles seja muito comumente e muito incoerentemente atribuída ao Kalpa *Varaha*, ou *Padma*” (o secundário). Assim, os Kumaras são, exotericamente, “a criação de Rudra ou Nilalohita, uma forma de Shiva, por parte de Brahmâ, e de certos outros filhos de Brahmâ, nascidos-da-mente. Mas, no ensinamento esotérico, eles são os progenitores do verdadeiro EU espiritual do homem físico, os Prajapati mais elevados, enquanto os Pitris, os Prajapati inferiores, não são mais que os *pais* do modelo, o tipo da sua forma física, feita “à *sua* imagem”. Quatro Kumaras (e ocasionalmente *cinco*) são livremente mencionados nos textos exotéricos, mas três deles são secretos.<sup>356</sup> (Compare com o que é dito no texto “*Sobre o Mito do ‘Anjo Caído’ em Seus Vários Aspectos*”, no volume II.)<sup>357</sup>

Os Kumaras exotéricos são quatro: Sanat-Kumara, Sananda, Sanaka, e Sanatana; e os três esotéricos são: Sana, Kapila, e Sanat-sujata. Mais uma vez este tipo de Dhyana Chohans merece uma atenção especial, porque aqui está o mistério da geração e da hereditariedade sugerido no Volume I. (Veja o Comentário à Estância VII.) O Volume II explica a posição deles na Hierarquia divina. Enquanto isso, vejamos o que os textos *exotéricos* dizem sobre eles.

Não dizem muito; e não dizem coisa alguma, para quem não possa ler nas entrelinhas. “Devemos recorrer, aqui, a outros Puranas para a elucidação deste termo”, destaca Wilson, que não suspeita nem por um momento que está na presença dos “Anjos da Escuridão”, o mítico “grande inimigo” da sua Igreja. Portanto, ele se esforça para *elucidar* a questão indicando apenas que estas (divindades) SE

---

<sup>355</sup> Eles podem realmente assinalar uma *criação* “especial” ou extra, porque são eles que, ao encarnar eles mesmos dentro das cascas humanas insensíveis das duas primeiras Raças-Raízes, e de uma grande parte da Terceira Raça-Raiz - criam, por assim dizer, uma *nova raça*: a raça do homem pensante, autoconsciente e *divino*. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>356</sup> “Os quatro Kumaras (são) os filhos nascidos-da-mente de Brahmâ. Alguns *especificam sete*.” (*H. Class. Dict.*) Todos estes sete Vaidhatra, o patronímico dos Kumaras, “os filhos do Criador”, são mencionados e descritos em “Sankhya Karika”, de Ishwara Krishna, com o Comentário de Gaudapadacharya (o *paraguru* de Shankaracharya) anexado. O texto discute a natureza dos Kumaras, embora evite mencionar *por nome* todos os sete Kumaras, mas chama-os, em vez disso, de “os sete filhos de Brahmâ”, o que eles são, de fato, já que foram criados por Brahmâ em Rudra. A lista de nomes que ele menciona é a seguinte: Sanaka, Sanandana, Sanatana, Kapila, Ribhu e Panchasikha. Mas estes são todos *pseudônimos*. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>357</sup> Em inglês, o texto “*Sobre o Mito do ‘Anjo Caído’ em Seus Vários Aspectos*” começa à p. 475 do volume II da edição de 1888. (Nota do Tradutor)

NEGARAM A CRIAR PROGÊNIE <sup>358</sup> (e assim se rebelaram contra Brahmâ), e permaneceram, como o nome do primeiro indica implicitamente, sempre meninos, Kumaras: isto é, sempre puros e inocentes, e por isso a criação deles é também chamada de criação “Kumara” (*Livro I, cap. v, Vishnu Purana*). Os Puranas, no entanto podem lançar um pouco mais de luz. “Porque ele é sempre tal como quando nasceu, ele é aqui chamado de jovem, e por isso o seu nome é bem conhecido como Sanat-Kumara” (*Linga Purana*, seção anterior, LXX, 174). No *Saiva Purana*, os Kumaras são sempre descritos como Iogues. O Kurma Purana, depois de enumerá-los, afirma: “Estes cinco, ó brâmanes, foram Iogues, e conquistaram uma total isenção de paixões.” Eles são *cinco*, porque dois dos Kumaras *caíram*.

De todas as sete grandes divisões dos Dhyán-Chohans, ou Devas, não há nenhuma que se relacione mais diretamente com a humanidade do que a divisão dos Kumaras. São imprudentes os teólogos cristãos que degradaram os Kumaras à condição de Anjos *caídos*, e agora os chamam de “Satã” e Demônios; porque entre estes habitantes das regiões celestes que *se recusaram a criar* o Arcanjo Miguel - o maior Santo e patrono das Igrejas Ocidentais e Orientais, sob o seu duplo nome de S. Miguel e sua suposta cópia na Terra, S. Jorge vencendo o dragão - ocupa um dos

---

<sup>358</sup> Algumas traduções dos Orientalistas são tão indignas de merecer confiança que na tradução francesa de *Hari-Vamsa*, afirma-se: “Os sete Prajapati, Rudra, Skanda (seu filho) e Sanat-Kumara passaram a criar seres”. Quando na verdade, como Wilson mostra, o original diz: “Estes sete ..... criaram progênie: e Rudra fez o mesmo, mas Skanda e Sanat Kumara, *restringindo o seu próprio poder, abstiveram-se da criação*”. As “quatro ordens de seres” são mencionadas às vezes como “Ambhamsi”, que Wilson expressa assim: “literalmente, Águas”, e acredita que é um “termo místico”. É um termo místico, sem dúvida; mas evidentemente Wilson não conseguiu perceber o *real* significado esotérico. “Águas” e “água” funcionam como símbolos de Akasha, o “Oceano primordial do Espaço”, no qual Narayana, o Espírito autonascido, se movimenta: reclinando-se sobre *aquilo que é a sua progênie* (*Veja Manu*). “Água é o corpo de Nara; assim nós ouvimos a explicação do nome de Nara. Já que *Brahmâ* descansa sobre a água, por isso ele é chamado de *Narayana*” (*Puranas Linga, Vayu e Markandeya*). “..... Puro, Purusha criou as águas puras .....” ao mesmo tempo a Água é o terceiro princípio no Cosmos material, e o terceiro no reino do Espiritual: *Espírito* do Fogo, Chama, Akasha, Éter, Água, Ar, Terra, são os princípios cósmico, sideral, psíquico, espiritual e místico, *preeminentemente ocultos*, em todos os *planos* da existência. “Deuses, Demônios, Pitris e homens” são as quatro ordens de seres para as quais se aplica o termo *Ambhamsi* (nos Vedas, é sinônimo de deuses): porque todos eles são produtos das ÁGUAS (misticamente), do Oceano Akáshico, e do Terceiro Princípio na natureza. Os Pitris e os homens na Terra são as transformações (renascimentos) de deuses e demônios (Espíritos) de um plano mais elevado. A água é, em outro sentido, o princípio feminino. Vênus Afrodite é o Mar personificado, e a mãe do deus do amor, o gerador de todos os deuses, assim como a Virgem Maria cristã é *Mare* (o mar), a mãe do Deus Ocidental do Amor, da Misericórdia e da Caridade. Se o estudante de filosofia Esotérica pensar profundamente sobre o assunto, ele certamente descobrirá todo o poder sugestivo do termo *Ambhamsi*, em suas múltiplas correlações com a Virgem do Céu, com a Virgem Celestial dos Alquimistas, e mesmo com as “Águas da Graça” do batista moderno. (Nota de H.P. Blavatsky)

lugares mais destacados. (Veja no volume II os textos “*Jardim do Éden, Serpentes e Dragões*” e “*Serpentes e Dragões Sob Diferentes Simbolismos*”).

Os Kumaras são os “Filhos nascidos-da-mente” de *Brahmâ-Rudra* (ou Shiva-Rudra), o uivante e terrífico *destruidor das paixões humanas e dos sentidos físicos*, os quais são sempre obstáculos ao desenvolvimento das percepções espirituais mais elevadas e do crescimento do homem *interior* e eterno. Misticamente <sup>359</sup>, os Kumaras são a progênie de Shiva, o *Maha-iogue*, o grande patrono de todos os iogues e místicos da Índia. Eles próprios, sendo os “Ascetas-Virgens”, se recusam a criar o ser HUMANO *material*. Nem se pode suspeitar de uma conexão direta entre eles e o Arcanjo Miguel cristão, o “Combatente Virgem” do Dragão *Apófis*, cuja vítima é toda alma unida de modo demasiado frouxo ao seu Espírito imortal; o anjo que, conforme mostrado pelos Gnósticos, *se recusou a criar*, tal como os Kumaras fizeram. <sup>360</sup> ..... Aquele patrono-Anjo dos judeus não *preside* sobre Saturno (Shiva ou Rudra), e o Sabbath, o dia de Saturno? Ele não é descrito como tendo a mesma essência que o seu pai (Saturno), e não é chamado de “Filho do Tempo”, *Cronos, ou Kala* (Tempo), uma forma de Brahmâ (Vishnu e Shiva)? E não é, o “Velho Tempo” dos gregos, com sua foíce e seu relógio de areia, idêntico ao “Ancião dos Dias” dos Cabalistas, este último “Ancião” sendo o mesmo “Ancião dos Dias” hindu, Brahmâ (em sua forma *triúna*), cujo nome é também “Sanat”, o Antigo? Todo Kumara tem em seu nome o prefixo de *Sanat* e *Sana*; e Sanaischara é Saturno, o planeta (Sani e Sarra), o rei Saturno cujo Secretário no Egito era Thot-Hermes, o primeiro. Eles são, assim, identificados tanto com o planeta como com o deus (Shiva), os quais são, por sua vez, mostrados como os protótipos de Saturno, que é o mesmo que Bel, Baal, Shiva e Jeová Sabbaoth, *o anjo cuja face é MICAEL* <sup>361</sup> ( מִיכָאֵל “que é como Deus”). Ele é o patrono e anjo guardião dos judeus, como Daniel informa (v. 21), e antes que os Kumaras fossem degradados à condição de demônios e anjos caídos por aqueles que ignoram o verdadeiro nome deles, os ofitas gregos, os precursores e predecessores ocultamente inclinados da Igreja Católica Romana depois da sua cisão e separação da primitiva Igreja Grega, tinham identificado Miguel com o *Ofiomorfo* deles, o espírito rebelde e opositor. Isto significa apenas o aspecto reverso

---

<sup>359</sup> Shiva-Rudra é o Destruidor, assim como Vishnu é o Preservador; e ambos são os regeneradores da natureza espiritual, tanto quanto da natureza física. Para que uma *planta* viva, a *semente* deve morrer. Para viver como uma entidade consciente no Tempo Eterno, as paixões e os sentidos do ser humano devem MORRER antes que o seu corpo morra. A frase “viver é morrer e morrer é viver” tem sido pouco compreendida no Ocidente. Shiva, o *destruidor*, é o *criador* e o Salvador do homem espiritual, e também é o bom jardineiro da natureza. Ele elimina as ervas daninhas das plantas, humanas e cósmicas, e mata as paixões do ser humano físico, trazendo à vida as percepções do homem espiritual. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>360</sup> Veja “*Jardim do Éden, Serpentes e Dragões*” (p. 202 do original em inglês) e “*Serpentes e Dragões Sob Diferentes Simbolismos*”, p. 354 do original em inglês. (Nota de H.P. Blavatsky, ampliada pelo Tradutor)

<sup>361</sup> Micael, isto é, Miguel. (Nota do Tradutor)

(simbolicamente) de Ophis, a Sabedoria divina ou Christos. No *Talmude*, *Micael* (Miguel) é o “Príncipe da *Água*” e o principal dos sete Espíritos, pela mesma razão que o seu protótipo (entre muitos outros), Sanat-Sujata - o principal dos Kumaras -, é chamado de Ambhamsi, “Águas”, de acordo com o comentário sobre o *Vishnu Purana*. Por quê? Porque “Águas” é um outro nome do “Grande Profundo”, as Águas primordiais do Espaço ou *Caos*, e também significa “Mãe”, *Amba*, o que quer dizer Aditi e Akasha, a Virgem-Mãe Celestial do universo visível. Além disso, as “Águas da inundação” são também chamadas de “o GRANDE DRAGÃO”, ou Ophis, Ofio-Morfo.

Os Rudras devem ser reconhecidos em seu caráter Setenário de “Espíritos-de-Fogo” no “Simbolismo” que há em torno das Estâncias do Volume II. Lá nós consideraremos também a Cruz (3 + 4) na sua forma primitiva e em suas formas posteriores, e, com o objetivo de comparar, colocaremos os números pitagóricos lado a lado com a Metrologia hebraica. A imensa importância do número *sete* ficará assim evidente como o número básico da natureza. O examinaremos desde o ponto de vista dos Vedas e das Escrituras Caldeias, tal como existia no Egito milhares de anos antes da era cristã, e como é tratado nos registros Gnósticos; veremos de que modo a sua importância como número básico ganhou reconhecimento na Ciência Física; e trataremos de provar que a importância atribuída a este número *sete* em toda a antiguidade não era resultado da imaginação fantasiosa de sacerdotes ignorantes, mas a um profundo conhecimento da lei natural.

## 14. Os Quatro Elementos [\(Volte para o Sumário\)](#)

**M**etafísica e esotericamente há apenas Um ELEMENTO na natureza, e na base dele está a Divindade; e os assim chamados *sete* elementos, dos quais cinco já manifestaram e afirmaram a sua existência, são a vestimenta, o *véu*, *daquela divindade*; diretamente de cuja essência vem o HOMEM, seja ele considerado fisicamente, psiquicamente, mentalmente ou espiritualmente. Apenas quatro elementos são geralmente conhecidos na parte final da antiguidade, e cinco são admitidos apenas em filosofia. Porque o corpo do éter ainda não está completamente manifestado, e o seu número ainda é “O Pai Onipotente - Éter, a síntese do resto”. Mas o que são estes “ELEMENTOS” cujos corpos compostos têm sido agora descobertos pela Química e pela Física como contendo inúmeros sub-elementos, dos quais mesmo os números de sessenta ou setenta já não abrangem toda a quantidade suspeitada? (Veja a parte III deste volume, *Adendos*, seções 11 e 12, com citações das palestras do sr. Crookes.) Sigamos a evolução deles, desde o seu início *histórico*.

Os quatro Elementos foram inteiramente caracterizados por Platão quando ele disse que eles são *aquilo* “que *compõe* e *decompõe* os *corpos compostos*”. Portanto a Cosmolatria nunca foi, nem no seu pior aspecto, um fetichismo que adora a forma

externa passiva e a matéria de qualquer objeto, mas ela olhou sempre para o *númeno* interior. Fogo, Ar, Água, Terra, eram apenas a vestimenta visível, os símbolos das Almas ou dos Espíritos orientadores invisíveis - os deuses Cósmicos adorados pelos ignorantes e simplesmente reconhecidos, respeitosamente, pelos mais sábios. Por sua vez, as subdivisões *fenomênicas* dos Elementos *numenais* eram guiadas pelos chamados Elementais, os “Espíritos da Natureza” de graus inferiores.

Na *Teogonia* de Moschus, vemos primeiro o Éter, e depois o ar; destes dois princípios nasce Ulom, Deus *inteligível* (**νοήτος**), o universo visível de matéria.<sup>362</sup>

Nos hinos Órficos, o Eros-Phanes evolui a partir do Ovo Espiritual, que os ventos Etéreos impregnam. O Vento representa “o Espírito de Deus”, de quem se diz que se movimenta no Éter, “chocando sobre o caos” - a “Ideia” Divina.<sup>363</sup> No *Katha Upanixade* hindu, Purusha, o Espírito Divino, já permanece diante da matéria original, de cuja união surge a grande Alma do Mundo, “Maha=Atma, Brahm, o Espírito da Vida”.<sup>364</sup> Estas últimas denominações são, outra vez, idênticas em significado a Alma Universal, ou *Anima Mundi*, sendo a Luz Astral dos Teurgistas e Cabalistas, a sua divisão derradeira e mais inferior.

Os **στοιχεῖα**, (elementos) de Platão e Aristóteles, eram assim os *princípios incorpóreos* vinculados às quatro grandes divisões do nosso Mundo Cósmico, e é com justiça que Creuzer define estas crenças primitivas ..... “*como uma espécie de magismo, um paganismo psíquico*”<sup>365</sup>, e uma *deificação de potências*; uma espiritualização que colocava os crentes em uma forte comunhão com estas potências” (G. F. Creuzer, Livro IX, p. 850). Uma comunhão tão forte, de fato, que as hierarquias daquelas potências ou Forças têm sido classificadas numa escala graduada de sete desde o ponderável até o imponderável. Elas são Setenárias, - não como uma ajuda artificial para facilitar a sua compreensão - mas na sua real gradação *Cósmica*, desde a sua composição química (ou física) até a sua composição puramente espiritual. São *deuses* - para as massas ignorantes - deuses supremos e independentes; são demônios, para os fanáticos, os quais, por mais intelectuais que possam ser, não conseguem compreender o Espírito da frase filosófica *e pluribus*

---

<sup>362</sup> Movers: “Die Phönizer”, vol. I, p. 282. (Nota de H.P. Blavatsky ampliada por Boris de Zirkoff)

<sup>363</sup> No original, “brooding over”, *chocando*: o Espírito *choca* a Ideia Divina tal como a fêmea de um pássaro *choca* ovos para ter uma ninhada. (Nota do Tradutor)

<sup>364</sup> Weber: “Akad. Vorles.”, pp. 213, 214, etc. (Nota de H.P. Blavatsky)

<sup>365</sup> “Psíquico”: quando usado por Blavatsky, este termo em geral significa “relativo ao eu inferior, inclusive às funções perceptivas extrassensoriais que não se erguem acima desta dimensão limitada de consciência.” (Nota do Tradutor)

*unum*.<sup>366</sup> Para o filósofo hermético elas são FORÇAS *relativamente* “cegas”, ou “*inteligentes*”, conforme os princípios delas com que o filósofo hermético lida. Foram necessários longos milênios para que estas Forças fossem finalmente degradadas, em nossa época tão culta, à condição de simples elementos químicos.

De qualquer modo, os bons cristãos, e especialmente os Protestantes Bíblicos, devem ter mais reverência pelos quatro Elementos, se quiserem mostrar alguma reverência em relação a Moisés. Porque em cada página do Pentateuco a Bíblia mostra a consideração e a importância mística que os quatro Elementos tinham para o Legislador Hebreu. A tenda que continha o Santo dos Santos era um Símbolo Cósmico, consagrado, em um dos seus significados, aos Elementos, aos quatro pontos cardeais, e ao ÉTER. Flávio Josefo descreve-o como construído em cor branca, a cor do Éter.<sup>367</sup> E isto explica também por que, nos templos egípcios e hebreus, de acordo com Clemente de Alexandria, uma gigantesca cortina sustentada por cinco pilares separava o *santo dos santos* (agora representado pelo altar nas igrejas cristãs) - onde só os sacerdotes tinham permissão para entrar - da parte que era acessível ao profano. Através das suas *quatro* cores, a cortina simbolizava os quatro principais Elementos, e registrava aquele conhecimento, em relação ao que é divino, que os *cinco* sentidos podem capacitar o homem para adquirir com a ajuda dos *quatro* Elementos.<sup>368</sup>

Em “Ancient Fragments”, de Cory, um dos “Oráculos Caldeus” expressa ideias sobre os Elementos e o Éter em linguagem singularmente semelhante à linguagem de “Unseen Universe”, obra escrita por dois eminentes cientistas dos tempos atuais.<sup>369</sup>

Ela afirma que “todas as coisas provêm do éter e a ele retornarão; que as imagens de todas as coisas estão indelevelmente impressas sobre ele; e que ele é o armazém dos germes ou dos restos de todas as formas visíveis, e até das ideias. Dir-se-ia que esta circunstância corrobora a nossa asserção de que, sejam quais forem as descobertas feitas em nossa época, elas foram antecipadas em muitos milhares de anos por nossos ‘ancestrais imbecis’.” (*Ísis Sem Véu*, Ed. Pensamento, SP, volume I, pp. 252-253)

---

<sup>366</sup> “E pluribus unum” (*a unidade na diversidade*, ou *um a partir de muitos*). Esta frase clássica em latim pertence a um poema de Virgílio e foi adotada como lema do brasão dos Estados Unidos da América do Norte. (Nota do Tradutor)

<sup>367</sup> *Antiquities of the Jews*, Book III, § 132. (Nota de Boris de Zirkoff)

<sup>368</sup> Clemens Alexandrinus, *Stromateis*, Livro V, cap. vi. (Nota de HPB, revisada por Boris de Zirkoff)

<sup>369</sup> “The Unseen Universe”, de Balfour Stewart e P. G. Tait, publicado pela primeira vez em 1875. Atualmente a obra é distribuída pela Cambridge University Press. (Nota do Tradutor)



De onde vieram os quatro elementos e os *malachim* dos hebreus? Graças a um truque mágico realizado pelos rabinos e pelos Padres da Igreja, eles se misturaram com Jeová, mas a origem deles é idêntica com a dos deuses Cósmicos de todas as outras nações. Os símbolos deles, sejam nascidos nas margens do rio Oxus, nas areias quentes do Alto Egito, ou nas florestas naturais, estranhamente glaciais, que cobrem as encostas e os picos das sagradas montanhas nevadas da Tessália, ou ainda nos *pampas* da América, os seus símbolos, dizíamos, quando investigados até sua fonte, são sempre os mesmos. Fosse egípcio ou pelásgico, ariano ou semita, o *genius loci*, o deus local, abrangia na sua unidade toda a natureza, mas não especialmente os quatro elementos, que não eram colocados acima das suas outras criações como árvores, rios, montanhas ou estrelas. O *genius loci* - uma ideia bastante tardia das últimas sub-raças da quinta raça raiz, quando o significado primitivo e grandioso estava quase perdido - foi sempre o representante, através dos seus títulos acumulados, de todos os seus colegas. Era o deus do *fogo*, simbolizado pelo trovão, como Júpiter e Agni; o deus da *água*, simbolizado pelo touro fluvial ou algum rio sagrado ou fonte sagrada, como Varuna, Netuno, etc.; o deus do *ar*, manifestando-se no furacão e na tempestade, como Vayu e Indra; e o deus ou espírito da terra, que aparecia em terremotos, como Plutão, Yama, e tantos outros.

Estes eram deuses Cósmicos, sempre sintetizando todos em um, tal como vemos em cada cosmogonia ou mitologia. Assim, os gregos tinham o seu Júpiter de Dodona, que incluía em si mesmo os quatro elementos e os quatro pontos cardeais, e que era reconhecido, portanto, na velha Roma, sob o título panteístico de *Jupiter Mundus*; e que agora, na Roma moderna, se transformou no *Deus Mundus*, o único deus mundial, que foi forçado na teologia mais recente a engolir todos os outros - por uma decisão autoritária dos seus ministros especiais.

Como deuses do Fogo, do Ar, da Água, eles são deuses *celestiais*; como deuses da *região inferior*, eles eram divindades *infernais*; este último adjetivo se aplica simplesmente à *Terra*. Eles eram “Espíritos da Terra” sob os seus respectivos nomes de Yama, Plutão, Osíris, o “Rei do reino inferior, etc., etc.”, e o seu caráter telúrico comprova isso suficientemente.<sup>370</sup> Os antigos não conheciam nenhuma morada após a morte pior do que o *Kamaloka*, o *limbus* nesta Terra. Pode ser alegado que Júpiter de Dodona era identificado com Aidoneus, o rei do mundo subterrâneo, e *Dis*, ou o romano Plutão e o Dionísio Ctônio, o subterrâneo, em cuja região, de acordo com Creuzer (I, vi, cap. 1), oráculos eram produzidos. Neste caso será uma satisfação para os Ocultistas comprovar que tanto Aidoneus como Dionísio são as bases de Adonai, ou “Jurbo Adonai”, como Jeová é chamado no Codex Nazaraeus. “Vós não adorareis o Sol, que é chamado de Adonai, cujo nome é também *Kadush* e El-El” (Codex Nazaraeus, I, 47; Ver também Salmos, lxxxix, 18) e também “Senhor Baco”.

---

<sup>370</sup> A *Geena* da Bíblia era um vale perto de Jerusalém onde os judeus monoteístas imolavam as suas crianças para Moloch, se for possível acreditar na palavra do profeta Jeremias. O *Hel* ou *Hela* escandinavo era uma região fria - *Kamaloka* -, e o Amenti egípcio um lugar de purificação. (Veja “Ísis Sem Véu”, Ed. Pensamento, vol. III, p. 21.) (Nota de H.P. Blavatsky)

Baal-Adonis dos *Sods* ou Mistérios dos judeus pré-babilônicos se transformou no Adonai através da Massorá, e mais tarde em Jeová com vogais. Portanto, os católicos romanos estão certos. Todos estes Júpiteres são da mesma família; mas Jeová tem que ser incluído para torná-la completa. *Júpiter Aerios* ou *Pan*, o Júpiter Amon e o Júpiter Bel-Moloch são todas correlações de, e idênticas a, Jurbo-Adonai, porque são todos eles a natureza cósmica una. Esta natureza e este poder criam o símbolo terrestre específico, e a estrutura física e material desta última comprova que a Energia manifestando-se por este meio é *extrínseca*.

A religião primitiva era algo melhor do que uma simples preocupação com fenômenos físicos, conforme foi destacado por Schelling. Princípios mais elevados do que nós, saduceus modernos, sabemos, “estavam ocultos sob o véu transparente de divindades meramente naturais como o trovão, o vento e a chuva”. Os antigos conheciam os elementos *corporais* e os elementos *espirituais* nas forças da natureza, e sabiam distinguir uns dos outros.

O quádruplo Júpiter, assim como o Brahmâ de quatro faces - o deus aéreo, fulgurante, terrestre e marinho - o senhor e mestre dos quatro elementos, pode atuar como representante dos grandes deuses Cósmicos de todas as nações. Ao transmitir o poder sobre o fogo para Hefesto-Vulcano, sobre o mar, para Poseidon-Netuno, e sobre a terra, para Plutão-Aidoneus, o AÉREO Jove era todos estes deuses; porque o ÉTER, desde o início, tinha preeminência sobre, e era a síntese de, todos os elementos.

A tradição afirma que há uma gruta, uma vasta caverna nos desertos da Ásia Central, para a qual a luz se transmite por quatro aberturas ou fendas aparentemente naturais, situadas de modo cruzado nos quatro pontos cardeais do lugar. Desde o meio-dia até uma hora antes do anoitecer, a luz flui para o interior da gruta em quatro cores diferentes, conforme se afirma - vermelho, azul, laranja-dourado, e branco - devido a algumas condições da vegetação e do solo, sejam naturais ou artificialmente preparadas. A luz converge no centro em torno de um pilar de mármore branco sobre o qual há um globo, que representa a nossa Terra. O local é denominado “a gruta de Zoroastro”.<sup>371</sup>

Quando incluída entre as artes e ciências da quarta raça, a raça dos atlantes, as manifestações fenomênicas dos quatro elementos, corretamente atribuídas pelos que acreditam em deuses Cósmicos à interferência inteligente destes últimos, assumem um caráter científico. A *magia* dos antigos sacerdotes consistia, naqueles tempos, em dirigir-se *a seus deuses na própria linguagem deles*. “A fala dos homens da Terra não pode alcançar os Senhores. Deve-se falar a cada um deles na língua do seu respectivo elemento”. Estas palavras estão cheias de significado. O “Livro de

---

<sup>371</sup> No original, Zaratustra, profeta e filósofo mais conhecido como Zoroastro, fundador do Zoroastrismo, religião da Pérsia antiga. (Nota do Tradutor)

Regras” citado <sup>372</sup> acrescenta, como explicação da natureza daquela língua-dos-*Elementos*: “Ela é composta de *sons*, não de palavras: de sons, números e figuras. Aquele que sabe como combinar estas três coisas evocará a resposta do Poder superintendente” (o deus-regente do elemento específico necessitado).

Assim, esta “língua” é a linguagem dos *encantamentos* ou dos MANTRAS, como são chamados na Índia. O som é *o agente mágico mais potente e eficiente, e a primeira das chaves que abrem a porta de comunicação entre os Mortais e os Imortais*. Aquele que acredita nas palavras e nos ensinamentos de São Paulo não tem o direito de escolher dele apenas aquelas frases que decide aceitar, enquanto rejeita outras; e São Paulo ensina do modo mais inegável a existência de deuses cósmicos e a presença deles entre nós. O paganismo pregava uma evolução dual e simultânea: “criação” - “*spiritualem ac mundanum*” <sup>373</sup>, segundo afirma a Igreja Romana, mas os pagãos diziam isso eras antes do advento da Igreja Romana. A fraseologia exotérica mudou pouco em relação às hierarquias divinas desde os dias mais prósperos do Paganismo ou “Idolatria”. Só os nomes mudaram, além de alegações que agora se revelam falsos pretextos. Porque quando Platão atribui ao Princípio Mais Elevado - o “Pai Éter” ou Júpiter - estas palavras, por exemplo: “Os deuses dos deuses de quem eu sou *o fazedor (opifex)*” <sup>374</sup>, assim como sou o pai de todas as obras deles (*operumque parens*)”; ele conhecia o espírito desta frase tão plenamente quanto, segundo suspeitamos, São Paulo o conhecia, ao dizer: “Porque, ainda que haja também alguns que são chamados de deuses, quer no céu quer na terra, assim como há muitos deuses e muitos senhores” ..... etc. (I Coríntios, viii, 5) <sup>375</sup> Ambos sabiam o sentido e o significado do que eles transmitiam de uma maneira tão cautelosa.

---

<sup>372</sup> “*Livro de Regras*” citado - provável alusão às “regras reservadas”, seguidas pelos instrutores orientais, e que estão mencionadas no bem conhecido artigo “Ocultismo Prático”, de H.P. Blavatsky. Das cerca de 73 regras seguidas pelos instrutores, HPB cita, naquele texto, 12. (Nota do Tradutor)

<sup>373</sup> “*Spiritualem ac mundanum*” - espiritual e mundana. (Nota do Tradutor)

<sup>374</sup> *Opifex*, fazedor, artífice, artesão, obreiro, operário, como numa obra de artesanato. (Nota do Tradutor)

<sup>375</sup> Não podemos ser criticados pelos protestantes por interpretar o verso de Coríntios do modo como fazemos, porque, embora a tradução da Bíblia nos idiomas ocidentais tenha sido feita de modo ambíguo, não há ambiguidade nos textos originais, e a Igreja Católica Romana aceita as palavras do Apóstolo no seu verdadeiro sentido. Como prova disso, veja os *Comentários sobre as Epístolas de S. Paulo (Commentaries on St. Paul's Epistles)*, de São João Crisóstomo, “*diretamente inspirados pelo Apóstolo*” e “*escritos sob o seu ditado*”, como afirma o Marquês de Mirville, cujas obras são aprovadas por Roma. E S. Crisóstomo diz, comentando sobre este verso especial: “Embora haja (de fato) aqueles que são chamados deuses ..... - porque parece que há realmente *vários deuses* - afinal, e apesar de tudo, e assim o Deus-princípio e o Deus Superior deixam de ser essencialmente *um só e indivisível*.” ..... Deste modo falavam também os antigos Iniciados, sabendo que a adoração de deuses menores nunca poderia afetar o “*Princípio de Deus*” (Veja de Mirville, “*Des Esprits*”, vol. II, p. 322). (Nota de H.P. Blavatsky)

Diz Sir W. Grove, F.R.S. <sup>376</sup>, falando da correlação de forças: “Os antigos, quando observavam um fenômeno natural para o qual não havia analogias comuns e que não era explicado por qualquer ação mecânica que eles conhecessem, atribuíam-no a uma alma, ou a um poder espiritual ou extraordinário ..... O ar e os gases também foram no começo considerados espirituais, mas mais tarde foi atribuído a eles um caráter mais material; e as mesmas palavras *πνεῦμα*, espírito, etc., foram usadas com o significado de alma ou de um gás; a própria palavra gás, de *geist*, *ghost*, um fantasma ou espírito, nos dá um exemplo da transformação gradual de um conceito espiritual em um conceito físico .....” (p. 89). Isto, o grande cientista (em seu prefácio para a quinta edição de “Correlation of Physical Forces”) considera a *única* preocupação da ciência exata, que não tem por que interferir com as CAUSAS. “Causa e efeito”, explica ele, “são portanto, em sua relação abstrata com estas forças, somente palavras de conveniência. Nós desconhecemos totalmente *o poder gerador fundamental* de todas e cada uma destas forças, e provavelmente sempre o desconhecemos; nós só podemos identificar o padrão das suas ações; devemos humildemente atribuir a causa destas forças a uma influência onipresente, e contentar-nos com estudar os seus efeitos, e desenvolver, através de experimentos, as suas relações mútuas” (p. xiv).

Uma vez que seja aceita esta atitude e seja aceito o sistema admitido nas palavras citadas acima, isto é, a *espiritualidade* do “fator gerador fundamental”, seria mais do que ilógico alguém recusar-se a reconhecer a presença desta qualidade - que é inerente aos *elementos materiais*, ou melhor, aos seus compostos - também no fogo, no ar, na água e na terra. Os antigos conheciam estes poderes tão bem que, ao mesmo tempo que ocultavam a verdadeira natureza deles sob diversas alegorias, para benefício (ou para detrimento) da população ignorante, jamais deixavam de lado o múltiplo objetivo que tinham em vista, mesmo alterando as informações. Eles trataram de colocar um grosso véu sobre o núcleo da verdade escondida pelo símbolo, mas sempre tentaram preservar o símbolo como um *registro* para as gerações futuras, suficientemente transparente para que os sábios das novas gerações pudessem discernir a verdade sob a forma fabulosa do glifo ou da alegoria. Estes sábios antigos são acusados de *superstição* e *credulidade*, e isso por parte das mesmas nações que, bem informadas em todas as artes e ciências modernas, cultas e sábias em sua época, aceitam até hoje como seu único Deus, vivo e infinito, o “Jeová” antropomórfico dos judeus.

Quais eram algumas das alegadas “superstições”? Hesíodo acreditava, por exemplo, que “os ventos eram os filhos do gigante Tufão”, que era acorrentado e desacorrentado segundo o desejava ou não Éolo <sup>377</sup>, e os politeístas gregos aceitavam isso junto com Hesíodo. E por que não aceitariam, se os judeus monoteístas tinham as mesmas crenças, com outros nomes para as suas *dramatis*

---

<sup>376</sup> F.R.S. - Fellow of the Royal Society. (Nota do Tradutor)

<sup>377</sup> Éolo, o guardião dos ventos. (Nota do Tradutor)

*personae* <sup>378</sup>, e já que os cristãos acreditam na mesma coisa até hoje? O Éolo e o Bóreas de Hesíodo, etc., eram chamados de *Kadim, Tzaphon, Daren, e Ruach Hajan* pelo “povo escolhido” de Israel. Qual é, então, a diferença fundamental? Enquanto aos helenos era ensinado que Éolo amarrava e desamarrava os ventos, os judeus acreditavam com igual fervor que o seu Senhor Deus, “*com fumaça saindo das suas narinas e fogo saindo pela sua boca, cavalgou um querubim e voou; e foi visto sobre as asas do vento*” (II Samuel, xxii, 9 e 11). Ou estas expressões das duas nações são, ambas, figuras de linguagem, ou elas são, ambas, *superstições*. Nós pensamos que não são nem uma coisa nem outra, mas surgem apenas de um agudo senso de unidade com a natureza, e de uma percepção do que é misterioso e inteligente atrás de cada fenômeno natural, coisa que os modernos já não possuem. Tampouco era “supersticioso”, da parte dos gregos pagãos, escutar o oráculo de Delfos, quando, diante da aproximação da frota de Xerxes, aquele oráculo aconselhou-os a “fazer um sacrifício aos Ventos”, se o mesmo sacrifício tem que ser visto como “Adoração *Divina*” quando realizado pelos israelitas, que faziam sacrifícios com igual frequência ao vento e ao fogo - e especialmente para este último elemento. Não dizem, os israelitas, que o seu “Deus é um fogo consumidor” (*Deut. iv, 24*), que apareceu geralmente *como* Fogo e “envolvido pelo fogo”? E Elias não procurou por ele (pelo Senhor) no “grande vento forte”, e no terremoto? <sup>379</sup> Os cristãos não repetem o mesmo, tal como eles? Além disso, eles não fazem sacrifícios até hoje ao mesmo *Deus do Vento e da Água*? Eles fazem; porque orações especiais pela chuva, pelo tempo seco, pelos ventos alísios e pelo acalmar das tempestades sobre o mar existem até hoje nos livros-de-orações das três igrejas cristãs, e as várias centenas de seitas da religião Protestante oferecem estas orações ao seu Deus diante de qualquer ameaça de calamidade. O fato de que Jeová não atende estas orações mais do que, provavelmente, Júpiter *Pluvius* o fazia, não altera o fato de que estas orações são dirigidas ao Poder ou Poderes que se supõe que dirigem os Elementos, nem o fato de que estes Poderes são idênticos no paganismo e no cristianismo; ou será que nós devemos acreditar que tais orações são uma idolatria grosseira e uma “superstição” absurda *somente* quando dirigidas por um pagão ao seu *ídolo*, e que a mesma superstição é subitamente transformada em *devoção elogiável e religiosidade* sempre que o nome do destinatário celestial muda? Mas a árvore é conhecida pelo seu fruto. E como o fruto da árvore do cristianismo não é melhor que

---

<sup>378</sup> *Dramatis personae* - pessoas do drama, ou neste caso, mais precisamente, “personagens do drama”. (Nota do Tradutor)

<sup>379</sup> Na página 776 do volume II da edição original de 1888 da presente obra (“[The Secret Doctrine](#)”), HPB afirma que os continentes perecem periodicamente. Ela acrescenta que o fazem uma vez por *fogo* e uma vez por *água*, através de vulcões e terremotos, num caso, ou por inundações e afundamentos, no outro. Em seguida, HPB afirma que os “nossos continentes” atuais terão de ser destruídos pelo fogo. Levando em conta o trecho que estamos lendo, sobre a inteligência dos Elementos, os teosofistas devem lembrar que, ao mudar a face do planeta quando termina um ciclo, tanto o fogo como a água expressam inteligências divinas, trazendo mudanças para melhor, desde o ponto de vista da evolução do espírito. (Nota do Tradutor)

o fruto da árvore do paganismo, por que deveria haver mais reverência num caso que no outro?

Assim, quando o Chevalier Drach, um judeu convertido, e o marquês de Mirville, um católico romano fanático da aristocracia francesa, nos dizem que em hebraico *relâmpago* é sinônimo de *fúria* e que é sempre administrado por um *mau* Espírito; e que *Júpiter Fulgur* ou *Fulgurans*<sup>380</sup> é também chamado pelos cristãos de *Elicius*<sup>381</sup>, e é denunciado como *a alma do relâmpago*, como o seu espírito<sup>382</sup>, nós temos, ou que aplicar a mesma explicação e as mesmas definições ao “Senhor Deus de Israel”, sob as mesmas circunstâncias, ou renunciar ao nosso direito de desrespeitar os deuses e as crenças de outras nações.

Os argumentos mencionados acima, que emanam de dois católicos romanos ardentes e eruditos, são no mínimo *perigosos*, na presença da Bíblia e dos seus profetas. De fato, se Júpiter, o “Espírito-Chefe<sup>383</sup> dos Pagãos Gregos”, lançava seus trovões-raios e relâmpagos mortais contra aqueles que despertavam a sua raiva, o mesmo era feito pelo Senhor Deus de Abraão e Jacó. Nós vemos em II Samuel que “o Senhor trovejou do céu, e o Mais Elevado fez soar a *sua voz*, e ele mandou flechas (raios e trovões) e os dispersou (os exércitos de Saul) com relâmpagos, e os perturbou.” (Cap. xxii, 14-15)

Os atenienses eram acusados de ter feito sacrifícios para Bóreas; e este “Demônio” é acusado de ter submergido e destruído 400 navios da frota persa nas rochas do Monte Pelion, e de ter ficado tão furioso “que todos os magos de Xerxes tiveram dificuldade para compensar este fato oferecendo contra-sacrifícios a Tétis” (Heródoto, “Polym.”, cxc). De modo muito afortunado, não há qualquer exemplo autenticado nos registros das guerras cristãs mostrando uma catástrofe semelhante e da mesma escala que tenha acontecido a alguma frota cristã devido às “orações” do seu inimigo - outra nação cristã. Mas isso não é por falha deles, porque todos oram com igual intensidade a Jeová pela destruição uns dos outros, assim como os atenienses oravam a Bóreas. Ambos recorriam a uma pequena, pura ação de magia negra *com amor*. Como esta ausência de interferência divina não se deve à falta de orações, dirigidas ao Deus Todo-Poderoso *comum* e solicitando a mútua destruição, onde, então, devemos traçar a linha divisória entre o pagão e o cristão? E quem pode duvidar de que toda a Inglaterra Protestante iria alegrar-se e dar graças ao Senhor, se, durante alguma futura guerra, 400 navios da frota hostil naufragassem devido a

---

<sup>380</sup> *Fulgurans*: fulgurante, brilhante, lampejante. (Nota do Tradutor)

<sup>381</sup> *Elicius*: nome vinculado tanto à ideia de relâmpago quanto à ideia de Júpiter. Segundo uma interpretação, *Júpiter Elicius* seria um deus do relâmpago e da chuva. (Nota do Tradutor)

<sup>382</sup> Mirville, *Des Esprits, etc.*, p. 415. (Nota de H.P. Blavatsky, revisada por B. de Zirkoff)

<sup>383</sup> No original em inglês, “chief Daemon”, que pode ser traduzido igualmente como “Demônio-chefe” ou como “Espírito-chefe”. (Nota do Tradutor)

tais orações sagradas? Qual é então a diferença, perguntamos novamente, entre um Júpiter, um Bóreas, e um Jeová? A única diferença é a seguinte: O crime do nosso parente mais próximo, seja por exemplo o nosso “pai” - é sempre desculpado e até elogiado, enquanto o crime do parente do nosso semelhante é sempre punido com a força, para nossa alegria. No entanto o crime é o mesmo.

Até o momento as “bênçãos do Cristianismo” não parecem haver causado qualquer progresso apreciável na moralidade dos pagãos convertidos ao cristianismo.

As palavras acima não são uma defesa dos deuses pagãos, nem um ataque à divindade cristã, nem expressam crença em nenhum deles. A autora é totalmente imparcial, e rejeita testemunhos em favor de qualquer um destes deuses, porque não ora para, não acredita em, nem teme, qualquer Deus “pessoal” e antropomórfico. Os paralelos são traçados simplesmente como mais uma demonstração curiosa do fanatismo cego do teólogo civilizado. Porque, até agora, não há uma diferença muito grande entre as duas crenças, e não há diferença alguma entre elas nos seus respectivos efeitos sobre a *moralidade*, a natureza espiritual. A “luz de Cristo” brilha sobre as feições hediondas do homem-animal de hoje, assim como a “luz de Lúcifer” brilhava nos tempos antigos.

“Aqueles pagãos infelizes em sua superstição veem até mesmo os Elementos como algo que tem compreensão!..... Eles ainda têm fé no seu ídolo Vayu, o deus, ou melhor, o Demônio do Vento e do Ar ..... eles acreditam firmemente na eficácia das suas orações, e nos poderes dos seus brâmanes sobre os ventos e as tempestades.....” (o missionário Lavoisier, de Cochim, no *Journal des Colonies*.) Em resposta a isto, nós podemos citar Lucas, viii, 24: “E ele (Jesus), levantando-se, *repreendeu o Vento e a fúria da Água; e eles cessaram, e fez-se bonança.*” E aqui está outra citação de um livro de orações: “..... Oh, Virgem do Mar, abençoada Mãe e Senhora das Águas, aquietas as tuas ondas.....” etc., etc. (oração dos marinheiros de Nápoles e Provença, copiada literalmente de uma oração dos marinheiros fenícios para a sua deusa-Virgem Astarte). A conclusão lógica e inevitável dos paralelos traçados acima e da denúncia do missionário é a seguinte: Já que as *ordens* dos brâmanes dadas a seus deuses-elementos *não permanecem “sem efeito”*, o poder dos brâmanes está no mesmo nível que o poder de Jesus. Além disso, é demonstrado que Astarte tem uma potência em nada inferior à “Virgem do Mar” dos marinheiros cristãos. Não basta dar a um cão um mau nome e depois matá-lo; é preciso provar que o cão é culpado. Bóreas e Astarte podem ser *demônios* na fantasia dos teólogos, mas, conforme destacado acima, a árvore deve ser julgada pelos seus frutos. E uma vez que os cristãos demonstram ser tão imorais e maldosos quanto os pagãos jamais foram, qual é o benefício que a humanidade obteve com a troca de deuses e ídolos?

No entanto, aquilo que Deus e os Santos cristãos têm o direito de fazer, se transforma num crime se for realizado com sucesso por simples mortais. Feitiçaria e encantamentos são hoje vistos como fábulas; desde o dia das *Institutas de Justiniano* até as leis contra bruxaria na Inglaterra e na América do Norte - *obsoletas* mas não

canceladas até hoje <sup>384</sup> - estes encantamentos, mesmo quando apenas um objeto de suspeita, eram punidos como ações criminosas. Por que punir uma quimera? E ainda lemos que Constantino, o imperador, condenou à morte o filósofo Sópatro de Apameia <sup>385</sup> *por desencadear os ventos*, impedindo assim que navios, carregados com grãos, chegassem a tempo de acabar com a fome coletiva. Pausânias, quando afirma que viu com seus próprios olhos “homens que fizeram parar apenas com *orações e encantamentos*” uma forte tempestade de granizo, é ridicularizado. Isto não impede autores cristãos modernos de recomendarem rezar durante tempestades e perigos, nem os impede de acreditarem na eficiência de tais orações. Hoppo e Stadlein - dois magos e feiticeiros - foram condenados à morte por lançarem *encantamentos sobre frutos* e transferirem uma colheita por *atos de magia* desde um campo para outro, menos de um século atrás, se pudermos acreditar em Sprenger, o famoso escritor, que garante: “*Qui fruges excantassent segetem pellicentes incantando*”. <sup>386</sup>

Devemos encerrar lembrando o leitor de que, sem a menor sombra de superstição, é possível acreditar na natureza dual de todo objeto na Terra - na natureza espiritual e material, visível e invisível, e que a ciência virtualmente comprova isso, ao mesmo tempo que nega a sua própria demonstração. Porque se, como Sir William Grove afirma, a eletricidade com que nós lidamos é apenas o *resultado* de matéria comum afetada por algo *invisível*, o “poder gerador *último*” de toda Força, a “*influência una onipresente*”, então será apenas muito natural que acreditemos o mesmo que os antigos acreditavam; isto é, que cada Elemento é *dual* em sua natureza. “O fogo ETÉREO é a emanção do próprio KABIR; o *aéreo* é apenas a união (correlação) do fogo etéreo com o *fogo terrestre*; e a sua orientação e aplicação no nosso plano terrestre pertencem a um *Kabir* de uma dignidade inferior” - um Elemental, talvez, como um Ocultista diria; e o mesmo pode ser dito de todos os Elementos Cósmicos.

Ninguém negará o fato de que o ser humano possui várias forças: magnéticas, simpáticas, antipáticas, nervosas, dinâmicas, ocultas, mecânicas, mentais - todo tipo de força; e que as forças físicas são todas biológicas em sua essência, porque vemos que elas se misturam com, e frequentemente se diluem naquelas forças que nós chamamos de intelectuais e morais, sendo as intelectuais os veículos, por assim dizer, os *upadhi*, das forças morais. Entre os que não negam a existência de uma alma no ser humano, ninguém hesitaria em dizer que a presença e a mistura destas forças são a própria essência do nosso ser; que elas constituem o *Ego* do homem, na verdade. Estas potências têm os seus fenômenos fisiológicos, físicos, mecânicos, assim como nervosos, extáticos, clariaudientes e clarividentes, que são agora vistos e reconhecidos como perfeitamente naturais, até mesmo pela ciência. Por que seria o

---

<sup>384</sup> Cabe lembrar que HPB está escrevendo em 1888. (Nota do Tradutor)

<sup>385</sup> Sópatro de Apameia foi filósofo neoplatônico e discípulo de Jâmblico. Apameia é uma cidade na atual Síria. (Nota do Tradutor)

<sup>386</sup> Boris de Zirkoff dá a tradução do latim: “Que encantaram os frutos e levaram as plantações para outro lugar através da sua mágica.” (Nota do Tradutor)



homem a única exceção na natureza, e por que não podem nem mesmo os ELEMENTOS ter os seus *veículos*, os seus “Vahans”, entre o que nós chamamos de FORÇAS FÍSICAS? E sobretudo, por que deveriam estas crenças ser chamadas de “superstição”, junto com as crenças de antigamente?

## 15. Sobre Kwan-Shi-Yin e Kwan-Yin

[\(Volte para o Sumário\)](#)

Assim como Avalokiteshwara, Kwan-Shi-Yin passou por várias transformações, mas seria um erro dizer que ele é uma invenção moderna dos budistas do Norte, porque, sob outro nome, ele é conhecido desde a antiguidade mais afastada. A Doutrina Secreta ensina: “Aquele que for o primeiro a aparecer na Renovação, será o último a vir antes da Reabsorção (pralaya).” Assim, os logoi de todas as nações, desde o Visvakarma dos Mistérios Védicos até o Salvador das nações civilizadas de hoje, são a “Palavra” que estava “no começo” (ou no redespertar dos poderes energizadores da Natureza) com o Um ABSOLUTO. Nascido do Fogo e da Água antes que eles se tornassem elementos diferentes, ELE era o “Criador” (formador ou modelador) de todas as coisas; “sem ele não havia coisa alguma feita que tivesse sido feita”; “nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens”; e ele finalmente pode ser chamado, como sempre tem sido, de Alfa e Ômega da Natureza manifestada. “O grande Dragão da Sabedoria é nascido do Fogo e da Água, e tudo será reabsorvido com ele no Fogo e na Água” (*Fa-Hwa-King*). Como este Bodhisatva, afirma-se, pode “assumir qualquer forma que queira”, desde o começo de um Manvântara até o seu final, embora o seu aniversário especial (o dia de homenagem a ele) seja celebrado de acordo com o Kin-kwang-ming-King (“Sutra Luminoso da Luz Dourada”) no décimo-nono dia do segundo mês; e o dia de “Maitreya Buddha”, no primeiro dia do primeiro mês; no entanto os dois são um. Ele aparecerá como Maitreya Buddha, o último dos Avatares e Buddhas, na Sétima Raça. Esta crença e expectativa são universais em todo o Oriente. No entanto, não será no *Kali Yuga*, a nossa era atual de Escuridão terrivelmente materialista, a “Idade Negra”, que um novo Salvador da Humanidade poderá jamais aparecer. O *Kali Yuga* é a “Idade de Ouro” (!) apenas nos escritos *místicos* de alguns pseudo-Ocultistas franceses. (Veja “La Mission des Juifs”.)

Por isso o ritual, na adoração exotérica desta divindade, estava baseado na magia. Os Mantras foram todos tirados de livros especiais mantidos em segredo pelos sacerdotes, e afirma-se que cada um deles produz um efeito mágico, já que o leitor ou recitador produz, simplesmente por cantá-los, uma causação secreta que resulta em efeitos imediatos. Kwan-Shi-Yin é Avalokiteshwara, e ambos são formas do Sétimo Princípio Universal; enquanto no seu caráter metafísico mais elevado esta divindade é a agregação sintética de todos os Espíritos planetários, Dhyani Chohans. Ele é o “Automanifestado”, em resumo, “o Filho do Pai”. Coroado com sete

dragões, sobre a sua estátua aparece a inscrição Pu-Tsi-K'iun-ling, “o Salvador universal de todos os seres vivos”.

Naturalmente o nome dado no volume arcaico das Estâncias é bastante diferente, mas Kwan-Yin é um perfeito equivalente. Em um templo de P'u-to, a ilha sagrada dos budistas na China, Kwan-Shi-Yin é representado flutuando sobre um pássaro aquático negro (*Kala-Hansa*) e derramando sobre as cabeças dos mortais o elixir da vida, o qual, à medida que flui, é transformado em um dos principais Dhyani-Buddhas - o Regente de uma estrela chamada “Estrela da Salvação”. Em sua terceira transformação, Kwan-Yin é o espírito instrutor ou gênio da Água. Na China acredita-se que o Dalai Lama <sup>387</sup> seja uma encarnação de Kwan-Shi-Yin, que na sua terceira aparição terrestre era um Bodhisattva, enquanto o Teshu Lama é uma encarnação de Amitabha Buddha, ou Gautama.

É possível destacar *en passant* que um autor precisa ter uma imaginação realmente doentia para ver adorações fálicas por toda parte, como fazem o autor de “China Revealed” (McClatchey), e o autor da obra “Phallicism”. O primeiro descobre “os velhos deuses fálicos, representados sob dois símbolos evidentes - o Khan ou Yang, o que é o *membrum virile*, e o Kwan ou Yin, o *pudendum muliebre*.” <sup>388</sup> (Ver “Phallicism”, p. 273.) Estas palavras parecem ainda mais estranhas se considerarmos que Kwan-Shi-Yin (Avalokiteshwara) e Kwan-Yin, além de serem agora as divindades protetoras dos ascetas budistas, os iogues do Tibete, são também os deuses da castidade, e não são, no seu significado esotérico, nem mesmo o que está implícito nas palavras do sr. Rhys Davids, em “Buddhism” (p. 202): “O nome Avalokiteshwara ..... significa ‘o Senhor que olha para baixo desde o alto’.” Kwan-Shi-Yin tampouco é “o Espírito dos Buddhas presente na Igreja”, mas, interpretado literalmente, significa “o Senhor que é visto”, e, num certo sentido, “o SER divino percebido pelo Ser” (humano) - o Atma ou sétimo princípio imerso no Universal, percebido por - ou objeto de percepção de - Buddhi, o sexto princípio ou alma divina no homem. Num sentido ainda mais elevado, Avalokiteshwara = Kwan-Shi-Yin, referido como o sétimo princípio universal, é o Logos percebido pelo Buddhi Universal, ou Alma Universal, como o agregado sintético dos Dhyani-Buddhas; e não é o “Espírito de Buddha presente na Igreja”, mas o espírito onipresente universal manifestado no templo do Cosmos ou Natureza. Esta etimologia orientalista de Kwan e Yin está no mesmo nível que a palavra “Yogini” <sup>389</sup>, a qual, segundo nos afirma o sr. Hargrave Jennings, “é uma palavra sânscrita, nos dialetos pronunciada

<sup>387</sup> Dalai Lama - HPB está se referindo, naturalmente, ao século 19. Devemos levar em conta o vasto apodrecimento moral do chamado “budismo tibetano” depois da invasão do Tibete, ocorrida em meados do século 20. A corrupção alastrou-se. Um exemplo disso, entre muitos outros, é a longa e inegável relação financeira entre o XIV Dalai Lama e a CIA, a agência de espionagem norte-americana, bem conhecida por fomentar guerras, golpes de estado, conflitos e assassinatos ao redor do mundo. Veja a respeito “[O Teosofista](#)” de [abril de 2023](#), pp. 22-23. (Nota do Tradutor)

<sup>388</sup> *Membrum virile* e *pudendum muliebre*; em latim, os órgãos genitais do homem e da mulher. (Nota do Tradutor)

<sup>389</sup> Palavra que normalmente significa “mulher praticante de Ioga”, em inglês. (Nota do Tradutor)

Yogi ou Zogee (!), e é equivalente a Sena, e exatamente o mesmo que Duti ou Duti-Ca' - isto é, uma prostituta sagrada do templo, adorada como Yoni ou Shakti" (p. 60). "Os livros sobre moralidade", na Índia, "orientam uma esposa fiel no sentido de evitar o convívio com as Yoginis ou mulheres que tenham sido adoradas como Shakti ..... entre seguidores de tipo mais licencioso." Depois disso, nada mais pode surpreender-nos. E é, portanto, dificilmente com um sorriso que encontramos outro absurdo ridículo citado sobre "Budh", como se fosse um nome "que significa não apenas o Sol como fonte de geração mas também o órgão masculino" (*Round Towers of Ireland*; citado pelo sr. Hargrave Jennings em "Phallicism", p. 264). Max Müller, em sua obra "False Analogies", diz que "o erudito chinês mais destacado de sua época, Abel Rémusat", afirma: "as três sílabas I Hi Wei (no capítulo catorze do *Tao Teh Ching*) eram uma referência a Jeová" (*Science of Religion*, p. 332); e novamente, o Padre Amyot "considera certo que as três pessoas da Trindade podem ser reconhecidas" na mesma obra. E se Abel Rémusat, por que não Hargrave Jennings? Qualquer erudito reconhecerá o absurdo de ver em Budh, "o iluminado" e "o desperto", um "símbolo fálico".

Kwan-shi-yin, então, é "o Filho idêntico a seu Pai", misticamente, ou o Logos - a palavra. Ele é chamado de "Dragão da Sabedoria" na Estância III, porque todos os Logoi de todos os sistemas religiosos antigos estão conectados com, e simbolizados por, serpentes.<sup>390</sup> No antigo Egito, o deus Nahbkun, "aquele que une os duplos" (a luz astral reunificando pela sua potência dual fisiológica e espiritual o divino humano com a sua Mônada puramente divina; o protótipo no "Céu" ou Natureza celeste) era representado como uma serpente sobre pernas humanas, e com ou sem braços. Era o emblema da ressurreição da Natureza, assim como o emblema de Cristo entre os Ofitas, e de Jeová como a serpente de bronze, curando as pessoas que olhavam para ele; a serpente é também um emblema de Cristo entre os Templários (veja o grau Templário na Maçonaria). O símbolo de Knouph (e de Khoum também), ou alma do mundo, diz Champollion (*Pantheon*, texto 3), "é representado entre outras maneiras sob a forma de uma enorme serpente sobre pernas humanas; este réptil, que é o emblema do gênio bom e do autêntico Agathodaemon, tem às vezes barba." O animal sagrado é assim idêntico à serpente dos Ofitas, e é representado sobre um grande número de pedras gravadas, chamadas pedras gnósticas ou basilidianas. Esta serpente aparece com várias cabeças (humanas e animais) mas as suas pedras têm sempre inscrito o nome ΧΝΟΥΒΙΣ (Chnoubis). Este símbolo é idêntico ao símbolo que, de acordo com Jâmblico e Champollion, era chamado de "o primeiro dos deuses celestiais", o deus Hermes (entre os romanos, Mercúrio), ao qual Hermes Trismegistus atribui a invenção da magia e a primeira iniciação dos seres humanos nela; e Mercúrio é Budh, Sabedoria, Iluminação, ou "re-despertar" na ciência Divina.

Para concluir, Kwan-Shi-Yin e Kwan-Yin são os dois aspectos (masculino e feminino) do mesmo princípio no Cosmos, na Natureza e no Homem: o princípio da sabedoria e da inteligência divinas. Eles são o "Cristos-Sophia" dos místicos

---

<sup>390</sup> Qual é o parentesco entre dragões e serpentes? A palavra "dragão" provém do termo grego drákōn, usado para designar grandes serpentes. Veja o item "dragon" no Webster's Unabridged Encyclopedic Dictionary. (Nota do Tradutor)

gnósticos - o Logos e a sua Shakti. No seu esforço por expressar alguns mistérios que nunca serão completamente compreendidos pelos profanos, os Antigos, sabendo que nada poderia ser preservado na memória humana sem algum símbolo externo, escolheram as imagens frequentemente (para nós) ridículas dos Kwan-Yin, para lembrar o ser humano da sua origem e da sua natureza interior. Para alguém imparcial, no entanto, as Madonas em vestidos com crinolina e os Cristos usando luvas de pelica branca parecem bem mais absurdos que Kwan-Shi-Yin e Kwan-Yin em suas vestimentas de dragões. Dificilmente o que é subjetivo pode ser expressado pelo que é objetivo. Portanto, na medida em que a fórmula simbólica tenta caracterizar aquilo que está acima do raciocínio científico, e com frequência muito além do nosso intelecto, é necessário que ela vá além do intelecto, de uma forma ou de outra, caso contrário será apagada da memória humana.

000

[Final da Parte II do  
Volume I de “A Doutrina Secreta”]

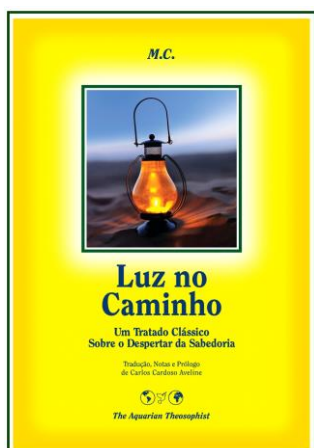
000

Na edição original em inglês, este ponto da obra ocorre na p. 473 da numeração feita com algarismos arábicos. A numeração arábica começa apenas na abertura do Proêmio, naquela edição: antes do Proêmio há 47 páginas iniciais numeradas com algarismos romanos.

Clique para ver a Abertura da obra, onde estão os links das partes já publicadas de “[A Doutrina Secreta](https://www.filosofiaesoterica.com/a-doutrina-secreta/)”:

000

Sobre o mistério do despertar individual para a sabedoria do universo, leia a edição luso-brasileira de “**Luz no Caminho**”, de M. C.



Com tradução, prólogo e notas de Carlos Cardoso Aveline, a obra tem sete capítulos, 85 páginas, e foi publicada em 2014 por “**The Aquarian Theosophist**”.

000